

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CULTO AO CORPO E ESTILO DE VIDA ENTRE AS MULHERES

Autora: Marcela Carvalho Martins Amaral

Brasília, setembro de 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CULTO AO CORPO E ESTILO DE VIDA ENTRE AS MULHERES

Autora: Marcela Carvalho Martins Amaral

Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Brasília, setembro de 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

TESE DE DOUTORADO

CULTO AO CORPO E ESTILO DE VIDA ENTRE AS MULHERES

Autora: Marcela Carvalho Martins Amaral

Orientadora: Dr^a. Lourdes Bandeira

Prof^a. Dr^a. Lourdes M. Bandeira (SOL/UnB)

Prof^a. Dr^a. Tânia Mara Almeida (SOL/UnB)

Prof^a. Dr^a. Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna (FEF/UnB)

Prof^a. Dr^a. Soraya Resende Fleischer (DAN/UnB)

Prof^a. Dr^a. Telma Gurgel da Silva (FASSO/UERN)

Prof^a. Dr^a. Mariza Veloso Motta Santos (SOL/UnB – Suplente)

*À pequena Nina.
Flor da minha vida e que me trouxe
uma infinidade de novas experiências corporais.*

AGRADECIMENTOS

O longo processo de desenvolvimento de uma tese é marcado, quase sempre, pela solidão que caracteriza o trabalho acadêmico e a vida intelectual. Chegada à fase da escrita, da análise dos dados, é preciso mesmo estar sozinha e concentrada para fazer a “coisa” acontecer. No meu caso, no entanto, posso dizer que desde os primeiros percursos no início de minha vida acadêmica, ainda na graduação, estive sempre acompanhada de pessoas especiais e muito queridas, que cada uma, ao seu modo, me incentivou a continuar, desde a graduação, passando pelo mestrado e durante o doutorado. Olhando para trás, o meu sentimento é de que nunca estive sozinha e a estas seguem os meus agradecimentos.

Aos amigos queridos, Paulo Roberto Passos e Alexandre Soares, que literalmente me levaram pelos caminhos à faculdade de Direito e fizeram com que as viagens fossem sempre mais interessantes.

Às amigas e amigos do PPG/SOL com quem construí laços de eterna amizade, companheiros/as de mestrado, de doutorado e de inquietações sociológicas Fernando Rodrigues, Luciana Aguilar, Rita Martins, Gabriela Cunha, Maíra Zenun, Breitner Tavares e Ticiania Ramos, por ter se tornado muito mais do que uma amiga nesta jornada da vida acadêmica. Obrigada pelo amor, por estar sempre por perto mesmo com a distância e por ser tão inspiradora.

Às professoras e aos professores do Departamento de Sociologia com os quais pude conviver nos últimos anos e que tanto me ensinaram sobre o “fazer sociológico”, Maria Stela Grossi, Mariza Veloso, Angélica Madeira, Carlos Benedito Martins, Edson Farias, Brasilmar Nunes, Christiane Girard, Pedro Demo, Fernanda Sobral, Analia Batista, Ana Liési Thurler e ao Prof. Arthur Trindade.

À querida Prof^{ra}. Lourdes Bandeira, pelo apoio constante, por todas as orientações acadêmicas, mas também pelos ensinamentos sobre a vida. A sua trajetória como mulher, mãe, intelectual e feminista é um grande exemplo. Agradeço por ter sido sempre tão compreensiva e por ter me aberto os olhos para perspectiva feminista de gênero.

Ao estimado Prof. José Manuel Resende, da Universidade Nova da Lisboa, por ser tão bom anfitrião ao nos receber em Portugal, por todo o apoio e importantes questões que pudemos debater junto ao seu grupo de estudos.

Ao CNPq, pela concessão de bolsa para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos funcionários da Secretaria do PPG/SOL por todo o apoio.

Às Professoras Tânia Mara, Dulce Suassuna e Soraya Fleischer, por terem aceitado participar da banca e se disporem a contribuir com este trabalho.

À Professora e amiga Telma Gurgel, por aceitar o convite para a participação de minha banca e por todos os momentos compartilhados em Mossoró. Obrigada pela amizade e por ter se tornado uma importante companheira na Universidade e na vida.

A todos/as os/as integrantes de nossa família mossoroense, construída ao longo dos últimos quatro anos, em especial aos Petrucci, Alvetti e Caratti.

Às eternas companheiras Regina Célia, Mirla Cisne e Tatiana Brettas, mulheres da minha vida, a quem não tenho palavras que traduzam os meus agradecimentos.

A todos/as da família Paiva e Carvalho pelo apoio e momentos de descontração.

Aos/às amados/as familiares, Aida, Érica, Homero, Mariana, Fernanda, Leiza, Dennis, Victor, Priscila, Mário, Túlaci e Darman.

À Tata, por ser tão especial na minha vida e ter sido imprescindível no fechamento da tese.

A Daniel Dubugras por ser um primo tão querido e eficiente na revisão do resumo em inglês.

À Maria Eugênia, Leo e Raphael, pelo carinho e tradução do resumo para o francês.

À minha avó Diva, exemplo de mulher, por todo carinho e dedicação (*in memoriam*).

Aos meus irmãos adorados, Eduardo e Ricardo Amaral por todo o amor.

Aos meus pais, Katia e Marcos Amaral. Sem vocês eu sequer teria subido o primeiro degrau. Obrigada por todo amor, apoio incondicional em todos os momentos.

À querida Selineide Silva da Costa, por toda a amizade, confiança, dedicação e por cuidar do que eu tenho de mais precioso, minha Nina Flor.

À minha pequena Nina, que desde tão pequena vem me dando importantes ensinamentos sobre o corpo e o curso da vida. Obrigada por estar sempre sorrindo, ser tão carinhosa, especial e compreensiva com a minha ausência nos últimos meses.

A Guilherme Martins, meu companheiro de vida sem o qual tudo teria sido muito mais difícil. Obrigada pelo apoio incondicional, leituras e mais leituras, por me levar pelo mundo afora e me ajudar a acreditar que seria possível.

“E até por que talvez não sejamos heroínas e a figura da cientista acima de qualquer suspeita não existe (embora muitos ainda acreditem que a do cientista pode existir), as mulheres de ciências compartilham todas e mais algumas das contradições, dubiedades e conflitos que caracterizam as práticas científicas”

Maria Margaret Lopes

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o fenômeno do culto ao corpo, especialmente as práticas de culto à magreza entre mulheres. Com a pretensão de delimitar o fenômeno em questão, foram demarcadas três dimensões para a análise do culto ao corpo e à magreza: práticas estéticas, definidas como a frequência contínua em academias de ginástica; práticas alimentares, caracterizadas como a submissão a dietas e restrições alimentares; e, por fim, práticas interventivas, em que as mulheres se submetem a intervenções médico-cirúrgicas. Para desenvolver tal investigação, privilegiei os discursos de mulheres que frequentam uma academia de ginástica exclusivamente feminina no Distrito Federal, escolhida por ser a primeira franquia internacional voltada para o público feminino a atuar no Brasil. Desta maneira, buscou-se investigar como as mulheres percorrem as dimensões do culto ao corpo, suas motivações e o sentido dado à magreza. Considerando o importante lugar do corpo no que concerne à construção das identidades de gênero, para pensar as práticas de culto ao corpo entre as mulheres optou-se pela perspectiva de gênero, articulando um diálogo entre as teorias feministas e os referenciais da teoria social. Os discursos médico e midiático foram apontados como as principais fontes de “saberes” sobre o corpo e divulgadores de “certezas” sobre como gerir as corporeidades com vistas à saúde, à beleza, ao bem-estar e à felicidade, preservando, como ponto comum, a magreza. Através de imagens e discursos verbais e não verbais, a exaltada preocupação com o corpo, como uma obrigação para as mulheres, se tornou também um estilo de vida contemporâneo.

ABSTRACT

This research focus on the analysis of the cult to the body phenomenon, particularly the cult to thinness between women. In order to give a structure to this analysis, three dimensions were delimited: aesthetics practices, defined as successive frequency in academies of gymnastics; nourishing practices, characterized as the submission to diets and nourishing restrictions; and, eventually, intervention practices, those in which women submit themselves to medical-surgical interventions. In this investigation, I prioritized the discourses of women that frequently go to a female only academy of gymnastics in the Distrito Federal, chosen because it was the first international franchise directed for the feminine public to act in Brazil. With that set, the research went on to investigate how women go through the dimensions of the cult to the body, their motivations and the meanings given to thinness. Considering the important place of the body in the construction of the identities of gender, in the thinking of practices of cult to the body between the women, it was chosen the perspective of gender, linking one dialogue between the feminist theories and the references of the social theory. The medical and media discourses were pointed as the main sources of “knowledge” about the body and spreaders of “certainties” about as to manage the bodyness with views to health, to beauty and to happiness, preserving as a common ground, the thinness. By the use of images, verbal and non verbal discourses, the exalted preoccupation with the body as an obligation for women, becomes also one contemporary style of life.

RESUMÉ

Cette étude vise à analyser le phénomène du culte du corps, en particulier celui de la minceur chez la femme. Afin de définir le phénomène en question, 3 pratiques différentes ont été définies pour l'analyse du culte du corps et de la minceur : l'esthétisme, mis en avant par la fréquentation assidue d'une salle de sport; l'alimentation, caractérisée par une soumission à des régimes alimentaires et des restrictions nutritives; la chirurgie esthétique, pour les femmes qui choisissent de subir des interventions chirurgicales. Pour développer cette recherche, j'ai privilégié le discours de femmes qui fréquentent, dans le District Fédéral, une salle de sport exclusivement féminine, connue au Brésil pour être la première franchise internationale ciblée vers les femmes. De cette manière, j'ai cherché à étudier comment elles perçoivent ces 3 pratiques du culte du corps, ainsi que leurs motivations et leurs sentiments voués à la minceur. Considérant la place importante qu'occupe le corps dans la construction d'une identité, j'ai opté pour une perspective de genre, articuler un dialogue entre les théories féministes et les références sociales théoriques. Le discours médical et celui des médias sont identifiés comme principales sources de "connaissance" du culte du corps et sont divulgués comme des "certitudes" pour la gérance des entreprises en rapport à la santé, la beauté et le bien-être, en préservant toujours le point commun, celui de la minceur. À travers des images et des discours verbaux et non verbaux, la préoccupation obsessionnelle pour le corps est devenue, telle une obligation pour les femmes, un mode de vie contemporain.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa Etária das Alunas Entrevistadas.....	94
Gráfico 2 – Distribuição das Alunas com Filhos/as	95
Gráfico 3 – Estado Civil das Alunas	97
Gráfico 4 – Distribuição das Alunas Entrevistadas por Nível de Escolaridade.....	98
Gráfico 5 – Distribuição das Alunas que Exercem Atividade Profissional	99
Gráfico 6 – Experiência Anterior das Alunas em Academias Convencionais	101
Gráfico 7 – Alunas que se Submeterem a Dietas.....	102
Gráfico 8 – Alunas que Consomem Produtos Light e Diet	102
Gráfico 9 – Alunas que se Submeteram a Cirurgias Plásticas e Outras Intervenções ..	103
Gráfico 10 – Satisfação das Alunas com o Peso Corporal	104
Gráfico 11 – Satisfação das Profissionais com o Peso Corporal	106
Gráfico 12 – Comparativo de IMC entre Alunas e Profissionais	107
Gráfico 13 – Tipos de Cirurgias Plásticas Estéticas Realizadas no Brasil	158
Gráficos 14 e 15 – Cirurgias Plásticas Estéticas e Reparadoras Realizadas no Brasil entre 2007/2008 Segundo o Sexo do/da paciente.....	156

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Slogan <i>Curves</i>	73
Figura 2 – Mapa do DF com as RAs em que Foram Selecionadas as Academias em Destaques.....	92
Figura 3, 4 e 5 – Capas da Revista Veja (2009).....	173
Figura 6, 7 e 8 – Capas da Revista Boa Forma (2009).....	176
Figura 9 – Tabela de Frequência Cardíaca	187
Figura 10 – Entrada/recepção da Academia Decorada para o Período da Páscoa	188
Figura 11 – Quadro das Campeãs de Perda de Peso e Medidas	192
Figura 12 – <i>Ranking</i> das Top 10.....	191
Figura 13 – Disposição do Circuito em uma das Unidades <i>Curves</i>	202
Figura 14 – Ser Mulher na <i>Curves</i>	211
Figura 15 – Imagem do Portal Mais <i>Curves</i>	250
Figura 16 e 17 – Carolina Dieckman – Referência de Magreza e Sucesso em Dieta ..	255

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Empresas Parceiras no Clube de Vantagens	76
Tabela 2 – Distribuição das Academias no Distrito Federal	85
Tabela 3 – Distribuição das RAs no Distrito Federal por renda <i>per capita</i>	89
Tabela 4 – Motivações para a prática de atividade física em academia por idade	221
Tabela 5 – Alunas com Familiares Matriculadas na Academia	225
Tabela 6 – Preferências Alimentares Sobre Produtos <i>Light</i> e <i>Diet</i> entre as Alunas.....	243
Tabela 7 – Desejo de Mudar o Corpo e Submissão a Cirurgias Plásticas/Intervenções Estéticas	262

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
RESUMÉ	10
INTRODUÇÃO	16
 CAPÍTULO I	
1. CORPO E FEMINISMOS	24
1.1 Feminismo e sistema sexo/gênero	26
<i>1.1.1 Usos e limites do conceito de gênero</i>	35
1.2. O corpo em análise	42
<i>1.2.1 O corpo nas ciências sociais</i>	44
<i>1.2.2 O corpo no pensamento feminista</i>	58
 CAPÍTULO II	
2. A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	69
2.1. Um encontro com o problema de pesquisa	70
2.2. Opções metodológicas	77
<i>2.2.1 Considerações sobre as entrevistas</i>	80
<i>2.2.2 Caracterização do cenário de coleta de dados</i>	84
<i>2.2.3 Perfil das participantes</i>	93
<i>2.2.4 Por uma análise dos discursos</i>	109
 CAPÍTULO III	
3. CULTO AO CORPO E ESTILO DE VIDA	114
3.1. Discurso sobre o corpo feminino	115
3.2. Modernidade e corporeidade	124
<i>3.2.1 Novas corporeidades, a ginástica e o esporte</i>	128
<i>3.2.2 Culto ao corpo e práticas bioascéticas</i>	137
3.3 Por uma compreensão de beleza e magreza para mulheres	151
<i>3.3.1 O corpo na mídia e a mídia sobre o corpo</i>	170

CAPÍTULO IV

4. O “CLUBE DA LULUZINHA”	180
4.1 Os Clubes <i>Curves</i>	183
4.2 Sociabilidades entre mulheres	196
4.2.1 <i>Práticas circulares</i>	200
4.3 Ser mulher na <i>Curves</i>	207

CAPÍTULO V

5. CULTO AO CORPO EM DIMENSÕES	213
5.1 Entre a estética e a sociabilidade, a saúde	214
5.1.1 <i>Motivadas pela família</i>	223
5.2 Corpo, casamento e sexualidade	231
5.3 A alimentação sob controle	241
5.3.1 <i>A busca por dietas milagrosas</i>	250
5.3.2 <i>Quando o objetivo é engordar</i>	258
5.4 O desejo pela intervenção e pela “eficiência”	260
5.4.1 <i>O protagonismo da barriga</i>	266
5.4.2 <i>O corpo como cartão de visitas</i>	269

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES	275
------------------------------------	-----

REFERÊNCIAS	284
--------------------------	-----

ANEXOS	298
---------------------	-----

INTRODUÇÃO

“É por ter um corpo – ou ser um corpo – que estamos situados, que somos irremediavelmente seres em situação. Antes de constituir um objeto – nosso corpo que miramos no espelho, o corpo do outro cuja figura avaliamos, ou o ‘organismo’ sobre o qual intervêm as ciências biomédicas – o corpo é dimensão do nosso próprio ser. A subjetividade, portanto, não se refere a uma consciência que paira sobre o mundo e o avalia a distância: é sempre uma consciência-corpo ou corpo-consciência, o que equivale também a considerar o corpo como ele mesmo, perpassado por uma dimensão subjetiva, de sentido”¹

O objetivo do presente estudo é analisar o fenômeno do culto ao corpo na modernidade, com enfoque nas práticas de cultura da magreza adotadas por mulheres. A questão do culto ao corpo, em todas as suas dimensões – atividades físicas, estéticas, entre outras –, já ocupa um espaço significativo na mídia e, mais recentemente, passou a ser evidenciado também no contexto do discurso médico, que defende a importância do cuidado com o corpo para a manutenção de saúde. Tem-se atualmente uma série de novas especialidades médicas dirigidas à manutenção da juventude, prevenção do acúmulo de gordura e intervenções cirúrgicas estéticas. Tanto nos espaços midiáticos como no contexto médico o corpo magro aparece como símbolo de saúde, sendo, deste modo, associado também a um paradigma estético, ao sucesso e à distinção social.

O interesse pela temática do culto ao corpo teve início durante o curso de mestrado em sociologia, no qual pesquisei a reforma psiquiátrica e a cidadania no

¹ ALVES, Paulo César B.; Rabelo, Míriam Cristina, M.; Souza, Iara Maria A. Introdução. In: _____. **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999, p. 12.

Distrito Federal. Partindo do enfoque sobre a problemática da loucura e dos transtornos mentais, houve um primeiro contato com as desordens alimentares, também incluídas no grupo dos transtornos mentais. Frente à repercussão que os movimentos a “favor”² e contra a anorexia e o imperativo da manutenção de um corpo magro tiveram nos últimos anos, desde 2004 venho acompanhando as páginas pessoais de jovens mulheres na *Internet* que defendem a anorexia como estilo de vida e se reconhecem pela identidade de “Anas” ou “Anamias”, nomenclaturas, estas, que se referem à anorexia, à bulimia e à adoção de práticas relacionadas à busca de um corpo magro³.

O debate em torno da anorexia e da bulimia bem como acerca da difusão de tais práticas no espaço virtual teve grande projeção na mídia brasileira e internacional⁴. Enquanto as comunidades virtuais das “Pró-Anas” se espalharam pela rede mundial de computadores, a medicina também se manifestou alertando para os perigos em torno das desordens alimentares que estavam sendo defendidas pelas jovens. Tem-se aí um primeiro choque entre o discurso das “Anas” e o discurso médico, ou seja, estilo de vida *versus* transtorno mental. Contudo, ao mesmo tempo em que o movimento das “Pró-Anas” é criticado nos espaços midiáticos e no campo médico, a magreza continua sendo associada aos padrões de beleza contemporâneos, especialmente entre as mulheres. É o que se vê, por exemplo, frente ao sucesso internacional de programas televisivos em que médicos realizam lipoaspirações, cirurgias plásticas, colocam silicone em diferentes partes do corpo de mulheres que se apresentam em busca de uma felicidade possível apenas pela construção de um “corpo perfeito”.

A partir daí, é possível localizar o início de minhas primeiras inquietações acerca da magreza como sinônimo de beleza e saúde entre mulheres. Além da preocupação primeira em compreender o sentido da aparência corporal para os indivíduos na modernidade – mais especificamente para as mulheres –, me interessa saber que práticas

² Refiro-me aqui aos grupos de jovens mulheres que se manifestam em defesa da anorexia como um estilo de vida em blogs e comunidades virtuais na internet.

³ A partir destas observações foram produzidos dois trabalhos em co-autoria com Guilherme Martins: *Corporalidades, mídia e identidade: imagens do corpo e da “beleza” feminina na Internet*, apresentado no 13º CISO – Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste; e, *Culto do corpo, transtornos alimentares e estilos de vida na modernidade: o caso das “Anas” na Internet*, apresentado na X ABANNE – Reunião Regional de Antropólogos do Norte e Nordeste e I REA – Reunião Equatorial de Antropologia.

⁴ Já há algum tempo que este debate deixou de estar presente apenas na mídia, nos contextos médicos e esferas familiares onde houvesse um/a anoréxico/a. Recentemente, o movimento das “pró-anas” foi alvo do governo francês que aprovou uma legislação punitiva às práticas de incitação da anorexia, com vistas, principalmente, aos sites, blogs e comunidades virtuais “pró-anas” (Le Monde, 15.04.2008, L'Assemblée adopte la proposition de loi réprimant l'incitation à l'anorexie).

as pessoas estão dispostas a adotar para se tornarem magras, ou seja, até que ponto as pessoas aceitam comprometer a sua alimentação, o seu tempo, o seu dinheiro e, principalmente, os seus corpos para chegarem a um ideal de magreza. Já é de conhecimento comum que nessa investida em busca da magreza muitos esforços são realizados, seja em consultórios de cirurgias plásticas, seja em academias de ginástica, não apenas mulheres, mas também homens dedicam partes de suas vidas ao “cuidado” com o corpo e, mais especificamente, ao controle do peso (COSTA, 2005; LE BRETON, 2006; SAUTCHUK, 2007).

Algumas destas respostas podem ser encontradas, por exemplo, nas estatísticas de consumo de alimentos *light* e *diet*, no número de cirurgias plásticas estéticas que são feitas anualmente, no avanço da indústria de cosméticos e de fármacos, ou pelo aumento da frequência em academias de ginásticas. No entanto, ainda que se tenha acesso aos referidos dados, a motivação das pessoas para adotarem tais práticas permanece sem resposta, tendo em vista que além do objetivo almejado representado pela magreza, existe todo um sentido atribuído ao fato de se apresentar socialmente com um corpo magro, principalmente em se tratando de mulheres.

O tipo ideal de beleza vinculado à ideia de corpo magro é ainda mais evidente entre as mulheres, ainda que atualmente o mesmo modelo esteja sendo difundido entre grupos masculinos⁵. Para tanto, as revistas, a publicidade, os fármacos e a moda têm um papel fundamental na medida em que divulgam repetidamente este tipo ideal de beleza como sinônimo de sucesso, admiração e distinção social. E para se alcançar tal modelo de distinção, faz-se necessário o consumo de uma diversidade de produtos e serviços que se tornam essenciais para a transformação da imagem corporal. Conforme salientado por Bourdieu (2008), gastos com alimentação e apresentação de si refletem duas das principais dimensões do consumo nas classes dominantes. Assim, a opção por não consumir determinados bens e serviços ou por mostrar despreocupação com as formas e com a imagem corporal também trazem consequências que podem se manifestar tanto na dimensão da invisibilidade, como na da culpabilidade.

Ter o corpo como objeto de reflexão em ciências sociais apresenta-se como um desafio na medida em que nele estão registradas tensões entre o biológico e o social, que

⁵ Atualmente é possível afirmar que também entre jovens meninos existe uma busca pela magreza como ideal de beleza, mas pelo que foi possível observar ao longo dos anos de pesquisa são grupos específicos que não parecem ter representatividade como “modelo de beleza” neste universo.

continuamente apresentam questões sobre o inato e o aprendido, o universal e o particular, fazendo com que o/a pesquisador/a sinta-se sempre desafiado a desvendar os seus sentidos. Tal como é lembrado por Duarte (1996, p. 178), “[...] falar do corpo é desenterrar antigas idéias que povoam há milênios os sonhos e pesadelos da humanidade e que, de tempos em tempos, são chamados novamente a marcar sua presença”. Nesta perspectiva, a cada época e contexto histórico o corpo é constantemente inventado e reinventado, incorporando sentidos provisórios e inscrevendo-se na história de modos diversos.

O entendimento que orienta esta tese é de que o corpo é uma construção social e cultural contínua, mediada por interesses diversos, e que como espaço simbólico de marcadores identitários tem grande influência no agrupamento e ordenação dos sujeitos. É comum que determinadas marcas ou práticas corporais sejam marcantes na constituição de um grupo, seja para distinguí-lo ou para estigmatizá-lo. No que tange às diferenças de gênero determinantes para a construção do sentido do feminino ao longo da história, sabe-se que o corpo foi tomado como uma importante variável para a construção social da mulher, que desde a Antiguidade teve sua representação associada às características corpóreas, tal qual a presença do útero.

A partir de uma perspectiva biologizante fundada em dicotomias ultrapassadas é que se constituíram as representações de feminilidade, nas quais as mulheres foram aproximadas da natureza, da emoção, da passividade e da fragilidade, em oposição aos papéis do masculino. A corporeidade feminina vem sendo, historicamente, objeto de controle de diferentes discursos e imposições que as limitam não apenas na dimensão corpórea em si, mas em toda a amplitude de sua existência. A obrigação estética imposta às mulheres, embora se apresente na contemporaneidade de maneira intensamente imperativa, de certa forma, também se fez presente em outros contextos históricos. Como se procedeu a construção social do corpo feminino é algo que me dedico a fazer ao longo deste trabalho, tanto na perspectiva do pensamento social feminista, como a partir da análise dos discursos atuantes neste processo.

Tendo em vista o enfoque central da presente pesquisa sobre as práticas de culto ao corpo e, mais especificamente, a busca por um ideal ou modelo de magreza entre mulheres, optei por identificar as informantes em academias de ginástica exclusivamente femininas. Acredito que estas representem o cenário moderno da busca da “boa forma” física. No contexto urbano, apresentam-se como um dos espaços mais

representativos no que concerne à construção social e coletiva do corpo. Nelas homens e mulheres de diferentes idades seguem todo um ritual em busca do corpo perfeito, saudável e bonito.

Ao pensar sobre a construção da imagem corporal nestes espaços, é importante abordar o fenômeno do consumo. Em se tratando de imagem corporal, o objetivo almejado comumente perpassa os ideais de juventude, beleza e controle do peso que, mesmo não situando os corpos em uma condição de passividade, os transformam em produtos de consumo. A dimensão do consumo, vale frisar, não se restringe ao campo dos cosméticos e das academias, apresenta-se também, e cada vez mais intensamente, no campo da saúde. A preocupação com a “saúde interior” e com a aparência física revela-se como uma atitude esperada na sociedade contemporânea. Para as mulheres as exigências com o cuidado corporal são ainda mais latentes, o que contribui para que sejam o principal alvo do consumismo atual (LIPOVETSKY, 1983). A permanência de cabelos brancos, rugas, gordura localizada, entre outras características corporais, geralmente influenciam negativamente a impressão que se faz de uma mulher. As ciências biomédicas fazem, a cada dia, surgir novas possibilidades de intervenção e modos de manutenção dos corpos, que passam a ter valor de objeto, conforme observado por Le Breton (2006).

Se, contemporaneamente, o culto ao corpo e à magreza entre mulheres parece estar associado a uma cultura consumista, em outros momentos históricos as mulheres tiveram outras motivações. Como exemplo, podemos destacar o período medieval, no qual a auto-imposição de jejuns era percebida como evidência de santidade ou elevação espiritual, fazendo com que algumas mulheres comessem cada vez menos, sendo, por isso, reconhecidas como santas, como Santa Catarina de Siena (1347-1380)⁶. Neste caso específico não se trata de uma prática dotada de apelo estético, no entanto, os jejuns das santas medievais demonstravam o modo como os sentidos de pureza, do sacrifício, da penitência – também considerada prática de mortificação – e da santidade foram atribuídos ao corpo magro de mulheres no referido período. Entre as damas aristocráticas, o ideal de beleza feminina e sua graciosidade também estiveram

⁶ Catarina nasceu em Siena, na Itália, e aos 15 anos de idade ingressou na Ordem Terceira de São Domingos, onde permaneceu na clausura até os 27 anos, em 1374. Para alguns autores a radicalidade de seus jejuns seriam um dos primeiros casos de anorexia nervosa de que se tem registro. Apesar de analfabeta, Santa Catarina foi a única leiga a obter o título de Doutora da Igreja, homologado pelo Papa Paulo VI no ano de 1970 (WEINBERG; CORDAS; ALBORNOZ MUNOZ, 2005).

associados às formas corporais que deveriam ser finas e estreitas. Este modelo foi gradativamente substituído pela mulher “roliça” e de formas “generosas” do período renascentista. Os citados padrões podem ser relacionados tanto com as condições de dieta das diferentes épocas, quanto com os sentidos determinantes de *status* e riqueza (GRIECO, 1994).

No Brasil, em meados do século XX, o culto do corpo adquiriu uma nova configuração. Conforme aponta Goldenberg (2002), o culto do corpo ingressou na “era das massas”, fazendo emergir novos conceitos de beleza, sobretudo no que se refere à beleza feminina, influenciada pela mídia, pela moda, pela industrialização, pela indústria farmacêutica, entre outros fenômenos, que estão diretamente relacionados tanto com uma maior visibilidade e poder de manipulação sobre o corpo, quanto com a associação entre beleza e magreza. Diante disso, se por um lado a partir da modernidade presenciamos a libertação do corpo de antigas repressões sexuais e/ou de procriação, por outro lado, hoje assistimos à submissão dos corpos a variadas espécies de coerções estéticas, tais como dietas radicais, lipoaspirações, entre outras práticas interventivas de modelagem do corpo, como a retirada de costelas com o objetivo de afinar a cintura. A hipótese orientadora deste trabalho é que há difundida uma concepção de corpo magro associada à saúde, relacionada com o discurso biomédico, mas principalmente, do culto à magreza como símbolo de distinção em uma sociedade na qual o corpo emerge como objeto de consumo e o culto ao corpo e a um ideal de magreza como estilo de vida.

Frente ao exposto, minha principal questão reside em conhecer as práticas de culto ao corpo associadas à busca por magreza (e permanência), partindo dos discursos de mulheres frequentadoras de academias de ginástica, exclusivamente femininas, visando com isso refletir, não somente sobre o fenômeno do culto ao corpo na sociedade contemporânea, mas também acerca da centralidade do corpo como um aspecto fundamental para a compreensão das relações entre indivíduo e sociedade.

Assim, foi também minha pretensão conhecer os discursos e as práticas destas mulheres com relação às suas corporeidades, especificamente no que concerne à busca por um corpo ideal, seja mediado pela beleza ou pela saúde. Objetivando ir além da simples compreensão da materialidade, me interessou perceber os sentidos atribuídos à magreza por essas mulheres, como isso constitui os seus cotidianos e a construção de suas identidades, sem perder de vista a relação entre as práticas de culto ao corpo e as desigualdades de gênero.

Para tanto, foi escolhido como espaço de coleta de dados a academia de ginástica feminina *Curves*. Trata-se de uma rede de franquias norte-americana, que no Brasil conta com mais de 200 unidades em funcionamento. Além de se caracterizar como um espaço exclusivamente partilhado por mulheres – alunas e profissionais –, a *Curves* aparece como um local diferenciado por “vender” a ideia de que se dirige a mulheres modernas, com pouco tempo disponível para exercitar-se, e, sobretudo, por garantir um “programa completo de saúde, qualidade de vida, boa forma e emagrecimento” com um plano de atividades personalizado em que a aluna poderá “queimar até 500 calorias em apenas 30 minutos”⁷. Frente às particularidades da citada academia, a pesquisa buscou, ainda, perceber as motivações das alunas para optarem por um espaço reservado às mulheres, assim como os diferenciais da *Curves* com relação às academias convencionais.

Com a pretensão de responder a tais questionamentos o presente trabalho foi dividido em cinco capítulos: o primeiro dedicado à apresentação dos referenciais teóricos que nortearam o desenvolvimento da análise, com uma revisão bibliográfica sobre o corpo no domínio das ciências sociais, enfatizando a perspectiva das teorias feministas; no segundo, descrevo o modo como foi construída a pesquisa, as opções metodológicas, os instrumentos utilizados, apresentando, ainda, o perfil do recorte empírico e os caminhos percorridos para a análise dos discursos; no terceiro apresento a problemática proposta em torno da corporeidade demonstrando o papel central atribuído ao corpo no cenário contemporâneo, não só no que se refere à magreza especificamente, mas alcançando as diferentes práticas associadas ao culto do corpo (intervenções cirúrgicas, tecnologias, modificações corporais etc.). Ainda neste capítulo, foi sistematizada uma retomada histórica da corporalidade feminina sob a perspectiva de gênero, uma vez que a construção e o uso dos corpos das mulheres estiveram subordinados aos papéis sociais atribuídos à feminilidade; o quarto capítulo é dedicado aos relatos etnográficos e à análise relacional entre as práticas presentes na academia e os papéis de gênero. Por último, são analisados os discursos das mulheres entrevistadas a partir de categorias pré-estabelecidas, da própria análise dos dados e das dimensões de culto ao corpo, delimitadas como modelo de análise: práticas estéticas, práticas alimentares e práticas interventivas. Com tal divisão, foi possível organizar as reflexões

⁷ Informações disponíveis no sítio <http://www.curves.com.br/v1/index.php>, acessado em 15 de fevereiro de 2010.

de modo a viabilizar a retomada da hipótese central da pesquisa acerca do culto à magreza como estilo de vida entre as mulheres.

Escrever sobre mulheres – e sendo mulher – é uma rara oportunidade de lançar a voz em um cenário historicamente dominado pelos discursos dos homens e transformar o conhecimento sobre as mulheres. A problematização dos discursos tidos como verdade que foram construídos sobre as mulheres e suas corporeidades, além de ser uma importante contribuição para a mudança do rumo das pesquisas em ciências sociais, nos torna sujeitas de nossos destinos e de nossa história. Neste sentido é que Laretis (1994) aponta a importância de se fazer um “conhecimento situado” que possibilite a transformação subjetiva das mulheres, uma vez que falar sobre as nossas próprias condições de existência permite que nos reinventemos continuamente.

CAPÍTULO I

“A história dos homens está aí, onipresente. Ela ocupa todo o espaço e há muito tempo. As mulheres sempre foram concebidas, representadas, como uma parte do todo, como particulares e negadas, na maior parte do tempo. Podemos falar do silêncio da História sobre as mulheres. Não é de espantar, portanto que uma reflexão histórica participe dessa descoberta das mulheres sobre elas próprias e por elas mesmas, aspecto de sua afirmação no espaço público [...] porque a emancipação das mulheres, que diz respeito às relações entre os sexos, é um dos fatos maiores do século XX. E aqueles que se surpreendem, provavelmente não estão a par do desenvolvimento considerável dessa reflexão no mundo ocidental há um quarto de século”

Michelle Perrot⁸

1. CORPO E FEMINISMOS

No presente capítulo, é apresentado o contexto teórico e conceitual que norteou a pesquisa, explicitando como se abordou o corpo enquanto objeto de estudo das ciências sociais, enfatizando uma percepção que ultrapassa as características biológicas e seus elementos orgânicos, privilegiando uma compreensão que trate o corpo em suas dimensões cultural e social. Mais do que isso, a intenção é problematizar os usos do corpo sob a ótica de gênero, trazendo a perspectiva da teoria feminista em diálogo com referências da teoria social.

A opção pela perspectiva de gênero para pensar as práticas de culto ao corpo e a condição de magreza entre mulheres se faz na medida em que o corpo possui

⁸ Trecho de resposta de Michelle Perrot em entrevista em que foi perguntada sobre como retirar as mulheres da sombra e do silêncio para que pudessem escrever suas próprias histórias. Entrevista publicada na revista *Les Femmes dans La France*, em 1999 (citada por BANDEIRA, 2008).

importante lugar no que concerne à construção das identidades de gênero. O uso do termo gênero se remete aos dispositivos de poder que tomam as diferenças biológicas, sobretudo sexuais, como sendo naturalizadas (SCOTT, 1995; BANDEIRA, 1996). Ao contrário, nesta perspectiva, a categoria gênero tem caráter relacional e trata das desigualdades sociais, culturais e de poder entre os sexos. Nessa linha de compreensão, esta tese intenta refletir sobre os diferentes discursos que incidem sobre as práticas de culto à magreza entre mulheres, dimensionando o culto ao corpo contemporâneo naquilo que recai especificamente ao que é atribuído à identidade feminina.

Em outra esfera, não necessariamente ligada ao estudo de práticas corporais e de culto à beleza, aqui tomada também como magreza, mas igualmente importante, a perspectiva de gênero sinaliza para um entendimento acerca da construção social do conhecimento e da prática científica que, tradicionalmente, se fez a partir do olhar masculino ocidental. Como salientado por Lopes et al (2004, p 98), “[...] a invisibilidade das mulheres nas ciências é uma construção historiográfica” conduzida pelo mito de que a produção científica é exclusivamente masculina.

Estudos importantes foram desenvolvidos nas últimas décadas do século XX no sentido de criticar a constituição androcêntrica da ciência e de refletir sobre as possíveis mudanças ocorridas com a maior participação das mulheres na academia. O debate intelectual que articulou gênero e ciência⁹, sob a perspectiva da crítica feminista, contempla uma diversidade de publicações com enfoques epistemológicos, teóricos e políticos, e pode ser representado pelos trabalhos de Carolyn Merchant, Evelyn Fox Keller, Helen Longino, Donna Haraway, Londa Schiebinger, Sandra Harding entre outras (LOPES, 2004; BANDEIRA, 2011).

A biografia da geneticista Barbara McClintock (1902-1992), escrita por Fox Keller, em 1983, é considerada um marco no âmbito dos estudos de mulheres e gênero na história das ciências. Desde então, pensadoras feministas empenham-se em discutir “as concepções de gênero, suas representações, identificações, exclusões e inclusões nas ciências desde os filósofos gregos, chegando a Bacon e Descartes, nos processos de construção das ciências modernas” (LOPES, 1998, P. 351). De acordo com Citeli (2000), há pesquisas no Brasil que apontam a presença feminina na produção científica

⁹ A expressão “gênero e ciência” foi apresentada por Fox Keller no título de seu artigo publicado em 1978, *Reflections on Gender and Science* (CITELI, 2000; LOPES, 1998).

no passado, apesar da pouca repercussão de trabalhos nesta linha por aqui. Referindo-se aos trabalhos de Marisa Corrêa sobre a história da antropologia no Brasil, observa que a qualidade de sua abordagem expressa, sobretudo, a habilidade em articular dados e interpretações características tanto do desenvolvimento da disciplina no país, como no exterior.

Sem querer estender a discussão que é desenvolvida ao longo deste capítulo, mas consciente dos referenciais acima destacados, ressalto a percepção sobre a natureza generizada dos processos de construção do conhecimento científico, sobretudo no campo das ciências sociais, que por um longo tempo não generizou, mas invisibilizou e neutralizou as experiências femininas em seus diferentes ramos de estudo.. Assim, me apoio na crítica feminista ao questionar o modelo de ciência moderna que se constituiu a partir de uma epistemologia experimental, empirista, baseada em leituras objetivas de dados em busca de uma “verdade” que correspondesse à “realidade” (FARGANIS, 1997). Friso, ainda, o caráter social e ético da ciência que se desenvolveu a partir do trabalho de pessoas que fazem parte de uma dada sociedade, em um contexto histórico e político específico, e que são corporificadas como homens e/ou mulheres, percebendo a realidade a partir do que são e de onde estão. Sendo assim, os objetos, conteúdos, métodos e epistemologias foram e são influenciados pelo gênero.

1.1 Feminismos e o sistema sexo/gênero

Para não tomar a categoria de gênero como dada, faz-se necessário um breve retrospecto do movimento feminista como o cenário em que emerge o uso da categoria e do sistema sexo/gênero. Antes mesmo de adentrar em sua uma retrospectiva histórica é preciso alertar que se incorreria em um grave erro se fosse tomado aqui, como princípio, uma visão singularizada do feminismo. Mais adequado se torna a referência às várias tendências do pensamento feminista, na medida em que coexistem perspectivas diversas centradas na compreensão das dinâmicas sociais, nos espaços e condições das mulheres em diferentes sociedades. A crítica feminista não tem sentido unívoca, uma vez que se ancora em diferentes vertentes teórico-conceituais. O pensamento feminista é demarcado por sua pluralidade e heterogeneidade que, apesar dos consensos no que tange à hierarquia que caracteriza as relações sociais de sexo, desenvolve diferentes abordagens metodológicas e teóricas.

A história do movimento feminista demonstra como suas demandas e estratégias de atuação foram diferenciadas a cada época e contexto. Além do campo político, sua atuação também se apresenta no campo intelectual/acadêmico e, especificamente no contexto das ciências sociais, dando importantes contribuições no sentido de pensar as dinâmicas sociais na modernidade. Retomando a pluralidade do feminismo enquanto movimento político, social e intelectual, torna-se interessante uma breve contextualização histórica para que se possa compreender tanto o movimento em si, como também a formação do pensamento feminista crítico e, especificamente, o uso da categoria gênero.

Frente às movimentações que caracterizaram o final do século XVIII, especialmente a partir da Revolução Francesa, com a institucionalização do Estado democrático de direito e da bandeira da igualdade, de respeito às liberdades e aos direitos individuais dos cidadãos, é que comumente se apontam as primeiras reivindicações feministas. Além de toda a discussão que se coloca mais contemporaneamente no sentido de criticar essa universalização proposta pelos ideais iluministas, apesar da reorganização da sociedade francesa de então, às mulheres não foram garantidos direitos iguais, inclusive no âmbito dos direitos políticos.

Diversamente do que habitualmente é repassado por historiadores, as mulheres tiveram ampla participação na Revolução Francesa e suas exigências estiveram principalmente reunidas em torno dos direitos civis e políticos. A condição de tutela presente no Antigo Regime, justificada por uma “inferioridade feminina” quanto às capacidades físicas e intelectuais, as deixavam em total dependência de seus maridos, o que desencadeou toda uma discussão acerca da indissolubilidade do casamento. Se a Revolução Francesa concedeu o direito ao divórcio para homens e mulheres em 1791, ensaiando uma tentativa de tratamento igualitário, não o fez com relação à cidadania política (MARAND-FOUQUET, 1993)¹⁰.

¹⁰ A historiadora francesa Catherine Marand-Fouquet, especialista em história das mulheres, desenvolveu um importante estudo sobre as mulheres no contexto da Revolução Francesa. Em suas análises, demonstrou como os filósofos iluministas concebiam as mulheres a partir das diferenças fisiológicas para com os homens, acreditando na complementaridade entre ambos, mas ressaltando a posição de dominação masculina, uma vez que no homem predomina a razão. Com esta visão, não é de se estranhar que após a Revolução, mesmo sob pressão, grande parte dos deputados em Convenção manifestou publicamente o posicionamento contrário à concessão de cidadania política às mulheres, sob a alegação das diferenças entre os sexos. Segundo Marand-Fouquet, o filósofo e matemático Condorcet (1743-1794) teria sido um dos que defendeu a igualdade entre homens e mulheres, publicando na imprensa um protesto alertando

Mesmo diante da participação política ativa das mulheres durante a Revolução, o acesso às forças armadas, aos cargos públicos e ao direito de votar e ser votada continuaram sendo negados às mulheres. Na verdade, já percebemos aqui a emergência da crescente polarização entre as esferas pública e privada, como apontado por Schiebinger (2001), ao se referir à Revolução Científica que tem seu momento de ápice em fins do século XVIII, onde se estruturam as instituições científicas como as universidades e academias, nas quais as mulheres não seriam incluídas.

Neste direcionamento é que a ciência se consolida, pressupondo que o *status* de cientista seria exclusivo aos homens, cuidados por suas esposas que se dedicariam exclusivamente às tarefas do lar. O fundamento para a exclusão das mulheres no campo intelectual e científico, assim como para o exercício de sua cidadania política, assentou-se nas particularidades da fisiologia e psicologia feminina, e, ainda, em suas incapacidades e obscurantismo, em contraposição aos homens que se destacavam “pelas luzes e pela objetividade” (BANDEIRA, 2008, p. 212). Aquelas que insistiam na carreira científica eram aconselhadas a adotarem um *ethos* masculino para conquistarem mais respeito e credibilidade no campo (SCHIEBINGER, 2001).

A constituição do pensamento científico também silenciou as mulheres, insistindo para que estas permanecessem invisíveis em seus espaços privados. Como evidencia Perrot (2007), o silêncio e a invisibilidade os quais as mulheres foram submetidas, articulam-se, em muitas sociedades, com a ordem social estabelecida. Referindo-se à história, a autora atribui a ocultação das mulheres à limitada visualização da mulher nos espaços públicos e ao silêncio das fontes, tendo em vista o acesso restrito à escrita e a dissimulação de outros materiais e produções úteis à história das próprias mulheres.

A história das mulheres foi construída, tradicionalmente, sob a ótica e a escrita dos homens, que privilegiaram o caráter generalizante em suas perspectivas. “É claro que falam das mulheres, mas generalizando. ‘As mulheres são...’, ‘A mulher é’. A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas” (PERROT, 2007, p. 17). Diante disso, Perrot denuncia como as mulheres foram fadadas ao silêncio, na medida em que suas aparições em grupo nos espaços públicos foram historicamente representadas como algo contrário à ordem

que “sem o menor escrúpulo, privaram uma metade da espécie humana dos ‘direitos civis’. Ao fazerem isso, os constituintes violaram o princípio da igualdade de direitos” (1993, p. 86).

estabelecida. O insurgente campo científico reiterou o silêncio destinado às mulheres pela religião e sistemas políticos, ignorando o papel da mulher na esfera da produção do conhecimento.

Mesmo com todas as resistências contrárias, muitas mulheres continuaram atuando politicamente e seguindo carreiras científicas nas mais diferentes áreas como a física, a biologia ou a astronomia. Várias mulheres se destacaram, mesmo sem o devido reconhecimento. Contudo, para os fins aqui propostos de desenvolver uma retomada histórica da luta das mulheres, vale frisar que foi todo este cenário pós-revolução que orientou o enfoque do feminismo durante o século XIX, em que foram reivindicados, principalmente, os direitos à educação, ao trabalho e ao voto (SCAVONE, 2004).

A luta pelo direito ao voto marcou de modo significativo a “institucionalização” do feminismo com o movimento sufragista emergente no Reino Unido no século XIX, onde as mulheres exerciam trabalho remunerado e até ocupavam cargos diretivos em escolas, mas permaneciam impedidas de votar ou serem votadas (PINHEIRO, 2007). A primeira grande onda do movimento feminista segue pelo século XIX chegando até as primeiras décadas do século XX, reivindicando o acesso à educação nos níveis médio e superior, ao trabalho remunerado, aos direitos de cidadania, e, mais ainda, a inclusão das mulheres na esfera pública, evidenciando o desejo maior de uma efetiva igualdade de oportunidades e de direitos¹¹.

Vale ressaltar que o feminismo de primeira onda teve como traço marcante a luta pela emancipação política das mulheres – direito ao voto –, o que não assegurou, necessariamente a superação das desigualdades entre mulheres e homens. Ao longo da primeira metade do século XX as movimentações feministas passaram a se apresentar de forma organizada em diferentes países¹². Apesar da aparente unidade de suas reivindicações no que concerne à busca pela igualdade de direitos, algumas diferenças podem ser notadas quando comparamos, por exemplo, a linha do feminismo liberal e a

¹¹ Conforme observado por Pinto (2003, p. 13), “o movimento sufragista se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos, construindo a primeira voga de feminismo organizado no mundo. No Brasil, da mesma forma, a primeira fase do feminismo teve como foco a luta das mulheres pelos direitos políticos”. Nesta perspectiva, cabe destacar a atuação de Nísia Floresta entre as primeiras manifestações feministas na metade do século XIX, quando denuncia a falta de acesso à educação das mulheres e a suas condições de submissão, além de ter conseguido ultrapassar os limites da esfera privada quando teve seus textos publicados em jornais de grande renome.

¹² É importante destacar que as formas em que as movimentações feministas se desenvolveram estão intimamente relacionadas às particularidades de cada país, revelando-se como um processo extremamente complexo. Aqui, visando os fins do trabalho, me detenho apenas a uma breve sistematização com a pretensão de traçar uma contextualização histórica do movimento.

de inspiração marxista. Para a segunda, a efetiva igualdade só poderia ser alcançada fora do capitalismo, com a instauração de uma sociedade socialista.

Após a desmobilização sofrida pela Primeira Onda frente às diferenças de posição política com relação à Primeira Guerra, a crise econômica do pós-guerra, entre outros elementos, o *Feminismo Igualitário* ou *Universalista* ressurge na década de 1960, como “herdeiro da tradição das *suffragettes* e dos movimentos antiracistas americanos” (DESCARRIES, 2000, p. 15). Neste contexto de reivindicações em que o direito à igualdade aparece como um dos elementos centrais, também o corpo e, mais especificamente, a autonomia e a liberdade sobre o corpo feminino integram este conjunto. Deste modo, o acesso às formas de contracepção e a luta pela liberação do aborto também foram inseridas na agenda feminista (SCAVONE, 2004). O surgimento da pílula anticoncepcional teve grande importância na conquista da autonomia das mulheres sobre o corpo, contribuindo para um redirecionamento da sexualidade que se bifurca entre a reprodução e o desejo. Sem dúvida, este foi um fato marcante que trouxe um novo alento ao controle dos corpos das/pelas mulheres (BANDEIRA; MELO, 2010a)¹³. Faz-se necessário lembrar que em 1949, Simone de Beauvoir publicou, na França, *O Segundo Sexo* negando a tese do determinismo biológico que impunha uma hierarquização sexual nos modos em que se configuram as relações sociais e a incorporação pelas mulheres dos deveres da maternidade e do cuidado. Ao explicitar o conceito de “corpo como situação”, a filósofa francesa evidencia que a existência do sujeito resulta da relação recíproca entre este e o seu “meio”. Assim a feminilidade é desnaturalizada apresentando-se como uma condição imposta pela sociedade, determinada pela relação entre o sujeito e os sentidos dados pela cultura ao que constitui o âmago da condição feminina.

Como salientado por Adelman (2009, p. 85), Beauvoir “preparou o terreno para o trabalho de uma geração posterior de teóricas feministas” e suas contribuições tiveram um grande impacto em todo o direcionamento que o pensamento social feminista toma desde então. Além de trazer à cena o caráter social dos significados de feminino e de masculino, foi capaz de evidenciar como o pensamento social ocidental foi também

¹³ Em uma importante reflexão acerca da autonomia da mulher sobre sua corporeidade, Bandeira e Melo (2010a) dedicaram-se a analisar o conflito entre a reprodução e o desejo, apontando o significativo impacto da pílula anticoncepcional não apenas na vida das mulheres, mas também no centro de debates científicos, sociais e religiosos. Ressaltam, ainda, como as pílulas anticoncepcionais foram incorporadas de imediato e que tal aceitação representou um rompimento das mulheres frente ao controle masculino e patriarcal imposto aos seus corpos.

construído socialmente a partir de um viés masculinista. O feminismo da segunda onda teve, ainda, como marco a publicação de *A mística feminina*, de Betty Friedman (1963), e *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo*, de Gayle Rubin (1975). No Brasil, a publicação de *A mulher na sociedade de classe: mito ou realidade* (1969), de Heleieth Saffioti, foi pioneira e representa um marco para os estudos feministas de gênero. Nos trabalhos citados, reflexões inovadoras e instigantes foram desenvolvidas no sentido de questionar a privação da mulher no espaço doméstico e os papéis que lhe são atribuídos culturalmente, sobretudo a partir da criação do sistema sexo/gênero.

O uso do conceito de gênero se difundiu rapidamente e deu novo direcionamento aos estudos sobre as relações sociais e à forma de se perceber as hierarquias presentes nas construções da feminilidade e da masculinidade. Ao conceber um novo ângulo de olhar para o social, os estudos de gênero demonstraram não apenas a falta de alcance das explicações fundamentalmente biológicas acerca das diferenças sociais entre as mulheres e homens, mas também explicitaram as desigualdades relativas à distribuição de poder, em que as mulheres estiveram sempre em posições de submissão, remetendo-se aos dispositivos de poder que naturalizavam as diferenças sexuais (BANDEIRA, 1996).

Vale lembrar que desde as primeiras manifestações em defesa dos direitos das mulheres no século XIX, até a década de 1960 com os movimentos feministas, a questão da busca pela igualdade ocupou um lugar central na agenda de reivindicações. Entre as críticas dirigidas ao chamado feminismo de primeira onda, está justamente o fato de, em nome da igualdade universal, terem ignorado as diferenças que caracterizam o universo das mulheres (HARAWAY, 1995), imprimindo um caráter de singularidade à categoria mulher e à opressão sofrida por todas as mulheres.

Resguardadas as características que diferenciam a primeira e a segunda onda do feminismo, ambas se mobilizaram em torno de uma concepção de igualdade de gênero e, deste modo, foram alvo de questionamentos acerca de uma visão universalista. Na década de 1980 receberam acusações de elitismo e de promoverem a exclusão de determinados grupos de mulheres em detrimento da ênfase na igualdade, como denunciado pelas mulheres negras nos Estados Unidos que se revelaram duplamente marginalizadas. Ao não contemplar as demandas específicas das mulheres e omitir as

suas diferenças, a ótica implantada pelas feministas priorizou a visão da mulher branca, ocidental e de classe média.

Como salientado por Descarries (2000, p. 30) “tensões e contradições sempre existiram entre as correntes de pensamento do movimento feminista” e podem, inclusive, ser compreendidas como parte de um processo “crítico multi-dimensional” (p. 31) norteador de suas teorizações sobre a alteridade e as desigualdades de diferentes pontos de vista. Em meio à experiência de tensões internas, o processo de institucionalização do feminismo também emergiu na década de 1980, com a ampla disseminação do uso da categoria gênero nos EUA, que logo foi incorporado no Brasil. Já na década seguinte, com a atuação de feministas em organizações e a efetivação da institucionalidade, isto é, com as políticas públicas voltadas às mulheres, muitas feministas acabaram por assumir cargos no governo e incorporar a militância nas universidades. Sobre os estudos feministas neste período, Scott (1995) revela que o uso da categoria gênero refletia uma busca pela legitimidade acadêmica e que em muitas publicações sobre as mulheres, os títulos que traziam a indicação “mulheres” foram substituídos pelo termo “gênero”.

No Brasil, na segunda metade da década de 1970 o movimento feminista ganhou ímpeto com a participação das mulheres na resistência contra a ditadura e na militância armada. As militantes afrontavam, ao mesmo tempo, a ordem política ditatorial, assim como o papel social de submissão e conformismo atribuído às mulheres, enfrentando também resistências no interior da própria luta. Segundo Sarti (2004), apesar de a militância unir homens e mulheres no combate à ditadura, o mesmo não acontecia com relação à superação das desigualdades de gênero¹⁴. Ainda assim, o movimento feminista brasileiro que emergiu nos anos de 1970, aliando-se na luta pelas liberdades democráticas e contra o regime militar, denunciou a discriminação sexual enfatizando a opressão sobre as mulheres trabalhadoras, que deveriam conduzir a luta pela emancipação feminina (MANINI, 1995/1996). Como um marco nesta luta pela emancipação das mulheres trabalhadoras, é importante lembrar da obra clássica, *A classe operária tem dois sexos*, de Elisabeth Sousa-Lobo (1991), que ao refletir sobre a

¹⁴ Ao desenvolver uma retomada acerca das “raízes do feminismo contemporâneo” no Brasil, Moraes refere-se ao exílio imposto às militantes brasileiras que além de aprofundar os conhecimentos sobre a luta feminista européia e viver estilos de vida mais igualitários, compartilharam momentos de domesticidade nos quais “[...] os companheiros de armas revelam-se tão tradicionais e poucos dispostos a dividir os trabalhos domésticos quanto seus pais burgueses acomodados...” (p. 8-9)

situação das operárias brasileiras e a participação destas nas lutas sindicais, contribuiu não somente para evidenciar a complexidade das representações e dos significados particulares às mulheres e aos homens na esfera do trabalho, como também lançou uma “[...] crítica da sociologia do trabalho, ressaltando sua incapacidade de dar conta de ‘representações simbólicas’ e linguagens sexualizadas” (CASTRO, 1992, p. 82).

Com o declínio da ditadura, já em meados da década de 1980, o movimento feminista brasileiro começa a se ramificar a partir das discordâncias insurgentes entre suas integrantes, antes unidas em oposição ao regime militar. Assim como nos EUA, a introdução da dimensão racial da discriminação de gênero contribuiu para a fragmentação do movimento, na medida em que as feministas negras articularam a exclusão racial e a desigualdade social, evidenciando que a emancipação das mulheres brancas apenas teria se concretizado com a transferência de suas responsabilidades domésticas para as mulheres de classes economicamente menos favorecidas e, inevitavelmente, negras (SARTI, 2004).

A partir do quadro que se instala no cenário nacional, onde repercute as mudanças ocorridas no plano internacional, a questão da diferença vai ganhando cada vez mais voz entre as feministas que criticavam a invisibilidade das mulheres sob a concepção universal masculina e questionavam-se sobre as exclusões promovidas por esse ideal universalizante do sujeito feminino. Em busca de um olhar a partir da diversidade, os estudos denominados multiculturais, pós-coloniais e pós-estruturalistas caracterizam a terceira onda do feminismo. Pensar a exclusão presente no feminismo passou a ser objeto de reflexão de diferentes teóricas, entre elas Judith Butler que, em sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2010), aponta a formulação de uma identidade feminina universal como elemento gerador de tensões no movimento feminista, sendo, portanto, necessária a desmistificação dessa concepção universal.

[...] as supostas universalidades e unidade do sujeito do feminismo são de fato minadas pelas restrições do discurso representacional em que funcionam. Com efeito, a insistência prematura num sujeito estável do feminismo, compreendido como uma categoria das mulheres, gera, inevitavelmente, múltiplas recusas a aceitar essa categoria. [...] Não há dúvida, a fragmentação no interior do feminismo e a oposição paradoxal ao feminismo – por parte de ‘mulheres’ que o feminismo afirma representar – sugerem os limites necessários da política de identidade. A sugestão de que o feminismo pode buscar representação

mais ampla para um sujeito que ele próprio constrói gera a consequência irônica de que os objetivos feministas correm o risco de fracassar, justamente em função de sua recusa em levar em conta os poderes coercitivos de suas próprias reivindicações representacionais (BUTLER, 2010, p. 21-22).

Instalou-se, desde então, um importante debate sobre a igualdade e a diferença como proposição central do movimento, no qual Butler é protagonista na defesa de que o feminismo deveria desconstruir aquela concepção universal da mulher e repensar os processos de formação das identidades de gênero. Ao enfatizar a questão da diferença, inspirando-se em Foucault, Butler (2010, p. 19) argumenta que a crítica feminista deve partir para uma compreensão do sujeito do feminismo “[...] produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se emancipação”. Deste modo, apresenta uma concepção de que o poder atravessa diferentes processos sociais, tal como o de construção dos sujeitos, o que a leva a reafirmar seu posicionamento acerca das identidades de gênero como resultado de articulações no campo do poder.

Considerando que as novas linhas de pensamento não superam aquelas que a precedem, mas se desenvolvem a partir de um processo de ressignificação em relação aos debates anteriores, a divisão das correntes feministas em ondas é marcada por consensos, dissensos e releituras a partir de novos sentidos. O que se vê, na verdade, são diferentes linhas de análise, perspectivas teóricas e políticas coexistindo e exigindo mudanças em uma ordem social que ainda discrimina as mulheres. Não se pode discordar, no entanto, que ao promover uma crítica ao universalismo característico das perspectivas anteriores, o também chamado “pós-feminismo” (AMARAL E MACEDO, 2005) marca de forma patente a desestabilização da imutabilidade da categoria gênero, rompendo definitivamente com uma noção unívoca de verdade.

Por último, é importante frisar que no que tange à emergência do movimento feminista brasileiro, o combate à violência esteve entre as suas principais bandeiras propulsoras, o que está diretamente relacionado às questões relativas ao corpo e ao campo do poder. Considerando a diversidade da classificação da violência, de acordo com as formas empíricas em que ela ocorre, a saber, violência contra a mulher, violência de gênero, violência familiar, todas com elementos cruzados, preservam um traço comum que é o corpo. O corpo feminino “como o território da violência porque é nele que se sente a dor e onde ocorrem as agressões” (BANDEIRA, 2011, s/p). A violência incide sobre o corpo, mas também sobre a mente e as emoções. O controle do

corpo feminino, como salientado por Bandeira (2009, p. 430), ultrapassa os limites da corporeidade, atingindo também “a subjetividade feminina”.

Esclareço, mais uma vez, que não figura entre os objetivos centrais desta tese, o desenvolvimento de um histórico detalhado sobre todas as interpretações acerca dos movimentos feministas ao longo da história. A própria divisão das correntes feministas em ondas é uma tentativa “pedagógica” de dar conta da totalidade de um movimento que não contempla toda a sua pluralidade e complexidade. Contudo, em se tratando de uma pesquisa que tem mulheres e práticas de mulheres como objetos de análise e que privilegia a perspectiva feminista de gênero, se tornou essencial esta breve contextualização do movimento que demarcou a abertura para os estudos sobre mulheres, o universo feminino e as relações entre os gêneros/sexos (RAGO, 1995/1996).

1.1.1 Usos e limites do conceito de gênero

O conceito de gênero, em sua formulação original pelas feministas na segunda metade do século XX, destaca o papel da dimensão cultural no processo de se construir como mulher ou homem, recusando, deste modo, as proposições do determinismo biológico acerca das diferenças baseadas no sexo. Historicamente, os padrões de beleza e os cuidados com a aparência física foram impostos às mulheres como um tipo de condição para o desempenho do que é comumente reconhecido como sua identidade de gênero. Se para os homens era necessário ser forte e nobre, as mulheres deveriam ser frágeis e belas para preservarem sua feminilidade. Nesta perspectiva, o conceito de gênero parece fecundo para orientar a análise aqui apresentada e desnaturalizar a concepção de que a manutenção e os cuidados com a beleza são próprios da condição feminina.

Faz-se necessário esclarecer que não é apenas na dimensão dos cuidados corporais e da aparência que se apresentam as diferenças entre os papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Ao contrário, a sociedade traz nitidamente demarcados os espaços tidos como femininos e masculinos, atribuindo valores às funções desempenhadas pelos sujeitos a partir de suas identidades de gênero. Assim, por exemplo, o espaço doméstico é constituído como essencialmente feminino e as funções atribuídas às mulheres na esfera privada são desvalorizadas quando comparadas às

atividades dos homens, habitualmente presentes nos espaços públicos. A partir das diferenças biológicas e sexuais são estabelecidas as funções de cada sexo e constituídas socialmente as identidades do que é ser mulher ou ser homem.

Nesta perspectiva, o conceito de gênero passou a ser amplamente incorporado nos estudos sobre a condição feminina – ainda que não consensualmente – pelas possibilidades analíticas que oferece, por se integrar adequadamente às terminologias científicas e indicar a erudição e a objetividade tão requerida no meio acadêmico (SCOTT, 1995; PISCITELLI, 2004). Gênero, enquanto categoria analítica teve por escopo o questionamento do essencialismo biológico que buscava explicar as diferenças entre mulheres e homens baseando-se no sexo, promovendo, desta forma, a desnaturalização da ideia de que as características anatômicas são determinantes de tais desigualdades. Os arranjos sociais, a história, o acesso aos recursos da sociedade e as formas de representação é que deveriam ser analisados com vistas ao encontro das justificativas para as relações desiguais (LOURO, 1997).

Ilustrando a tensa relação, mas também frutífera, entre o movimento e a crítica feminista, ambos comprometidos política e intelectualmente com a transformação das estruturas hierárquicas de gênero, este conceito recoloca no campo social o debate em torno das características sexuais e das relações desiguais entre os sujeitos (LOURO, 1997). A respeito da relação entre a academia e entidades do movimento social, Machado (1992) reforça que embora persistam tensões entre ativismo e conhecimento, suas posições não são necessariamente antagônicas. Analisando a difusão do uso do conceito de gênero no Brasil, Machado (1998) aponta a construção de um novo paradigma metodológico possibilitada pelas análises de gênero, diferenciando-se da proposta dos estudos sobre mulheres.

Ao centrar-se nas relações desiguais entre mulheres e homens, o caráter analítico da categoria gênero é enriquecido pela dimensão relacional que lhe é própria. Assim para a compreensão de como se define a mulher, é preciso também lançar o olhar sobre os homens, na medida em que as identidades de gênero são constituídas reciprocamente, não apenas entre homens e mulheres, mas nas relações intra-gênero (PARKER, 1991). Além disso, as identidades de gênero são perpassadas pelas redes de poder que também as constituem e que situam a mulher em uma posição de subalternidade no que se diz respeito à organização da vida social. Diante do exposto até aqui, acentua-se que o conceito de gênero é relacional, mas também político, na

medida em que tem como berço o movimento de mulheres e que revela como se constituem as hierarquias entre os homens e as mulheres.

Sem ignorar a notoriedade da inovação trazida pelo conceito de gênero no que tange ao alcance dos estudos sobre as diferenças sexuais e a uma leitura mais complexa das formas de distribuição do poder, é preciso considerar, para efeitos de problematização, as críticas das quais tem sido alvo ao longo do tempo. Um dos questionamentos que merece destaque refere-se à despolitização do conceito quando é utilizado indiscriminadamente como sinônimo de sexo ou em substituição ao termo “mulher”. É verdade que a preocupação em substituir “mulher” por “gênero” nos títulos de trabalhos (SCOTT, 1995) se fez muito em função da necessidade de legitimar os estudos sobre mulheres no espaço acadêmico, o que desencadeou insatisfação e críticas por parte de determinados segmentos que mantiveram o uso da categoria “mulher”. No entanto, como já foi demonstrado, um dos aspectos que caracterizam a categoria de gênero é justamente seu caráter relacional, ou seja, para se compreender a mulher é preciso também lançar o olhar sobre os homens, uma vez que ambos se constituem reciprocamente.

Ao trazer para a discussão a condição masculina e, em sua formulação original, buscar a objetividade “própria” do modelo tradicional de ciência, sua suposta neutralidade também é questionada, sobretudo por não haver uma referência explícita à opressão sobre as mulheres. Este é um dos pontos observados por um grupo de intelectuais francesas que defendem o uso da categoria de “relações sociais de sexo” e atribuem à utilização do conceito de gênero à oportunidade de as pesquisadoras se mostrarem menos agressivas ou “menos feministas, por suas instituições e por seus colegas homens” e assim, ao evitarem um choque inicial, poderiam “[...] chegar mais facilmente a um consenso científico sobre a questão da dominação masculina” (DEVREUX, 2004, p. 02).

Apesar da semelhança de sentido entre as expressões relações sociais de sexo e construção do sexo social, as teóricas desta corrente acusam o conceito de gênero de não explicitar a condição de dominação dos homens, ainda que evoquem a ideia da opressão social vivida pelas mulheres¹⁵. Inversamente, as relações sociais de sexo

¹⁵ Tratando como indissociáveis a exploração através do trabalho assalariado e o modo com as mulheres são exploradas pelo masculino, Hirata (2002, p. 278) define “[...] as interpretações das relações sociais de sexo e da divisão do trabalho” como o “campo das pesquisas feministas e das pesquisas sobre as mulheres”.

evidenciariam o confronto entre os dois sexos, tendo em vista que não pode se conceber relação social sem confrontação. Acrescentam, ainda, que a referência ao sexo biológico se torna fundamental já que desde o nascimento a classificação social dos indivíduos é feita a partir deste critério, sendo esta, portanto, mais uma entre as motivações que as levam a defender o conceito de relações sociais de sexo em detrimento do conceito ao de gênero (DEVREUX, 2004).

Em uma perspectiva diferente, também é sobre o sexo que reside uma das críticas lançadas pelas feministas pós-estruturalistas que questionam o caráter material do sexo como o pólo natural em oposição ao social representado pelo gênero. A dicotomização de sexo e gênero, na qual o primeiro representa a natureza e o segundo a cultura, desconsidera a construção societal e relacional dos corpos e também do sexo, fazendo da diferença sexual uma característica inata. Esta lógica binária seria uma contraposição à perspectiva feminista, na medida em que reproduz o pensamento tradicionalmente dicotômico “universal” que opõe pares de conceitos como razão X emoção e “[...] aponta um lugar ‘natural’ e fixo para cada gênero” (LOURO, 1997, p. 32).

Prosseguindo nesta lógica, o sexo permaneceria fora da cultura e da história evidenciando a oposição masculino X feminino (NICHOLSON, 2000) em que haveria um pólo dominante e outro dominado, sem prever outras configurações na constituição de tal relação. Seria justamente a perspectiva desconstrutivista proposta pelas teóricas feministas pós-estruturalistas que permitiria a inclusão de diversas formas de masculinidades e feminilidades, negando, deste modo, a concepção universal de sujeito e a generalização de uma experiência comum para todas as mulheres.

O processo desconstrutivo permite perturbar essa idéia de relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções. O exercício do poder pode, na verdade, fraturar e dividir internamente cada termo da oposição. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de ‘homem dominante versus mulher dominada’ (LOURO, 1997, p. 33).

A perspectiva desconstrutivista, que tem como um de seus principais expoentes Jacques Derrida (1930-2004), é uma das tendências oriundas do pensamento crítico pós-estruturalista e foi incorporada por algumas feministas alinhadas com a concepção de que é necessário desconstruir a imutabilidade da polaridade do gênero. Ao propor a desconstrução do conceito de gênero não pretendem abandoná-lo ou substituí-lo, mas prover-lhe de um novo sentido, uma reformulação que permita a compreensão da construção social da diferença sexual, tal como salientado por Scott (1995). Utilizando-se de conceitos elaborados especialmente por Foucault e Derrida, a historiadora norte-americana argumenta que é preciso “[...] desconstruir o ‘caráter permanente da oposição binária’ masculino-feminino” (citada por LOURO, 1997, p. 30-31). Com vistas à concretização desta desconstrução, segundo Louro (1997) é indispensável uma problematização do gênero tanto em termos da oposição, como da unidade relacional interna de cada um, passando a perceber cada pólo como fragmentado e dividido.

Além da desconstrução e historicização que desnaturaliza as hierarquias de gênero e dos limites das abordagens meramente descritivas, apoiadas no conceito de gênero, mas sem a capacidade efetiva de promover mudanças em paradigmas já constituídos, Scott (1995) propõe, ainda, uma formulação teórica do conceito de gênero e da estruturação das relações entre os sexos a partir de duas proposições: inicialmente, um entendimento de gênero como elemento constitutivo das relações sociais apoiado nas diferenças percebidas entre os sexos; e a segunda define o gênero como uma forma primária de significar as relações de poder. O aprofundamento da utilização do conceito de gênero e sua ampliação a partir da formulação teórica apresentada podem vir a explicar as posições de poder e fazer emergir novas perspectivas sobre questões não apenas relativas aos temas “tradicionalmente” associados às mulheres, como família e sexualidade, mas também no âmbito da política, da economia, entre outros.

Seguindo a linha das críticas que pretendem oferecer uma reformulação do conceito de gênero, merece destaque as reflexões de Judith Butler (2010), que também têm como ponto de partida os questionamentos lançados sobre a dualidade entre sexo/gênero e conceito “universal” de mulher como sujeito do feminismo. Ao propor uma problematização das identidades de gênero masculina e feminina, tal como sua apresentação na formulação original do sistema, pretende desfazer o vínculo entre as diferenças anatômicas de machos e fêmeas e os comportamentos que se esperam de “homens” e “mulheres” em decorrência de tais diferenças.

Propõe, assim, a desconstrução do conceito de gênero e questiona a concepção de que o sexo deriva da natureza e o gênero é constituído socialmente. Para Butler (2010), eventualmente, esta relação binária que restringe a condição de gênero à origem cultural cai na armadilha dos determinismos, que são amplamente criticados no próprio contexto do pensamento feminista a despeito. Argumenta que o sexo não é natural, mas constituído discursiva e culturalmente, da mesma forma que o gênero, não podendo, portanto, ser qualificado como uma “facticidade anatômica pré-discursiva” (2010, p. 27), mas compreendido como “[...] um atributo analítico do humano; não há ser humano que não seja sexuado; como atributo necessário, o sexo qualifica o ser humano. Mas o sexo não causa o gênero; e o gênero não pode ser entendido como expressão ou reflexo do sexo” (2010, p. 163).

O gênero aparece então como algo que não é fixo e por isso não se pode conceber, do seu ponto de vista, uma identidade de gênero una e permanente. Gênero é descrito pela autora como um efeito para afirmar que as identidades são expressões, são transitórias e não caracterizam um sentido em si do sujeito. Nesta perspectiva, a identidade se apresenta como efeito do discurso, como resultante da repetição de atos discursivos, e, diante disso, as identidades de gênero representam a adoção de uma performance. As performatividades de gênero devem ser analisadas não apenas do ponto de vista do entendimento de suas normas reguladoras, mas também a partir da investigação dos dispositivos que reproduzem e transformam a realidade.

Ao defender a ideia de que tanto o sexo como o gênero – e também o corpo – estão sujeitos a inscrições sociais, buscando desnaturalizar ambas as categorias, Butler (2010) desenvolve a teoria da performatividade na qual o gênero é tomado como performativo, na medida em que resulta de um regime que regulamenta as diferenças de gênero, delimitando e hierarquizando os gêneros coercitivamente. Partindo de sua noção de performance e da proposição herdada de Foucault, na qual os regimes disciplinares apresentam-se como formadores das subjetividades, a autora desenvolve uma importante crítica à produção disciplinar dos gêneros constituída sob a matriz da heteronormatividade e à ausência de problematização do conceito de gênero no que se refere a sua relação com o desejo. No binarismo homem-mulher, o desejo heterossexual emerge como fator definidor das normas que estabelecem o feminino e o masculino, revelando, deste modo, como a heteronormatividade está implícita no sistema sexo/gênero.

Demonstrando a não fixidez do gênero e sua instabilidade em diferentes contextos históricos, Butler destaca, ainda, a dimensão interseccional do gênero com outras modalidades de identidades, também constituídas discursivamente, como as identidades de classe, raça e etnia, o que torna “[...] impossível separar o ‘gênero’ das intersecções políticas e culturais nas quais é produzido e sustentado” (PISCITELLI, 2004). A preocupação com o obscurecimento e a subordinação de outras categorias, como as de raça ou nacionalidade, também está presente nas reflexões de Haraway (1994), que propõe uma associação de tais categorias.

Sem a pretensão de abordar de modo superficial as críticas direcionadas ao sistema sexo/gênero e ao uso do gênero enquanto categoria analítica, acredito ter alcançado o objetivo de demonstrar o quanto a emergência do conceito de gênero foi importante para os estudos sobre e de mulheres, mas também sobre o corpo, tanto na perspectiva política quanto acadêmica, assim como a importância de suas releituras e questionamentos. As críticas e reformulações do conceito foram e são de grande relevância para que possamos encará-lo de forma mais plural, deslocando a sua utilização enquanto categoria que torna possível a percepção das relações de poder implícitas e explícitas nas hierarquias de gênero.

Ainda que pese o questionamento acerca de falta de alcance do conceito de gênero por não agregar a pluralidade das mulheres em sua formulação inicial, é preciso considerar que, enquanto categoria, gênero evidencia as relações de poder que subjagam o lugar das mulheres em nossa sociedade, transparecendo assim, a sua dimensão política que constrói um sujeito político coletivo. Certamente, não há categoria analítica, classificação ou tipologia que dê conta da amplitude e complexidade assente nas relações humanas. Tal como observado por Weber (2004, p. 06) a respeito dos modos de orientação da ação social, estes “[...] de modo algum representam uma classificação completa de todos os tipos de orientação possíveis [...]”.

Sem a intenção de reproduzir uma visão dualista, universal e não problematizada da categoria de gênero, a perspectiva aqui apresentada com vistas à análise do culto ao corpo e à magreza entre as mulheres sinaliza que, preservadas as particularidades e as diferenças entre elas, a opressão vivida sobre os seus corpos, ainda que em formatos diferenciados – a depender de variáveis como idade, classe, raça e orientação sexual –, parece ser uma característica comum. Conforme salientado por Piscitelli (2004, p. 46) “O reconhecimento político das mulheres como coletividade

ancora-se na idéia de que o que une as mulheres, ultrapassa, em muito, as diferenças entre elas”, tornando, assim, primária a identidade que compartilham. Sendo assim, a opção pela perspectiva de gênero se faz como uma tentativa de observar como as mulheres vivem sua corporeidade e “cultuam” seus corpos no que diz respeito às práticas de magreza e como estas são incorporadas a partir de diferentes discursos, tal qual a mídia, a moda e a medicina. Portanto, a perspectiva de gênero é extremamente adequada, na medida em que os modos de uso e apresentação dos corpos são, comumente, definidos a partir dos estereótipos de gênero, além de o citado conceito manter um importante diálogo com a teoria social e se inserir nos debates sobre natureza e cultura, classificação social e a relação entre sistemas de práticas e de valores, como é observado por Heilborn e Sorj (1999): “A trajetória dos embates revela a qualidade heurística do conceito no sentido de propor-se a criticar/superar dualidades que caracterizam a tradição ocidental e a própria teoria sociológica mais geral” (p. 205).

1.2 O corpo em análise

Ao longo do tempo os estudos do corpo vêm ganhando cada vez mais espaço no âmbito das ciências sociais, sobretudo em razão da centralidade que o “corpo” ocupa no contexto das relações sociais. A exaltação da imagem do corpo e da beleza, a preocupação excessiva com os sinais de envelhecimento ou de gordura, a obrigação de se exercitar e se submeter a intervenções médicas e cirurgias plásticas retratam a dimensão de tal centralidade. No que diz respeito ao lugar do corpo na contemporaneidade, Denise Sant’Anna (2005, p. 99) observa que:

[...] as inúmeras exigências feitas ao corpo, coagindo-o a ser cada vez mais saudável, jovem e um produtor infatigável de prazer, acabam provocando uma vontade crescente de resgatar esse corpo, adulá-lo e protegê-lo, fornecendo-lhe quase a mesma importância e os mesmos cuidados outrora concedidos à alma. No limite, cuidar do corpo significaria, portanto, o melhor meio de cuidar de si mesmo, de afirmar a própria personalidade e de se sentir feliz.

Estudar o corpo requer não tomá-lo como dado, mas ter consciência de como foi construído e definido pelos diferentes discursos que o tomam como objeto, tal qual a medicina, a religião, a política, a ciência ou a mídia. Ao estendermos nosso olhar para o

corpo não apenas na dimensão de sua materialidade, mas alcançando também as práticas corporais, as roupas, os gestos e suas linguagens, chegamos ao entendimento do corpo constituído subjetiva e socialmente, concepção esta que norteará este estudo. Trata-se de uma visão do corpo que não privilegia suas representações enquanto unidade orgânica ou ente físico, mas busca relacioná-lo com os significados culturais que lhe são atribuídos.

O corpo apresenta-se como um dos principais indicadores de posição social e por isso é constantemente submetido à minuciosa manipulação em razão do tipo de conotação que se pretende transmitir. Comumente as pessoas são classificadas pela aparência, o que revela a função ideológica do corpo, tal como observado por Rodrigues (2006) ao citar a habilitação ou não de pessoas para determinados trabalhos a partir da “boa aparência” ou a representação comum, que ainda permanece, de profissionais como médicos sendo sempre homens e de pele branca. Para o antropólogo, estudar a apropriação social do corpo é tarefa de extrema importância para cientistas sociais, que devem compreendê-lo sociologicamente o transformando em objeto da ciência social.

Tudo o que for expressivo no corpo, tudo o que comunicar alguma coisa aos homens, tudo o que depender das codificações particulares de um grupo social, é objeto de estudo sociológico. Tudo que for universal, tudo o que for apenas instrumental, tudo o que cumprir funções exclusivamente orgânicas, está fora da abordagem sociológica e pertence ao domínio das ciências naturais (RODRIGUES, 2006, p. 50).

Ao se referir a uma sociologia do corpo, Le Breton a define como parte da sociologia que busca compreender “a corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários” (2006, p. 07). Observa-se, no entanto, que a terminologia “sociologia do corpo” é pouco usual enquanto linha de estudo em destaque, sobretudo no Brasil, aparecendo, geralmente, associada a outras sociologias. Além disso, não há consenso quanto ao uso da expressão, frente ao argumento de que traz implícita a ideia de que seus estudos partiriam de uma visão exterior e que preservaria a separação entre corpo e mente. Em uma perspectiva oposta, encontra-se o conceito de “sociologia corporalizada”, que, segundo Williams e Bendelow (citados por CUNHA, 2004, p. 20), traz uma noção de “corporalização” dos sociólogos e seus objetos de estudo, “[...] recusando a divisão

corpo e mente, através de um compromisso com a vivência do corpo e a sua existência no mundo, incluindo a forma como este molda a sociedade e é por ela moldado”.

Vale ressaltar que este debate remonta os estudos desenvolvidos, prioritariamente, a partir da segunda metade do século XX, mais especificamente na década de 1960 quando se tem uma exaltada preocupação social com o corpo refletida pela revolução sexual, pelo movimento feminista, o surgimento de novas terapias, a pílula anticoncepcional (corpo do desejo e não mais específico da reprodução), além de novos padrões de beleza se fazem presentes, do início das cirurgias plásticas estéticas, de novas práticas sexuais etc.. Ainda que o corpo tenha sido focado em estudos clássicos na sociologia e na antropologia, o final dos anos de 1960 foi marcado pela emergência de várias análises sistemáticas sobre o corpo, a partir de diferentes perspectivas de abordagem tais como a Baudrillard, Foucault, Goffman, Bourdieu, Douglas, Turner, entre outros. Não se pode dizer, contudo, que este é o momento específico da consolidação de uma “disciplina”, no entanto é ultrapassado o marco do que foi chamado por Berthelot de uma “sociologia implícita do corpo” (citado por LE BRETON, 2006, p. 16), onde o corpo passa a receber atenção significativa de pesquisadores da área.

Além de citar etnólogos e antropólogos que ampliaram e refinaram os estudos do corpo contribuindo para a formação de uma sociologia do corpo no contexto europeu, Sant’Anna (2000) afirma que a década de 1960 marca o momento em que se fez presente uma redescoberta do corpo com a criação de revistas especializadas, como na área da educação física, e trabalhos artísticos que evidenciavam as diferentes possibilidades de usos dos corpos. Vale destacar, ainda, que afora as contribuições da antropologia, a sociologia médica e os estudos feministas tiveram um importante papel no sentido de trazer para a academia as questões corporais (PORTER, 1992).

1.2.1 O corpo nas ciências sociais

No âmbito das ciências sociais, alguns estudos são considerados marcos no que diz respeito às questões que direcionam as reflexões acerca dos usos e práticas relacionadas ao corpo. Como principal referência no estudo da gestualidade e sua eficácia, é imprescindível citar Mauss (2003) com a análise clássica sobre as técnicas corporais em que demonstrou como os usos dos corpos e suas representações variam

nas diferentes sociedades e culturas. Sem desconsiderar os efeitos da influência biológica sobre as técnicas corporais, o autor ressalta que estas não são naturalmente dadas, configurando-se como hábitos adquiridos em sociedade a partir das experiências de como as pessoas se utilizam do próprio corpo.

Ao definir as técnicas corporais, Mauss as caracteriza como tradicionais, já que não podem existir se não forem transmitidas pela educação e treinadas, e eficazes por terem um fim específico, um objetivo em si. Fundamentando-se em suas análises, considera o corpo como “o primeiro e mais natural instrumento do homem” (2003, p. 407) e retoma o conceito de “habitus” de Aristóteles para a compreensão das técnicas corporais, evidenciando a relação social e cultural entre os movimentos do corpo e os modos em que estes são repetidos, a depender das modas, conveniências, distinção, entre outras variáveis.

Para melhor compreensão das técnicas corporais, propõem uma enumeração biográfica que as distingue em técnicas do nascimento e da obstetrícia, técnicas da infância, técnicas da adolescência, técnicas da idade adulta, técnicas de consumo, técnicas da reprodução e técnicas de medicação ou do anormal. A enumeração que Mauss nos apresenta se faz a partir do que o autor caracteriza como a “biografia normal de um indivíduo” (2003, p. 412), assim lista cada técnica a partir da idade da pessoa, ou seja, a cada período da vida as pessoas teriam a sua disposição um conjunto de técnicas corporais que devem dominar para utilizá-las em condições determinadas.

Além da enumeração acima, as técnicas corporais de Mauss também são classificadas a partir de variáveis como sexo e idade, bem como pelo rendimento e forma de transmissão. Com relação à “divisão das técnicas do corpo entre os sexos”, destaca não se tratar apenas da “divisão do trabalho entre os sexos”, é citada como exemplo a forma diferenciada de fechar os punhos entre homens e mulheres. Segundo suas observações, enquanto o homem fecha o punho com o polegar para fora, a mulher o faz com os polegares para dentro deixando frouxo o seu soco ou arremesso. Inicialmente, Mauss atribui esta diferença à educação, mas em seguida afirma estar certo de que se as mulheres fossem educadas para fechar os punhos teriam dificuldades para tal, acrescentando que “[...] há uma sociedade dos homens e uma sociedade das mulheres. Mais creio também que há talvez coisas biológicas e outras psicológicas [...]” (2003, p. 409).

O trabalho de Mauss sobre as técnicas corporais é de grande relevância para reflexões sobre o corpo, tanto para as ciências sociais quanto em outras áreas, como o exemplo da educação física que também incorporou suas análises. A partir do conhecimento das diferentes maneiras de se servir do corpo, é possível conhecer uma determinada sociedade, como foi muito bem evidenciado pelo antropólogo francês. Cabe observar, no entanto, que se por um lado o autor privilegiou a dimensão cultural das técnicas corporais, salientando que estas são diferenciadas pelo sexo e atribuindo a características biológicas a capacidade das mulheres para fechar o punho de um modo específico, finda corroborando com perspectivas dualistas sobre o corpo e as capacidades de homens e mulheres que são tidos/as como rápido/lento, ativo/passivo, forte/frágil, constituídas pelo determinismo biológico e que situam a mulher em posições consideradas inferiores.

Transpondo a presente retrospectiva do corpo nas ciências sociais para o campo sociológico, ainda entre autores clássicos, podemos citar a importante contribuição de Marx para a emergência de uma nova concepção de “homem”¹⁶, que até meados do século XIX não era pensado em sua concretude. Marx posiciona o “homem” levando em conta a sua historicidade que está relacionada com as condições materiais de sua existência. E sendo a força de trabalho a mercadoria que mantém a exploração capitalista, os corpos da classe trabalhadora foram também alvos das preocupações de Marx e Engels.

Seguindo a linha de análise marxista, as imposições da sociedade capitalista impulsionam os limites aos corpos dos trabalhadores que devem ser saudáveis e ter determinadas aptidões, mas, concomitantemente, produzem patologias e deformidades sobre estes mesmos corpos. Frente a estas contradições, Marx (citado por HARVEY, 2004, p. 144) observa o esforço do capitalismo em encontrar novas formas de dotar o corpo humano de maior capacidade para o trabalho, desencadeando, a partir daí, “[...] toda uma gama de ciências para planejar e explorar os limites do corpo humano como máquina produtiva [...]”. Neste direcionamento, o trabalho na sociedade capitalista aliena o indivíduo também na dimensão de sua corporeidade e apenas com o desaparecimento da divisão do trabalho é que seria possível recuperar a condição material e espiritual indissociável da atividade humana.

¹⁶ Homem aqui incluindo mulheres.

A lógica capitalista na qual o trabalhador não ganha, sob o que produz, nada além do mínimo necessário para a sua existência, mantém uma íntima relação com o corpo destes trabalhadores. Neste sentido, a venda da força de trabalho está implicada com a corporeidade da classe operária, na medida em que o salário, como “preço dessa mercadoria particular [...] só existe na carne e no sangue do homem” (MARX, 2006, p. 35). O salário, na perspectiva marxista, é apenas o suficiente para suprir as necessidades mais básicas de sua existência corpórea e para que se reproduzam em condição de miséria.

A taxa mais baixa e unicamente necessária para o salário é a subsistência do trabalhador durante o trabalho, e ainda o bastante para que ele possa sustentar uma família e para que a raça dos trabalhadores não se extinga. O salário habitual é [...] o mais baixo que é compatível com a simples humanidade, isto é, com uma existência animal (MARX, 2004, p. 26)

Para Harvey (2004) Marx apresentou uma teoria do sujeito corporificado sob a sociedade capitalista que deve ser incluída em toda discussão sobre a natureza do corpo contemporâneo. Aproximando-se de Marx, Baudrillard (2007) é um dos autores contemporâneos que desloca a discussão sobre o corpo e o trabalho para as dimensões do consumo e da produção. O filósofo francês define o corpo como “o mais belo objeto de consumo” afirmando que após a sua redescoberta, a partir da liberação sexual e de sua presença constante nas mídias e do culto higiênico, da obsessão por regimes e pela juventude, o corpo teria se tornado “objeto de salvação”.

Frisando a dimensão cultural do corpo, Baudrillard (2007) reforça que em qualquer cultura “[...] o modo de organização da relação ao corpo reflecte o modo de organização da relação às coisas e das relações sociais” (p. 136). Se antes o corpo era explorado e alienado somente como força de trabalho, a exploração que se coloca atualmente seria tão opressora quanto a anterior na medida em que aprisiona o corpo sob os consagrados padrões de beleza e do erotismo, que juntos estabelecem uma nova ética da relação com o corpo.

Diferentemente de Marx que, mesmo tendo consciência das diferenças que marcam os corpos dos trabalhadores e das características de raça, gênero e etnia que são utilizadas como medidas de suas capacidades e aptidões, não se deteve a analisar em profundidade de quem era o corpo inserido na circulação capital (HARVEY, 2004),

Baudrillard (2007), apesar de afirmar que o processo de sacralização do corpo e o estabelecimento de uma nova ética atingirem homens e mulheres, reconhece que os corpos femininos são alcançados de forma peculiar. A beleza para a mulher teria se tornado mais do que um atributo da natureza, revelando-se como um imperativo absoluto.

Salta aos olhos que o processo de redução do corpo ao valor de permuta estética/erótica abrange tanto o masculino como o feminino. [...] seja qual for a parte que a este respeito cabe ao modelo masculino [...] é a mulher que orchestra, ou melhor, a cujo respeito se orchestra o grande Mito Estético/Erótico. Para tal fenômeno, importa encontrar outra razão, diferente das explicações arquetipais do tipo: ‘A Sexualidade é a Mulher, porque é a Natureza, etc.’. É a verdade que, na era histórica que nos diz respeito, a mulher se viu confundida com a sexualidade maléfica e condenada como tal. Esta condenação moral/sexual esteia-se numa servidão social: a mulher e o corpo partilharam idêntica servidão e relegação ao longo da história ocidental (BAUDRILLARD, 2007, p. 145).

Retomando as reflexões dos autores clássicos da sociologia, Durkheim, por sua vez, na busca pela explicação do fato social a partir de outro fato social, a dimensão corporal permanece vinculada à organicidade e à competência das áreas biomédicas. Para Le Breton (2006), o corpo não se revela de modo explícito na obra de Durkheim. No entanto, em *“O dualismo da natureza humana e suas condições sociais”* (1975), Durkheim trata do modo como o “homem” teria se concebido sempre em sua heterogeneidade em que de um lado está o corpo e do outro a alma, associados ao profano e ao sagrado, respectivamente. Segundo o seu posicionamento, ainda que ambos estejam interligados, “não pertencem ao mesmo mundo. O corpo faz parte integrante do universo material, tal como o conhecemos pela experiência sensível; a pátria da alma está algures noutra sítio para onde a alma constantemente tende a voltar” (1975, p. 290). Enfim, conclui que a dualidade humana é parte integrante de sua própria existência dupla, a primeira radicalizada no organismo e a segunda na dimensão social.

Em Weber (2001), o que chama a atenção em suas reflexões sobre a relação entre o aparecimento do capitalismo e do protestantismo é a formação do espírito ascético. O ascetismo, que quanto mais dominante no indivíduo mais o afasta da vida cotidiana, tem a perda de tempo como “o primeiro e o principal de todos os pecados” (p. 125), condenando o ócio e o prazer em detrimento do trabalho, que aparece como a finalidade da vida. “A perda de tempo através da vida social, conversas ociosas, do

luxo, e mesmo do sono além do necessário para a saúde [...] é absolutamente indispensável no ponto de vista moral” (p. 125) e a falta de vontade para o trabalho é vista como sinal de ausência do estado de graça.

Com a eliminação do sacramento da penitência essencial ao catolicismo, o calvinista não se submete a técnicas mágicas de salvação, aspecto que denota o processo de desencantamento no qual está inserido. Estabelece-se, desta maneira, um modo específico de supervisionar o seu estado de graça e sua conduta, levando a um planejamento racional de toda a vida do indivíduo. A conduta ascética, por sua vez, parece desprezar o corpo na medida em que nega os prazeres de carne juntamente com a luxúria e o uso “irracional” da riqueza. O estilo de vida que se desenvolve a partir do comportamento ascético condenava o desfrute espontâneo da vida, os divertimentos populares e até os esportes, como foi observado por Weber:

Mas, era-lhe suspeito como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados, e, enquanto servisse apenas como diversão ou para despertar o orgulho, os instintos, ou o prazer irracional do jogo, era evidentemente estritamente condenado. O impulsivo gozo da vida propiciado, tanto pela vocação, como pela virtude, era, como tal, também considerado contrário à ascese racional, quer se apresentasse na forma de salão de jogos ou de baile senhorial, quer na forma do tablado e da taberna do homem comum (2001, p. 133).

Assim, o esporte era aceito apenas na condição de restabelecimento da eficiência do corpo atendendo, desta forma, a uma finalidade racional, e alinhando-se aos princípios do capitalismo em desenvolvimento que impôs a gestão racional aos corpos e às emoções. Para Turner (1996, citado por CUNHA, 2004), haveria uma aproximação interessante entre a análise de Weber da racionalização formal e do trabalho e as tecnologias de poder e conhecimento abordadas por Foucault. Na perspectiva do autor, estaria presente na obra weberiana uma acentuada preocupação com a racionalização dos corpos e a gestão das emoções, o que seria exemplificado pelas instituições burocráticas marcadas pela gestão racional dos corpos oficiais.

De fato, nas reflexões propostas por Weber na obra *Economia e Sociedade* (2004) são descritas as relações entre a racionalidade, o capitalismo e as formas de dominação, apontando a organização burocrática como o meio mais racional e sua administração tecnicamente voltada para o exercício da dominação. Visando o mais alto rendimento e fundamentando-se em severa disciplina, a empresa capitalista seria um

importante exemplo de burocracia rigorosa na qual são delimitadas as competências e estabelecidas relações de obediência a partir de uma hierarquia bem definida. Nesta perspectiva, a gestão burocrática das organizações modernas reflete uma das principais formas de dominação racional, projetando sobre os indivíduos técnicas disciplinares especialmente eficientes com vistas à máxima eficiência da produção industrial. O aumento da importância da precisão e da disciplina que acompanha o desenvolvimento da burocracia foi proporcional à diminuição ou mesmo à eliminação da dimensão pessoal ou “irracional” na execução das atividades dos trabalhadores, que eram valorizados pela objetividade e pela habilidade em não permitir a interferência das emoções e da vida pessoal no ambiente de trabalho. Tal disciplina impõe uma espécie de adestramento e o desenvolvimento de habilidades técnicas específicas racionalmente planejadas, como foi evidenciado por Weber:

A ‘disciplina’, em geral, bem como seu descendente mais racional, a burocracia, em especial, é algo ‘objetivo’ e coloca-se com ‘objetividade’ imperturbável à disposição de todo poder que queira recorrer a seu serviço e saiba criá-la. [...] No lugar do êxtase heróico individual, da piedade, da exaltação entusiástica e da entrega de um líder como pessoa, do culto da ‘honra’ e do cultivo da capacidade pessoal, como ‘arte’, exige ela o ‘adestramento’ que se propõe a habilidade mecanizada por meio do ‘treino’ e, desde que apele a fortes motivos de caráter ‘ético’, a orientação no ‘dever’ e na ‘consciência’ [...] e tudo isto a serviço de um ótimo, racionalmente calculado, de energia física e psíquica das massas uniformemente adestradas. (2004, p. 356/357).

Ainda que o corpo não figure como temática central nas reflexões de Weber, é inegável a relevância de suas contribuições para que se possa analisar a gestão dos corpos na modernidade, bem como sua relação com os processos disciplinares. Seu interesse pela disciplina se fez a partir da associação entre o espírito ascético protestante e a formação do capitalismo ocidental, mas a questão da disciplina não foi abordada apenas por Weber. Enquanto Marx preocupou-se com os efeitos disciplinares do trabalho nas fábricas, Simmel também se debruçou sobre a forma em que são excluídas as características irracionais e instintivas, em razão das exigências do meio urbano capitalista que impõe às personalidades modernas o cálculo e à exatidão determinando um novo estilo de vida (KRIEKEN, 1996).

Mas é na obra de Foucault (1999), mais contemporaneamente, que se tem uma retomada do conceito de disciplina a partir de seu interesse acerca do poder disciplinar

que, em contraposição ao poder soberano que se impunha no período anterior à formação do estado moderno, opera sobre as mentes, almas e corpos, constituindo assim o sujeito moderno. No que se refere às organizações modernas, em uma perspectiva semelhante à análise weberiana, mas original em determinados aspectos, Foucault (1999) sublinha a questão do controle do tempo e do espaço, observando, ainda, as características arquitetônicas das organizações e o sistema de hierarquia e de autoridade que é incorporado. Assim, o modo como os sujeitos que integram uma dada organização são visualizados no espaço organizacional, reflete o modelo de autoridade assente nas organizações modernas. Quanto mais visíveis forem as atividades desenvolvidas pelos sujeitos subordinados à ordem hierárquica da organização, mais estes poderão estar sob constante vigilância.

Aqui é possível perceber um ponto de interseção entre as perspectivas de Weber e Foucault, na medida em que o primeiro já havia ressaltado a importância de se manter arquivos e registros históricos sobre a atuação dos sujeitos nas organizações, como forma de controlar a eficiência de seu funcionamento. Foucault, por sua vez, demonstrou como os registros escritos representam uma forma de controle e de vigilância, mas também um modo de regular os comportamentos. Assim, as atividades desenvolvidas no contexto organizacional são minuciosamente coordenadas no tempo e no espaço, da mesma maneira em que os corpos são distribuídos eficazmente no seu interior. Seguindo tal direcionamento, Foucault apresentou uma nova concepção de poder que é conjugada à disciplina para chegar à noção de micropoderes que atuam no cotidiano dos indivíduos e também sobre os seus corpos.

Segundo Foucault (1999) os sistemas punitivos presentes em nossas sociedades estão intimamente implicados como o que ele chamou de “economia política” do corpo. Tais sistemas punitivos, mesmo não recorrendo a castigos severos ou violentos, utilizam-se de métodos mais “leves” e “sutis” sempre dirigidos ao corpo no sentido de docilizá-lo, submetê-lo e principalmente torná-lo útil. Neste sentido, o controle disciplinar e a docilização dos corpos estariam, sob a ótica foucaultiana, visivelmente relacionadas com o desenvolvimento do capitalismo (DREYFUS e RABINOW, 1995). Na genealogia de Foucault (1999a), o corpo está imerso no campo político e submetido às relações de poder:

[...] elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1999a, p. 29).

Diante do exposto, acredito estar clarificada a aproximação entre Weber e Foucault, não apenas no que se refere à concepção de história sobre a qual se fundamentam, mas também com relação à preocupação de ambos os autores com o processo de racionalização que se deu no Ocidente e a formação do capitalismo. Resguardadas as particularidades inerentes a cada autor, não se devem passar despercebidas as semelhanças entre suas abordagens acerca do poder, da dominação e da disciplina. Enquanto para Weber a matriz de referência era o mundo do trabalho, Foucault parte do referencial da sexualidade e do poder como elementos de disciplinamento dos corpos. Weber (2004), por sua vez, trata da significação da disciplina associada às relações de obediência e submissão presentes em organizações militares. Já Foucault (1999) estende sua análise do poder disciplinar para além dos espaços militares como prisões e quartéis, mas alcançando as escolas, os hospitais e os manicômios, onde as técnicas disciplinares atuam sobre os corpos servindo a interesses capitalistas tencionando obediência e a máxima eficiência dos indivíduos, para além das instâncias oficiais do Estado.

Corroborando com a aproximação entre Weber e Foucault, Ortega (2008) defende que a concepção weberiana de “ascese ativa intramundana” que leva à racionalização da existência corresponde à noção foucaultiana de disciplina. Para Dreyfus e Rabinow (1995), ainda que Foucault tenha herdado de Weber suas preocupações com a racionalização e a tendência à objetivação que marca a cultura ocidental, entre outros aspectos, o avanço de Foucault seria retratado pelas análises empreendidas de “práticas históricas específicas nas quais - verdade e poder constituem o cerne da questão” (p. 147), o que não significaria uma refutação do projeto weberiano. No que concerne à análise das conseqüências do processo de racionalização sobre os

corpos, é inquestionável que, diferentemente de Weber, Foucault apresenta esta problematização explicitamente, dando centralidade ao corpo em suas reflexões.

A concepção de que o corpo não é somente um texto da cultura, mas um lugar prático direto de controle social é sustentada por Foucault, mas também por Bourdieu (2008). Seria pelos hábitos higiênicos, modos à mesa e práticas triviais do cotidiano que a cultura “se faz corpo”, do ponto de vista de Bourdieu (citado por BORDO, 1997). O corpo percebido socialmente, na ótica de Bourdieu (2008) reflete as práticas estabelecidas com a apropriação da natureza pelos indivíduos, isto é, na prática da cultura. Nesta perspectiva, o indivíduo classifica e é classificado pelo *habitus*, definido pelo autor como “[...] aquilo que se adquiriu, mas que se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes” (1983, p. 105).

A partir do seu conceito de *habitus*, Bourdieu posiciona o corpo em um *locus* privilegiado de análise do sujeito, sendo considerado, deste modo, um suporte para a construção identitária promovida pela estrutura social. Nos estudos empreendidos por Bourdieu na Argélia (MONTAGNER, 2006), foram analisadas as transformações nas estruturas sociais daquela, sobretudo as econômicas, e a implicação destas mudanças sobre os indivíduos. Um dos aspectos observados pelo autor no que concerne às transformações operadas na cultura argelina foi justamente a ressignificação do conceito de saúde, de doença e do próprio corpo. Ao se dedicar à descrição das práticas corporais dos argelinos, seus comportamentos, posturas corporais e maneiras de se locomover, Bourdieu retoma a perspectiva de Mauss e seus estudos sobre as técnicas corporais (MONTAGNER, 2006).

As práticas corporais também foram objeto de análise de Bourdieu (2003) em estudos mais recentes sobre a moda e as práticas desportivas, analisadas a partir dos gostos de classe e identificadas como um campo de luta no que tange à definição do “corpo legítimo e do uso legítimo do corpo” (p. 189). Na obra *A Distinção* (2008), Bourdieu demonstrou como as preferências por determinados bens culturais representam marcadores de classe, utilizando-se do conceito de *habitus* para evidenciar as disposições que determinam os gostos e os estilos de vida. Nesta medida, o *habitus* também aparece inscrito nos corpos, seja nas formas de apresentação, na dimensão da aparência ou nos gestos, nos modos de sentar à mesa e se movimentar, nas práticas desportivas e opções alimentares.

No que se refere à preferência alimentar, por exemplo, esta se daria a partir da percepção do próprio corpo desenvolvida por cada classe. Segundo Bourdieu (2008), as classes populares dariam grande valor à força do corpo, referindo-se à aptidão para o trabalho que seria um dos elementos definidores das escolhas alimentares. Os modos de preparo do alimento e a forma como são servidos também seriam diferenciados entre as classes populares e a elite, revelando que a distinção não se dá somente a partir da apropriação de um determinado bem, mas também das formas em que são apropriadas. Bourdieu (2008) conclui que “[...] o corpo é a objetivação mais irrecusável do gosto de classe, manifestado sobre várias maneiras” (p. 179) e as práticas corporais, sejam alimentares, estéticas ou gestuais, evidenciam as disposições mais profundas do *habitus*.

A compreensão do mundo social proposta por Bourdieu se dá a partir dos conceitos de campo e de capital, além do *habitus* aludido anteriormente. No que diz respeito ao conceito de campo, trata-se de um espaço simbólico estruturado e hierarquizado no qual as lutas internas são movidas pela disputa por posições e pela distribuição e posse de um dado capital. Sua concepção de capital foi ampliada no sentido de se referir não apenas à forma econômica, mas também social e cultural. Partindo de sua definição acerca do capital social (1980) que traz a agregação de determinados recursos e a consecução de benefícios e reconhecimento do agente por parte do grupo mediante o acúmulo de tais elementos, é possível inferir que o corpo pode ser entendido como capital social. Através das práticas corporais voltadas para a manutenção da beleza e da aparência, ou pelas práticas desportivas, o corpo passa a ser símbolo de distinção¹⁷.

As contribuições de Bourdieu ao tomar como objeto de estudo as práticas relacionadas ao corpo são de grande relevância para o desenvolvimento de uma sociologia do corpo na contemporaneidade. A temática do corpo teria exercido importante influência no conjunto teórico bourdieusiano, rendendo importantes trabalhos que foram publicados ao longo de sua carreira, como, por exemplo, os artigos que publicou na revista *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, entre eles destaca-

¹⁷ Mirian Goldenberg se dedicou à reflexão do “corpo como capital” publicando dois artigos: *O corpo como capital: gênero, casamento e envelhecimento na cultura brasileira* (2010) e *O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira* (2006). Referindo-se às espécies de capital e aos poderes adquiridos em determinado campo, baseada em Bourdieu, afirma que cada campo corresponde a um tipo de capital específico. Contudo, a partir de sua pesquisa voltada para a cultura brasileira, conclui que, contemporaneamente, no Brasil “[...] o corpo funciona como um importante capital nos mais diversos campos, mesmo naqueles em que, aparentemente, ele não seria um poder ou um mecanismo de distinção” (2010, p. 194).

se: *Remarques provisoires sur la perception sociale du corps* (1977) e *Le corps et le sacré* (1994). Outros artigos publicados por seus colaboradores também abordaram a temática do corpo, seja do ponto de vista da sociologia do corpo propriamente ou enquadrando-se mais à sociologia da saúde (MONTAGNER, 2006).

Entre os trabalhos desenvolvidos por orientandos/as de Bourdieu que se destacam no âmbito da sociologia do corpo, vale ressaltar a pesquisa realizada entre os anos de 1967 e 1968 por Luc Boltanski e que resultou na publicação da obra *As classes sociais e o corpo* (2004). Sinteticamente, pode-se dizer que parte do estudo localiza-se no contexto da sociologia da saúde, tratando de questões como o consumo médico e os discursos sobre as doenças, e a segunda parte se enquadra mais explicitamente no que pode ser chamado de sociologia do corpo.

Seguindo a linha de Bourdieu e com a pretensão de demarcar os “usos sociais do corpo”, Boltanski (2004) se apoiou em indicadores relativos à alimentação, ao uso do álcool, às práticas higiênicas e de esporte, à dietética, aos cuidados com a beleza, entre outros. Observou que quanto mais elevada é a hierarquia das classes sociais, maior é a importância que se dá ao corpo, assim como é estabelecida uma relação consciente e reflexiva para com o uso do corpo.

À medida que se sobe na hierarquia social, que cresce o nível de instrução e que decresce correlata e progressivamente o volume de trabalho manual em favor do trabalho intelectual o sistema de regras que regem a relação dos indivíduos com o corpo também se modifica: quando sua atividade profissional é essencialmente uma atividade intelectual, não exigindo nem força nem competência físicas particulares, os agentes sociais tendem primeiramente a estabelecer uma relação consciente com o corpo e a treinar sistematicamente a percepção de suas sensações físicas e a expressão de suas sensações [...], e, em segundo lugar, tendem a valorizar a ‘graça’, a ‘beleza’ ou a ‘forma física’ em detrimento da força física (BOLTANSKI, 2004, p. 158).

Além das citadas contribuições enfatizadas, Bourdieu (2008) também apontou a presença de lógicas diferenciadas entre homens e mulheres com relação às representações e às práticas corporais. Da mesma forma, Boltanski (2004) se atentou para as diferenças entre homens e mulheres no que tange ao consumo de determinados bens. De acordo com os dados apresentados, as mulheres tinham um consumo médico e de produtos farmacêutico maior do que os homens, evidenciando uma maior “sensibilidade” das mulheres para as sensações doentias. Boltanski (2004) compara, ainda, a oposição entre a relação com o corpo nas classes populares e nas classes

superiores que em sua concepção reproduziria a oposição da relação com o corpo entre homens e mulheres. Outras questões, como o gosto pela magreza, foram abordadas por ambos os autores e são retomadas ao longo da tese.

O conjunto de autores elencados até aqui, bem como suas abordagens sobre o corpo no âmbito do pensamento social não representam a totalidade de trabalhos que tratam do corpo e de seus usos como objeto de reflexão das ciências sociais. Especificamente na teoria sociológica há referências de grande importância para o estudo do corpo, como os trabalhos de Norbert Elias acerca do processo civilizador e do controle das pulsões instituindo, por exemplo, as normas de etiqueta e o corpo civilizado, ou a análise Erving Goffman (1988) ao demonstrar a relação entre a aparência e as formas de interação e desenvolver um estudo sobre o estigma em que determinados sinais corporalizados revelam a discordância entre a identidade real e virtual dos indivíduos. Faz-se necessário destacar, ainda, as contribuições de Anthony Giddens que sai em defesa da concepção de “modernidade tardia” na qual se apresenta uma reorganização reflexiva das relações sociais, incidindo, inclusive, sobre as formas de representar e se servir do corpo.

No Brasil, Gilberto Freyre pode ser considerado um clássico nas reflexões sobre o corpo, tanto na dimensão da aparência, como dos gestos e das práticas corporais. Em *Casa Grande & Senzala*, obra publicada em 1933, Freyre (2006) descreve a vida sexual e as práticas higiênicas adotadas naquele cenário. Conforme suas observações, o asseio do corpo através do banho e os adornos utilizados pelos/as indígenas, eram proporcionais ao horror à água e ao desleixo com a higiene característicos dos portugueses. As marcas corporais e a beleza das indígenas e das negras também foram objeto das descrições de Freyre.

Em perspectiva semelhante, em *Sobrados e Mucambos* (1961) é apresentada uma análise da condição ambígua que se encontrava a sociedade brasileira do século XIX, com elementos ainda presentes da decadente cultura patriarcal rural, somados ao processo de “europeização” que fez emergir transformações nos hábitos de consumo, no vestuário, sobretudo a partir da chegada da família real portuguesa. Este teria sido um marco para que o país passasse por uma renovação política e cultural, que alcançou os hábitos cotidianos dos/das brasileiros/as que deveriam se aproximar do comportamento “civilizado” da burguesia européia.

Entre as dimensões possíveis de se refletir sobre o corpo na referida obra, é importante citar a sexualidade e os seus sentidos, principalmente com relação às mulheres que, além de toda a subordinação física e moral vivida no patriarcalismo, passaram a ter na figura do médico mais um elemento de normatização de sua corporeidade, tendo em vista o papel de confessor que lhe é atribuído. No que tange à moda e à aparência, o processo de modernização e europeização incidiu sobre os padrões de comportamento, instituindo novas formas de se vestir e tratar da aparência. Determinados cortes de cabelo, formas de fazer a barba e a gestualidade eram tidos como sinais de masculinidade e ostentação de riquezas para os homens. Os novos padrões de comportamento eram marcadores de classe, mas também de raça. Assim, apesar das tentativas dos negros em imitar o vestuário dos brancos em busca de distinção, a eles era proibido o uso de jóias “[...] que era para ficar bem marcado no traje a diferença de raça e de classe” (FREYRE, 1961, p. 101).

As transformações no corpo e no comportamento das mulheres também foram alvo de atenção de Freyre em *Modos de Homem e Modas de Mulher*, publicado no ano de 1987. Ao valorizar as características corporais da mulher brasileira como a cintura fina, as ancas largas e a pele morena, Freyre se posicionou criticamente às influências européias nos modos das mulheres e nas modas, que, em seu ponto de vista, deveriam ser adaptados ao clima tropical e não simplesmente reproduzir modelos importados da Europa e dos EUA. Ao mesmo tempo, com relação aos modelos de beleza femininos, Freyre identificou tanto a formação de novos ícones de beleza seguindo padrões europeus, como também a permanência de determinadas características próprias da mulher brasileira miscigenada, o que foi exemplificado pelas figuras de Vera Fischer e Sônia Braga. Sobre os corpos e hábitos que nortearam as preferências femininas das brasileiras, afirmou:

[...] modos já nacionalmente brasileiros e tendentes a metarraciais de sorrir, de andar, de conviver. E com esses modos, as preferências femininas por modas que se ajustem a formas e cores de mulheres bronzeadas pelo sol das Copacabanas, a revelia de modas puramente européias ou ianques. Ou puramente albinóides (FREYRE, 1987, p. 35).

A pretensão de abordar os trabalhos que são considerados clássicos no pensamento social e que são referências para o estudo do corpo e das corporeidades se

fez com o intuito de explicitar o estado de arte a respeito do corpo como objeto de estudo das ciências sociais. Consciente da impossibilidade de dar maior aprofundamento nas análises de cada autor apresentado neste espaço, acredito ter cumprido a tarefa de mapear os diferentes caminhos tomados pelos autores ao refletirem sobre o corpo, relacionando autores clássicos e contemporâneos para demonstrar a construção deste campo de conhecimento. Porém, em se tratando de um trabalho que tem como objeto práticas corporais de mulheres e que prima pela perspectiva de gênero, não poderia deixar de demonstrar como o corpo ocupou, historicamente, um *locus* privilegiado no centro das reflexões feministas.

1.2.2 O corpo no pensamento feminista

Ao longo do desenvolvimento do pensamento feminista, seja no contexto acadêmico ou da política, os estudos sobre o corpo mantiveram-se presentes sob os mais diferentes enfoques, questionando a perspectiva biologizante das mulheres, reivindicando a desnaturalização dos corpos ou inseridas em outras discussões. Resguardadas as diferenças características de cada abordagem, um aspecto pode ser notado como elemento de interseção entre elas: a crítica à compreensão das mulheres restrita ao seu corpo do ponto de vista biológico e que as posiciona em uma condição desprivilegiada com relação aos homens, reproduzindo perspectivas dualistas sobre corpo e mente, natureza e cultura.

As mulheres estiveram e ainda estão intensamente atreladas ao corpo, na medida em que são comumente definidas a partir de um binômio entre imanência e transcendência que determina o que é ser homem ou mulher. Enquanto a imanência é relativa ao que é material e corpóreo, opostamente, a transcendência vincula-se ao que é incorpóreo e restrito à esfera da razão. A imposição de tal divisão binária e a representação da mulher como o sexo, atrela o sentido de “ser mulher” ao corpo, que é, também, transformado em sexo. Este pode ser considerado um dos elementos essenciais na composição dos discursos normativos sobre os corpos das mulheres. O pensamento feminista, por sua vez, intenta contribuir para que sejam criados outros modos de vida e novos sentidos para o “ser mulher”, como salientado por Rago (2006, p. 166), referindo-se às críticas das feministas acerca da definição da mulher intimamente associada ao útero, “da maternidade obrigatória e da mistificação da esfera privada do lar, elas têm

lutado para que outras formas de invenção de si se tornem possíveis para as próprias mulheres”.

A perspectiva dicotômica do mundo e do conhecimento teria origem já na Antiguidade, condicionada pela racionalidade que norteou a constituição do pensamento filosófico grego. Sendo assim, o corpo se constituiu enquanto um problema para os filósofos gregos, na medida em que representaria a soma da luta entre dois princípios. O primeiro relacionado com a racionalidade, com que é inteligível e material, e o segundo relacionado com o sensível e vinculado ao mundo do além. “O corpo define-se como uma dualidade, corpo-alma, do mesmo modo que a humanidade se divide em filósofo e não filósofo, o homem que vive pelo espírito e o que vive pelos sentidos” (BRAUNSTEIN e PÉPIN, 2001, p. 21).

O corpo do filósofo deve ser superado e não deve ser o instrumento do seu saber, ao passo que a alma aparece como detentora do conhecimento único e caminho para a verdade. Os diálogos platônicos, tal como *Fédon* e *Crátilo*, apresentam os termos alma e corpo – *psykhé* e *soma*, respectivamente. Em *Crátilo* o corpo é associado ao sema, no sentido de prisão, indicando que o homem seria um ser espiritual preso ao corpo, ou seja, o corpo pensado como prisão da alma (MONTENEGRO, 2007). A ética platônica pautava-se em um dualismo presente tanto na sua concepção de metafísica – entre o mundo sensível e o mundo das ideias – como em sua doutrina da alma, na qual a razão é tida como superior ao que se refere às necessidades corporais. Como salientado por Grosz (2000), para Platão o corpo seria uma traição da alma e esta deveria “comandar o corpo e as funções irracionais ou sensíveis da alma” (p. 52).

Em Aristóteles, o corpo é entendido como composto de um corpo e de uma alma, “mas o corpo é visto como composto de órgãos, uma máquina bem feita (BRAUNSTEIN e PÉPIN, 2001, p. 26). Aprofundando o que foi iniciado por Platão, mas em um caminho inverso, Aristóteles parte da metafísica em direção à física e à biologia, de modo que o corpo torna-se onipresente no conjunto de sua obra “porque é o resultado de uma finalidade organizacional, própria da natureza, porque é um composto de matéria e de forma” (BRAUNSTEIN e PÉPIN, 2001, p. 26). No que concerne à reprodução, a mãe era vista apenas como abrigo oferecendo a matéria, mas não a forma, que era recebida somente do pai. “A divisão binária entre os sexos, a dicotomização do mundo e do conhecimento tinha sido feita já no limiar da razão ocidental” (GROSZ, 2000, p. 52).

A tradição cristã que tem o corpo como importante referência na constituição de seu mistério reproduz a dualidade entre corpo e alma, ao transmitir uma mensagem na qual o corpo é representado de modo depreciativo e associado à vida terrestre, devendo, portanto, ser superado para que se possa alcançar um mérito santificante garantidor do acesso a outro mundo. Tal interpretação negativa do corpo, já presente no período medieval, foi retomada pela Contra-Reforma que reforçou a ideia do corpo como risco de perdição. “O pecado e o medo, o medo do corpo, principalmente o modo do corpo da mulher, retornam como uma ladainha sob forma de precauções ou de condenações” (GÉLIS, 2008, p. 20).

O corpo de Cristo que é amplamente cultuado, seja pela eucaristia ou por sua crucificação, é central na mensagem cristã, na medida em que Jesus além de representar a Deus, encarna como homem, revelando uma dupla identidade que é humana, mas também divina. A dupla filiação de Jesus pode ser assemelhada ao entendimento de Aristóteles a respeito da mãe que como um “recipiente” apenas oferece a matéria para a constituição do ser em seu ventre, tendo em vista que sua fecundação se fez a partir da união do Verbo divino e da carne humana, representados pelos pólos masculino e feminino, respectivamente.

O Verbo se fez carne fecundando Maria pela anunciação-encarnação; seu ‘sopro’ foi o fermento divino. E Ele não se reproduzirá ‘segundo a carne’, mas segundo o Verbo. Para o cristão, o nascimento biológico, a filiação ‘carnal’ deve vir acompanhada de um renascimento, de uma filiação ‘espiritual’ (GÉLIS, 2008, p. 44).

A visão depreciativa do corpo que é percebido como obstáculo e inimigo da alma, e por isso deve ser submetido a provações e castigos, não é compartilhada por protestantes, que acompanham, de certa forma, uma renovada concepção do corpo que deve ser cuidado e salvaguardado do perigo. Trata-se de uma perspectiva instrumental do corpo que deve ser mantido nas melhores condições possíveis, objetivando o melhor desempenho nas atividades que lhe cabe. Essa nova perspectiva lançada sobre o corpo é também influenciada pelas revoluções científicas que reforçaram o dualismo entre corpo e alma e a ideia de que alma e mente só se realizaria nos homens, pela subjugação do corpo. A descrição de Descartes que associa mente ao espírito e descarta sua relação com a materialidade do corpo é um marco do período moderno. Nesta associação, vale

ressaltar que a mente masculina é que se ligava à divindade e à alma, como afirma Wilshire (1997), acrescentando que Descartes:

Contribuiu para a antiqüíssima lista de imagens poderosas, cuja finalidade era a dissociação entre Deus e o corpo, descrevendo este como uma máquina. Determinado a retirar o seu Ser tanto quanto possível da inferioridade de seu corpo e de sua matéria (de *mater*, palavra latina para mãe, derivada do grego *meter*), trabalhou em sua Mente para se distanciar de sua própria infância e da mãe [...]. Descartes e sua época continuaram a clássica tentativa de libertar o Conhecimento e a Razão de qualquer contaminação corporal, da Mãe Terra e de todas as coisas femininas [...] (WILSHIRE, 1997, p. 104).

A produção do discurso científico foi amplamente influenciada por tais concepções que, além de situar a mente em uma posição superior à natureza e ao corpo, estabeleceu a impessoalidade e a objetividade como pilares da epistemologia ocidental. Entre outras críticas lançadas ao dualismo, o pensamento feminista contemporâneo se destaca ao apontar a falta de neutralidade do próprio cartesianismo do ponto de vista de gênero, buscar explorar abordagens alternativas às formas tradicionais de construção do conhecimento e questionar a perspectiva dualista que produz o antagonismo corpo e mente projetado também na oposição entre mulher e homem. As feministas reposicionaram o corpo tanto no contexto da política quanto da produção teórica crítica do pensamento feminista.

Conforme já foi aludido anteriormente, não se pode pensar singularmente no feminismo e desconsiderar a heterogeneidade que lhe é peculiar. Não é um equívoco afirmar que a reflexão sobre o corpo foi quase que uma constante nas diferentes linhas de abordagem do pensamento feminista. Todavia, é preciso ressaltar que cada autora ou linha de pensamento o fez de maneira particular, ainda que guardem aproximações no que tange à visão crítica do pensamento misógino que “confina as mulheres às exigências biológicas da reprodução na suposição de que, dadas certas transformações biológicas, fisiológicas e endocrinológicas específicas, as mulheres são [...] mais biológicas, mais corporais e mais naturais do que os homens” (GROSZ, 2000, p. 68).

Entre as autoras que integram o conjunto do feminismo igualitário é possível identificar perspectivas distintas. Uma que identifica no corpo uma limitação para que as mulheres pudessem alcançar a igualdade e outra que percebe o corpo das mulheres dotado de um caráter especial, celebrando as experiências corporais “femininas”.

Ambas as visões têm a maternidade como elemento marcante no desenvolvimento de suas análises, sendo que a primeira preza por sua superação e a segunda a caracteriza como condição essencial da feminilidade. Para Grosz (2000), estas duas abordagens teriam tomado como verdadeiras as suposições patriarcais e misóginas que naturalizam o corpo feminino.

A compreensão das características físicas como limitações que restringiam a participação política da mulher foi apresentada por Beauvoir, na França, mas também por outras feministas, como Firestone, que também aponta a relação entre a subordinação feminina e o processo reprodutivo. Beauvoir apontou a função reprodutora da mulher como responsável pela escravização do corpo das mulheres. A negação da maternidade e o amplo acesso aos meios contraceptivos seriam o caminho para a redefinição da condição feminina e o encontro com a liberdade. Segundo Scavone (2001), neste contexto a maternidade teria sido percebida como um *handicap*, um defeito natural, isto é, da natureza corpórea da mulher, que por isso seriam confinadas em uma bio-classe.

Em direção oposta a estes posicionamentos, chega-se a um ponto em que a maternidade passa a ser representada como um “poder insubstituível” das mulheres e que as reflexões feministas sobre o corpo e a maternidade mantêm uma interlocução com diferentes áreas das ciências humanas e sociais, bem como da psicanálise, resgatando a experiência da maternidade como constituinte da identidade feminina e do poder da mulher (SCAVONE, 2001).

No âmbito do construcionismo social, o corpo também não é percebido como objeto a ser superado, mas como objeto biológico para o qual devem ser constituídas novas representações. Sendo assim, “não se trata de suplementar o corpo ou as funções biológicas; a tarefa é atribuir-lhes novos significados e valores diferentes” (GROSZ, 2000, p. 74). Entre as autoras que podem ser incluídas nesta linha é possível destacar as considerações de Kristeva (2001), também marcadas pela tentativa de superação do dualismo tradicional que marca o pensamento ocidental, que se explora a relação entre a corporeidade e os significados sociais que marcam os corpos. Ressaltou, ainda, a necessidade de se repensar o sentido da maternidade e sua influência sobre a constituição das subjetividades, no acesso à cultura e à linguagem. Com este direcionamento, evidenciou que os limites do corpo seriam determinados em um

período pré-conceitual, anterior à linguagem, a partir dos processos de repulsão, dedicando-se, deste modo, a pensar sobre a constituição social do corpo.

Objetivando o rompimento com a lógica que atribui os sentidos de feminilidade e masculinidade a partir de características anatômicas é que surge o sistema sexo/gênero, no qual sexo está vinculado à natureza, como um dado biológico, e gênero à cultura. Nestas condições, a oposição corpo e mente parece se manter na medida em que o corpo permanece associado ao que é dado, ao que é biológico, contrariamente ao que é social ou ideológico. Por essa razão, como já foi mencionado, muitas críticas foram dirigidas à formulação original do sistema sexo/gênero, seja pelo universalismo que o orienta, seja pela reprodução de dualismos outros ou pela concepção “equivocada” de que sexo é uma categoria dada e portanto mais “natural” que gênero. Apesar das críticas, a difusão do conceito de gênero tem grande importância no desenvolvimento do pensamento feminista sobre o corpo e das novas políticas voltadas para as mulheres em diferentes países, inclusive no Brasil.

Como já dito, as mudanças no cenário social e político do país a partir da década de 1980 foram acompanhadas do redirecionamento das bandeiras de luta do feminismo, que além de se institucionalizar em várias organizações pelo país, se abriu para novos horizontes teóricos e políticos. As “políticas do corpo” e as temáticas ligadas à sexualidade ganharam nova projeção, deslocando-se da esfera privada e instalando nas instâncias de discussão política da esfera pública, questões relativas ao corpo, às subjetividades, à família e à saúde (RAGO, 2003).

Com este direcionamento, foram repensadas as próprias representações do feminismo e da mulher com o intuito de desconstruir a “imagem negativa” e dessexualizada da mulher feminista e autônoma. Mantendo uma visão crítica sobre os ideais de beleza e as imposições estéticas da mídia sobre a corporeidade feminina, parte desta linha do feminismo contemporâneo incluiu entre suas abordagens reflexões sobre a “estética, o cuidado de si, a saúde e a beleza do corpo” (RAGO, 2003, p. 6).

Inserido nesta problemática está o trabalho de Naomi Wolf, *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, publicado em 1990. O mito da beleza imposto às mulheres, na perspectiva da autora, seria o grande responsável por uma série de doenças que atingem as mulheres na contemporaneidade, como a anorexia, a bulimia, a depressão, o estresse e a falta de auto-estima, motivadas, principalmente, pelas imagens idealizadas de mulheres veiculadas na mídia. As mulheres passariam

tanto tempo de suas vidas preocupadas com o corpo, investindo no seu controle, disciplinamento e servindo-se dos mais variados tratamentos e tecnologias disponíveis para a manutenção da beleza, da juventude e da magreza, que não lhes sobriam tempo e disposição para a participação na vida pública.

Durante a última década, as mulheres abriram uma brecha na estrutura do poder. Enquanto isso, cresceram em ritmo acelerado os distúrbios relacionados à alimentação, e a cirurgia plástica de natureza estética veio a se tornar uma das maiores especialidades médicas. [...] Pesquisas recentes revelam com uniformidade que em meio à maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e controladas no mundo ocidental, existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle (WOLF, 1992, p. 12).

No que tange às desordens alimentares que afligem as mulheres e os seus corpos, antes de Wolf, Susie Orbach publicou, em 1978, *Gordura é uma questão feminista*, traduzido para o Brasil em 1986. Já no final da década de 1970, Orbach foi capaz de identificar como a busca da “boa forma” física foi imposta e se tornou uma obsessão para as mulheres, com a larga divulgação de dietas em revistas femininas, a proliferação de consultórios médicos voltados para o emagrecimento e a popularização de alimentos dietéticos. Mais do que isso, Orbach relacionou a gordura corporal à subjetividade feminina, denunciando como o aumento de peso é percebido como um desvio que imprime uma espécie de estigma sobre as mulheres gordas.

Um segundo argumento apresentado por Orbach (1986), refere-se à relação entre o feminismo e a transgressão presente no ato da mulher se tornar gorda. Afirma que, em uma perspectiva feminista, estar acima do peso estipulado como normal seria uma maneira de “romper com os estereótipos sexuais da sociedade” (p. 21), como um desafio aos papéis sociais e sexuais impostos às mulheres. Antecipando o culto ao corpo que hoje é vivido ao extremo, Orbach (1986) enfatizou como a dimensão da aparência foi constituída como aspecto essencial da existência da mulher, que deve se avaliar constantemente, com vistas à construção de uma imagem que mostre aos outros o quanto agradável e atraente ela é.

A exaltada preocupação com a beleza e com o corpo integrou à crítica ao consumismo moderno e foi representada pelo discurso feminista como uma forma de alienação. A imposição dos padrões de beleza, magreza e juventude às mulheres está

relacionada com os papéis sociais também instituídos e, conseqüentemente, com as identidades femininas de gênero. Tal constatação pode ser associada aos estudos feministas mais recentes que produziram abordagens sobre o corpo e as relações de poder, enfocando os discursos de verdade que se impõem sobre os sujeitos e os seus corpos, sem considerar, no entanto, o gênero como categoria fixa e o sexo como elemento pré-discursivo. É o caso de Butler (2010), para quem sexo e gênero são igualmente construídos.

Butler, conjuntamente com outras autoras como Luce Irigaray, Monique Wittig e outras, se contrapõe ao igualitarismo e defendem o corpo como elemento fundamental para a “compreensão da existência psíquica e social das mulheres” (GROSZ, 2000, p. 75), sem percebê-lo, no entanto, como objeto a-histórico e não cultural. Com uma interpretação distinta das feministas que as precedem, tratam o corpo como objeto político, social e cultural, salientando a necessidade de que sejam reconhecidas as diferenças sexuais que não poderão ser superadas por qualquer inovação tecnológica ou ideologia de equidade (GROSZ, 2000).

Ainda no que se refere às reflexões de Butler, ao questionar a relação entre a materialidade do corpo e as performatividades de gênero, a filósofa afirma que as diferenças sexuais tradicionalmente vinculadas às diferenças materiais não podem ser limitadas a tal relação, por serem “simultaneamente marcadas e formadas pelas práticas discursivas” (2000, p. 151). Apoiando-se no que Foucault denominou como “ideal regulatório”, aponta a normatividade da categoria sexo, como “parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir [...] os corpos que ela controla (2000, p. 151).

Nesta perspectiva, Butler (2000) não nega a materialidade do corpo, mas reforça que sua condição material deve ser pensada como efeito do poder. O corpo como matéria também é um entendimento compartilhado por Foucault (1989), que o descreve como uma superfície que persiste ao longo do tempo, porém é suscetível às transformações provocadas por técnicas disciplinares e de biopolítica. Enquanto o sujeito é constituído discursivamente e pelas relações de poder, o corpo como superfície moldável é anterior ao discurso.

No que se refere ao poder disciplinar, segundo Dreyfus e Rabinow, um dos principais méritos de Foucault teria sido sua “[...] habilidade em isolar e conceituar o

modo pelo qual o corpo se tornou o componente essencial para a operação das relações de poder na sociedade moderna” (1995, p. 125). Foucault buscou identificar as formas de atuação das tecnologias operam sobre o corpo dos, esclarecendo que entre os séculos XVII e XIX, no lugar dos suplícios, o sujeito passa a ser assujeitado pelas técnicas disciplinares.

A partir da segunda metade do século XVIII, o poder disciplinar passa a ser complementado por outra forma de poder. Enquanto o poder disciplinar aplica-se ao corpo, o biopoder estende-se também a outras dimensões da existência do sujeito. Segundo Foucault (1999b, p. 289), o biopoder “não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes”. Pelo dispositivo da sexualidade, o biopoder alcançou o sujeito não apenas em seu corpo, mas também na alma, através da tecnologia da confissão que se faz tanto pelo exame de consciência como pelo discurso (DREYFUS e RABINOW, 1995).

Inicialmente imposta à burguesia como tecnologia disciplinar, a tecnologia da confissão foi direcionada à coletividade, ao conjunto da população, com vistas ao controle da natalidade, mortalidade, taxas de fecundidade, cuidados com a saúde, a higiene etc.. A produção dos saberes que se desenvolve a partir do exercício do biopoder marca o diálogo com áreas específicas tais como a biologia, a medicina e a estatística. Estes e outros campos de saber, como as ciências *psi* e os sistemas legais, estão intimamente articulados com a tecnologia da confissão que impõe ao indivíduo a possibilidade de conhecer a si mesmo. Da mesma forma, o exame de consciência ou a auto-reflexão a partir dos discursos peritos, faz com que os indivíduos acreditem conhecer a verdade sobre si mesmos (DREYFUS e RABINOW, 1995) e se autogovernarem, ensejando uma disputa entre o corpo (controle) e os processos de subjetivação (resistência).

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’ A cada movimento de um dos adversários corresponde o

movimento do outro. É preciso aceitar o indefinido da luta (FOUCAULT, 1989, p. 147).

Tecidas tais considerações sobre os mecanismos de atuação do poder sobre o corpo em Foucault e retomando as abordagens de Butler (2000), é importante ressaltar que a autora contesta a materialidade dos corpos como superfície pré-discursiva, propondo uma concepção de matéria “como um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície” (p. 162). Nesta linha, afirma que a questão que se coloca não é mais como uma dada interpretação do sexo constitui o gênero e sim “através de que normas regulatórias é o próprio sexo materializado” (p. 162). Com tais posicionamentos, alinha-se com outras feministas que defendem que “o corpo não pode ser visto como uma tela neutra, uma tábula rasa biológica na qual masculino e feminino possam ser projetados de modo indiferenciado” (GROSZ, 2000, p. 77). No lugar de um corpo pré-social ou pré-linguístico, coloca-se um corpo enquanto objeto social e discursivo, “vinculado à ordem do desejo, do significado e do poder” (GROSZ, 2000, p. 77).

Análises alternativas sobre o corpo podem vir a abalar a estrutura dos saberes constituídos tradicionalmente sob paradigmas masculinos. Para que as feministas tenham sucesso neste empreendimento, Grosz (2000) sustenta a necessidade de que desenvolvam um conceito de corpo “desvinculado das apropriações biológicas e pseudo-naturalistas a que foi historicamente submetido” (p. 79), incluindo discursos outros que não apenas os naturalistas e científicos. Para tal, estabelece seis critérios para que se possa desenvolver uma abordagem alternativa e uma teoria feminista sobre o corpo:

1. Esquivar-se de análises dicotômicas que dividem o sujeito nas categorias mutuamente exclusivas de mente e corpo, recusando o dualismo e o reducionismo.
2. Não associar a corporalidade a apenas um sexo, não permitindo que a mulher seja o corpo para os homens.
3. Negar modelos singulares nos quais um tipo de corpo seja tomado como norma, criando um campo marcado pela pluralidade de corpos possíveis, independente de idade, raça ou sexo.

4. Evitar análises biologizantes ou essencialistas do corpo, que deve ser interpretado como um lugar de inscrições sociais, políticas, culturais e geográficas.
5. Desenvolver modelos que articulem as dimensões biológica e psicológica, o interior e o exterior do corpo, incluindo uma representação psíquica do corpo vivido do sujeito.
6. Não aderir a qualquer dos pólos em um par binário, observando o corpo como um conceito oscilante no eixo dos pares, que não é nem privado e nem público, nem natural ou cultural, entre outros pólos.

Para Grosz (2000), a grande questão que se coloca para a teoria feminista contemporânea é o fato de ainda adotarem “acriticamente muitas das suposições filosóficas em relação ao papel do corpo na vida social, política, cultural, psíquica e sexual” (p. 47). Embora a autora se posicione no sentido de criticar a própria produção da teoria feminista sobre o corpo e que fora deste contexto ainda persistam abordagens em que os critérios acima pontuados não tenham sido considerados, pode-se afirmar que a crítica feminista já os superou. Ainda assim, o desafio que se coloca para os estudos do corpo nas ciências sociais, entre outras coisas, está a recusa de uma percepção do sujeito constituído dicotomicamente, dividido entre mente e corpo.

CAPÍTULO II

“E até por que talvez não sejamos heroínas e a figura da cientista acima de qualquer suspeita não existe (embora muitos ainda acreditem que a do cientista pode existir), as mulheres de ciências compartilham todas e mais algumas das contradições, dubiedades e conflitos que caracterizam as práticas científicas. Nem todas foram necessariamente esposas devotadas que auxiliaram seus maridos, os quais várias vezes lhes roubaram os créditos dos trabalhos científicos; ou filhas queridas de pais famosos que lhes abriram portas nas instituições. Várias podem ter transcendido sua sexualidade exatamente por sua completa identificação com as marcas masculinas da ciência, contraditórias com suas manifestações de gênero femininas; várias podem ter sido amantes de seus professores ou colegas de trabalho, e, muitas, vezes são lembradas exatamente por isso, tendo que pagar, ainda, altos preços por suas ligações perigosas. Mas todas foram e têm sido mulheres que, explicitamente ou não, assumidamente ou não, em suas trajetórias pessoais, coletivas, cognitivas, têm ousado de alguma forma se aventurarem a abrir novos caminhos nas ciências”

Maria Margaret Lopes¹⁸

2. A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Nesse capítulo são elencadas as opções metodológicas da pesquisa e os caminhos percorridos para o trabalho de campo em que analisei as práticas de culto ao corpo, vinculadas à busca da magreza e as motivações das mulheres para adotarem tais práticas. Conforme já foi abordado no capítulo anterior, considero o fenômeno do culto

¹⁸ LOPES, Maria Margaret. ‘Aventureiras’ nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**. (10). 1998, p. 345-168.

ao corpo como o conjunto de práticas voltadas para a construção da imagem corporal seguindo os padrões de beleza e saúde considerados hegemônicos. Assim, tendo em vista a centralidade do corpo contemporaneamente, para os fins deste trabalho o culto ao corpo refere-se às atividades físicas e estéticas, à submissão a dietas alimentares e a intervenções médicas, bem como ao consumo de determinados medicamentos e alimentos *diet e light*.

Inicialmente, me detenho a demonstrar o modo como foi realizado o recorte empírico do objeto de pesquisa, evidenciando as possibilidades de abordagem da corporeidade no âmbito das ciências sociais a partir da delimitação e do dimensionamento do fenômeno do culto ao corpo. Em seguida, é caracterizado o espaço de coleta de dados e a relação deste com o recorte do objeto. Por fim, são abordadas as opções metodológicas, frisando a natureza qualitativa do estudo e caracterizando a amostra da pesquisa.

2.1. Um encontro com o problema de pesquisa

Frente às pretensões da pesquisa, tornou-se necessário delimitar um campo para que fosse possível visualizar quem seriam as nossas informantes. Já sabia que seriam mulheres que estivessem praticando atividades físicas ou fazendo dietas, por exemplo. Mas ainda não estava claro onde iria encontrar essas mulheres. Que critérios adotaria para a construção da amostra? Afinal, como escolher o ponto de partida diante da infinidade de espaços de culto ao corpo que compõem a sociedade contemporânea? Não são poucas as clínicas de estética, os salões de beleza, as academias de ginástica, os consultórios de cirurgiões plásticos, de nutricionistas ou endocrinologistas. Todos estes espaços e as práticas que os caracterizam podem estar enquadrados no que foi denominado como culto ao corpo. Então, por onde começar?

Paralelamente ao que é denominado como culto ao corpo, trabalhei com a hipótese do um culto à magreza entre as mulheres. Ressalto que esta magreza não está necessariamente relacionada às desordens alimentares ou mesmo ao emagrecimento com fins exclusivamente estéticos. Quando me refiro à magreza a intenção é mostrar como a manutenção de um corpo magro passou a ter um sentido de distinção social, na medida em que é apresentado ao mesmo tempo como ideal de saúde, pelo discurso das

ciências médicas, e de beleza, pelos discursos midiáticos. O cuidado com o corpo implica, comumente, a manutenção de um corpo magro, seja para se manter saudável, seja para usar as roupas da moda ou para se enquadrar em um padrão de beleza, sobretudo em se tratando das mulheres.

Com isso, foi possível fazer um primeiro recorte no que se refere ao universo do culto ao corpo. Buscaria mulheres que adotassem práticas voltadas para o emagrecimento. Assim, cenários como o salão de beleza, clínicas de estética e outros que não tivessem uma relação com o exercício de práticas de emagrecimento, deixaram de integrar o universo em que seria feita a coleta de dados. Por outro lado, estes espaços têm a sua relevância no contexto do fenômeno do culto ao corpo tomado de um modo geral. Para encontrar um ponto de partida e dando continuidade ao exercício de apreensão do culto ao corpo vinculado às práticas de culto à magreza, situei o fenômeno em três dimensões distintas:

- ✓ a primeira denominada como práticas estéticas¹⁹, que restringi, para os fins deste estudo, à frequência contínua e voluntária em academias de ginástica;
- ✓ a segunda dimensão são as práticas alimentares, aqui definidas como o conjunto de dietas e o consumo de alimentos voltados para o emagrecimento e o bem-estar corporal;
- ✓ por último, as práticas interventivas nas quais as mulheres optam por se submeter a cirurgias plásticas e outros tipos de intervenções médico-cirúrgicas com finalidade de emagrecimento e remodelagem corporal.

¹⁹ Atualmente, o conceito de estética é largamente utilizado para se referir ao conjunto de ações voltadas para o cuidado com o corpo, seja em salões de beleza, clínicas de estética ou consultórios de cirurgias plásticas. O termo estética, como ramo do ensino de filosofia, vem sendo utilizado desde o século XVIII, quando se referia à “ciência do belo”, (JAPIASSÚ, 1996, p. 91). Filósofos como Kant e Hegel deram outras interpretações à estética e hoje existe uma diversidade de correntes que tratam da estética de forma diferenciada. Contemporaneamente, o francês Michel Foucault ao se defender a mudança na imagem do sujeito apresenta a concepção de estética da existência fundamentada na ética dos prazeres em que os sujeitos poderiam ser reinventar independentemente das identidades determinadas pelos dispositivos de sexualidade (COSTA, 1995, p. 130). Deste modo, a opção pelo enquadramento das academias de ginástica entre as práticas estéticas se fez pela grande projeção destas no que se refere à construção e ao culto do corpo na contemporaneidade, e, sobretudo, por ser um espaço de negação da gordura e exaltação do emagrecimento.

É importante esclarecer que a classificação destas práticas teve como fim uma melhor visualização do fenômeno em análise, tendo em vista que tal definição vem facilitar o estudo de cada uma em particular na composição do culto ao corpo e à magreza como um todo. Certamente, os limites entre as práticas mencionadas são fluidos e muitas vezes uma pode tomar o lugar da outra ou estarem associadas. Trata-se de uma estratégia metodológica de análise e de uma maneira viável para delimitar o fenômeno em questão.

Definidas as dimensões acima citadas, optei por estabelecer como ponto de partida as práticas estéticas e, deste modo, o cenário das academias de ginástica. As práticas estéticas, aqui representadas pelas atividades físicas, no que concerne à construção da imagem corporal, representam de modo singular o fenômeno do culto ao corpo na medida em que demandam esforço, controle e disciplina de suas praticantes, diferentemente do que acontece ao se submeterem a uma cirurgia plástica, por exemplo. Em uma academia de ginástica as pessoas se mantêm ativas em todo o processo de exercitar-se, é necessário ter concentração e estar atenta à execução dos exercícios, além de muita persistência. Há uma contagem, repetições, processos de memorização de coreografias e uma série de ações relacionadas ao controle e à disciplina. Tais práticas podem ser relacionadas às concepções de poder disciplinar e biopoder cunhados por Foucault (1988), na medida em que promovem o disciplinamento e a regulamentação dos corpos, mas também a vida das pessoas, quando determina seus hábitos cotidianos.

Obviamente, em academias de ginástica existe toda uma diversidade de pessoas com os seus objetivos particulares: ganhar músculos ou massa muscular, condicionamento físico, enrijecimento etc.. Mas a perda de peso ou de “massa gorda” está quase sempre implícita no fato de se buscar uma academia de ginástica para se exercitar. Em se tratando de mulheres, a busca pelo peso ideal, pelo Índice de Massa Corporal (IMC)²⁰ ideal, enfim, pelo corpo ideal magro é uma prática muito comum. E isto ganhou ainda mais evidência quando tomei conhecimento, através de propagandas em *outdoors* espalhadas por Brasília-DF, de uma academia exclusiva para mulheres e

²⁰ O IMC é uma classificação “universal” proposta pela Organização Mundial da Saúde – OMS, amplamente utilizado por nutricionistas, educadores/as físicos/as e endocrinologistas, que é obtida através da divisão do peso pela altura elevada ao quadrado. Assim quando o IMC resulta em < 18,5 é classificado como Magro, entre 18,5 e 24,9 Normal, >25 Sobrepeso, entre 25 e 29,9 Pré-obesidade e a partir daí divide-se as classes de obesidade conforme o IMC vai aumentando.

que apresentava como *slogan* uma bonequinha puxando o cós de uma calça larga, demonstrando o quanto tinha emagrecido após se exercitar naquela academia.

Figura 1

Slogan Curves.



Disponível no endereço eletrônico da academia <http://www.curves.com.br>.

A imagem acima pode ser considerada como o primeiro contato com o que foi o cenário da coleta de dados. Além do emagrecimento – na imagem referindo-se principalmente à “perda” da barriga²¹ – o que me chamou a atenção na figura era a expressão de felicidade, isto é, a felicidade alcançada pela perda de peso. A mensagem passada pelo *outdoor* era de que a partir daquele momento, com a criação da *Curves*, uma academia dirigida exclusivamente ao público feminino, todas as mulheres poderiam chegar ao tão almejado corpo magro e em apenas 30 minutos, inclusive “perderem” a barriga.

A academia em questão é a *Curves*, também chamada de Clube *Curves*. Uma rede franqueada de academias norte-americanas que no ano de 2006 ainda era a grande novidade em *fitness* em Brasília, mesmo contando com cerca de 10.000 unidades franqueadas em todo o mundo. Em uma busca pela internet, através do portal *google*, inseri o nome *Curves* e encontrei o site da academia. Este acabou por se tornar o primeiro espaço de coleta de dados. Foi aberta uma página em tons de lilás²², com detalhes cor de rosa, símbolos florais, mensagens remetendo-se à perda de peso e ao pouco tempo dedicado para tal, além da bonequinha puxando sua calça larga próxima à fotografia de uma jovem mulher sorrindo.

²¹ Mais à frente apresento uma reflexão sobre o protagonismo da barriga quando o assunto é perda de peso e construção de uma imagem corporal. Adianto, por enquanto, que se trata de um dos principais sinais da necessidade de emagrecimento ou de beleza, quando se tem uma barriga “sequinha ou chapada”, a partir dos diferentes discursos sobre a magreza e a beleza.

²² Curiosamente, a cor do movimento feminista.

É importante destacar que, frente à significativa relevância que as Tecnologias de Informação e Comunicação – TICS têm contemporaneamente e à multiplicidade de espaços de interação emergentes com seu avanço, o cenário virtual aparece como um *locus* de grande circulação de discursos, de novas formas relacionais, sendo, portanto, legítimo para a coleta de dados em pesquisa científica. Considero, dessa forma, o ambiente virtual como um espaço cultural que possibilita o desenvolvimento da etnografia como método para a sua compreensão, tal como é demonstrado por Hine, em seu livro *Etnografia Virtual* (2004):

[...] una etnografia de internet puede observar con detalle las formas en que se experimenta el uso de una tecnología. En su forma básica, la etnografía consiste en que un investigador se sumerja en el mundo que estudia por un tiempo determinado y tome en cuenta las relaciones, actividades y significaciones que se forjan entre quienes participan en los procesos sociales de esse mundo [...] (HINE, 2004, p.13).

Continuando o processo de reconhecimento do campo em sua dimensão virtual, chamou atenção o *link* “Depoimentos”. Ao “clique”, imediatamente apareceram diversas histórias de alunas/sócias²³, algumas delas com as respectivas fotografias imitando a bonequinha da calça larga, não apenas no gesto de puxar a calça, mas também apresentando um largo sorriso. Em algumas imagens as alunas estavam posando ao lado da tão simbólica bonequinha e, ainda, havia fotografias do tipo antes e depois, isto é, antes de entrarem na *Curves* – aparentemente com o peso elevado – e depois já com suas calças largas e com o peso diminuído. A maior parte das alunas mostradas parecia ter mais de 30 anos de idade.

Cada depoimento apresentado era iniciado a partir da seguinte pergunta: *Como a Curves mudou a minha vida?* Em algumas respostas estavam parte de suas histórias de vida. História de mulheres que não conseguiam perder peso, que tinham passado por uma perda familiar ou divórcio, que desde a gravidez não conseguiam mais emagrecer, que sofriam depressão, entre outras tantas. Observei, ainda, que muitas delas relacionavam a *Curves* a um novo estilo de vida, como podemos notar nas falas que seguem:

²³ Mais adiante teço os esclarecimentos sobre a nomenclatura utilizada para se referir às frequentadoras da academia.

*Sem sacrifício, e de uma forma muito divertida, com ambientes agradáveis e profissionais capacitados [...] Em poucos meses mudei do manequim 42 para o 36, ou seja, emagreci 20kg. Isto é Curves. Não uma Academia, mas um estilo de vida.*²⁴

Quando entrei na Curves estava sem rumo e perdida. Não me sentia bem comigo mesma e com meus 94kg. Quando falei pro meu marido que queria entrar numa academia só de mulheres ele riu de mim e isso pra mim foi uma motivação a mais. Foi quando eu disse basta pra minha vida sedentária e resolvi mudar radicalmente. [...] Já perdi 30kg e mais de 20cm só na barriga, minha vida mudou completamente e se divide em antes e depois da Curves.

Além das frases de motivação e elevação de auto-estima presentes no *site* da *Curves* que já evidenciavam as particularidades desta com relação às demais academias, outro aspecto merece ser ressaltado. Tratam-se dos benefícios oferecidos às alunas/sócias que são incentivadas a perderem peso e medidas. Estes benefícios se materializam de diferentes maneiras: com o ganho de distinção no próprio ambiente da academia²⁵ ou em forma de brindes, como descontos ou facilidades junto aos parceiros do *Clube de Vantagens*. Todas as academias mantêm uma rede de parceria com estabelecimentos comerciais de diferentes setores em que as alunas/sócias têm descontos e vantagens para comprarem produtos, contratarem serviços, entre outros. À época do primeiro levantamento acerca das parcerias das *Curves* do Distrito Federal, os seguintes estabelecimentos integravam o *Clube de Vantagens*:

²⁴ Diferentemente das citações de autores/as, a fala das mulheres que frequentam a academia ou que foram entrevistadas serão transcritas em itálico para que possam ser facilmente identificadas.

²⁵ Como foi possível identificar na etapa de observação e aplicação das entrevistas.

Tabela 1
Empresas parceiras no Clube de Vantagens

	Setor	Empresa/Estabelecimento
CURVES <i>Distrito Federal</i>	Alimentício	Bardana Restaurante Natural
		Tayioba Executivo Alimentação
		Shizen – Produtos Naturais
	Medicina Estética	Centro Integrado Anima - Medicina, fisioterapia e estética
		Emagrecentro – Clínica de Medicina Estética
		One Day Spa – Tratamentos estéticos e médicos
	Estético	Depil Skin House Estética
	Farmacêutico	Drogana Farmácia
		Pharmagreen – Farmácia de Manipulação
		Vico Farma – Farmácia

Fonte: dados disponíveis no *site* da *Curves*. Elaborado pela autora. BrasíliaDF, outubro de 2007.

Conforme pode ser observado na tabela acima, eram dez estabelecimentos parceiros das *Curves* no DF em 2007, sendo três restaurantes – dois de alimentação natural –, quatro centros de estéticas – em que três são de medicina estética –, e três farmácias. Diante de tais informações, o *Clube de Vantagens* da *Curves* demonstrou que as alunas/sócias ao consumirem ou contratarem os serviços de seus parceiros, poderiam percorrer as três dimensões de culto ao corpo que estabelecemos para caracterizar o fenômeno. Tendo como ponto de partida as práticas estéticas, isto é, as atividades físicas realizadas na *Curves*, as alunas/sócias poderiam frequentar também restaurantes naturais em virtude de uma dieta alimentar ou se submeterem a algum tipo de intervenção médica nos centros de estética.

Após esta primeira incursão pelo *site* da *Curves*, percebi que essas mulheres poderiam ser as informantes da pesquisa, já que o ingresso no Clube pressupõe uma busca por emagrecimento – ainda que associado a outros objetivos – e a aceitação de um programa de atividades físicas desenvolvido especificamente para mulheres que exige controle, disciplina e frequência de no mínimo três vezes por semana. Ademais, para essas estariam abertas as portas para as duas outras dimensões do que denominou-se como culto ao corpo e à magreza. Frequentando a *Curves* elas adotam as práticas

estéticas e, com o Clube de Vantagens, seria potencializada a possibilidade de adotarem tanto as práticas alimentares como as práticas interventivas.

Vale ressaltar, no entanto, que outras academias destinadas ao público feminino também se estabeleceram no DF, inclusive seguindo o direcionamento da *Curves*²⁶. Contudo, o Clube *Curves* foi selecionado tanto por ser o que tem o maior número de unidades no DF e no Brasil, como também por ser a primeira rede internacional de academias voltadas exclusivamente ao público feminino. Enfim, apoiada na hipótese de que persiste o culto à magreza entre as mulheres como estilo de vida, foi definido de onde partiria a pesquisa de campo. Deste modo, o desenvolvimento da presente pesquisa se divide em duas partes, sendo a primeira baseada na coleta de dados no espaço virtual da *Curves* e no conjunto de dados disponíveis sobre o consumo de produtos e serviços implicados na idéia de culto ao corpo e à magreza. Na segunda parte, buscou-se conhecer e observar o espaço físico da *Curves*, para, em seguida, entrevistar alunas/sócias e profissionais da citada academia.

2.2. Opções metodológicas

Antes de adentrar no desenvolvimento da pesquisa em si, é preciso tecer algumas observações acerca das opções metodológicas. A construção de uma pesquisa está envolvida em um longo processo de planejamento que percorre todas as suas etapas e a primeira delas, sobretudo na presente experiência, é o encontro com o problema. É preciso ter em mente o que se quer investigar, o que se quer questionar e a partir desta definição faz-se necessário estabelecer os caminhos para prosseguir. O percurso foi definido tendo em vista aonde se quer chegar e são as escolhas metodológicas que, em grande medida, apontam os caminhos para alcançar o objetivo final. Detendo-se ao significado etimológico da palavra *método*, pode-se observar que em sua origem estão as idéias de meta e caminho, revelando assim a importância das escolhas metodológicas para que possamos chegar às respostas de nossos questionamentos.

²⁶ Em Brasília, no início da pesquisa havia a academia *Contours*, uma franquia americana, criada em 1998, que teve sua primeira unidade no Brasil em 2004. Mais recentemente, outras academias estão sendo criadas com o diferencial de atender apenas o público feminino e buscar aperfeiçoar os programas de emagrecimento oferecidos pelas franquias americanas, como é o caso da franquia nacional *Tonus*, que em 2010 já contava com 14 unidades espalhadas em cinco estados, sendo 09 apenas na cidade de Fortaleza-CE.

Na definição de um paradigma de pesquisa teoria e método devem estar articulados entre si, dialogando adequadamente com os problemas levantados pela pesquisa. Isto quer dizer que dependerá do objeto em análise, do enfoque dado ao tema, dos objetivos almejados, entre outros fatores, a escolha do paradigma de pesquisa a ser incorporado. É importante considerar, ainda, os aspectos éticos, políticos e ideológicos. Mesmo não sendo um consenso nas ciências sociais, em se tratando aqui de um estudo que mantém uma filiação às perspectivas feministas e de gênero, é possível afirmar que a escolha de um tema de pesquisa, de um método e até mesmo o direcionamento teórico é um ato político, na medida em que é cada vez mais perceptível a fragilidade das pretensões de neutralidade e objetividade tão almejadas pelo paradigma científico “tradicional”.

Considerando os aspectos acima elucidados, esta pesquisa tem como objetivos identificar e compreender as motivações das mulheres para adotarem práticas de culto à magreza, ou seja, que elementos são decisivos na vida dessas mulheres para que busquem o emagrecimento? Que modelos corporais são inspiradores para essas mulheres e como é construída a relação entre beleza e magreza? Como estão associadas as dimensões de culto ao corpo e à magreza em suas práticas cotidianas? E sem esquecer a ótica da qual partiu o estudo, isto é, a perspectiva de gênero, também é pretensão deste trabalho perceber como é construída a relação entre a construção da imagem corporal e a condição feminina.

Embora o trabalho privilegie as práticas identificadas com um dispositivo de magreza, ao pensar a construção do corpo e os padrões de beleza, não pretende, no entanto, deixar de observar outras práticas não necessariamente ligadas à magreza ou ao corpo. Havendo uma abertura a partir da pesquisa de campo, outras dimensões da beleza como os cuidados com o rosto, as unhas, a pele ou os cabelos/pêlos podem ser consideradas com o intuito de abordar o fenômeno do culto ao corpo de modo mais global.

Assim é que a metodologia para o desenvolvimento desta pesquisa pautou-se, primeiramente, em uma revisão bibliográfica de obras tomadas como referências para o estudo do corpo em ciências sociais e, ainda, estudos mais recentes nos quais o culto ao corpo foi analisado enquanto fenômeno social. É importante frisar que o início do curso de doutorado foi marcado por uma mudança de direcionamento no projeto de tese. Como submeti o projeto à seleção enquanto ainda estava no mestrado, sua primeira

versão tinha como proposta o estudo das representações de sexualidade de mulheres pacientes psiquiátricas internadas em manicômios judiciários.

O que motivou à época esta abordagem foi o tema de minha dissertação de mestrado em que trabalhei a questão da cidadania das pessoas com transtornos mentais. Ao analisar a legislação referente à chamada Reforma Psiquiátrica, entre os aspectos que chamavam a atenção era justamente a falta de políticas diferenciadas para o atendimento de homens e mulheres. Acrescente-se a isso, o fato de ter sido constatado durante a pesquisa de campo como a questão da sexualidade era fundamental na constituição das relações sociais nos espaços de internação, ensejando tratamentos diferenciados para homens e mulheres.

No doutorado, comecei a cumprir os créditos em disciplinas e me aprofundar na releitura do projeto. Percebi logo que teria muitas dificuldades para acessar os manicômios judiciários, sobretudo a partir da informação de que as mulheres não permaneciam internadas no DF, eram transferidas para o Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, durante os cursos ministrados pelos/as Professores/as Maria Stela Grossi – Teoria Sociológica – e Brasilmar Ferreira Nunes – Sociologia Urbana – pude ter o primeiro contato com autores ainda desconhecidos e me aprofundar em outros já conhecidos. Ao término das disciplinas pude desenvolver dois trabalhos articulando questões ligadas ao culto do corpo e estilo de vida na modernidade, o que aliado à pesquisa que eu desenvolvia sobre as comunidades das “Anas” na internet, impulsionou o redirecionamento do projeto de tese.

Foram necessárias muitas leituras e conversas com a orientadora para que conseguisse organizar essas ideias de modo a produzir uma tese sobre a questão do culto ao corpo. Neste período foram de singular importância as leituras acumuladas no curso de *Identidade e Diferença na Sociedade Contemporânea* ministrado pelas Professoras Lourdes Bandeira e Ana Liése Thurler e no grupo de estudos que mantínhamos com outros/as discentes do PPG/SOL, para que alcançasse uma abordagem da questão do culto ao corpo não somente a partir da ótica de autores/as clássicos/as e contemporâneos/as da sociologia, mas articulasse isso com o enfoque dado pelas teóricas feministas, trazendo, principalmente, a perspectiva de gênero no estudo do corpo. Na verdade, este é um esforço que está presente em todo o desenvolvimento da tese.

Com as pretensões de pesquisa já delineadas, optamos pelo uso das entrevistas nas academias para que pudesse conhecer as motivações das mulheres para a adoção de práticas corporais específicas, suas opções alimentares, anseios no que se refere aos seus corpos etc.. Apoiando-se nas informações levantadas com as mulheres em entrevista, seria possível articular as hipóteses propostas – construídas ao longo da revisão bibliográfica e da observação da sociedade e do cotidiano de mulheres que se aproximam do perfil das entrevistadas – com elementos presentes nos discursos e nas práticas das mulheres frequentadoras da *Curves*. Com isso, viabilizou-se o acesso a um conjunto de percepções que integram o fenômeno do culto ao corpo e evidenciam a relação entre as práticas corporais e a adoção de um estilo de vida dotado de sentidos de distinção social.

2.2.1. *Considerações sobre as entrevistas*

Mantendo este direcionamento, a técnica da entrevista foi escolhida como procedimento de coleta de dados, pois, em se tratando de uma pesquisa qualitativa que busca compreender sentidos, motivações e valores, acredita-se que esta é a forma mais adequada de acessar este universo. Muito além de apenas conhecer a opinião das pessoas sobre um assunto específico, a pesquisa qualitativa permite explorar as opiniões e representações sobre a questão em si (GASKELL, 2000). Sabe-se que pela via da pesquisa qualitativa torna-se difícil a tarefa de proceder a generalizações semelhantes às feitas em pesquisa quantitativa. Por outro lado, é por este caminho que se tem acesso aos detalhes e por onde é possível se aprofundar na compreensão das subjetividades e suas relações com o fenômeno em análise.

Isto não quer dizer que dados quantitativos significativos para que sejam alcançados os objetivos almejados não serão considerados. Conforme salientado por Minayo (1998) a respeito da oposição entre pesquisa quantitativa e qualitativa, a complementaridade entre estes dados é que deve prevalecer para a compreensão dos fenômenos sociais.

Aliada à revisão bibliográfica e à observação, a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas em ciências sociais justamente pela possibilidade de encontrar tanto dados objetivos como subjetivos. Segundo Haguette (1997), a entrevista pode ser entendida como um processo de interação social que tem em uma das pontas o/a

pesquisador/a ou entrevistador/a, ou seja, aquele/a que busca as informações de quem está na outra ponta, o/a entrevistado/a, o/a informante da pesquisa. A interação efetiva entre pesquisador/a e atores/atrizes sociais me parece ser um dos pontos fortes da pesquisa qualitativa mediada por entrevistas e observações que permitem uma melhor percepção das práticas, dos gestos e da própria fala.

No caso da pesquisa qualitativa [...] o envolvimento do entrevistado com o entrevistador, em lugar de ser tomado como uma falha ou um risco comprometedor da objetividade é pensado como condição de aprofundamento de uma relação intersubjetiva. Assume que a interação no ato da entrevista contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia-a-dia, as experiências, e a linguagem do senso comum, e é condição 'sine qua non' do êxito da pesquisa qualitativa (MINAYO, 1998, p. 124).

Com relação ao tipo de entrevista a ser utilizada, desde o início a intenção foi trabalhar com roteiros semi-estruturados, por acreditar que a combinação de diferentes tipos de questões associadas à flexibilização do roteiro em si, permite que o/a entrevistado/a possa discorrer sobre o tema proposto ou que o/a entrevistador/a explore aspectos que foram previamente estabelecidos no roteiro. Com este tipo de abertura, o/a pesquisador/a torna-se livre para, oportunamente, solicitar maiores esclarecimentos sobre informações que não foram elucidadas, o que facilita um melhor direcionamento para o tema em questão. Trazendo à luz as reflexões de Bourdieu (1997, p. 708) sobre a condução de entrevistas, o/a sociólogo/a deve atuar “à maneira de um parteiro” no sentido de prover condições para que o/a pesquisado/a dê o seu depoimento, livrando-se de suas verdades.

É importante esclarecer que o objetivo principal da tese não é analisar a *Curves*, mas sim tomá-la como referência nas reflexões sobre as práticas corporais de mulheres e o culto ao corpo em sua forma contemporânea. Mantendo-me neste direcionamento, foram desenvolvidos dois roteiros e apresentados durante a qualificação do projeto de tese. Apesar de ambos seguirem a mesma linha de organização e sistematização das idéias, um era dirigido às frequentadoras da academia e outro às professoras que as orientam no circuito. Essa distinção foi importante para que fosse possível conhecer não apenas os discursos das mulheres enquanto praticantes de atividades físicas, mas também a perspectiva destas sobre o espaço da academia que propaga ter como diferencial a ideia de que lá não haveria um culto ao corpo

exacerbado por não ter espelhos, por exemplo. Deste modo, acessar os discursos das profissionais atuantes na academia foi também uma estratégia para compreender o espaço de coleta de dados.

Seguindo as sugestões propostas pela orientadora e professoras que participaram da qualificação, algumas alterações foram feitas no roteiro no sentido de captar além dos discursos, aspectos que levassem à compreensão do cotidiano das entrevistadas como os seus afazeres diários, a relação da família com a prática de atividade física e a questão da sexualidade, sua inserção na vida social/pública. Assim o roteiro dirigido às frequentadoras da academia foi organizado em 24 perguntas e o das profissionais em 21 (roteiros em anexo).

O roteiro de entrevista às alunas foi dividido por temática. Inicialmente, tratamos de traçar um perfil das entrevistadas – o que também foi feito com relação às profissionais. A partir da 7ª pergunta exploramos a relação com a prática de atividades físicas e a academia. Da 15ª pergunta em diante articulamos a condição feminina com as dimensões do culto ao corpo, passando por questões que revelavam hábitos alimentares, satisfação com o corpo, o sentido da beleza e da magreza.

O segundo roteiro, direcionado às profissionais seguiu uma linha semelhante, mas com algumas particularidades. Informações do perfil, por exemplo, foram menos detalhadas se comparadas com as das alunas. Um dos objetivos era entender melhor a proposta da academia comparando-a com academias tradicionais que por ventura elas já tivessem atuado profissionalmente. A entrevista com as profissionais também foi importante para captar aspectos que pudessem ser omitidos pelas alunas acerca de suas expectativas. Nas últimas quatro perguntas a pretensão era também revelar como a questão corporal, da beleza e da magreza era percebida pelas profissionais.

Para o registro das observações e entrevistas foram utilizados dois gravadores digitais e o diário de campo. A utilização destes recursos foi de grande importância para assegurar o registro e a fidedignidade das informações. Ciente do risco de que as entrevistadas não se sentissem à vontade diante de dois gravadores, me arrisquei buscando não perder nenhum dado. No entanto, logo que passávamos das primeiras questões e que as respostas ganhavam o tom de conversa, os dois gravadores eram esquecidos e as entrevistadas não pareciam mais se lembrar deles.

O diário de campo foi utilizado durante as entrevistas para anotações pontuais, mas também no final das visitas à academia, preferencialmente do lado de fora.

Enquanto esperava por alguém que aceitasse ser entrevistada ou andando no interior da academia para observar as instalações, paredes, murais, fotografias etc., utilizei principalmente os gravadores para guardar minhas observações. Esta foi uma estratégia para que fosse menos percebida enquanto pesquisadora e não causasse nenhum tipo de constrangimento, já que os pequenos gravadores utilizados sequer eram percebidos enquanto estava lá.

Além destes recursos, foi utilizado em apenas duas unidades o recurso da fotografia. Com a permissão da gerência da academia, pude fotografar as instalações de duas unidades, evitando a identificação das pessoas e preferencialmente quando houvesse o menor número de alunas no circuito. As fotografias só foram tiradas após as entrevistas, depois que todas já tinham me identificado como pesquisadora e que as professoras avisavam que nenhuma delas seria fotografada.

O cuidado com a não identificação das mulheres é parte de um conjunto de iniciativas da pesquisadora no sentido de preservar a fala das entrevistadas, tanto das alunas, que em diversos momentos confidenciaram suas intimidades, como das professoras, que foram entrevistadas em seu ambiente trabalho. Deste modo, ao chegar à academia eu era apresentada pelas professoras às alunas que estavam no circuito, que informavam, ainda, sobre a minha pretensão de entrevistá-las.

Na maioria das vezes, as entrevistas aconteciam depois de um tempo em que passava observando. Quando uma delas encerrava as atividades no circuito e aceitava participar da pesquisa, antes de iniciarmos era apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo) contendo informações sobre o teor da pesquisa, além do compromisso em manter o sigilo sobre as entrevistadas. Este instrumento enquadra a pesquisa nos termos da Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, do Ministério da Saúde, relativa às pesquisas que envolvem seres humanos.

II.1 – Pesquisa – classe de atividades cujo objetivo é desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável. O conhecimento generalizável consiste em teorias, relações ou princípios ou no acúmulo de informações sobre as quais estão baseados, que possam ser corroborados por métodos científicos aceitos de observação e inferência.

II.2 – Pesquisa envolvendo seres humanos – pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais.

Com as definições acima citadas, a Resolução nº 196 do CNS/MS evidencia o sentido da pesquisa com seres humanos, inclusive no que concerne ao manejo de informações, reforçando a importância de que sejam tomados todos os cuidados éticos durante a coleta, a análise e a apresentação dos dados. Assim, reconheço que a postura ética da/do pesquisadora/a é parte essencial do bom desenvolvimento da pesquisa e para sua aceitação no meio acadêmico. Com esta perspectiva é que transitei nos espaços das academias, me relacionei com funcionárias, professoras e alunas, realizei as entrevistas e analisei as informações.

2.2.2 Caracterização do cenário de coleta de dados

No que concerne à escolha das informantes, não foi estabelecido o número de entrevistas que seriam realizadas previamente. Porém, com a utilização do critério da localização geográfica no Distrito Federal, foi feita a identificação das unidades que fariam parte da pesquisa. Segundo dados levantados até fevereiro de 2008, as unidades *Curves* do DF estavam distribuídas em quinze setores/cidades satélites (Tabela 2), com presença tanto em áreas “nobres” como Asa Norte, Lago Sul e Sudoeste, como em áreas mais periféricas como Gama, Riacho Fundo, Núcleo Bandeirante e Vicente Pires. Objetivando captar as especificidades locais sobre as frequentadoras (público feminino) e relacioná-las com as suas motivações em relação às práticas de culto à magreza, inicialmente, foram escolhidas cinco unidades *Curves* como uma das desigualdades socioeconômicas do DF: Asa Sul, Gama, Lago Norte, Riacho Fundo e Vicente Pires.

O primeiro contato com as unidades que fariam parte da pesquisa foi realizado por telefone. Liguei para as unidades fazendo uma breve apresentação da pesquisa e pedindo um endereço de *e-mail* para que pudesse dar mais detalhes sobre a pesquisa. Com os *e-mails* dos/das responsáveis, escrevi uma carta na qual eram explicitadas as pretensões da pesquisa, a filiação institucional, cuidados éticos, os contatos da pesquisadora e da orientadora, *currículos lattes* e toda informação necessária para que as entrevistas fossem viabilizadas.

Após o envio do *e-mail*, nem todos/as responderam à minha solicitação o que me levou a retornar a ligação e tentar um novo contato. Na segunda tentativa, só não obtive resposta da unidade de Vicente Pires e, por isso, juntamente com a orientadora, a retiramos do grupo inicial e decidimos incluir outras três unidades para melhor compor

o quadro a ser analisado: Guar, Taguatinga e Núcleo Bandeirante. Ao todo foram entrevistadas mulheres de sete unidades das academias *Curves* no DF.

As entrevistas foram realizadas com 34 mulheres, sendo 25 alunas e 09 profissionais, que representam o quadro empírico da pesquisa. Vale destacar que nem todas as profissionais eram necessariamente educadoras físicas. Como  delineado no perfil das participantes (próximo tpico), 03 das profissionais entrevistadas ocupavam cargos na administrao em suas respectivas unidades. Houve ainda uma entrevista não gravada e por isso não contabilizada aqui, mas devidamente registrada em diário de campo, com um homem proprietário de uma unidade *Curves*.

No que tange à escolha das unidades, cumpre observar como as 19 academias estavam distribuídas no Distrito Federal:

Tabela 2

Distribuio das Academias no Distrito Federal

	Localizao	Número de Unidades
Distrito Federal	Asa Sul	02 unidades
	Asa Norte	02 unidades
	guas Claras/Park Way	01 unidade
	Condomínios do Lago Sul	01 unidade
	Gama	01 unidade
	Guar	02 unidades
	Grande Colorado	01 unidade
	Lago Norte	01 unidade
	Lago Sul	01 unidade
	Núcleo Bandeirante	01 unidade
	Riacho Fundo	01 unidade
	Sobradinho	01 unidade
	Sudoeste	01 unidade
	Taguatinga	02 unidades
	Vicente Pires	01 unidade
TOTAL	19 unidades	

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora, a partir dos dados disponíveis no *site* da *Curves*. Brasília-DF, 2008.

De modo geral, a disseminao da prática de atividades físicas e a construo de espaços com esta destinao podem se relacionar com aspectos como o surgimento de novos padrões estéticos, com a difusão de conhecimentos acerca da saúde e, ainda, com a questão do lazer. Contextualizando historicamente o aparecimento das academias

de ginástica no Brasil, conforme observado por Netto & Novaes (1996) as academias de ginástica surgiram em meados da década de 1930, no Rio de Janeiro.

As primeiras décadas do século XX na recente capital da República são marcadas por um processo de urbanização, de modernização da cidade e também pelo aumento das preocupações com a saúde – tanto com relação aos corpos dos indivíduos, quanto com o espaço urbano. Não é de se estranhar que o registro da primeira academia de ginástica seja deste período e que tenha se instalado em Copacabana, sob a direção da Prof^a. Gretch Hillefeld (NETTO & NOVAES, 1996).

Ao longo do século XX o modelo de academia de ginástica que tem hoje foi se delineando, situando-se, especialmente, nas capitais da região Sudeste e expandindo-se a partir da década de 1950 para outras capitais e médias cidades em todo o país, até se tornar um negócio verdadeiramente lucrativo, a partir da década de 1980. Mas o que gostaria de destacar é como a prática de atividades físicas nas academias de ginástica se apresentam como um fenômeno urbano.

Em se tratando de Brasília, uma cidade moderna, planejada para ser a capital do país, referência da arquitetura e do urbanismo modernista, é possível perceber como se deu a sua construção como “[...] um lugar produto de uma concepção absolutamente racional” (NUNES, 1997, p. 15). A gestão racional é uma das características do espaço urbano, sobretudo quando tomamos como referência uma cidade planejada. De modo semelhante, a modernidade marcou os indivíduos através de seus corpos²⁷, pelo autocontrole da emoção e do inconsciente, pela sublimação da razão e repressão de seus impulsos. Desde então, assim como nas cidades, a gestão dos corpos dá-se também por processos racionais que modelam as práticas corporais, os estilos de vida e o próprio corpo em sua concretude.

A relação entre o corpo e a cidade foi objeto de reflexão de Sennett (1997) que se dedicou a desenvolver uma história das cidades através das experiências corporais

²⁷ Refletindo sobre as formas de sociabilidade juvenis e a cultura da festa brasiliense nos anos de 1990, Maria Angélica Madeira (1997, p. 258), fala a respeito das performances do corpo no espaço urbano brasiliense: “Em espaços demarcados e sob controle – bares, locais de dança, boates, clubs, galpões e instalações provisórias –, espaços com uso limitado e temporário, realizam-se espetáculos e performances que envolvem o corpo, o ritmo e a dança. [...] Reunidos nas celebrações profanas das cidades, os jovens encenam com o corpo [...] com os olhos e com os gestos, em uma ambiência musical, visual, tátil que favorece o contato e o erotismo. [...] A exibição do corpo no espaço público requer uma preparação especial que, muitas vezes, tem início nas academias, continua na escolha das roupas e dos adereços, e à noite, na festa, contribuindo para fazer ‘surgir a cena’. A estetização do corpo segue paralelamente a toda proposta de estetização da vida e dos espaços públicos performáticos das cidades, onde se olha e se é olhado, onde o corpo com seus gestos e movimentos ganha nova legibilidade no jogo das interações que ali se estabelece”.

dos indivíduos em suas diferentes configurações. O autor argumentou que cada época é caracterizada por um conjunto de experiências corporais específicas. Em seu estudo analisou como tais experiências emergem nos espaços urbanos desde o período clássico. Considerando que na Antiguidade a valorização do indivíduo se dava, também, mediante a admiração de suas formas corporais, demonstrou como a exaltação do corpo em festas e competições era parte fundamental da participação democrática nas cidades, assim como a habilidade para o uso das palavras. O adestramento dos corpos dos/das jovens tinha várias finalidades. Os rapazes deviam maximizar suas capacidades e as moças, que também eram estimuladas a se exercitar, tinham que se preparar para o parto. Como acentuado por Sennet (1997, p. 42), “o ginásio ateniense ensinava que o corpo era parte de uma coletividade maior, a *polis*, e que pertencia à cidade”.

A urbanização e o crescimento das cidades faz emergir novos modos de experiências corporais, na medida em que a difusão da ginástica – como é retomado adiante – integra o conjunto de recomendações ligadas à higiene, saúde e disciplina impostas aos corpos e às cidades. As mulheres, de um modo geral, têm uma especial preocupação com a aparência física, mas que ganha maior relevância nos espaços urbanos. Neste cenário as academias de ginástica contemporâneas ocupam um papel importante.

Analisando as práticas corporais em Brasília, Peres (2005, p. 228) destaca que apesar de Brasília ter sido inaugurada ainda na década de 1960, ou seja, anos antes da grande difusão das práticas de atividades físicas e das academias na década de 1980, “o projeto do Plano Piloto de Brasília parece ter sido encomendado pelos praticantes de caminhada e *cooper*”. Na opinião da pesquisadora, a paisagem arborizada de Brasília e os espaços livres são convidativos para a prática de caminhadas ao ar livre, sendo esta uma das poucas oportunidades da população se locomover sem o uso de seus carros.

A presença de pessoas se exercitando nos parques ou correndo pelas ruas e avenidas como no Eixão – aos domingos, em que a via é fechada para o trânsito de veículos – ou na Avenida das Nações é recorrente e já faz parte do cenário da cidade. Algo que faz lembrar o que acontece nas orlas litorâneas e o cotidiano dos calçadões em que o movimento e a exibição dos corpos compõem cenário urbano. Da mesma forma, as academias de ginástica também se espalharam por Brasília, estando presentes nas quadras, clubes, centros comerciais e *shoppings*, atendendo a todo tipo de público e oferecendo as mais diferentes modalidades.

Se o projeto arquitetônico de Brasília, ou seja, o Plano Piloto favorece a prática de caminhada e exercícios ao ar livre, o mesmo não acontece com as demais RAs do DF, que são historicamente denominadas como “Cidades Satélites”. Tal nomenclatura é utilizada para se referir às cidades periféricas²⁸ que se diferenciam significativamente das RAs de Brasília, Park Way e dos Lagos Sul e Norte. O Distrito Federal é conhecido nacionalmente por apresentar a renda *per capita* mais alta do país, além de manter uma condição privilegiada no que tange à maior disponibilidade de serviços públicos e infraestrutura, se comparado às demais Unidades Federativas – UFs. No entanto, esta condição “privilegiada” reflete uma parcela muito específica do DF porque, na realidade, há uma grande hierarquia socioeconômica entre as RAs.

Vista por dentro, a dualidade caracteriza o seu espaço: a distância entre o Plano Piloto e as satélites não pode ser medida em quilômetros. Ela é de outra ordem. É ela que nos diz sobre uma aglomeração urbana de terceiro mundo. É ela que escancara a dificuldade de interação social (NUNES, 1997, p. 15).

É importante esclarecer que atualmente existem 30 RAs em todo o DF. Mesmo desconsiderando as áreas privilegiadas de Brasília, Park Way, Sudoeste/Octogonal, Lagos Sul e Norte, onde a renda *per capita* varia de 4,9 a 10,8 salários mínimos (CODEPLAN/SEPLAN, PDAD, 2004), há grande diferença nos perfis socioeconômicos nas outras RAs (Tabela 3). A distância apontada por Nunes (1997) entre o Plano Piloto e as cidades satélites é latente e isso implica em uma série de dificuldades relativas ao acesso a locais públicos e espaços de lazer, por exemplo. Mas há também muitas diferenças entre as cidades satélites e esse foi um dos critérios que utilizei para selecionar as unidades *Curves* que fariam parte da pesquisa.

Não é minha pretensão aqui dar aprofundamento à questão da desigualdade social e econômica que marca o DF e suas RAs, mas é importante percebermos como essas diferenças podem evidenciar estilos de vida específicos com relação às práticas de culto ao corpo. Bourdieu (2008) apresenta as práticas corporais como marcadoras de distinção social, conceito por meio do qual o sociólogo traz a dimensão do estilo de vida

²⁸ Utilizo o termo periferia para me referir às Cidades Satélites considerando a distância que estão de Brasília, considerada o centro do DF. Não acredito que como acontece nas grandes cidades, seja possível defini-las como subúrbio, ainda que este termo possa ter uma interpretação dúbia no que se refere ao poder aquisitivo de seus habitantes. Admito que o tema periferia também carregue uma conotação pejorativa, mas opto por este mantendo o sentido de entorno.

como um reflexo da luta de classes impresso no plano simbólico. A distinção social em Bourdieu (2008) se remete justamente aos dispositivos de diferenciação utilizados pelos grupos dominantes para afirmarem sua distância de grupos subordinados. Relacionando as práticas corporais com as práticas de consumo vinculadas ao culto do corpo, tornou-se de extrema relevância que tentássemos identificar as semelhanças e diferenças entre as mulheres de diferentes setores do DF, no que concerne às motivações para a frequência à academia, mas também gostos alimentares e perspectivas estéticas.

Conforme os dados apresentados na I Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio – PDAD (CODEPLAN, 2004), as RAs do DF estão subdivididas em cinco grupos segundo a faixa de renda *per capita* mensal (em salários mínimos):

Tabela 3

Distribuição das RAs no Distrito Federal por renda per capita

Grupos	Regiões Administrativas	Renda per capita – SM
Grupo 1 > 4SM	RA XVI Lago Sul	10,8
	RA XXII Sudoeste/Octogonal	8,6
	RA XVIII Lago Norte	7,8
	RA I Brasília	6,8
	RA Park Way	4,9
Grupo 2 >2 até ≤ 4SM	RA X Guarã	3,3
	RA XX Águas Claras	3,1
	RA XI Cruzeiro	3,1
	RA III Taguatinga	2,5
	RA VIII Núcleo Bandeirante	2,4
	RA V Sobradinho	2,4
	RA XIX Candangolândia	2,2
Grupo 3 >1 até ≥2SM	RA XXVI Sobradinho II	1,7
	RA II Gama	1,6
	RA XVII Riacho Fundo	1,5
	RA XIV São Sebastião	1,4
	RA IX Ceilândia	1,2
	RA VII Paranoá	1,2
Grupo 4	RA XII Samambaia	1,0

>0,5 até 1 SM	RA XIII Santa Maria	0,9
	RA XV Recanto das Emas	0,9
	RA XXI Riacho Fundo II	0,9
	RA XXIII Varjão	0,8
	RA IV Brazlândia	0,8
	RA VI Planaltina	0,8
Grupo 5	RA XXV Estrutural (SCIA)	0,4
0 a 0,5SM	RA XVIII Itapoã	0,4

Fonte: PDAD –Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios/SEPLAN/CODEPLAN, Brasília, 2004. Em 2004, de acordo com a Lei nº 10.888, o salário mínimo brasileiro foi instituído em R\$ 260,00 (duzentos e sessenta reais).

Comparando os dados apresentadas na tabela acima com a distribuição da academia *Curves* no DF explicitada na Tabela 2, é possível visualizar que as academias estavam instaladas apenas nas RAs que compõem os Grupos 1, 2 e 3. Seguindo esta perspectiva, foi feita a seleção das sete unidades onde seriam buscadas as informantes da pesquisa, conforme demonstrado em realce na Tabela 3, isto é, contemplando os três grupos.

Ainda que este estudo não tenha cunho quantitativo, nem tão pouco objetivo generalizar os dados que temos como resultado da pesquisa, considero importante buscar uma maior diversidade social e econômica da população estudada que possibilite uma variabilidade dos dados para uma melhor compreensão do fenômeno em análise. Como é ressaltado por Goldemberg (2004, p 67), um/uma bom/boa pesquisador/a “[...] deve lançar mão de todos os recursos disponíveis que possam auxiliar à compreensão do problema estudado”. Isto é algo que tento perseguir durante todo o processo de construção da tese.

Assim, falando um pouco sobre as RAs onde as unidades estavam localizadas²⁹, não é um equívoco afirmar que se trata de um público bem diferenciado, se considerarmos o perfil socioeconômico da população. A própria academia, apesar de funcionar sob o modelo de franquia e por isso ter que seguir um padrão, tem essa preocupação no que se refere ao valor das mensalidades. Cada unidade na qual entrevistei alunas e professoras tinha planos diferenciados de acordo com o período

²⁹ Falo no tempo passado porque há unidades que fecharam e RAs que não mais possuem unidades *Curves*.

contratado (mensal, semestral ou anual) que variavam entre R\$ 79,00 (setenta e nove reais) e R\$ 159,00 (cento e cinquenta e nove reais), a depender da localidade.

Outros aspectos podem ser mencionados com relação às particularidades de cada RA em que busquei as unidades da academia *Curves*. Asa Norte e Lago Norte são considerados bairros de Brasília, ainda que integrem RAs diferentes. A terceira capital do Brasil, inaugurada em 21 de abril de 1960, tem o Lago Norte como um de seus setores mais nobres. O Lago Norte é uma península banhada pelo Lago Paranoá considerada um bairro de classe média alta, conhecido pela excelente qualidade de vida, além de ter o segundo maior número de piscinas por habitantes do mundo, somando-se as piscinas do Lago Sul.

Com relação às cidades satélites, em geral suas formações são marcadas por um traço comum: o alojamento de pessoas oriundas de invasões e núcleos habitacionais provisórios. Entre as cidades mais antigas estão Gama, Guará e Taguatinga. O Gama teve início com a desapropriação de fazendas do estado de Goiás a partir de 1956 e a criação da Fazenda Gama, com sede próxima à primeira residência oficial do então Presidente Juscelino Kubitschek, o Catetinho. A cidade do Gama foi inaugurada em 1960 e segundo dados do Portal do GDF, conta com mais de 138 mil habitantes. Já Taguatinga, a primeira cidade satélite do Distrito Federal foi fixada no ano de 1958 após longa negociação com habitantes da Cidade Livre que reivindicavam sua permanência naquele local. Os habitantes que aceitaram a mudança para a nova cidade foram os primeiros a residirem na cidade de Taguatinga, que foi reconhecida oficialmente apenas no ano de 1970 e hoje é um dos principais centros comerciais do DF, contando com uma população de cerca de 243.575 mil habitantes. As primeiras residências do Guará foram construídas em mutirão e os primeiros moradores chegaram lá no ano de 1969, vindos de núcleos habitacionais alternativos³⁰.

A Cidade Livre, hoje conhecida como Núcleo Bandeirante, é uma das áreas mais tradicionais de todo o DF, tendo sido um dos principais núcleos habitacionais que antecederam a inauguração da capital. Sua existência estava limitada ao período da construção de Brasília (1956-1960), e, por isso, não eram concedidos alvarás de residência àqueles que lá residiam. Tinha objetivo comercial e visava incentivar a migração de comerciantes com a isenção de impostos, além de ser um pólo

³⁰ As informações que seguem acerca da constituição das chamadas Cidades Satélites foram retiradas do site Secretaria de Turismo do Distrito Federal, disponível em < <http://www.setur.df.gov.br/>>, acessado em 13 de agosto de 2010.

administrativo em que eram recrutados os operários que trabalhariam nas obras da construção de Brasília. Com o fim das obras e a previsão de desmontagem da Cidade Livre, houve tentativas de transferência dos moradores para as cidades satélites de Taguatinga e Gama, mas uma parte significativa de seus habitantes negou-se a mudar e organizou o Movimento Pró-Fixação e Urbanização do Núcleo Bandeirante – MPFUNB, que obteve vitória com a fixação da cidade em junho de 1961, por meio da Lei 4.020.

Entre as cidades mais novas, há o Riacho Fundo, que entre tantas outras RAs do DF, foi criado no ano de 1990 a partir de um programa de erradicação das invasões da periferia da capital. Tratava-se de um programa de assentamento voltado para moradores do antigo Acampamento da Telebrásília, localizado no final da Asa Sul, às margens do Lago Paranoá. Seguidamente, no ano de 1994, a área do Riacho Fundo foi dividida com a criação do Riacho Fundo II, uma nova RA emancipada no ano de 2003, e que não fez parte de nossa pesquisa.

Diante desta breve apresentação de todas as RAs nas quais foram selecionadas as unidades *Curves*, é possível visualizar o mapa do DF destacando as referidas RAs:

Figura 2

Mapa do DF com as RAs em que foram selecionadas as academias em destaque.



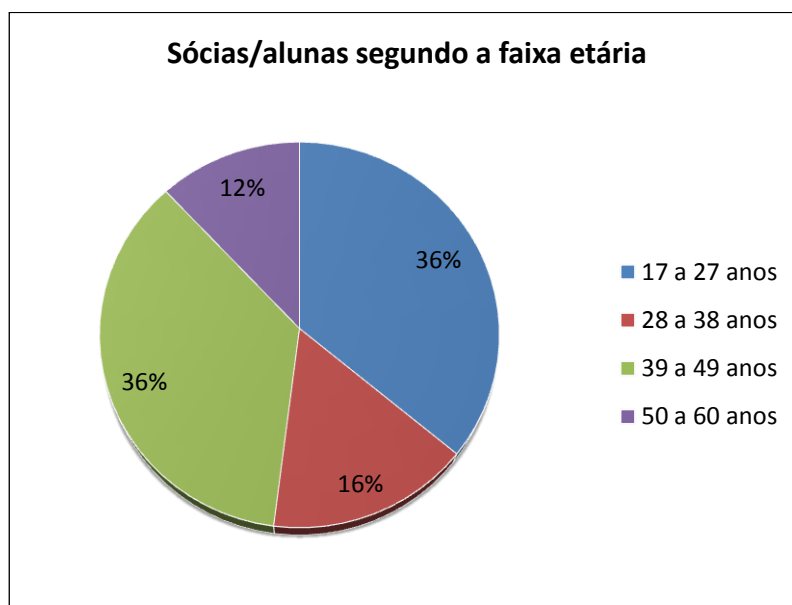
Fonte: Secretaria de Turismo do Distrito Federal. Disponível em <http://www.setur.df.gov.br>. Grifo nosso.

2.2.3 Perfil das participantes

Conforme explicitado no tópico anterior acerca da caracterização do cenário de coleta de dados, foram entrevistadas 34 mulheres, entre alunas e profissionais das unidades da academia *Curves* segundo os critérios já descritos. Apesar de o recorte espacial baseado nas RAs do DF já indicar elementos que evidenciam o perfil socioeconômico das mulheres que participariam da pesquisa – por exemplo, com relação ao poder aquisitivo –, a sistematização dos dados coletados mediante as entrevistas veio a complementar a compreensão do perfil das mulheres informantes no presente estudo.

É importante ressaltar que descrever e analisar o perfil das alunas e profissionais da academia *Curves* não é o objetivo central desta tese. Trata-se apenas de contextualizar melhor o campo pesquisado.. Esta foi uma preocupação presente desde a construção dos roteiros e apresenta-se como parte importante para que se possa situar o fenômeno do culto ao corpo e à magreza com as práticas corporais das entrevistadas.

Os indicadores que fizeram parte do roteiro e são trabalhados neste tópico foram divididos em dois blocos. O primeiro com direcionamento socioeconômico em que foram sistematizados os seguintes indicadores: idade, estado civil, escolaridade, filhos/as, atividade profissional e profissão. O segundo bloco relativo às práticas e características corporais: consumo de alimentos *diet/light*, submissão à cirurgia plástica, dietas, frequência em outras academias, altura, peso e satisfação com o peso atual. Os primeiros indicadores analisados serão relativos às alunas entrevistadas.

Gráfico 1*Faixa etária das alunas entrevistadas.*

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Com relação à faixa etária, é possível perceber a partir da leitura do Gráfico 1 que o grupo menos representativo é o de mulheres na faixa de 50 a 60 anos (equivalente a 12%), seguido do grupo da faixa entre 28 a 38 anos (com 16%). Empatados em representatividade de 36% da amostra entrevistada, estão os grupos de mulheres nas faixas entre 17 a 27 anos e 39 a 49 anos.

Não é o caso aqui de afirmar que este é um perfil representativo das alunas da *Curves* no DF, até porque a seleção da amostra da pesquisa não visava este objetivo. Mas é interessante observar que, considerando o discurso de *marketing* da academia acerca de seu direcionamento às mulheres mais maduras, que trabalham e não têm tempo para se exercitarem, entre as entrevistadas há tanto jovens mulheres que são dependentes economicamente de seus pais e com maior disponibilidade de tempo livre, como mulheres maduras e economicamente ativas.

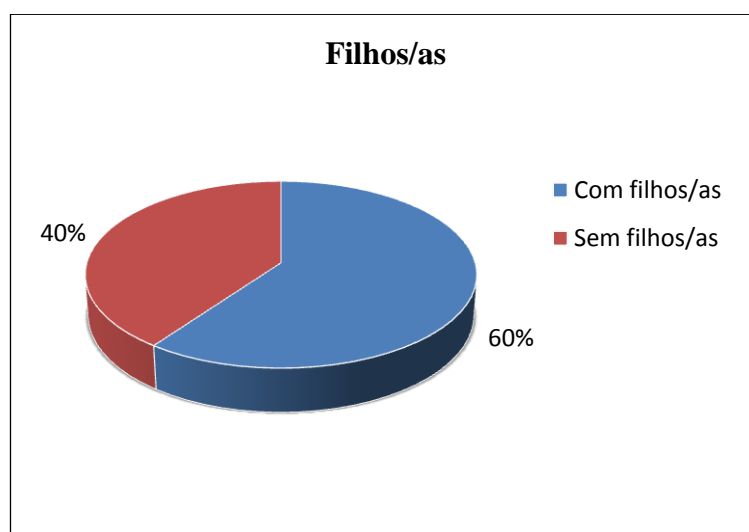
A presença de mulheres na faixa de idade entre 50 e 60 anos, ainda que pequena, traz à luz a difusão da preocupação com o corpo ultrapassando as gerações. Este é um aspecto que merece destaque porque nem todas essas mulheres buscaram a atividade física por uma questão da saúde. Apesar da participação de mulheres nessa faixa etária ter sido pequena, há entrevistadas que justificam o ingresso à academia por

opção de socialização e lazer ou mesmo para emagrecer, sem necessariamente relacionar de forma explícita o emagrecimento com a dimensão da saúde ou da estética.

É interessante observar também a representatividade de mulheres na faixa entre 17 e 27 anos, pois estas compõem, geralmente, a maioria entre as frequentadoras das academias mistas. Em diversos momentos das entrevistas foi falado que a presença de jovens mulheres, consideradas “saradas” e vestidas com roupas coladas seria um problema, como algo que traz algum tipo de inquietação ou incômodo nas academias convencionais. Contudo, a presença de mulheres que têm mais de 30 anos de idade é a mais significativa e coincide com o que foi relatado pelas profissionais entrevistadas. Este aspecto pode ser relacionado, ainda, com a maternidade já que muitas mulheres evidenciaram uma insatisfação e maior preocupação com o corpo após a chegada dos/das filhos/as.

Gráfico 2

Distribuição das alunas com filhos/as



Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Sabe-se que, contemporaneamente, frente às mudanças nas relações e nos arranjos familiares e de gênero, as mulheres têm adiado a maternidade em nome de outros projetos pessoais. Com o advento da modernidade, consolidou-se uma relação entre o modelo de feminilidade e a condição materna, instaurando-se uma “[...] ideologia que passou a exaltar o papel da mulher como mãe, atribuindo-lhe todos os deveres e obrigações na criação do(da)s filho(a)s e limitando a função social feminina à

realização da maternidade” (SCAVONE, 2001a, p. 49). Tal modelo refere-se ao que Giddens (1993) denomina como a “invenção da maternidade” que emerge no final do século XVIII e será alvo da crítica feminista que buscou evidenciar as possibilidades de “tomada de consciência das mulheres na construção de uma escolha reflexiva da maternidade” (SCAVONE, 2001a, p. 53).

A opção pela maternidade que permanece como um direito de escolha reivindicado pelo feminismo³¹, é uma questão contemporânea e vem sendo vivenciada por mulheres sobretudo nos países industrializados. Nesta perspectiva, vale ressaltar o impacto do avanço das tecnologias reprodutivas (TR) que têm uma implicação com a realização ou não da maternidade. Ao pensar a maternidade na era tecnológica, Scavone (2001b) demonstra o caráter reflexivo da escolha da maternidade relacionado ao uso das TR, em que não querendo filhos/as as mulheres se utilizam das tecnologias contraceptivas, ao decidirem tê-los/as optam por uma cirurgia cesariana para o nascimento, além de recorrerem às tecnologias conceptivas quando não podem concebê-los/as naturalmente. No que concerne à escolha da maternidade e a queda da natalidade no Brasil, a autora acrescenta que:

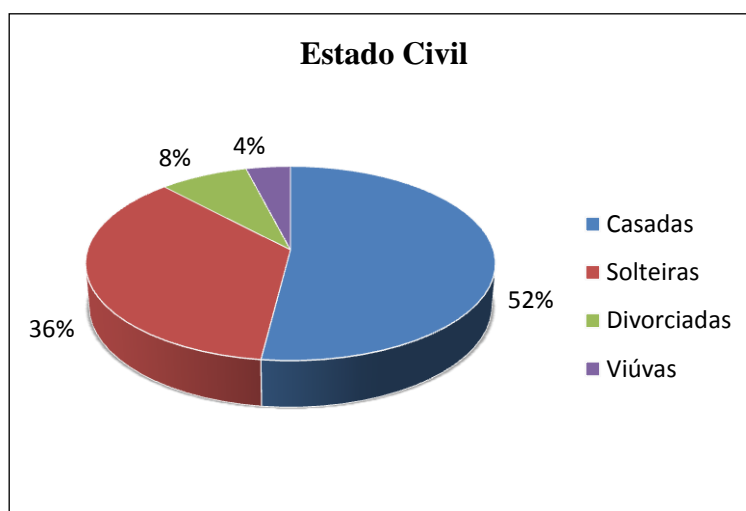
As mulheres brasileiras entraram no modelo de família moderno pela via de uma recusa definitiva da maternidade. A queda abrupta da natalidade foi um dos grandes impactos dos últimos anos na mudança de padrão de maternidade no país — o número de filho/as por mulher passou de 4,5 em 1980 para 2,5 em 1996 — por meio de uma intensa política de controle demográfico, com a generalização abusiva da esterilização feminina. Se a maioria delas ainda têm seus filho(a)s na faixa etária jovem, elas também interrompem *definitivamente a opção da maternidade* cada vez mais jovens e até com poucos filho(a)s. De fato, 24,3% das mulheres brasileiras esterilizadas têm entre 20-29 anos e 24% do total de mulheres esterilizadas, têm dois filho(a)s e 3% um filho(a). Também já foi observado um recuo na decisão do primeiro filho: no Estado de São Paulo, 58,4% das mulheres têm filho(a)s entre 20-29 anos; 6,5% têm filho(a)s entre 35-39 anos. Estas últimas são mulheres profissionais que esperam primeiro alcançar uma estabilidade e independência financeira, para depois realizar a maternidade (2001b, p. 144).

³¹ Vê-se, por exemplo, como o direito ao aborto é negado em vários países e no Brasil, legalmente, apenas é permitido em casos de violência sexual ou risco de morte da mãe. Além disso, mesmo nos casos em que é permitido por Lei, muitas mulheres têm o seu direito negado na prática médica ou em função da demora da justiça em autorizar o procedimento e da exigência da notificação judicial para realizar o aborto por parte dos profissionais.

Os dados apresentados por Scavone (2001b) referem-se à década de 1990. A porcentagem de mulheres com filhos/as entre as alunas, conforme apresentado no Gráfico nº 2, é de 60%. Se forem comparados os dados apresentados por Scavone no que tange à faixa etária em que as mulheres optam em ter o/a primeiro/a filho/a com as informações coletadas a partir das entrevistas, é possível identificar uma tendência de que as mulheres optem em ter filhos/as mais tarde³². No universo das alunas com filhos/as, apenas uma das entrevistadas teve o/a primeiro/a filho/a na faixa etária entre 17 e 27 anos. As demais optaram pelo primeiro/a filho/a na faixa entre 28 e 38 anos de idade. Além disso, todas as entrevistadas com filhos/as são casadas ou estavam casadas quando os/as conceberam.

Gráfico 3

Estado civil das alunas.



Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Entre os indicadores buscados, na apresentação das perguntas do roteiro foi perguntado sobre o estado civil das entrevistadas. Quando afirmavam ser solteiras, foi questionado se tinham companheiro. Deste modo, o conjunto das alunas casadas que

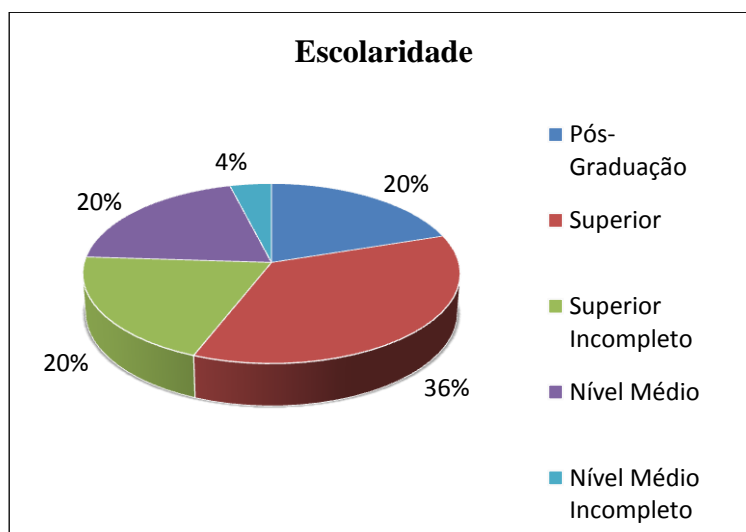
³² Vieira (2008), em sua tese de doutorado *As tecnologias de reprodução: discursos sobre maternidade e paternidade no campo da reprodução assistida no Brasil*, se refere ao dilema de mulheres que “adiam” a maternidade considerando a realização profissional e a estabilidade financeira, buscando um momento “ideal” para terem o/a primeiro/a filho/a, o que leva, eventualmente, a problemas de infertilidade e procura das novas tecnologias de reprodução assistida. Citando pesquisa de Ribeiro *et al* (2007, citado por Vieira, 2007), aponta que a maioria das mulheres que aguardavam para ovorecepção no Hospital Regional da Asa Sul no Distrito Federal, concentrava-se na faixa etária de 40 a 49 anos.

corresponde a 52% das entrevistadas também é composto por mulheres que vivem com seus companheiros, independentemente de ter se casado oficialmente no cartório ou de ter feito qualquer tipo de registro.

Além disso, há uma aluna que se apresentou como casada com outra mulher. Esta situação, especificamente, foi bem interessante uma vez que os temas relacionados à sexualidade foram recorrentes durante as entrevistas. Contudo, vinculavam-se à expectativa de uma vivência sexual satisfatória com os maridos/companheiros, mediada pela remodelação do corpo e emagrecimento, ou ainda, com o fato de terem tido filhos/as. Não era o caso, entretanto, desta aluna que vivia com sua companheira, o que revelou uma perspectiva significativamente diferente acerca da sexualidade e suas implicações com as práticas de culto ao corpo. Tanto a questão da maternidade como da sexualidade são retomadas ao longo da tese.

Gráfico 4

Distribuição das alunas entrevistadas por nível de escolaridade.



Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

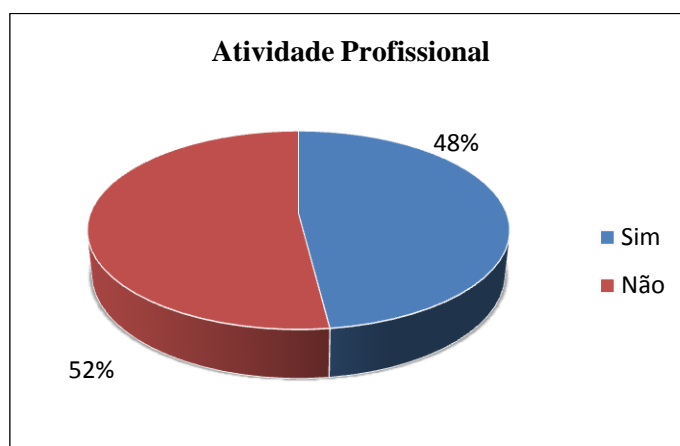
No que concerne ao nível de escolaridade, 20% das mulheres possuíam pós-graduação, 20% tinham nível superior e 36% estavam cursando a graduação. Considerando a soma destes dados, entre as participantes 76% de mulheres tiveram acesso ao nível superior, o que pode indicar que a maior parte das alunas entrevistadas pertence às classes média e média alta, ainda que estejam distribuídas em diferentes regiões do DF.

Além disso, sabe-se que no Brasil o acesso ao nível superior ocorre em média a partir dos 18 anos de idade. Sendo assim, o fato de parte representativa de mulheres ter nível superior pode também ser relacionado à faixa etária, já que entre todas as entrevistadas apenas duas mulheres tinham menos de 20 anos de idade. Uma delas estava matriculada em um curso pré-vestibular e a outra ainda cursava o ensino médio, evidenciando a possibilidade de acesso ao nível superior futuramente.

Comparando a porcentagem das entrevistadas com nível médio de 20% com os dados relativos à faixa etária, é possível identificar dois grupos etários com características particulares: parte das mulheres que integram o grupo de 17 a 27 anos revelou não ter continuado os estudos superiores por não terem condições financeiras de pagar uma faculdade particular; a segunda compreende o grupo de 39 a 49 anos e ao serem questionadas sobre a continuidade dos estudos, relataram que não tinham tempo para isso em função do trabalho doméstico e/ou dos filhos/as ou não tinham interesse em se dedicar a outras atividades fora do ambiente doméstico.

Gráfico 5

Distribuição das alunas que exercem atividade profissional



Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Do total de alunas entrevistadas, 52% das mulheres não exercem atividades profissionais, o que, em contraposição aos dados relativos à escolaridade, evidencia que, mesmo com acesso ao nível superior, há em torno de 42% de mulheres com graduação completa ou em andamento que não trabalha. Entre estas, há um equilíbrio equitativo com relação ao estado civil, ou seja, há mulheres casadas e solteiras cursando o grau superior ou com nível superior completo que não exercem atividade profissional. No

entanto, considerando as faixas etárias apresentadas, no grupo das que não trabalham com acesso ao nível superior a maior parte das mulheres tem entre 17 e 27 anos. Somente duas mulheres têm mais de 30 anos e uma mais de 50 que não trabalha por ser aposentada.

No grupo pesquisado, 48% exercem atividade profissional, conforme demonstrado no Gráfico 5, o que frente à análise dos dados relativos à escolaridade demonstra uma significativa relação entre o acesso ao nível superior e a inserção no mercado de trabalho. Apenas uma das entrevistadas que trabalha tem nível médio, enquanto as demais possuem nível superior, exceto uma que ainda está cursando³³. O grupo das entrevistadas que trabalham também traz uma característica referente ao estado civil: cerca de 60% das entrevistadas que exercem atividade profissional são casadas, enquanto que apenas 16% são solteiras.

Entre as profissões declaradas foram citadas as de: funcionária pública, professora, secretária, prestadora de serviços e advogada. A maior parte das entrevistadas apresentou-se ou como funcionária pública ou como professora, sendo este o grupo que detêm além da graduação, o nível de pós-graduação completo.

É interessante observar os aspectos alusivos à escolaridade e à atividade profissional com relação às práticas de culto ao corpo e à magreza que estão essencialmente implicadas com a dimensão do consumo. Considerando a categorização desenvolvida sobre as dimensões do culto ao corpo, ou seja, as práticas estéticas, alimentares e interventivas, pode-se dizer que para que sejam concretizadas faz-se necessário um nível de poder aquisitivo que permita consumir determinados produtos e serviços. Por isso, é interessante perceber a representatividade das alunas entrevistadas com relação a tais dimensões.

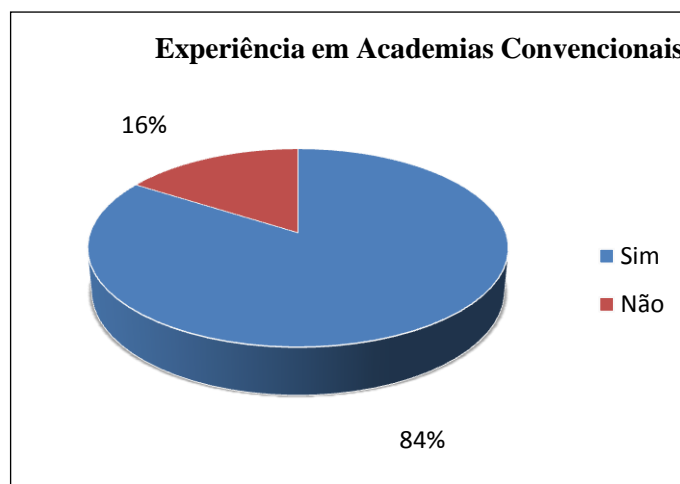
Já se sabe que todas são alunas da academia *Curves* e mensalmente desembolsam um valor que varia entre R\$ 79,00 (setenta e nove reais) e R\$ 159,00 (cento e cinquenta e nove reais), a depender do plano de pagamento escolhido. Buscando a compreensão das trajetórias das alunas com relação às práticas estéticas, foi perguntado se já tinham frequentado outras academias. Considerando que nos anos de 2007 e 2008 (em que os dados foram coletados), o valor do salário mínimo foi de R\$ 380,00 (trezentos e oitenta reais) e R\$ 415,00 (quatrocentos e quinze reais),

³³ Pela data da entrevista, é bem provável que atualmente a citada entrevistada já tenha se formado.

respectivamente, o total desembolsado para os gastos com a academia variaram entre 20% e 40% aproximadamente.

Gráfico 6

Experiência anterior das alunas em academias convencionais.

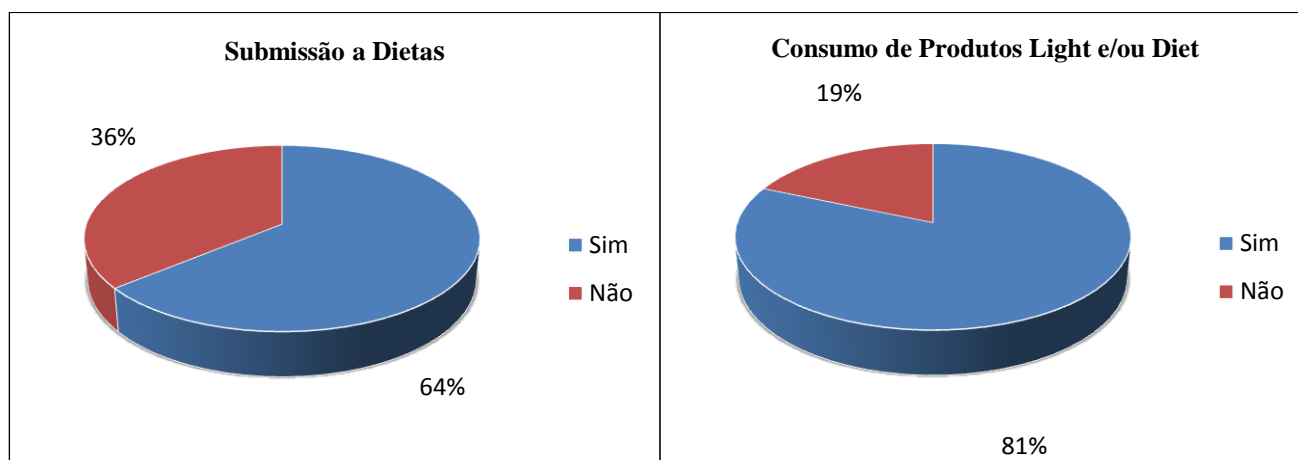


Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Como é evidenciado no Gráfico 6, é grande a representatividade de alunas que já frequentavam academias mistas e convencionais, antes de buscarem uma academia exclusivamente de mulheres. Apenas 16% das alunas entrevistadas não tinham experiência anterior em academia, sendo que uma delas, por ser a mais jovem das entrevistadas com 17 anos, se dedicava aos esportes oferecidos nas escolas em que estudou.

Retornando aos dados sobre escolaridade e inserção no mercado de trabalho, é possível inferir das informações encontradas que mesmo as mulheres que não exercem atividade profissional – e não têm renda própria – podem pagar para se exercitarem em academias. Utilizando-se da flexibilidade do roteiro da entrevista, foi perguntado a este grupo quem pagava a academia e a maior parte delas respondeu que era ou o marido ou a mãe.

Dando continuidade a esta primeira visualização das dimensões do culto ao corpo estabelecidas neste estudo, com relação à submissão a dietas e ao consumo de alimentos de baixa caloria ou sem açúcar, ou seja, produtos *light* e *diet* que aqui representam as práticas alimentares, foram encontradas as seguintes informações:

Gráfico 7*Alunas que se submeteram a dietas.*

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

No universo das alunas, 64% das entrevistadas já tinham feito algum tipo de dieta e neste conjunto pouco mais que a metade afirmou estar de dieta no momento da entrevista. Além disso, é interessante mencionar que, entre as que estavam de dieta, mais de 60% fazia a dieta por iniciativa própria, ou seja, sem qualquer recomendação ou acompanhamento médico. Em geral, as principais fontes de informação buscadas pelas entrevistadas sobre as opções de dietas são revistas específicas sobre cuidados com o corpo e *internet*³⁴, o que demonstra a potencialidade da “[...] mídia como agente difusor do culto ao corpo como tendência de comportamento”, conforme é explicitado por Castro (2003, p. 18).

Há ainda entre as alunas entrevistadas, aquelas que seguem dietas por recomendação médica devido a problemas de pressão alta e diabetes. Ressalto, no entanto, que o caso específico de uma das entrevistadas chamou a minha atenção por ser a única que estava de dieta por recomendação médica para engordar e não emagrecer. A jovem que me refiro, que também tinha a mãe como aluna na mesma academia, havia sido internada por sofrer de transtornos alimentares. Naquele momento, recuperada da internação, já tinha ganhado peso e precisava ganhar massa muscular. Sua trajetória destoava de todas aquelas mulheres que buscavam emagrecer, mas durante a entrevista ela deixou muito clara a sua insatisfação com a dieta super calórica recomendada pelo/a

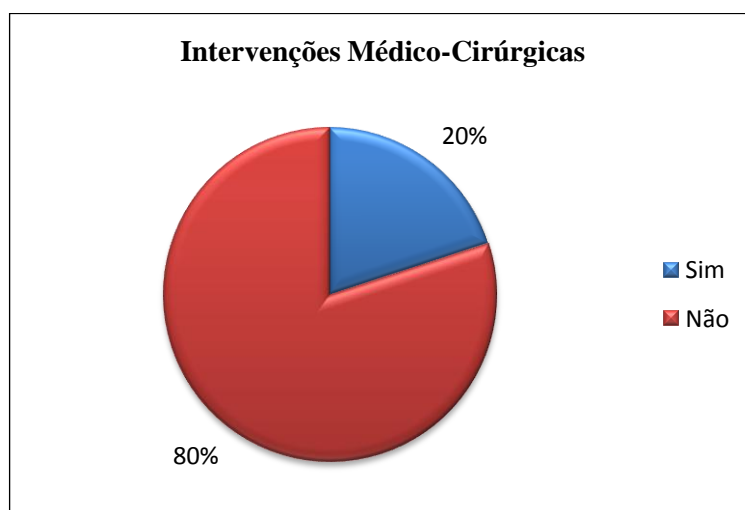
³⁴ Posteriormente farei uma abordagem sobre a relação entre o discurso midiático e as dimensões do culto ao corpo.

médico/a e com o direcionamento dos exercícios que fazia em busca de massa muscular.³⁵

As alunas que responderam negativamente se já tinham feito ou estavam de dieta tiveram uma representatividade de 36%. Vale frisar que, comparando os dois gráficos acima apresentados, há uma discrepância entre o número de alunas que fazem ou fizeram dietas e os dados referentes ao consumo de produtos de baixa caloria ou sem açúcar. Cerca de metade das mulheres que afirmaram nunca terem feito dietas, consomem produtos *light* e *diet* com frequência, o que pode ser inferido da leitura do Gráfico 8 que, se comparado ao Gráfico 7, apresenta um aumento de quase 20% no que se refere às dietas. Tendo em vista que a pessoa tem o hábito de consumir alimentos de baixa caloria, pode-se presumir que está de dieta, mesmo que não afirme isso explicitamente. Neste sentido, 81% das alunas entrevistadas demonstraram estar de dieta com o objetivo de emagrecimento ou manutenção do peso, exceto pelo caso descrito no parágrafo anterior.

Gráfico 9

Alunas que se submeteram a cirurgias plásticas e outras intervenções



Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

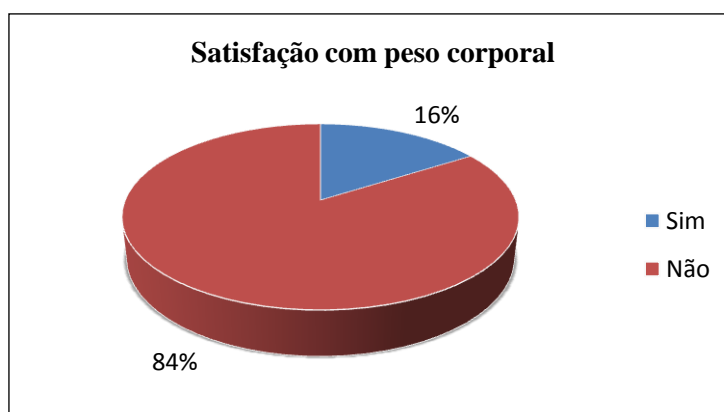
³⁵ O inusitado encontro com esta jovem teve grande importância para as minhas reflexões sobre as questões do presente estudo. Há alguns anos atrás, me dediquei ao estudo das comunidades virtuais das "Anas" – jovens meninas que defendiam a anorexia como estilo de vida – e os meus dados apenas baseavam-se no que era escrito por elas nos *blogs*, páginas pessoais e comunidades na *internet*. Esta foi a primeira vez que pude conversar pessoalmente com uma jovem que sofria de transtornos alimentares, já em recuperação, mas que não se preocupou em deixar transparecer o seu desejo mais profundo de se tornar cada vez mais magra.

A terceira dimensão das práticas de culto ao corpo e à magreza tal qual foi adotada na presente pesquisa refere-se às intervenções médico-cirúrgicas, conforme já foi explicitado. As cirurgias plásticas que inicialmente eram praticadas para corrigir ou remediar deformidades, com a propagação da idéia de reconstrução do corpo belo associada ao alcance de um bem-estar e o avanço das tecnologias, foram gradativamente tornando-se realizadoras “[...] das estratégias instrumentais de manutenção do corpo considerado veículo do prazer e da auto-expressão, corpo produzido por uma sociedade individualista e racionalizante [...]” (SABINO, 2002, p. 149).

No universo das alunas entrevistadas, foi pequena a representatividade das que já tinham se submetido a algum tipo de cirurgia plástica ou outra intervenção médica – apenas 20%. Contudo, no conjunto de 80% das entrevistadas que responderam negativamente à questão, quase 90% delas afirmaram o desejo de fazer algum tipo de procedimento. Mais à frente este assunto será retomado, por enquanto adiante que parte delas não fez ainda por razões financeiras ou por não terem coragem de enfrentar uma cirurgia. O desejo pelas cirurgias plásticas pode ser analisado a partir de uma comparação com o gráfico a seguir, referente à satisfação com o peso.

Gráfico 10

Satisfação das alunas com o peso corporal



Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Como é possível perceber, a porcentagem de alunas não satisfeitas com o peso, 84%, é bem próxima da porcentagem de mulheres que, apesar de nunca terem feito cirurgia plástica, revelaram o desejo de fazê-la. Da mesma forma com relação ao número de alunas que afirmaram consumir produtos *light e diet* frequentemente, o que

pode ser uma evidência da hipótese central do presente estudo acerca do culto ao corpo e à magreza como estilo de vida entre as mulheres.

Os dados apresentados até aqui evidenciam o quanto a amostra foi interessante e pertinente para a presente pesquisa. Nos próximos capítulos concernentes à análise de dados, é retomada parte das informações apresentadas aqui. Ainda com a pretensão de traçar um perfil do conjunto da amostra, faz-se necessário tecer esclarecimentos sobre o grupo de profissionais entrevistadas.

A decisão em entrevistar também as profissionais foi tomada por duas razões principalmente. A primeira relacionada com as motivações das mulheres para frequentarem academias e buscarem o emagrecimento. Como são as profissionais que lidam diariamente com as alunas, que fazem as avaliações e as acompanham no circuito, considereei que estas poderiam auxiliar na compreensão das ações das alunas. Além disso, a academia *Curves*, como cenário de coleta de dados, com suas especificidades no que tange ao público para o qual se direciona – apenas de mulheres – e por representar um fenômeno relativamente novo em matéria de *fitness*, ainda que não seja o objeto central deste estudo, também foi alvo de reflexão. E para que pudesse conhecer a academia não apenas pelo *site* e através de minhas observações em campo, ter acesso aos discursos das profissionais foi a forma encontrada para enriquecer tal entendimento.

O total de profissionais entrevistadas foi 9 (nove), entre educadoras físicas formadas e estagiárias com o curso de educação física em andamento. Como já foi citado anteriormente, além das entrevistas gravadas com as professoras, um proprietário de uma das unidades também foi entrevistado e os dados foram registrados em diário de campo³⁶. A oportunidade de conversar com um homem sobre a academia de mulheres se revelou bem interessante, tanto no que concerne à compreensão dos propósitos da academia, quanto com relação às motivações das mulheres e ao debate sobre a questão da magreza. Oportunamente, os dados referentes a esta entrevista serão retomados. Nos próximos parágrafos me deterei ao perfil das profissionais entrevistadas.

Com relação à faixa etária, a mais nova das profissionais entrevistadas tinha 21 anos e a mais velha 38 anos de idade. Esta foi a única profissional com idade acima dos 30 anos. As demais profissionais tinham idade entre 21 e 27 anos. No que tange ao estado civil, todas se declararam solteiras, vivendo com a família ou sozinhas, exceto a

³⁶ Para que não seja feita a identificação do proprietário, também não será mencionada a unidade *Curves* em que ele é o dono.

profissional de idade mais avançada que afirmou ser divorciada e viver com o namorado.

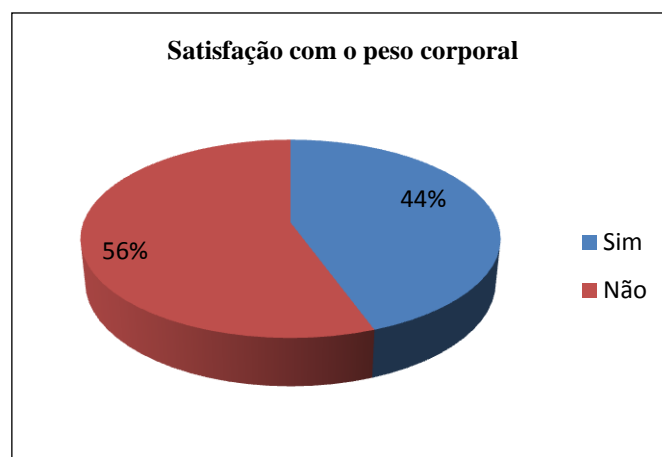
Um ponto que merece destaque está relacionado com o tempo de trabalho na *Curves*. No universo das profissionais, apenas uma das entrevistadas tinha pouco tempo de trabalho na *Curves* – 1 mês. Entre as outras, o tempo de trabalho variou entre 8 meses e 2 anos. Este foi um quadro interessante, na medida em que quanto mais tempo de trabalho tivesse a profissional, mais informações ela poderia oferecer sobre a academia e suas alunas. Para a seleção das profissionais entrevistadas não foi utilizado nenhum critério, elas apenas eram convidadas a participar naquele horário em que eu estava na academia e que elas estivessem mais disponíveis para tal.

É interessante, destacar, ainda o fato de a maior parte delas já ter experiência anterior de trabalho e/ou estágio (para aquelas que ainda não tinham se formado) em academias convencionais, ou seja, academias mistas em que estão matriculados homens e mulheres. Esta característica foi aproveitada durante a entrevista na tentativa de traçar uma análise comparativa entre as academias convencionais e as academias de mulheres, e buscar o perfil das mulheres que praticam exercícios físicos nos dois tipos de academias.

Assim como no roteiro dirigido às alunas, também foi perguntado às profissionais o peso, a altura e a satisfação com o peso. Estas questões serão retomadas posteriormente. Contudo, apenas para efeito de comparação com o Gráfico 10 sobre a satisfação das alunas com o peso corporal, apresento a seguir a satisfação das profissionais com o peso:

Gráfico 11

Satisfação das profissionais com o peso corporal.

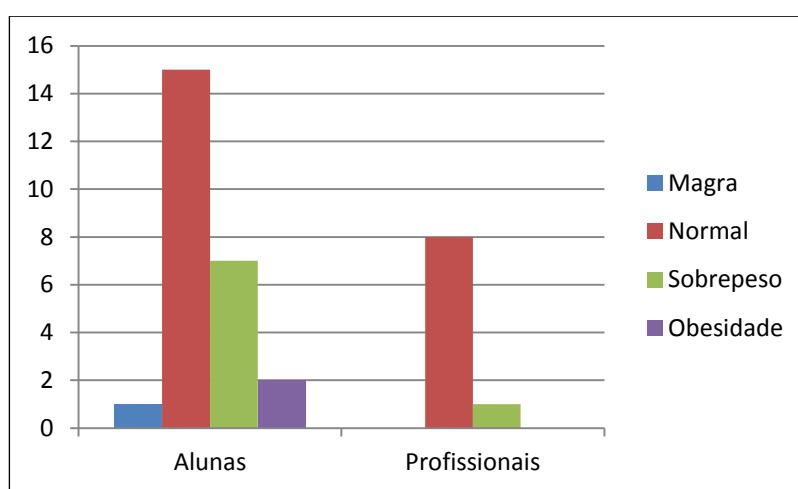


Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Comparando a satisfação com o peso corporal entre alunas e professoras, em ambos os casos a porcentagem de insatisfação com o corpo é significativa. Entre as alunas o índice foi superior a 80% e entre as profissionais chegou a 56%. Para que tal satisfação seja melhor problematizada, ressalto que com as informações sobre peso e altura é possível calcular o Índice de Massa Corporal – IMC e chegar a um “diagnóstico” de peso magro, normal, excessivo ou escalas de obesidade (pré-obeso, obeso classe I, II ou III).

Gráfico 12

Comparativo de IMC entre alunas e profissionais.



Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Embora não se trate aqui de desenvolver um estudo de cunho antropométrico, o IMC é amplamente utilizado para avaliação de peso corporal por médicos/a, nutricionistas e profissionais da educação física que atuam em academias de ginástica. Mesmo as academias mais simples, que não possuem equipamentos computadorizados e outros instrumentos que mensuram gordura corporal, utilizam-se do IMC para avaliar seus/suas alunos/as. Diante disso, a visualização do IMC das entrevistadas pode proporcionar uma visão mais completa sobre dois aspectos principalmente: a real necessidade de emagrecimento (quando se restringe à dimensão da saúde) e a satisfação com o peso corporal.

Considerando que o conceito de estilo de vida está relacionado com opções que a pessoa pode ou não fazer em um determinado sentido, a ideia de que se difundiu o culto à magreza como estilo de vida entre as mulheres implica, justamente, com essa

escolha. Quando se trata de uma pessoa que é diagnosticada com sobrepeso ou obesidade em qualquer grau, há um “consenso” de que esta deva emagrecer por uma questão de saúde. Em outras situações, quando a pessoa tem um peso considerado adequado, por exemplo, a partir do IMC, e busca o emagrecimento apenas por razões estéticas, trata-se de uma escolha com motivação significativamente diferente. Aqui, pode-se estabelecer uma ligação com a satisfação ou não com o peso corporal.

Obviamente, que a pessoa considerada obesa pode também se sentir insatisfeita com o peso corporal, ainda que seja motivada pela dimensão da saúde, pelos problemas que o excesso de peso pode lhe trazer. A satisfação com o peso corporal pode estar relacionada com a saúde, mas não necessariamente. A insatisfação com o peso que motiva a pessoa a adotar práticas voltadas para o emagrecimento pode ter diversas outras motivações. Mas o que gostaria de observar a partir da leitura do Gráfico 12, é que parte significativamente maior das alunas e profissionais entrevistadas estão enquadrada no IMC considerado Normal, ou seja, entre 18,5 e 24,9, o que por si só não evidencia necessidade de emagrecimento.

Comparando estas informações com os índices de satisfação com o peso corporal, de acordo com os Gráficos 10 e 11, 56% das profissionais e 84% das alunas demonstraram insatisfação com o peso e o objetivo de emagrecer. No entanto, entre as 25 alunas que compuseram a amostra, apenas 07 (sete) podem ser consideradas com Sobrepeso e apenas 2 (duas) com Obesidade. Entre as profissionais a situação ainda é mais curiosa, apenas 1 (uma) delas estaria com Sobrepeso e mesmo assim mais da metade acha que deve emagrecer.

A relação entre a satisfação com o peso corporal e as práticas de culto à magreza é um dos pontos analisados nos próximos capítulos. O roteiro de entrevistas possibilitou que fossem levantadas informações sobre hábitos alimentares, práticas de consumo alimentares, tipos de dieta e fontes de informações sobre dietas, hábitos familiares relativos à prática de atividades físicas, entre outros aspectos que irão fundamentar tal análise. Um dos caminhos apontados pelas entrevistadas é a vinculação entre satisfação com o peso corporal e a felicidade. Tal relação é alvo de uma intensa reflexão na análise dos dados, no sentido de corroborar a hipótese da presente pesquisa sobre as práticas de culto ao corpo e à magreza como estilo de vida entre as mulheres.

2.2.4 *Por uma análise dos discursos*

Ainda que o percurso escolhido na busca da compreensão do fenômeno do culto ao corpo e à magreza entre as mulheres tenha sido o enfoque sobre as práticas, não seria suficientemente viável, do meu ponto de vista, apenas observar as práticas das mulheres nas academias, por exemplo. Por isso foram desenvolvidos os roteiros de entrevistas, para que fosse possível conhecer as motivações dessas mulheres, suas inquietações e razões para praticarem ações enquadradas no que foi denominado aqui como culto ao corpo. Esta foi uma iniciativa que permitiu conhecer os discursos das mulheres sobre suas corporeidades, os contrapondo ao que é cotidianamente apresentado pelos discursos midiático, médico, publicitário, entre outros.

Considero este um passo importante na medida em que o recorte de um problema de pesquisa é feito a partir de um conhecimento prévio do/da pesquisador/a sobre o assunto, que comumente é construído por uma revisão bibliográfica, mas sobretudo, quando se pensa o social, também é moldado pelos diferentes discursos que instituem normas e padrões de comportamento e de sociabilidades. Na sociedade contemporânea em que há uma grande circulação de informações possibilitada, principalmente, pelo avanço das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), o discurso midiático, por exemplo, tem grande influência sobre os modos de uso do corpo. Tamanha grandiosidade se deve, entre outras coisas, ao fato de o discurso midiático “falar” não apenas por si só, mas ser o “porta-voz” de outros discursos como o médico ou o religioso.

Neste direcionamento, não é raro que o primeiro contato do/da pesquisador/a com seu futuro objeto de pesquisa seja mediado pelo discurso midiático. No caso específico desse trabalho, friso que os discursos sobre a corporeidade das mulheres, apresentados pela mídia, em suas diferentes esferas, tiveram grande influência para chamar a minha atenção sobre a questão do culto ao corpo. Cite-se, por exemplo, além da frequente exposição do corpo feminino na mídia, a quantidade de programas televisivos que abordam o tema ditando as melhores formas de se alimentar, de se exercitar, de se manter jovem ou até exibindo cirurgias plásticas. Frente à relevância da problemática em questão, ao longo da tese, os novos critérios de alimentação natural e

de biossociabilidades, associados, eventualmente, ao surgimento de novas patologias, como a ortorexia³⁷, são abordados e relacionados com os dados levantados na pesquisa.

Sobrepondo-se a esta dimensão do discurso midiático que desde o início fez parte da construção da pesquisa, durante as entrevistas era frequente que as mulheres relacionassem as diferentes dimensões midiáticas com os padrões de beleza, saúde, sucesso e bem-estar. Revistas dirigidas à temática do corpo e saúde foram apontadas como fonte de receitas de dietas. Outras revistas semanais que abordam temas variados também foram evidenciadas como “manuais” para manutenção da saúde e do bem-estar. Além destas, artistas reconhecidas como celebridades nacionais foram mencionadas como símbolos de beleza e sucesso, sobretudo pelo êxito no alcance de um corpo magro, por exemplo, após uma gravidez. Com tais elementos apresentados pelas entrevistadas, a pesquisadora buscou observar as revistas citadas para confrontar com os discursos das entrevistadas.

Frente ao exposto, para a análise dos dados coletados a análise dos discursos apresentou-se como um caminho profícuo em busca da compreensão sobre as motivações das mulheres para adotarem práticas de culto ao corpo e à magreza, além de possibilitar uma relação com as normas e padrões estabelecidos pelos “discursos de verdade” sobre o corpo e a beleza entre as mulheres.

Nesta perspectiva, a análise seguiu a linha de interpretação em que o discurso torna-se fundamental para a constituição das diferentes esferas da estrutura social, sendo não apenas uma representação do mundo, mas também uma “significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados”, conforme evidenciado por Fairclough (2001, p. 91). O autor acrescenta, ainda, que o conceito de discurso se refere ao uso da linguagem como prática social e não simplesmente como uma atividade individual, apresentando-se, deste modo, como elemento importante na constituição das identidades sociais e das posições de cada integrante da sociedade.

Na obra *A construção social da realidade* (2004), Berger e Luckmann apontam a relação entre a linguagem e a construção social da realidade como o principal sistema de sinais da sociedade humana. Trazendo à discussão o processo de socialização, sabe-

³⁷ Além dos transtornos alimentares já conhecidos como a anorexia e a bulimia, atualmente ganhou repercussão a ortorexia, caracterizada pela fixação compulsiva em comer “corretamente”. A pessoa com ortorexia torna-se obsessiva por determinados padrões alimentares, estabelecendo critérios para o consumo apenas de alimentos considerados saudáveis e também para a forma de preparo e horário das refeições.

se que a linguagem é essencial em seu desenvolvimento, além de garantir “qualquer participação posterior na sociedade” (BERGER; BERGER, 2004, p. 174). O domínio da linguagem é parte necessária para se desencadear o processo do pensar e da tomada de consciência de si. Trata-se, ainda, de um elemento de cultura e, deste modo, repleto de significações de gênero.

A linguagem exerce um importante papel no desenvolvimento das relações sociais, pois é através dela que as pessoas interagem no mundo social (BAHKTIN, 2002). Ademais, a linguagem só existe situada em dado contexto social, reforçando, deste modo sua submissão aos elementos que caracterizam a cultura/sociedade em que está inserida. Retomando a perspectiva de Fairclough (2001) da linguagem como prática social e o conceito de discurso, é importante frisar que, conforme afirma Scott (1998, p. 115), este não se reporta somente “a idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais”. Segundo a historiadora, “o discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social é inseparável desta”.

Partindo desta perspectiva em que a linguagem emerge como construção cultural, é possível perceber a relação entre saber e poder presente nas formações discursivas. Isto é o que foi evidenciado por Foucault (1989) sobre o discurso, ao demonstrar como a produção dos saberes está intimamente implicada com as relações de poder e a constituição de discursos de verdade. No que tange ao conceito de discurso, Foucault destaca que:

O discurso, [...], não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo, é, também, aquilo que é o objeto de desejo, e visto que, [...], o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (2002, p. 49)

Direcionando o desenvolvimento do presente tópico para as opções metodológicas que orientaram a análise dos dados coletados nesta pesquisa e considerando os aspectos teóricos acima citados, a análise de discurso que foi empreendida pautou-se em uma leitura atenta do texto para que fosse possível o exame e a compreensão de todas as suas partes, não somente no que tange aos aspectos formais, mas também enfatizando o contexto interpretativo.

Neste sentido, o primeiro passo para a organização dos dados foi a transcrição completa de todas as entrevistas. Cada entrevista foi nomeada com um código relativo à localidade e a ordem em que a entrevista foi realizada, tal como nos exemplos a seguir: SAS1 (Sócia/Aluna, Asa Sul, primeira a ser entrevistada) ou SRF3 (Sócia/Aluna, Riacho Fundo, terceira a ser entrevistada)³⁸. Contudo, para que não fossem identificadas as profissionais das unidades selecionadas para a pesquisa e visando protegê-las de qualquer constrangimento no ambiente de trabalho, as entrevistas das profissionais foram apenas indicadas com a letra “P” e um número aleatório apenas para diferenciá-las.

Seguidamente, foram organizadas e sistematizadas as respostas relativas aos índices socioeconômicos, conforme foi explicitado no tópico sobre a caracterização da amostra. Após essa parte, me dediquei a uma leitura cuidadosa de todas as entrevistas, atentando para todos os detalhes presentes nas falas das entrevistadas. Segundo Gill (2002, p. 266) “a análise do discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado”, inclusive no que se refere ao não-dito:

Os analistas de discurso, ao mesmo tempo em que examinam a maneira como a linguagem é empregada, devem também estar sensíveis àquilo que não é dito – aos silêncios. Isso, por sua vez, exige uma consciência aprimorada das tendências e contextos sociais, políticos e culturais aos quais os textos se referem (p. 255).

Sendo assim, para a interpretação dos dados foram consideradas não apenas as transcrições literais dos discursos, mas também o que foi observado pela pesquisadora no concernente a aspectos gestuais, ao tipo de roupa que usavam aos silêncios que precederam as respostas, aos sorrisos que evidenciavam certo constrangimento em abordar determinado assunto e tudo o mais que foi possível ser registrado em diário de campo.

Todas as informações reunidas apresentaram-se como um material riquíssimo para a reflexão proposta na tese. Para que pudessem ser devidamente analisados, parte dos dados foi enquadrada nas dimensões do culto ao corpo definidas anteriormente e parte foi analisada a partir das seguintes categorias analíticas: gênero, sexualidade, maternidade, corpo/mídia, corpo/medicina e satisfação corporal/felicidade.

³⁸ Lista de códigos das transcrições em anexo.

Desta maneira, as opções metodológicas priorizaram os discursos dessas mulheres que são sujeitas da pesquisa, que comparativamente à rede de discursos de verdade e saberes sobre os usos do corpo na sociedade contemporânea, oportunizaram uma interessante análise acerca da circulação dos discursos sobre o corpo e a magreza entre as mulheres. Por fim, ainda que a pesquisa não tenha cunho quantitativo e apresente um quadro empírico relativamente pequeno, acredito ter conseguido explorar os principais discursos sobre o culto ao corpo e à magreza, além de me aprofundar na observação das práticas corporais das mulheres, demonstrando, deste modo, as configurações do culto ao corpo e à magreza como estilo de vida.

CAPÍTULO III

“As mulheres foram durante muito tempo identificadas com o seu próprio corpo. Quer sejam consideradas como ‘machos imperfeitos’ ou ‘úteros ambulantes’, reflexos terrenos da beleza divina ou tentações lascivas ao serviço de Satanás, o seu viver social é dominado tanto pela atitude cultural face ao corpo, em geral, como pelas suas mais específicas definições de gênero”.

Sara Grieco³⁹

3 CULTO AO CORPO E ESTILO DE VIDA

Este capítulo se desenvolve em duas linhas, uma mais teórica e outra empírica. Na primeira, tem como objetivo traçar uma retrospectiva histórica dos discursos sobre o corpo feminino, dando aprofundamento a questões já levantadas nos primeiros capítulos e trazendo novas reflexões para a análise. Prosseguindo nesta contextualização, é enfatizado o período moderno, emergência de novas corporeidades e sua relação com o culto ao corpo e a constituição de novos estilos de vida, conceitos que são objeto de uma problematização conceitual.

Na dimensão empírica, a proposta é dialogar a partir dos aspectos teóricos apresentados com os dados obtidos na pesquisa, em que são explicitadas as falas das mulheres referentes ao corpo, às práticas corporais e representações dos referenciais de beleza. Ao considerar os relatos das entrevistadas como elementos norteadores da abordagem que se faz do fenômeno do culto ao corpo, as esferas do consumo e dos discursos médicos e midiáticos são analisadas ao final do capítulo.

³⁹ GRIECO, Sara F. M. O corpo, a aparência e a sexualidade. In: Duby, Georges; Perrot, Michelle (dir.). **História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna**. Vol. 3. Porto, Portugal: Edições Afrontamentos, 1994, p. 71-120.

3.1 Discursos sobre o corpo feminino

Tendo em vista que esta investigação está centralizada nas reflexões sobre o culto ao corpo e as práticas de culto à magreza entre mulheres, torna-se parte fundamental deste estudo a compreensão da construção social do corpo feminino historicamente. Considerando que o corpo pode ser entendido como um espaço onde se localizam elementos culturais específicos de cada sociedade, suas normas e valores, como resultado do convívio entre a pessoa e o meio social, no que concerne ao corpo feminino, é necessário contextualizar a sua construção social a partir dos diferentes discursos que o tomaram como objeto e, desde então, ditaram as normas da corporeidade, mas também da própria condição de feminilidade.

O estudo do corpo, de seus usos e sentidos, nos permite conhecer, por exemplo, como cada sociedade intervém sobre o corpo, tendo em vista as construções de modelos específicos, de padrões e de identidades. Possibilita, ainda, o conhecimento e a reflexão sobre as diferenças de gênero, as diversas configurações das sexualidades, estereótipos de beleza e outras temáticas intimamente relacionadas com a construção social do corpo. Considerando a questão da construção social do corpo feminino e aos usos possíveis deste corpo ao longo da história, é importante ressaltar as ligações entre o corpo e os mecanismos de poder a ele vinculados, tal como é apontado por Perrot (2005, p. 447):

O corpo está no centro de toda relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir [...] são objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visa o seu sexo, vulcão da terra. Enclausurá-la seria a melhor solução: em um espaço fechado e controlado, ou no mínimo sob um véu que mascara sua chama incendiária.

Os discursos de verdade que emergem no período moderno, tais como na medicina e na psiquiatria, apresentaram-se como um tipo de poder controlador dos processos humanos, bem como dos modos que as pessoas devem fazer uso de seus corpos (FOUCAULT, 1989). Assim é que se dá a emergência de diversos saberes sobre o corpo, sobretudo vinculados ao campo da saúde, uma vez que a medicina passou a ocupar um lugar privilegiado no desenvolvimento de políticas voltadas também para o “corpo da sociedade”. É justamente a constituição de uma nova relação entre o saber

médico e os corpos femininos que fundamenta a emergência da obstetrícia, consolidada pelo ritual do exame que passa a submeter as mulheres ao princípio da visibilidade obrigatória (FOUCAULT, 1987; MARTINS, 2004). Na medida em que a reprodução humana passou a interessar aos médicos, a visibilidade do corpo feminino se tornou necessária para que fosse possível compreender a gravidez e dominar as técnicas do parto. Diante disso, se sobre os corpos foram produzidos saberes, hábitos e mecanismos de controle, sobre os corpos das mulheres estes se manifestaram de forma ainda mais intensa e evidente.

A partir do século XIX, em decorrência de um processo histórico desencadeado nos séculos anteriores e do próprio discurso filosófico iluminista⁴⁰, a “natureza” feminina foi confinada ao seu corpo, a sua anatomia e capacidades reprodutivas, que constituíram, a partir da diferença sexual, a inferioridade da mulher em relação ao homem e sua aptidão inata para os papéis de mãe e esposa. Na medida em que foi apropriado como objeto de estudos das ciências médicas, o corpo feminino passou a ser representado como corpo doente ou de natureza potencialmente patológica. As características anatômicas do corpo feminino, assim como a gravidez, o parto e a menopausa constituiriam indicadores de desequilíbrio e vulnerabilidade, que mereciam ser normatizados e controlados (ROHDEN, 2001).

Fazendo uma retrospectiva mais longínqua, é possível perceber como, ao longo da história, nas sociedades ocidentais, a corporeidade feminina foi associada às ideias de inferioridade e desordem. Ainda na Antiguidade, Hipócrates (460 a.C. – 377 a.C.), considerado o pai da medicina, descreveu a histeria⁴¹ como resultado de deslocamentos do útero nas mulheres destituídas de relações sexuais. O termo “histeria” advém do grego *hystera*, que significa útero, porque até então se acreditava que esta seria uma

⁴⁰ O discurso iluminista, como o discurso do homem da razão, apresentou no pensamento de diferentes autores elaborações a respeito da condição feminina e do papel da mulher na sociedade fundamentadas, especialmente, na sexualidade feminina que legitimaria a inferioridade das mulheres. Rousseau, por exemplo, acreditava que a prevalência do sexo na mulher seria um importante diferencial com relação aos homens, afirmando que “O macho só é macho em certos instantes, a fêmea é fêmea toda a sua vida ou, pelo menos, durante toda a sua juventude; tudo a remete constantemente para o seu sexo” (citado por CRAMPE-CASNABET, 1994, p. 382). Na visão de Voltaire, a fisiologia mais fraca da mulher, a perda do sangue menstrual, a gravidez e amamentação seriam comprovações da fragilidade feminina e de sua inaptidão para o trabalho. (CRAMPE-CASNABET, 1994). Apesar de anticlericais e do posicionamento contrário à vida das mulheres nos conventos, em certa medida, o discurso filosófico do século XVIII e o discurso religioso dos séculos anteriores se aproximam no que tange ao confinamento das mulheres ao espaço doméstico e a vivências restrita às funções do lar.

⁴¹ O termo histeria que significa “transtornos do espectro histérico ou histriônico” foi apropriado pelo senso comum e frequentemente utilizado como xingamento ou ofensa atribuído exclusivamente a mulheres (AMARAL, 2007).

doença apenas de mulheres, isto é, relacionada à presença do útero. Tal significação foi retomada na Idade Média pela Igreja católica que associou histeria à bruxaria, “atribuindo ao demônio e à possessão deste sobre o corpo das mulheres, as manifestações históricas que estas poderiam vir a ter” (AMARAL, 2007, p. 04).

As representações sobre as mulheres presentes na filosofia grega, tal como apresentado por Aristóteles, fundamenta-se na ideia de que no alto da cadeia dos seres vivos estaria o homem, acima da mulher, que por sua natureza fria e úmida tinha em seu corpo a representação da imperfeição com os órgãos sexuais invertidos em relação aos homens e sua natureza quente e seca (MARTINS, 2004). No tocante à ideia de inferioridade, Aristóteles (1998, p.63) considerava que a relação “entre o homem e a mulher consiste no facto de que, por natureza, um é superior e a outra inferior, um, governante, outra, governada”. Assim as mulheres foram isoladas do reino do pensamento e do espírito, restrito aos homens, mantendo-se mais próximas da natureza e da função da reprodução, *status* que lhes impunha um conjunto de regras de comportamento, que findou perpetuando-se historicamente.

Na Atenas do século V a.C., as mulheres eram cuidadosamente controladas por um sistema patriarcal, que lhes atribuíam deveres domésticos, as excluía da vida política e lhes impunha que cobrissem o corpo da cabeça aos pés. Em casa usavam os longos ‘chitons’ semelhantes a camisas, ou túnicas e, fora dela, capas para protegerem do frio e véus para cobrir a cabeça.[...] Enquanto os homens passavam muito tempo na ágora, que servia de fórum público e de mercado, ou no ginásio, onde praticavam ginásticas nus, ou nos bordéis [...], não parecia decente que as mulheres da classe burguesa aparecessem em público, nem mesmo na presença dos homens que iam a sua casa (YALOM, 1998, p. 31/32)

Se neste contexto as mulheres eram destituídas de prestígio, tanto no que diz respeito à vida social quanto com relação à liberdade sobre os seus corpos, o mesmo não acontecia em períodos anteriores, como na chamada Idade do Bronze (3200 – 1100 a.C) em uma das principais civilizações pré-helênicas. Conforme observado por Yalom (1998), em vasos e sarcófagos localizados em palácios de Creta, há imagens de mulheres sorrindo e dançando, ou simplesmente conversando em grupos com os seios descobertos. Há também representações de sacrifícios presididos por sacerdotizas e imagens de deusas que evidenciam a autoridade religiosa das mulheres, diferentemente do que acontecia no período clássico.

O mito das Amazonas, representado por uma sociedade de mulheres guerreiras em que as crianças do sexo masculino eram escravizadas ou expulsas, foi frequentemente retomado pela literatura clássica grega como reflexo de tudo o que as mulheres não deveriam ser, como foi apontado por Yalom (1998). As Amazonas, que teriam vivido na região da Capadócia, além de recusarem o casamento e a maternidade – faziam sexo com homens de outros povos uma vez por ano para perpetuarem a raça –, iam à guerra assim como os homens. Por não se sujeitarem ao papel que lhes caberia “naturalmente”, as Amazonas foram alvos de ginofobia pelos gregos, o que pode ser inferido pelas imagens de retratos em que são constante representadas sendo submetidas à violência, espancamento e morte (Figura 2 e 3 em anexo). Ainda segundo a autora, a presença do mito das Amazonas na história ocorreu no momento em que as deusas da fertilidade estariam sendo substituídas por deuses fálicos, o que pode ser associado à construção de novos discursos sobre os corpos femininos.

Se o corpo das mulheres foi alvo dos dispositivos de poder na sociedade grega clássica e também da violência nas representações artísticas em que as lendárias Amazonas eram retratadas, frequentemente, sendo atingidas no seio⁴², posteriormente, na teologia cristã dos primórdios o corpo, sobretudo a carne feminina, caracterizava-se como um adversário a vencer e uma ameaça à perfeição espiritual. “Do grito de batalha de São Jerônimo no séc. IV – ‘Dominem a carne’ – aos esforços de Santa Teresa para ‘conseguir o domínio do corpo’ no séc. XVI, o Cristianismo ensinou seus adeptos a minimizar [...] a fisicalidade” (YALOM, 1998, p. 47). O discurso do Cristianismo sobre o corpo das mulheres foi marcado por uma série de precauções e condenações, sendo constantemente associados à luxúria e ao pecado (Figura 4 em anexo).

É verdade que na história cristã os corpos de uma forma geral, tanto de homens como de mulheres, foram submetidos a castigos e privações com vistas à aproximação das dores do Cristo. No entanto, a forma em que estes se impõem a santas e religiosas, demonstra que a condição feminina caracterizava-se como um elemento que reforçava o merecimento do castigo, compensado pela boa reputação e reconhecimento (Gélis, 2008). Tanto as privações alimentares ou a anorexia “santa”, quanto a imposição de

⁴² Segundo a lenda, as Amazonas cortavam o seio direito com o objetivo de ganhar mais agilidade no disparo do arco, o que poderia ser relacionado à interpretação etimológica acerca da origem do termo Amazonas, que derivaria das palavras gregas “a” (sem) e “mazos” (seio). Assim é que nas representações artísticas as Amazonas foram comumente retratadas com apenas o “seio bom” à mostra, onde eram atingidas por seus inimigos, que buscavam atingi-las no que representava ao mesmo tempo a potência feminina e a sua vulnerabilidade (YALOM, 1998).

sofrimento físico são exemplos de como os corpos das mulheres foram subjugados pela filosofia cristã que imprimiu sobre os corpos femininos as marcas do pecado e da perdição (Figura 5 em anexo).

Observam-se, neste período, como as representações da corporeidade feminina foram vinculadas ao erotismo, à sexualidade e ao descontrole, o que despertou um movimento antierótico por parte da Igreja Católica que culpava as mulheres pela estimulação e licenciosidade masculina. As mulheres que expusessem sua corporeidade ou que se manifestassem contrárias à Igreja, entre outros comportamentos indesejáveis, foram perseguidas e mortas sob acusação de feitiçaria. O movimento de caça às bruxas foi codificado pelo *Malleus Maleficarum* (1487) – o Martelo das Feiticeiras – escrito por Johan Sprenger e Heinrich Kraemer, também autores do *Manual da Inquisição*. Ao condenar as bruxas à morte, o *Malleus* explicitava como a feitiçaria estava intimamente relacionada à falta de controle dos corpos pelas mulheres, à sexualidade e à ideia do corpo pecaminoso, as obrigando a relatarem seus desejos e fantasias sexuais diante do Tribunal da Inquisição⁴³, antes de serem levadas à fogueira.

Toda a feiticeira provém de desejo carnal que existe em mulheres insaciáveis e três vícios gerais parecem ter especial domínio sobre mulheres más, a saber, infidelidade, ambição e luxúria. Portanto, são mais inclinadas para a feitiçaria [...]. Sendo as mulheres insaciáveis segue-se que são mais profundamente contagiadas entre as mulheres ambiciosas aquelas que são mais ardentes em satisfazer seus desejos imundos (citados por ALEXANDER, 1980, p. 105).

Refletindo sobre o *Martelo das Feiticeiras*, Rose Marie Muraro⁴⁴ mostra como por um determinado momento, na alta Idade Média, a condição feminina floresce, diante do acesso às artes e à literatura, e como mais à frente vieram a representar uma ameaça em função de deterem um conhecimento específico acerca da cura das doenças ou sobre o parto, o que, entre outras motivações, vai desencadear o fenômeno da caça às bruxas. Segundo a autora, citando dados levantados por Marilyn French, o número mínimo de mulheres perseguidas e queimadas vivas chega a cem mil. As transgressões políticas e

⁴³ As feiticeiras acusadas muitas vezes favoreciam os planos de seus perseguidores, ao serem incitadas a aliviarem a culpa confessando suas fantasias sexuais publicamente. Ainda sobre o *Malleus*, Alexander afirma que descrevendo as orgias demoníacas entre demônios e endemoniadas, os autores “[...] procuravam satisfazer os impulsos voyeuristas dos inquisidores julgadores, recomendando que a feiticeira fosse despida e seus cabelos púbicos raspados antes de ser apresentadas aos juizes” (1980, p. 105/106).

⁴⁴O Martelo das Feiticeiras, *Malleus Maleficarum*: breve introdução histórica por Rose Marie Muraro, disponível em < <http://www.dhnet.org.br/memoria/feiticeira/introducao.html>>.

de fé foram ligadas à transgressão sexual pela Igreja, e as mulheres punidas por, segundo o *Malleus*, estarem essencialmente ligadas à sexualidade, o que as tornavam agentes do demônio.

A relação com a corporeidade durante a Renascença foi marcada por ambiguidades nas quais tanto permanece a herança medieval de submeter os corpos à uma eterna desconfiança frente às suas fraquezas e natureza efêmera, reforçando o puritanismo e a vergonha do corpo e da sexualidade. Por outro lado, segundo Grieco (1994), celebrava-se o culto à beleza e se redescobre o nu, retratando, principalmente, os corpos das mulheres.

De modo geral, emergem neste período um conjunto de transformações no que diz respeito às formas de tratar e apresentar o corpo. Com relação à higiene e os cuidados com o corpo, os banhos tornaram-se cada vez mais escassos, sendo substituídos pelo uso do pó e do perfume, além das roupas brancas muito limpas que substituiriam a própria pele, com reflexos no campo das artes e na pintura, por exemplo. O desaparecimento do banho se deu em razão do receio instalado sobre a água pela difusão de doenças e uso dos produtos de higiene que a substituiu passou a ter o caráter de distinção social (GRIECO, 1994). Ainda neste período, tem-se uma significativa mudança no padrão de beleza feminino que na Idade Média preconizava as formas delicadas e estreitas e a partir do século XV foram substituídas por formas mais corpulentas e arredondadas (Figuras 6 e 7 em anexo).

Além das mulheres se distinguirem entre si pela forma do corpo, já que apenas as que integravam a classe dominante é que tinham acesso a uma alimentação mais completa e adequada às exigências de beleza, também se impôs, juntamente com a higiene e a brancura impecável da roupa, o dever de se diferenciarem dos homens em suas aparências. O vestuário feminino passou a ser composto por longos vestidos com cinturas bem marcadas pelo uso do espartilho. Os gestos e os movimentos do corpo deveriam refletir a delicadeza e a fragilidade próprias da feminilidade, tal como era recomendado nos tratados de família, nos livros de civilidade e na literatura médica (GRIECO, 1994).

Entre os anos de 1500 e 1700 novos comportamentos com relação ao corpo foram instituídos, sobretudo com a proibição da nudez e de experiências sexuais extraconjugais. As mulheres foram o principal alvo da nova moralidade instaurada, tanto em razão das representações do feminino constituídas pela religião, como pelo

discurso médico que reforçava a “visão devoradora da sexualidade feminina, declarando que a satisfação erótica era uma necessidade biológica das mulheres” (GRIECO, 1994, p. 93). No século XVIII, emergiu uma condição de feminilidade dócil, fragilizada, normatizada e controlada, sobretudo no que diz respeito aos usos do corpo e de sua sexualidade. Como já mencionado, esta concepção foi reforçada inclusive pelo discurso dos filósofos que frisam o dom “natural” da mulher para as atividades domésticas e funções de esposa.

Vale ressaltar, porém, que o controle sobre o corpo e a sexualidade também se fez presente entre os homens como uma estratégia de alienação e pacificação dos trabalhadores. Mas na relação entre os gêneros, para os homens foi reservada a posição de domínio sobre o feminino, ou seja, se às mulheres eram atribuídas às condições de delicadeza e fragilidade, aos homens associava-se a ideia de força e virilidade. Uma relação hierárquica desigual que reflete os conflitos entre as esferas pública e privada e que, entre outras coisas, possibilitaram a instalação de uma estrutura patriarcal. Refletindo sobre o culto à masculinidade emergente no século XIX, Laqueur (1991) afirma que:

Primeiro veio a reprodução das desigualdades sociais e políticas entre homens e mulheres, justificada pela norma natural do sexo. Em seguida, o que era efeito tornou-se causa. A diferença dos sexos passou a fundar as diferenças de gêneros masculino e feminino que, de fato, historicamente a antecederam. O sexo autonomizou-se e ganhou o estatuto de fato originário. Revolucionários, burgueses, filósofos, moralistas, socialistas, sufragistas e feministas, todos estavam de acordo em especificar as qualidades morais, intelectuais e sociais dos humanos, partindo-se da diferença sexual entre homens e mulheres (apud COSTA, 1995, p. 128).

O modelo dos dois sexos que desponta a partir de uma nova visão dualista das relações e dos fenômenos sociais redefiniu os papéis de masculino e feminino, e, para estas, conjuntamente às características já impostas pela Igreja católica, como pureza, virgindade, submissão, maternidade, cuidado, entre outras, foram atreladas à condição feminina as idéias de delicadeza, sutileza e o dever de ser bela. Não é difícil perceber que todas estas características estão implicadas entre si, isto é, ser pura e delicada ou ser mãe e cuidadora. No entanto, no que se refere ao dever de ser bela é que reside a alteração de sentido de feminilidade que interessa a esta pesquisa. O mito da beleza esteve presente em diversos momentos históricos e contextos sociais, a diferença é que a mulher moderna tem a obrigação de ser bela, de cuidar do corpo, de submeter às mais

variadas técnicas corporais para manter-se jovem e saudável. Se até então manter-se bela era uma preocupação, gradativamente tornou-se um dever e uma forma de opressão cultural.

Até a Revolução Industrial o sentido da beleza para mulheres era significativamente diferente do que se tornou contemporaneamente, em que há uma permanente comparação com figuras públicas que difundem um tipo de corpo ideal em gravuras, fotografias e na publicidade da nascente indústria da beleza. Acompanhando a indústria da beleza e dos cosméticos, o século XIX marca a explosão da moda em seu sentido moderno, com a produção de vestuário em escala industrial, a inserção da máquina de costura em meados de 1860, entre outras coisas (RAINHO, 2002). A moda européia, latente inicialmente entre um grupo restrito de pessoas da burguesia francesa e inglesa, se difunde por outras partes do mundo, chegando, inclusive, ao Brasil – já no fim do século XIX –, especificamente ao Rio de Janeiro que à época passava por um processo de urbanização que, entre outras coisas, buscava se aproximar das grandes cidades européias.

A respeito da importação da moda francesa no Brasil e o impacto sobre as mulheres brasileiras, Freyre (1987) relata como nas primeiras décadas do século XX tornou-se um hábito trazer da França enxovais de casamento e batizado, além de peças do vestuário e acessórios como chapéus e espartilhos que foram amplamente difundidos nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador. Em nome da elegância, mesmo frente ao clima tropical, as cariocas desfilavam capas de pele e luvas típicas do inverno europeu. Tratava-se de uma moda importada sem qualquer preocupação de adaptação ao clima ou às mulheres brasileiras, ou seja, “uma moda imposta à mulher brasileira e à qual essa, quando de gentes mais, das altas, das cidades principais, teve de adaptar-se, desbrasileirando-se e, até, torturando-se, sofrendo no corpo, martirizando-se” (FREYRE, 1987, p. 106).

Nesta perspectiva, percebemos que ao longo do século XX a moda se institucionaliza como um modelo a ser seguido por homens e mulheres. No Brasil, seguir a moda parisiense era sinal de distinção e as mulheres procuravam cada vez mais se afastar da aparência colonial e se assemelhar às mulheres da elite européia. Este fenômeno se deu não apenas com relação à moda e ao consumo de produtos relacionados ao culto do corpo, mas também aos modos e costumes, tendo em vista os manuais de etiqueta e civilidade. Obviamente, em sendo o padrão de beleza estipulado

pela moda oriundo de países europeus onde as mulheres são altas e magras, este também passa ser um signo de distinção entre as brasileiras. Assim, em busca da perfeição e da distinção através de um corpo magro, uniram-se os discursos da moda, da estética, dos esportes e da medicina, que também gradativamente vai associar a diminuição dos níveis de gordura à saúde.

Se às mulheres foi atribuída a responsabilidade pelo cuidado com a beleza e pela manutenção de juventude, foram, talvez por isso, os principais alvos da indústria da beleza, da mídia e de todos os discursos mencionados. A luta contra o “mito da beleza” esteve entre as bandeiras de grupos feministas que compreendiam as pressões sobre as mulheres para serem sempre jovens, belas e magras como uma “[...] violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher [...]” (WOLF, 1992, p. 12). Para Wolf, trata-se de um reflexo aos avanços das mulheres nas estruturas de poder e nos espaços públicos, uma vez que a ideologia da beleza ainda teria o poder de detê-las. É importante esclarecer que esta é uma questão complexa no contexto feminista, uma vez que não se trata de combater a beleza, mas a apropriação, o uso e a forma em que sua imposição escraviza as mulheres, em diferentes perspectivas, tal qual via do consumo.

Na segunda metade do século XX, emerge um movimento no sentido de politizar o privado e possibilitar uma maior visibilidade das questões relacionadas ao corpo e à sexualidade feminina. Retomando o conjunto de reivindicações feministas contemporâneas que, entre tantas bandeiras levantadas em favor das mulheres, evidenciou a problemática do corpo feminino através da máxima *Nosso corpo nos pertence* (SCAVONE, 2004; RODRIGUES, 2005, BANDEIRA; MELO, 2010a) percebemos que já em meados da década de 1970 existia uma movimentação política que vem questionar os mecanismos disciplinares sobre o corpo e a sexualidade das mulheres. Em um contexto no qual o corpo é percebido como um *locus* de disputas de poder, o discurso feminista posiciona-se na luta pela livre escolha da maternidade, da estética, pelo livre uso de contraceptivos, pelo aborto, pelos direitos sexuais, enfim, pela autonomia das mulheres sobre seus corpos.

3.2 Modernidade e corporeidade

Sem ignorar a importante discussão entre teóricos/as das ciências sociais a respeito do termo que melhor designa a contemporaneidade, faz-se necessário caracterizar o que está sendo denominado como modernidade neste trabalho. O conceito de modernidade evidencia amplas discussões em ciências sociais, muito em virtude dos diversos usos que lhe foram dados pela bibliografia não somente nessa área do conhecimento, mas também nas artes e humanidades como um todo. A própria sociologia surge com o advento da modernidade, e, portanto, boa parte de seu projeto disciplinar está constituído na reflexão sobre as mudanças sociais ocorridas a partir desse período, ou seja, afirma-se como um conhecimento sobre os tempos modernos, uma reflexividade da sociedade moderna. Segundo Vanderberghe (2004) podemos identificar cinco matrizes distintas para a interpretação dessas mudanças sociais, cada uma com abordagem conceitual própria: clássica (modernidade), anti-modernização, pós-moderna, neo-moderna e, finalmente a teoria sociológica da modernidade tardia. O que cada uma dessas matrizes traz de essencial é o fato de que uma pluralidade de visões sobre a modernidade é possível e necessária, uma vez que vários campos do conhecimento e atores sociais disputam visões sobre a sociedade.

Em uma interpretação cronológica e geográfica da modernidade, Giddens a define como o “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (1991, p. 11). Com raízes no humanismo da Renascença⁴⁵, no contexto europeu a modernidade se constitui como uma negação da velha ordem social, em que uma cultura teocêntrica e metafísica é substituída por uma cultura antropocêntrica e secular. No que se refere aos novos modos de vida instituídos, Giddens (1991) destaca a cisão com todos os tipos tradicionais de ordem social, o que leva à perda de grande parte da autoridade da Igreja e de figuras aristocráticas antes dominantes. Como marcos históricos para a emergência da modernidade, podem ser citadas a Revolução Francesa, fonte dos princípios de liberdade e razão que fundamentam a consciência moderna, e a Revolução Industrial. São muitos os elementos possíveis para se pensar ou definir o que é a modernidade, no entanto, ainda mais importante é não tomá-la apenas como uma

⁴⁵ Segundo as reflexões de Kumar (1997), foi no período renascentista que a história ocidental pôde ser dividida em três épocas: antiga, medieval e moderna.

“totalidade dada ou como uma coisa em si” (DOMINGUES, 1998, p. 212) que pode ser localizada no espaço no tempo e sim como um processo repleto de movimento e heterogeneidades. Para os fins que se desdobram no presente estudo, um aspecto merece ser ressaltado a respeito da modernidade, que se inaugura uma nova forma de pensar a vida em sociedade e também o corpo.

A modernidade representa o cenário que propaga o discurso por meio do qual os vínculos que sustentavam a relação corpo e natureza sofreram uma cisão. Com isto sugere-se que, no quadro moderno, houve um redimensionamento da relação homem-natureza. Com efeito, enquanto a natureza está atrelada à noção de espiritual e, por essa razão, tal noção foi, de certo modo, discutida apenas na transversalidade dos embates sociológicos travados entre pensadores sociais clássicos do século XIX, o corpo, que passa a ser visto durante o período moderno como algo profano, é o substrato de todas as reflexões científicas desde o século XVIII mais precisamente, considerado o Século das Luzes (SUASSUNA et al, 2005, p. 25).

A ruptura com as instituições tradicionais e a exaltação das liberdades marca o ápice do individualismo já presente desde a Renascença. Frente à negação das formas comunitárias medievais em detrimento da valorização e diferenciação buscada pelo indivíduo como forma de distinção é que se configura o individualismo moderno (SIMMEL, 2005). O rompimento com as instituições políticas, religiosas e econômicas que limitavam as capacidades produtivas, materiais e espirituais na época e o consequente desaparecimento das mesmas é que possibilitariam o fim das desigualdades produzidas artificialmente e a emergência do “homem perfeito e, posto que perfeito – na sua eticidade, beleza e felicidade – ele não manifestaria nenhuma desigualdade” (SIMMEL, 2005, p. 109). Deste modo, a igualdade é tomada como a expressão mais profunda do ser humano.

Ao efetivar a libertação das instituições estamentais e religiosas, os indivíduos que se tornaram autônomos passam a buscar, novamente, a distinção. “O importante aqui não é mais o indivíduo livre como tal, mas que este é, precisamente, aquele único e distinto” (SIMMEL, 2005, p. 112). A radicalização da modernidade e do individualismo, que caracterizaria para autores como Giddens e Beck, uma nova fase da modernidade, teria como um de seus principais elementos constituintes a autonomia dos sujeitos que são levados constantemente a fazerem uso de suas capacidades reflexivas. A reflexividade, que em sua concepção clássica remete-se à razão, relaciona-se com o

cogito de Descartes como a “capacidade da consciência de pensar a si mesma”, referindo-se à razão “desvinculada da corporalidade e da experiência” (DOMINGUES, 2002, p. 58).

A filosofia mecanicista cartesiana, dando continuidade ao dualismo que separa o sujeito de seu corpo defendido anteriormente pelos anatomistas, é responsável pela formulação do modelo de corpo como máquina, dando-lhe novo sentido. Se a modernidade inaugura uma nova concepção de indivíduo, também o corpo é reinventado pelo individualismo (LE BRETON, 2008). O corpo, anteriormente percebido como território de proibições é dessacralizado, passando a constituir-se como objeto de estudo científico, passível de observações e manipulações antes restringidas. O conhecimento sobre o corpo através dos estudos de anatomia e outras áreas do conhecimento torna-se, deste modo, uma forma de conhecimento de si mesmo, implicando na construção de novas formas de ver e ser visto, mediadas, principalmente, pelos discursos de saber legitimados neste período.

O processo de objetificação do corpo foi alvo dos estudos de Foucault que se dedicou à compreensão das subjetividades modernas constituídas pelo disciplinamento dos corpos por meio dos micropoderes e do que o autor denominou como “tecnologia política do corpo”. A submissão a tais mecanismos teriam transformado o corpo em objeto de saber, em um processo desencadeado pela constituição de novos saberes científicos e pela incorporação da medicina à instituição hospitalar, antes caracterizada muito mais como espaço de filantropia do que como instrumento terapêutico. Foucault (1989) destaca neste período o “nascimento da medicina social”⁴⁶ que acompanha as transformações sociais, econômicas e políticas que ocorriam na Europa e que se impõem como um saber legítimo sobre o corpo e as doenças, fundamentando-se no modelo epistemológico das ciências sociais.

⁴⁶ De acordo com Foucault (1989) três fases caracterizam a formação da medicina social: a “medicina do Estado”, no início do século XVIII na Alemanha; a “medicina urbana”, presente na França no final do século XVIII; e, posteriormente, a “medicina da força de trabalho”. No que se refere à medicina social do espaço urbano, vale salientar que a sua emergência foi uma resposta às crescentes transformações do espaço urbano que evidenciaram uma diversidade de problemas relativos aos sistemas de água e esgoto, acúmulo de lixo e outros materiais considerados nocivos à saúde, fazendo nascer a preocupação com a higiene pública. Ao longo da transição entre a medicina individual e a medicina social, se constitui a necessidade de conhecer a sociedade, sua organização e funcionamento, e qual a relação destes com a causa das doenças. A “medicalização da sociedade” também se fez presente durante a Primeira República no Brasil, tal como foi observado por Roberto Machado ao se referir a uma tecnologia de poder que, como as leis, atuam no controle do indivíduo e de sua capacidade de produção através de técnicas de normalização que impõem critérios de normalidade para a manutenção da ordem social (AMARAL, 2006).

A nova moral que emerge com a constituição da sociedade burguesa e do capitalismo industrial, tratou, também, de produzir um discurso de verdade sobre o sexo, imerso em um regime que combina os novos saberes, o poder e o prazer, no que Foucault (1988) denominou como “dispositivo da sexualidade” e que tem como função primordial “proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 1988, p. 101). Neste sentido, se as sociedades orientais se utilizaram da *ars erótica* para conhecer a verdade do prazer, no ocidente a constituição de uma *scientia sexualis* é que foi responsável pelo discurso de verdade sobre o sexo, articulando poder e saber. Assim, Foucault questiona a “hipótese repressiva” defendida por Freud acerca da sexualidade, evidenciando o modo singular em que a sociedade ocidental, capitalista e burguesa tratou de apresentar o sexo em discurso.

A proliferação dos discursos sobre a sexualidade, na perspectiva foucaultiana, teria se operado a partir de quatro linhas estratégicas⁴⁷, sendo a primeira delas a “histerização das mulheres” a partir de sua corporeidade. Partindo da hipótese de que o corpo da mulher estava impregnado de sexualidade, a sua análise e estudo minucioso passou a integrar um projeto maior da medicina de controle do corpo social.

[...] a histerização das mulheres, que levou a uma medicalização minuciosa de seus corpos, de seu sexo, fez-se em nome da responsabilidade que elas teriam no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade. [...] a intervenção era de natureza reguladora, mas devia apoiar-se na exigência de disciplina e adestramento individuais. De um modo geral, na junção entre o ‘corpo’ e a ‘população’, o sexo tornou-se o alvo central de um poder que se organiza em torno da gestão da vida [...] (FOUCAULT, 1988, p. 137/138).

Ao tomar o corpo da mulher como território no qual seria possível desvendar o mistério da sexualidade, o discurso médico une a “identidade pessoal da mulher” com a “futura saúde da população” em uma “mesma conjunção de saber, de poder e de materialização do corpo” (DREYFUS E RABINOW, 1995, p. 188/189). A mulher se tornou um alvo privilegiado na medida em que através dela o discurso médico poderia penetrar na família e, além disso, sua sexualidade deveria ser normatizada e

⁴⁷ As quatro linhas de ataque em que a política do sexo teria avançado e que se fundamentaram na articulação entre as técnicas disciplinares e os procedimentos de regulação, são, segundo Foucault (1988): a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso.

desenvolvida no sentido de garantir o seu “destino natural” em que era completamente constituída, tanto física, psicológica e moralmente para o papel de mãe e esposa.

A corporeidade feminina que já vinha sendo alvo de reflexões e questionamentos pelos pensadores iluministas que, no sentido oposto da demonização da mulher presente na Idade Média, trataram de ressaltar suas características e habilidades naturais para o mundo da domesticidade⁴⁸, no século XIX acrescentou-se a predominância do sexo como um marca ou estigma que incide sobre a totalidade da condição feminina. A ciência e a medicina tiveram grande influência para que se estruturasse o sistema sexo-gênero, reatualizando o dualismo que opõe corpo e mente ou carne e espírito, associando o corpo e o sexo à feminilidade. Neste binômio, “[...] o homem foi dessexualizado, tornando-se um ideal, uma representação dos valores distintivos da espécie humana [...]” tal como a razão, a inteligência e a moral (MARTINS, 2004, p. 111).

Ultrapassando o poder repressivo que os corpos das mulheres foram submetidos historicamente, a modernidade inaugura novos dispositivos de poder sobre o corpo fundados em diferentes discursos de verdade. Na medida em que a mulher foi limitada à esfera doméstica e que o matrimônio foi super valorizado, os cuidados com o corpo e com a beleza foram impostos às mulheres como virtude para a conquista do marido e para o seu reconhecimento frente à sociedade. Outras características e práticas corporais para as mulheres foram valorizadas em função da reprodução, reforçando a relação entre a maternidade/fertilidade com a feminilidade.

3.2.1 *Novas corporeidades, a ginástica e o esporte*

É neste contexto de modernização e urbanização nas cidades européias do século XIX que será retomada a prática de exercícios físicos, voltados para a educação/gestão dos corpos e manutenção da ordem social. Ocorre, então, um deslocamento da ginástica antes associada ao lazer – presente em festas populares e

⁴⁸ Para grande parte dos filósofos iluministas as mulheres não teriam capacidades inventivas e estariam excluídas do gênio, mesmo que tivessem acesso à literatura e determinadas áreas científicas. “Esta incapacidade é baseada numa psicologia ‘natural’. A mulher é o ser da paixão e da imaginação, não do conceito”. Para Rousseau, a faculdade da razão na mulher seria elementar com relação aos homens. Ademais, não deveria ser cultivada, a não ser no sentido de aperfeiçoar o cumprimento de seus deveres naturais para com o cuidado com os filhos e garantir sua obediência e fidelidade aos maridos (CRAMPE-CASNABET, 1994, p. 386).

jogos da aristocracia – para se tornar parte de uma educação que responde aos interesses produtivos do sistema capitalista, servindo à manutenção da ordem política estabelecida, com ampla aceitação da classe burguesa, conforme salientado por Soares (2002, p. 18):

[...] o reconhecimento da ginástica pelos círculos intelectuais é fator decisivo para sua aceitação por uma burguesia que a deseja transformada e, assim, devolvida à população como conjunto de preceitos e normas de bem viver. É a partir deste reconhecimento que, de fato, a ginástica passa a ser vista como prática capaz de potencializar a necessidade de utilidade das ações e dos gestos. Como prática capaz de permitir que o indivíduo venha a internalizar uma noção de economia de tempo, de gasto de energia e de cultivo à saúde como princípios organizadores do cotidiano.

O conjunto de transformações sociais, políticas e econômicas que passava a sociedade européia e os interesses na nova classe instituída, a burguesia, demandavam a preparação dos indivíduos para que pudessem se integrar adequadamente neste novo contexto social. Com o apoio do discurso médico e científico, partiu-se para uma moralização sanitária com vistas à reorganização do espaço de vida dos indivíduos e, mais especificamente, direcionado à correção dos vícios e da imoralidade “características” das classes populares. Muito mais do que a promoção da saúde, era preciso impor-lhes regras higiênicas e a incorporação de hábitos morais. Nesta perspectiva a Educação Física é incorporada como “[...] um dos instrumentos capazes de promover uma assepsia social, de viabilizar esta educação higiênica e de moralizar os hábitos” (SOARES, 2007, p. 11).

Os exercícios físicos e a ginástica são reatualizados com a função de disciplinar os corpos, os domesticando a partir do controle das funções corporais que alcança as formas de vestir, de se portar e de se alimentar. Neste contexto podem ser localizados os sinais que revelam uma nova postura em relação ao corpo, tanto na dimensão dos movimentos como das formas. Era preciso se tornar mais refinado nos modos, mas também na esbelteza da aparência que começa a se associar com a magreza.

Vigarello e Holt (2008) não vêem no início do século XIX grandes mudanças no que se refere aos exercícios físicos. Contudo, percebem como diferença o impacto dos exercícios sobre as formas do corpo, fazendo emergir uma nova visão da postura física que leva à constituição de uma silhueta do corpo mais longilínea. Inaugura-se uma nova dietética, com restrições alimentares, que associadas aos exercícios físicos moldam

um corpo magro que começa a ser construído como padrão de saúde e estética. É importante salientar que as formas mais corpulentas, ainda não tinham perdido todo o seu prestígio. Ao contrário, “a barriga não perdeu toda a dignidade na elite burguesa [...]. Uma magreza ‘demasiado’ visível continua indício de pobreza, de indigência” (VIGARELLO E HOLT, 2008, p. 406).

Em sentidos e proporções significativamente diferentes, é interessante observar como o “protagonismo da barriga” – discussão que é retomada no último capítulo – é marcadamente uma das principais questões que assolam as mulheres contemporâneas no que diz respeito ao culto ao corpo e aos padrões de beleza. Quase a totalidade das mulheres entrevistadas afirmou estar insatisfeita com a barriga, apontando que uma barriga “sarada” ou “lisinha” é um importante sinal de beleza atualmente. Tal constatação pode ser relacionada com o grande número de intervenções médico-cirúrgicas direcionadas para esta parte do corpo. Curiosamente, embora a barriga também apareça como uma preocupação para os homens, ainda é comum que a estes a barriga saliente seja sinal de *status* e fortuna, contrariando o discurso médico que relaciona o acúmulo de gordura nesta região com o surgimento precoce de várias doenças.

Os primeiros sinais de ruptura com as formas tradicionais dos exercícios, na ótica dos historiadores, começam a ser percebidos a partir da segunda década do século XIX, com uma renovação dos exercícios e também da percepção sobre o corpo. São inaugurados ginásios em Londres, Paris, Berna e Berlim, com propostas inovadoras para o trabalho físico, em que os exercícios e as capacidades corpóreas são mensuradas e calculadas buscando o máximo de desempenho e eficácia. Além dos resultados, “a ginástica cria novos gestos e hierarquias de movimentos, trabalhando cada parte do corpo separadamente, os exercícios localizados” (VIGARELLO E HOLT, 2008, p. 406).

Crespo (1990), por sua vez, localiza o surgimento da compreensão moderna de educação física em Portugal, na primeira metade do século XIX. O programa de ginástica que passa a ser difundido naquele país, também teria sido elaborado a partir de cálculos e estratégias com vistas ao controle dos corpos que deveriam ser geridos para as tarefas do progresso e da civilização. Segundo o autor, a Educação Física que teve seu ápice na passagem do século XIX para o século XX, foi em suas primeiras iniciativas, uma estratégia para o triunfo da civilização a partir do processo de

racionalização que marca o período moderno. “O corpo enredava-se, assim, em múltiplos condicionamentos, submetendo-se a normas cada vez mais racionalizadas, e convertia-se, através das sutilezas do controlo social, em vigilante de si próprio” (CRESPO, 1990, p. 499).

Ao longo do século XIX, a ginástica é cientificamente vinculada a um projeto que pretende enquadrar o corpo em um modelo que articula a utilidade e a educação para a vida em sociedade. A difusão da ginástica na Europa se deu a partir de perspectivas diferenciadas em cada país, ora associadas a projetos de formação de homens para combate e defesa do Estado, ora com fins mais terapêuticos fundamentados em conceitos da anatomia e da fisiologia buscando a massificação da ginástica. Em cada escola o sentido da ginástica era dotada de suas próprias particularidades.

É possível perceber, no entanto, um ponto comum entre diferentes escolas, tais como a alemã e a sueca, no que se refere à relação entre a educação física e o estabelecimento de uma política nacionalista. A ginástica era utilizada como prática de educação física, mas também moral, especialmente direcionada para os quadros militares. Na França, a ginástica foi introduzida no período pós-napoleônico e teve como uma de suas principais referências o coronel Francisco Amoros y Ondeano (1770-1848), que via na ginástica o caminho para o engrandecimento e por isso não deveria estar associada ao lazer e entretenimento:

[...] a ciência fundamentada de nossos movimentos, de suas relações com nossos sentidos, nossa inteligência, nossos sentimentos, nossos costumes, e o desenvolvimento de todas as nossas faculdades. A ginástica abarca a prática de todos os exercícios que tendem a tornar o homem mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais astuto, mais desembaraçado, mais veloz, mais flexível e mais ágil e que nos dispõem a resistir a todas as intempéries das estações, a todas as variações climáticas; a suportar todas as privações e contrariedades da vida; a vencer todas as dificuldades; a triunfar sobre todos os perigos e todos os obstáculos; a prestar, enfim, serviços de destaque ao Estado e à humanidade. A beneficência e a utilidade pública são o objetivo principal da ginástica; a prática de todas as virtudes sociais, de todos os sacrifícios, os mais difíceis e os mais generosos são seus meios; e a saúde, o prolongamento da vida, o aprimoramento da espécie humana, o aumento da força e da riqueza individual e pública são seus resultados positivos (AMOROS, 1838, citado por SOARES, 2002, p.38).

Conforme salientado por Vigarello e Holt (2008), o método de Amoros e suas experiências iniciais receberam pareceres favoráveis por autoridades médicas, políticas e militares, o que lhe garantiu legitimidade e prestígio, levando várias personalidades da época a frequentarem os seus ginásios. Em seu método, Amoros inova ao criar séries de exercícios, jogos e danças que são praticados ao som de músicas que lhe dão ritmo disciplinar, que marcam o tempo da atividade em andamento (SOARES, 2002). Ademais, passou a considerar a importância da inclusão das mulheres que também deveriam ser educadas pela ginástica, para que se tornassem capazes de levar adiante valores morais e educar fisicamente os seus filhos.

Este modelo adotado nos ginásios amorosianos no século XIX já revela aproximações com as atividades realizadas nas academias atualmente, em que as atividades são sistematizadas e divididas por séries dirigidas a cada grupo muscular, a partir de repetições. Também com relação à música, é constante tanto nas salas de musculação como nos espaços destinados a atividades aeróbicas, sobretudo no sentido de cadenciar a atividade. Mais, ainda, nas academias femininas pesquisadas, a continuidade e a interrupção da música é que marca tanto a atividade em desenvolvimento como o controle do corpo – no caso dos batimentos cardíacos – para que se obtenha o melhor desempenho com relação ao objetivo almejado.

Diferentemente do contexto atual em que as mulheres desfrutam de espaços exclusivos para a ginástica, no século XIX as atividades físicas e esportivas eram praticamente exclusivas dos homens. “A medicina da época vitoriana libertou o corpo masculino, mas espartilhou o das mulheres da classe média”, segundo Vigarello e Holt (2008, p. 453). Enquanto os homens deviam explorar a potência do corpo através das atividades físicas e dos esportes, o vigor dos exercícios era visto como uma ameaça para o corpo da mulher burguesa, representado em sua fragilidade e pouca energia já direcionada para as ocupações domésticas, no caso das donas-de-casa, ou para o trabalho, no caso das mulheres que já estavam inseridas no mercado de trabalho.

Já nas últimas décadas do século XIX, é possível observar como as mulheres ingressaram no mundo da educação física e dos esportes, mas diferentemente do que acontecia com os seus pares masculinos, suas atividades são voltadas para a prevenção de doenças e para o embelezamento do corpo. Neste sentido, as atividades permitidas não podiam comprometer a “natureza” da mulher para a reprodução, assim como sua beleza e feminilidade deveriam ser preservadas. O fortalecimento do corpo feminino era

recomendado como uma prática saudável, mas principalmente direcionado para a preservação das capacidades reprodutivas.

Se as mulheres das classes populares foram impedidas pelo casamento e maternidade precoces de praticarem atividades físicas, outras da classe média começaram a questionar a concepção do corpo feminino como fraco e passivo. Algumas escolas femininas passaram a reelaborar atividades masculinas para as mulheres. Além disso, nas escolas do Estado eram fornecidas às alunas noções básicas de educação física e em determinados contextos foram abertos colégios especializados na formação de professoras de educação física para atuarem nas escolas privadas (VIGARELLO E HOLT, 2008).

Também nessa linha que tem como princípio a relação entre a educação física e a correção moral dos indivíduos, Demeny (1850-1917), criador do primeiro curso de educação física na França em 1891, a escola Joinville-le-Point, também defendia a prática de atividades físicas para as mulheres. Além da relação com a educação dos filhos, afirmava que os exercícios viriam a acentuar a beleza feminina, ressaltando que a postura corpórea ideal é consequência de um esforço contínuo. “Para conservar nossa máquina em bom estado, é preciso colocá-la em movimento todos os dias e fazê-la funcionar integralmente” (DEMENY, 1920 citado por SOARES, 2002, p. 128).

Idéia semelhante se vê atualmente na relação entre a construção da imagem corporal e o enquadramento aos padrões de beleza com o esforço e o sacrifício, que comumente levam as mulheres a disporem de horas diárias em academias de ginástica, a se limitarem ao consumo de determinados alimentos e submeterem-se a cirurgias estéticas cada vez mais invasivas. Todo o sacrifício é feito em nome da boa saúde e da beleza. O controle das pulsões e o imperativo da beleza fazem com que a ausência de esforço individual para acompanhar a lógica do culto ao corpo seja vista como uma falha de caráter, sobretudo entre as mulheres.

Apesar da concepção de Demeny sobre a importância de um esforço constante no cuidado com o corpo, na transição do século XIX para o século XX as práticas esportivas das mulheres não seguiam necessariamente estes preceitos. Entre as mulheres casadas de classe média que já tinham integrado programas de educação física na escola, a prática de esportes como o golfe e o tênis estava mais relacionado ao lazer e às redes de sociabilidade. Em ambas as modalidades, as praticantes se mostravam ativas e eram reconhecidas pelo gozo da boa saúde. Contudo, as exigências do esporte não

poderiam, de forma alguma, pôr em risco a sua identidade de reprodutora, fato que manteve algumas modalidades proibidas às mulheres, como o atletismo, por exemplo. (VIGARELLO E HOLT, 2008).

No Brasil, a incorporação da ginástica e a institucionalização da educação física ocorreram a partir de um movimento semelhante ao europeu, inclusive no que diz respeito à inclusão – ou exclusão – das mulheres. O Movimento Higienista, atuante no Rio de Janeiro desde a segunda metade do século XIX, tinha como missão o cuidado com a “saúde” individual e coletiva da população, inserido em um projeto maior de curar as “doenças” que assolavam a nação e de modernização do país. E assim como foi na Europa, a mulher também foi um dos principais alvos do discurso médico e das ações higienistas, frente ao seu “importante” papel na construção da nação pela geração e educação dos/das filhos/as.

A diferença biológica da mulher e a crença de que seu corpo é dotado de fragilidade, estando em condição inferior ao homem⁴⁹, é que vai determinar as atividades físicas permitidas às mulheres. Contudo, ainda no Império, não havia consenso quanto à prática de tais atividades para mulheres, como apontado por Del Piore (2000, p. 62):

Não faltou quem achasse a novidade imoral, uma degenerescência e até mesmo pecado. Perseguiu-se tudo o que pudesse macular o papel de mãe dedicada exclusivamente ao lar. Era como se as mulheres estivessem se apropriando de exercícios musculares próprios à atividade masculina. Algumas vozes, todavia, se levantaram contra a satanização da mulher esportiva. Médicos e higienistas faziam a ligação entre histeria e melancolia – as grandes vilãs do final do século – e a falta de exercícios físicos.

Mesmo havendo alguns deslocamentos no que tange ao discurso de médicos e higienistas sobre as mulheres, pode-se perceber como a corporeidade feminina permanece como alvo de suas ações. Se por um lado aceitavam que as mulheres não se limitassem às atividades domésticas e pudessem praticar atividades físicas, não era em

⁴⁹ Sabe-se que o discurso científico do século XIX é impregnado de elementos sexistas e racistas, com equiparações das mulheres às raças inferiores, organizadas hierarquicamente. Em parte, a inferioridade do sexo feminino tem sua origem em Darwin, a partir de suas afirmações a respeito do maior desenvolvimento do homem atribuído ao exercício da conquista da caça e das fêmeas, explicando, assim, a evolução sexual. Também no âmbito da craniologia, Carl Vogt comparou as medidas dos crânios femininos com “[...] ‘selvagens’ ou ‘primitivos’ porque, da mesma forma que estes tinham chegado em um nível de evolução inferior às raças brancas, a mulher também tinha estacionado na linha evolutiva, ficando mais próximas das raças inferiores e às crianças” (Martins, 2004, p. 50).

razão de uma visão emancipadora da condição feminina, ao contrário, acreditavam que os exercícios lhes traziam vantagens físicas e morais justamente voltadas para o aperfeiçoamento dos seus papéis como mães e esposas.

Neste contexto já se nota como foi construída, historicamente, a relação entre saúde e beleza pelo discurso médico e que posteriormente foi apropriada pelo discurso midiático na difusão de estereótipos de feminilidade. A articulação entre beleza e saúde começa a transformar a aparência da mulher brasileira, que ainda no início do século XIX mostrava-se em formas arredondas e corpulentas com “vastas e ostensivas ancas”, como foi observado por Freyre (1987). As formas “cheias” da mulher brasileira correspondiam ao padrão de beleza de então e a falta delas não era apreciada.

Não é insignificante o fato de a palavra *cadeiras* ter se tornado, em língua portuguesa, sinônimo de ancas, com a mulher descadeirada sendo olhada como deficiente de corpo. O que é certo também da chamada de quartos caídos. São ancas, por suas deficiências, destoantes de uma generalizada moda brasileira segundo a qual a mulher de formas mais salientes tende a ser considerada a mais ortodoxamente feminina (FREYRE, 1987, p. 65).

Segundo Del Priore (2000), os higienistas também teriam contribuído para a difusão da moda das mulheres mais gordas, temendo que estas viessem a desenvolver anemia e histeria. No entanto, com a difusão da ginástica na Europa, a proliferação de ginásios e os manuais de medicina que recaem sobre os padrões estéticos femininos, a “obesidade” já começa a ser rejeitada, tornando-se objeto de preocupação dos próprios higienistas. Além disso, a ociosidade e o comodismo, frequentemente relacionados à falta de atividades físicas, não eram adequados ao projeto de construção de uma nova nação brasileira, revelando, muitas vezes, características da colônia que deviam ser superadas.

A educação física foi inserida nas escolas brasileiras, mesmo com resistências à participação de mulheres. Baseando-se nas funções morais, cívicas, disciplinadoras e higiênicas da educação física, Rui Barbosa (1849-1923), em 1882, posiciona-se favoravelmente ao ensino de ginástica para homens e mulheres no ensino primário (SOUZA, 2000). Gradativamente, a sociedade brasileira, representada por sua elite intelectual em formação e por políticas governamentais que inserem a educação física nas escolas, começa a permitir que as mulheres pratiquem atividades físicas, o que ainda não acontece com relação aos esportes de competição.

A permissão para a prática de esportes entre as mulheres foi ainda mais restritiva. Já no início do século XX, apenas algumas modalidades poderiam ser praticadas e somente por mulheres jovens e solteiras, como no caso da natação que tinha como diferencial o fato de não “masculinizar” as mulheres (ADELMAN, 2003). Aos poucos outros esportes passam a incorporar as mulheres, sobretudo por influência de esportistas estrangeiras que ganham destaque na média. No entanto, até o período entre 1941 e 1975, vigorou no Brasil o Decreto Lei 3.199, que além de traçar as diretrizes que organizavam o esporte nacional, preconizava que “ s mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza” (ROSEMBERG, 1995, citada por ADELMAN, 2003, p. 447).

O ingresso da mulher no mundo dos esportes, ainda que gradativo, faz nascer uma mulher que ganha maior visibilidade nos espaços públicos. O incentivo dado pelo discurso médico para o cuidado com o corpo vai sendo reforçado pela média e manuais de etiqueta que veiculam, cada vez mais, novas modas e padrões de beleza que influenciam significativamente os “modos e as modas”, como analisa Freyre (1987), da mulher brasileira. Com a maior visibilidade dos corpos, as mulheres passam a cuidar do corpo não apenas com exercícios físicos, mas também com produtos cosméticos, influenciadas pelo cinema e pela indústria da beleza que desde então segue em plena expansão. A partir deste período, observa-se a formação de uma estreita relação entre as práticas de culto ao corpo e o consumo, que tem nas mulheres, ainda hoje, o seu principal alvo.

Ao longo do século XX,   possível afirmar que há uma crescente e exaltada preocupação com o corpo, influenciada pelo discurso médico e higienista, pela maior visibilidade das mulheres com a prática de atividades físicas, mas também pela crescente influência da moda, do cinema e da indústria da beleza. O corpo passa a ser construído como território de liberdade, de escolhas, isto é, de reflexividade do eu, mas também como espaço de aprisionamento, na medida em que se busca a construção de uma imagem corporal, coerente com os padrões emergentes nesta nova ordem social. Com o avanço do capitalismo e das tecnologias aplicáveis ao corpo⁵⁰, este passa a ser um objeto a ser criado, a ser modelado mediante diferentes tipos de intervenções. Diante

⁵⁰ Em se tratando das tecnologias do corpo, importante frisar as esferas médicas e biológicas onde cada vez mais são postos em questão os valores ligados à existência humana como, por exemplo, nos casos de transplantes de órgãos, transfusões de sangue e reprodução assistida, em que os corpos passam a ser pensados sob uma nova  tica.

disso, o culto ao corpo se configura como uma marca do século XX e que viverá a sua radicalização na passagem para o século XXI.

Como já foi salientado, as primeiras academias de ginástica no Brasil foram inauguradas no Rio de Janeiro, na década de 1930 (NETTO e NOVAES, 1996), justamente acompanhando o processo de modernização e incorporação de novos modos de vida que passaram a compor a capital federal. Na segunda metade do século XX o número de academias aumentou significativamente, tendo o seu ápice na década de 1980, como será abordado mais detalhadamente no próximo tópico. O mercado de *fitness*, também denominado como a “indústria do bem-estar”, teve um faturamento em 2008 de cerca USD 800 milhões no Brasil, segundo dados apresentado pelo Instituto Fitness Brasil⁵¹. O mercado mundial alcançou uma marca superior a USD 55 bilhões no mesmo ano, sendo que o Brasil era o segundo país com mais academias no mundo, totalizando 12.682 (doze mil, seiscentos e oitenta e duas) unidades, com cerca de 4 milhões de alunos/as. A cultura física insurgente na contemporaneidade, com a prática da ginástica, do esporte e a criação das academias, fornece elementos importantes para a configuração do culto ao corpo, tal como se manifesta na atualidade.

3.2.2 *Culto ao corpo e práticas bioascéticas*

Frente ao exposto até aqui, torna-se evidente que o culto ao corpo figura como uma das principais preocupações da sociedade contemporânea, desde o início do século XX com a maior visibilidade do corpo inicialmente provocada pelo discurso médico, mas também pelas transformações nas relações sociais que incidiram diretamente sobre a corporeidade. Não é tarefa fácil definir fenômenos sociais sem limitá-los a um enquadramento teórico que provavelmente não os cabem em sua totalidade. No Brasil, o conceito de culto ao corpo vem sendo objeto de reflexão de vários/as pesquisadores/as que geralmente o tomam a partir do entendimento de uma cultura de atitudes com relação ao corpo, que envolve tanto o consumo de produtos e diversos, como um sentido de adoração diante das possibilidades modernas de construção da aparência. Trabalhos como os de Goldenberg e Ramos (2002), Malysse (2002) e Sabino (2002),

⁵¹ Os dados apresentados sobre a indústria do *fitness* foram solicitados através do site do Instituto Fitness Brasil, <www.fitnessbrasil.com.br>, que atendeu ao pedido enviando informações já sistematizadas da pesquisa *The Wellness Revolution*, de Paul Zane Pilzer – *The IHRSA Global Report 2008*, realizada pela International Health, Racquest & Sportsclub Association.

que compõe junto a outros artigos o livro *Nu e Vestido* (2002), além da tese de Castro (2003) *Culto ao corpo e sociedade*, entre outros, revelam a importância de estudos no âmbito das ciências acerca desta problemática, sobretudo frente ao alcance que o fenômeno do culto ao corpo apresenta na sociedade brasileira.

O sentido do termo culto, sobretudo em uma interpretação antropológica, está muito ligado às práticas de veneração e cerimônias religiosas. Em linha semelhante se dá o entendimento filosófico do termo, com origem no latim *cultus*, como “[...] todo um conjunto de ritos e práticas de veneração ou de propiciação de divindades, de ancestrais, de seres sobrenaturais ou de certos símbolos” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 61). Entre outros sentidos possíveis, ao tomá-lo para pensar o culto ao corpo, é preciso considerar todo o conjunto de práticas higiênicas, de lazer e bem-estar que associadas constituíram uma cultura do corpo, em que este é posicionado como “objeto” de adoração a partir de diferentes motivações.

Nesta perspectiva, o culto ao corpo não se refere apenas à prática de atividades físicas, esportes e academias de ginásticas, mas a uma série de outras práticas de consumo, como a de cosméticos, fármacos, vestuário e alimentação, além do estabelecimento de novos padrões de higiene fisiológica. É todo um conjunto de elementos que começa a ganhar cada vez mais espaço na sociedade contemporânea e que vai se radicalizar na passagem do século XX para o século XXI. Castro (2003) define o culto do corpo como:

[...] um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido. Assim, envolve não só a prática de atividades físicas, mas também dietas, cirurgias plásticas, uso de produtos cosméticos e tudo o mais que responda à preocupação em se ter um corpo bonito e/ou saudável (p. 17).

A prática do culto ao corpo faz-se presente hoje entre as diferentes sociedades, faixas-etárias e grupos sociais. Ainda que se possa relacioná-la principalmente à sociedade ocidental e ao capitalismo, também é possível perceber como o culto ao corpo foi incorporado no mundo oriental. O Japão, por exemplo, tem grande destaque no faturamento da indústria de cosméticos⁵², com um público bem diversificado não só

⁵² No ano de 2009, estimava-se que a indústria da beleza no Japão faturava cerca de US\$ 4 bilhões ao ano, com destaque para o alto consumo do público masculino no que se refere aos salões de beleza e à venda de produtos para a pele masculina, que somaram US\$ 194 milhões no ano de 2008 (*Homens vaidosos movimentam a indústria de cosméticos no Japão*, publicado em *Época Negócios*, em

entre as mulheres, mas também entre os homens. No que tange aos diferentes grupos sociais, é certo que o culto ao corpo é um fenômeno predominantemente urbano, mas no que se refere às classes sociais, ainda que alguns serviços e produtos sejam privilégios das classes mais privilegiadas, o que se vê é uma ampla difusão das práticas de culto ao corpo também em setores menos favorecidos economicamente, sobretudo entre as mulheres.

A disseminação da ideia de que o corpo físico é parte essencial na constituição das subjetividades é provocada, principalmente, pelos instrumentos midiáticos que divulgam distintas possibilidades de aperfeiçoamento corporal através de cosméticos, fármacos, alimentos específicos, programas alimentares etc.. Ademais, divulga-se a teoria de que determinados predicados corporais são atributos necessários para o sucesso social, fazendo com que a massa dos indivíduos seja “[...] levada a admirar e a querer imitar o estilo de vida dos ricos, poderosos e famosos” (COSTA, 2005, p. 166), inclusive no que diz respeito ao corpo, que se revela como o caminho mais “fácil” para tal aproximação.

Como pode ser inferido das reflexões acima, o culto ao corpo ora se apresenta através do discurso da preservação da saúde, da manutenção de um corpo saudável, ora pelo discurso da estética, da juventude e da beleza. Independentemente da forma e do instrumento, está sempre presente a noção de que são os cuidados com o corpo que em grande medida revelam a essência dos indivíduos. Quanto maior o “sucesso” nos cuidados com o corpo, mais a pessoa é reconhecido por seus pares. Por outro lado, aqueles/as que não se disponibilizam a “cuidar de si”, a se vigiar e controlar, são vistos como desviantes (ORTEGA, 2008). Conforme observado por Bourdieu (1988), as práticas corporais são marcadoras de distinção social. Além disso, as práticas de consumo associadas ao culto do corpo podem revelar as estruturas estruturadas e estruturantes do *habitus*.

O corpo é a mais irrecusável objetivação do gosto de classe, que manifesta de diversas formas. Em primeiro lugar, no que tem de mais natural em aparência, isto é, nas dimensões (volume, estatura, peso) e nas formas (redondas ou quadradas, rígidas e flexíveis, retas ou curvas, etc.) de sua conformação visível, mas que se expressa de mil maneiras toda uma relação com o corpo, isto é, toda uma maneira de

tratar o corpo, de cuidá-lo, de nutri-lo, de mantê-lo, que é reveladora das disposições mais profundas do *habitus* (p. 188).

O conceito de *habitus*⁵³ foi retomado por Bourdieu que lhe deu nova significação a partir da necessidade empírica de compreender as relações de afinidade entre os comportamentos individuais, as estruturas e condicionamentos sociais, quando de suas pesquisas na Argélia e em Béarn (SETTON, 2002). Em sua ressignificação, o *habitus* passa a ser compreendido como “[...] um sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2004, 1991).

No contexto da obra de Bourdieu, o conceito de *habitus* se remete à mediação entre indivíduo e sociedade, apresentando-se como um instrumento que concilia a “suposta” oposição entre as realidades individuais e as realidades exteriores, expressando, deste modo, a relação dialógica entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo. Para o autor, o *habitus* é inerente aos indivíduos e como dispositivo atua no sentido de determinar os gostos, as práticas e os estilos de vida associados a uma classe social. Na medida em que o *habitus* como um conjunto de dispositivos que estabelece os diferentes estilos de vida, também engendra as formas de distinção como marcadores de classe.

Apoiando-se em uma construção teórica que defende a circulação do *habitus* no espaço social em um contínuo entre o individual e o coletivo, o “*habitus* coloca a questão da centralidade do corpo como o *locus* privilegiado de análise do sujeito social” (MONTAGNER, 2006, p. 518). É sobre o corpo que o *habitus* se inscreve dando-lhe forma, em termos de apresentação, mas também moldando os comportamentos, gestos, modos de sentar, andar ou se portar à mesa. Na interpretação de Featherstone (1995, p. 128). “[...] o corpo é a materialização do gosto de classe: o gosto de classe está ‘corporificado’. Cada grupo, classe e fração de classe tem um *habitus* diferente [...]”.

⁵³ O filósofo grego Aristóteles utilizava o conceito *hexis* que foi retomado, posteriormente, pela tradição escolástica e traduzido pelo conceito de *habitus* em latim, para fazer referência às características corpóreas e da alma apreendidas mediante um dado processo, aludindo às ações da mesma espécie como uma disposição prática, permanente, costumeira e automática, sendo, na maioria das vezes, despercebida. Na sociologia francesa, o conceito também foi utilizado por Durkheim, na perspectiva da manutenção de uma relação coerente e durável com o mundo, sobretudo ao mencionar dois contextos históricos específicos: as sociedades tradicionais e os regimes de internato (LAHIRE, 2002).

Ao abordar os critérios de distinção social da classe burguesa, Bourdieu (2008) vai apontar tanto as maneiras de falar, como as posturas corporais na constituição da distinção. Nos gráficos em que apresenta espaços de posições sociais e de estilos de vida (p. 118/119), estão discriminadas, entre outros aspectos, as preferências culturais, alimentares e esportivas dos diferentes quadros profissionais, relacionados às diferentes classes sociais. A crítica que se coloca à perspectiva bourdeusiana se faz tanto no sentido da total incorporação inconsciente do *habitus* – e das preferências que lhe são peculiares – como também na rigidez dos quadros em que determinados critérios são vinculados às classes e/ou grupos profissionais.

Trazendo para a discussão as dimensões do culto ao corpo e relacionando aos critérios de distinção de Bourdieu, práticas corporais como as restrições alimentares/dietas, por exemplo, são apresentadas pelo autor como elementos de distinção de classe. No entanto, como observado por Ortega (2008, p. 32) “cabe se perguntar se a dietética é ainda um elemento de distinção classe, visto que a preocupação com taxas de colesterol e alimentos *light* atravessa as diferentes classes sociais. O estigma moral que se abate sobre o gordo é comum a rico e a pobres”.

Ainda que sejam resguardadas as notáveis diferenças entre as práticas possíveis em grupos economicamente mais ou menos privilegiados economicamente – o tipo de academia ou esporte que cada grupo tem acesso, a possibilidade de consultas médicas em determinadas especialidades e o consumo de alimentos *diet* ou *light* são práticas que dependem da detenção de certo capital econômico – , a grande população “sofre” a imposição de um mesmo padrão corporal que associa saúde, beleza, magreza e juventude, amplamente difundido pelo discurso midiático e que recai, principalmente sobre as mulheres. As referências às “celebridades” e suas histórias de sucesso com a perda de peso foram frequentes nas entrevistas. Em todas as academias em que foram realizadas entrevistas, dos setores mais “nobres” às áreas mais periféricas, as falas evidenciaram o mesmo anseio das mulheres em percorrer o trinômio da saúde, beleza e juventude, tal como é divulgado pela mídia a respeito das ditas “celebridades”.

[...] a gente quer ficar magra porque é bonito né...tanta mulher linda magra que a gente quer ficar igual...ninguém quer ser feia e a verdade é que todo mundo espera que a gente se cuide e esteja sempre bonita...magra e jovem....principalmente as mulheres....tem homem vaidoso mas mulher é sempre mais cobrada...porque se a gente vê na TV uma Carolina Dieckman uma Débora Seco....todo mundo acha

elas lindas e quer ficar igual...e elas são magras e lindas...mas pra gente chegar lá tem que correr atrás e não é fácil...tem que ter muito controle e força de vontade (SLN1)

[...] a mulher idealiza aquela mulher da televisão e diz que quer ficar igual a ela...então tem muito isso...culto ao corpo...a mídia prega muito isso...tá na novela...tá nos filmes....é programa de cirurgia plástica e tudo...então o professor de educação física tem que tá orientando de forma correta como que a aluna deve agir com dicas de saúde...mostrar que aquilo não é real e que aquilo ali é a mídia que constrói..tem muito efeito de câmera...as próprias alunas aqui mostram isso...elas querem ficar igual a fulaninha...uma atriz que emagreceu...uma que teve filho e ficou magrinha...elas chegam aqui e dizem mesmo (P9).

[...] eu não tenho como ir num médico pra me dar um dieta e falar se eu como isso ou aquilo...eu vou vendo...eu mesma acompanho na televisão nas revistas....até na internet porque nem sempre pode comprar revista e tem tudo lá...o que é saudável...qual o exercício fazer pra cada parte do corpo [...] (SNB1)

Mais do que a simples imitação ou reprodução da aparência de pessoas famosas e ricas, busca-se um estilo de vida, um ideal de felicidade, sucesso e reconhecimento que está intimamente relacionado ao poder que se tem sobre o corpo e ao autocontrole. A reprodução ou imitação de práticas corporais ou comportamentos não são exclusivas das sociedades modernas. Ao contrário, historicamente, a imitação tem um papel preponderante na socialização e na construção dos comportamentos aceitos pela coletividade, em diferentes contextos históricos e sociais. Com este direcionamento, Gil (1997, p. 53) refere-se à existência de uma comunicação corporal “tribal’ em que o papel principal é desempenhando pela ‘imitação... o comportamento manifesto, a sugestão social, que são comunicações em si informais’, sendo a função da linguagem apenas articular e racionalizar estas comunicações”.

Considerando o significativo desenvolvimento dos meios de comunicação no século XX, estes passam a ter um papel preponderante como agentes de socialização, levando à grande massa as mensagens e imagens vinculadas a uma representação dos critérios de distinção social, que são, por sua vez, mediados por um consumismo generalizado.

A distinção pessoal e a afirmação do eu dependem sobretudo da adoção de um estilo e no seguimento da moda e não do uso de símbolos de classe, os quais perderam muito do seu impacto e

significado. Neste contexto, a adoção de comportamentos modernamente valorizados e a imitação de modelos positivamente conotados, representa uma forma reflexiva de construção do eu, possibilitando a integração e o destaque nas nossas sociedades de consumo modernas (CUNHA, 2004, p. 121).

O crescimento e a urbanização das cidades ao longo do século XX foi acompanhado pelo desenvolvimento de tecnologias da comunicação, que passaram a disponibilizar novos meios de acesso à informação, como o cinema, o rádio, a mídia impressa de grande circulação, a televisão e, mais contemporaneamente, a *internet*. Com isso, a difusão de informações tornou-se cada vez mais rápida, além de alcançar um público maior e mais heterogêneo, inclusive nas classes populares, que também passaram a acessar bens culturais que influenciaram o seu comportamento, sobretudo através do cinema e da televisão.

Não se pode ignorar, no entanto, que desde o século XIX já circulavam no Brasil jornais e revistas de moda⁵⁴, além dos manuais de etiqueta voltados, principalmente, para o público feminino. Estas publicações se restringiam à “boa sociedade” que deviam ser “polidas” quanto aos costumes, ter o gosto refinado e se adequar à moda européia, para que pudessem se habilitar à vida na Corte (RAINHO, 2002). Mas tanto o acesso aos citados periódicos, como os serviços e produtos neles veiculados, limitavam-se aos membros da “boa sociedade”.

Com a expansão da produção capitalista de mercadorias e dos meios de comunicação nas primeiras décadas do século XX é que começa a se delinear uma cultura do consumo massiva. A nova ética do consumo insurgente no último século, sobretudo no final da década de 1920, foi apropriada pela indústria da publicidade que passou a difundir novos valores, tais como, a celebração da vida presente, o hedonismo, a liberdade perante obrigações sociais, o exotismo dos lugares distantes e, ainda, a beleza do corpo, associada à construção de novos estilos de vida (FEATHERSTONE, 1995).

Neste sentido, o culto ao corpo “em forma”, jovem e saudável, é algo próprio da condição do indivíduo moderno. O início do século XX representa um marco para a construção de um novo ideal de corpo, fortemente influenciado pela expansão da indústria do cinema, de cosméticos, de moda e de publicidade (CASTRO, 2003). Neste

⁵⁴ Segundo Rainho (2002, p. 68) o “*Espelho Diamantino* foi o primeiro jornal a tratar de moda no Brasil. Editado no Rio de Janeiro pela tipografia de Plancher-Seignot, circulou entre 1827-1828”.

período, o corpo magro se impôs como padrão de beleza, em decorrência da entrada das mulheres no esporte que passaram a exibir um corpo mais leve e esbelto.

Na mesma linha, Giddens (2002) aponta a década de 1920 como o surgimento do ideal de magreza e da dieta como caminho para a perda de peso e para a auto-regulação da saúde. O autor reconhece a relação entre o aparecimento das dietas e os novos valores da aparência corporal, que coincidem com a aceleração da manufatura dos alimentos e o aumento da disponibilidade e variedade de alimentos. Diante da pluralidade de escolhas assente na modernidade, o indivíduo reflexivo moderno passa a buscar o controle do seu próprio corpo, que passa a ser um dos principais meios de afirmação de identidade.

É preciso observar, contudo, que a configuração atual do culto ao corpo deu-se a partir de um processo gradativo, influenciado por determinados fatos históricos e novas práticas corporais. A década de 1950 foi marcada pela expansão do lazer, valorização do esporte, além do direito às férias remuneradas, o que implicava na possibilidade de viagens ao litoral, nas quais a exposição do corpo ocupa um espaço central. Em seguida, com a revolução sexual, o corpo emerge como cenário de transgressão, havendo, ainda a valorização do estilo jovem. O movimento hippie é um exemplo de como novas formas de lidar com o corpo e a sexualidade masculina e feminina emergiram neste contexto. O que não foi diferente com relação aos padrões de beleza, uma vez que os homens, influenciados pelos ideais de amor e liberdade da época, deixavam crescer os cabelos e usavam adornos quase que femininos para se enfeitar.

Ainda em meados dos anos de 1970, é interessante mencionarmos o movimento *punk*, uma subcultura jovem de “estilo rebelde e revoltado” que também inovou no que concerne ao desenvolvimento de uma nova corporeidade, sobretudo com relação à construção da imagem corporal associada ao próprio estilo de vida. O estilo *punk* teria sido responsável pela incorporação de determinados objetos e acessórios à moda, tais como coleiras, correntes, alfinetes de segurança nos lábios e orelhas. As mulheres *punk* refletiam com suas aparências, “[...] clichês sexuais como meias arrastão, saltos agulhas, sutiãs aparentes e capas de borracha” (STEELE, 1997, p. 42), revelando uma nova imagem do corpo feminino e da mulher. Para algumas autoras, este movimento exerceu significativa influência na construção de uma representação das práticas sexuais associadas às desigualdades de gênero.

[...] a cena *punk* começou a glorificar o sadomasoquismo. Meninas adolescentes enfiavam alfinetes nas orelhas, pintavam os lábios de um azul cor de hematoma e rasgavam as roupas para sugerir embates sexuais. Já no final da década, o sadomasoquismo se elevava de moda de rua para a alta moda sob a forma de couro negro tacheado, pulseiras de couro e pregos. As modelos de moda adotaram o olhar furioso e revoltado da mulher violada na pornografia violenta. Os estilos sexuais ‘cor de rosa’ – amorosos e não-violentos – adquiriram um tom obsoleto (WOLF, 1992, P. 180).

Em seguida, na década de 1980, a corporeidade passa a exercer um papel central no espaço social, com o aumento da prática de atividades físicas e o aparecimento da geração saúde, com a “proliferação das academias de ginástica por todos os centros urbanos” (CASTRO, 2003, p. 24). Aliados aos sacrifícios e às dores por exercícios físicos nas academias ginásticas – cite-se o exemplo dos *body builders* – apresenta-se a difusão das diferentes formas de marcas corporais como as tatuagens, os *piercings* e a contemporânea *body art* que evidenciam das maneiras mais radicais a condição de objeto do corpo⁵⁵. Nesta medida, ao longo do século XX todos estes fatores conjugados contribuíram para a consolidação do culto do corpo como um estilo de vida contemporâneo.

A moda exerceu e exerce significativa influência sobre a corporeidade na modernidade. Ainda na década de 1970, a maneira como a moda difundiu corpo feminino como objeto foi alvo de várias críticas feministas. Contemporaneamente, sua abundância de oferta – assim como a dos cosméticos – tem grande influência sobre a construção de um ideal de magreza como padrão de beleza feminina. Segundo Castro (2003), a moda constitui-se com uma das mais importantes dimensões do estilo de vida contemporâneo. Historicamente, o estudo da moda nos revela aspectos essenciais para a compreensão de um dado contexto social, como podemos inferir da abordagem de Gilberto Freyre (1987) acerca das diferenças entre os modos de homem e as modas de mulher no século XIX, ou mais especificamente, das assimilações do vestuário europeu comumente inapropriado às condições de clima tropical, entre outras coisas. Com o desnudamento promovido pela moda no desenrolar do século XX – biquínis nos anos de 1950, minissaias na década de 1960 –, a manutenção da aparência física se tornou condição para “estar na moda”. Assim, o quadro atual em que a relação entre o corpo

⁵⁵ Para Le Breton (2003, p. 44) “a *body art* contemporânea [...] ilustra a condição inédita de um corpo transformado em objeto. [...] O corpo entre em cena em sua materialidade. [...] A *body art* é uma crítica pelo corpo das condições de existência”.

ideal magro e as roupas da moda que o valorizam, encontra-se inserido em um padrão pré-estabelecido e expressa um estilo, uma identidade.

O fato de o indivíduo estar “na moda” em todos os sentidos, lhe confere identidade e reconhecimento nas diferentes esferas de sua existência. Por outro lado, se não está inserido ou está “fora de moda” pode vir a perder tal reconhecimento, ou ao mesmo tempo, estar afirmando outro estilo de vida ou identidade, a partir da manifestação de sua preferência em contrariar a moda. Em estudo clássico sobre a moda, Simmel evidencia o quanto a moda expressa, simultaneamente, tanto o impulso para igualização como para a individualização. Na perspectiva do autor, a moda combina ambos os pólos.

[...] por um lado um recinto de imitação geral, um nadar tranquilamente nos amplos canais da sociedade, um alívio do indivíduo em face da responsabilidade pelo seu gosto e pelo seu fazer – por outro, no entanto, uma caracterização, um realce, um adorno individual da personalidade (SIMMEL, 2008, p. 38/39).

Em, *A metrópole e a vida mental*, Simmel (1987, p. 583), refletindo sobre o individualismo moderno, demonstrou que a possibilidade de se exercer autonomia, liberdade e criatividade é viabilizada pela metrópole. “[...] que garante ao indivíduo uma espécie e uma medida de liberdade pessoal, com relação à qual não há nenhuma analogia em outras situações”. O paradoxo apresentado por Simmel se coloca no excesso de estímulos nervosos que, mesmo frente às experiências de liberdade e hedonismo da metrópole, acabam por tornar o indivíduo *blasé*, incapacitando-o para reagir a novos estímulos.

Neste sentido, a cultura moderna assente na metrópole se caracteriza pelo domínio do “espírito objetivo sobre o espírito subjetivo” nas mais diferentes dimensões. Tal preponderância torna o indivíduo cada vez menos capaz de se sobrepôr à cultura objetiva, levando-o a buscar “[...] o que há de extremo em peculiaridade e particularização, e é preciso exagerá-las para que se possa tornar audível, inclusive para si mesmo” (SIMMEL, 1987, p. 588). O desejo de particularização e afirmação da personalidade na grande cidade será mediado pelas trocas monetárias, que substitui os laços tradicionais que vinculavam os indivíduos em comunidades tradicionais. Assim, o dinheiro e o consumo serão tomados como critérios de distinção, ou seja, caminhos para alcançar a desejada diferenciação.

A moda, como manifestação privilegiada das tensões e interações presentes na sociedade, representa “[...] da forma mais visível e concreta, a realidade essencialmente dialéctica e dinâmica da sociedade feita de interconexões e liames, mas também de inevitáveis conflitos entre os indivíduos, entre as múltiplas e diferentes formações sociais, entre os indivíduos e os grupos ou as classes” (MORÃO, 2007, p. 9). É também a moda que foi abordada por Simmel como uma das estratégias de diferenciação social, frente à busca de particularização na qual o indivíduo se empenha nas grandes cidades. Na perspectiva simmeliana, a moda representa o compromisso contraditório do indivíduo que tende ao geral, celebrando sua dedicação ao todo social, mas também ao específico, o que implica na construção de sua singularidade “apartada do todo social” (SOUZA, 2008, p. 18).

Apesar de reconhecer as condições vitais da moda como a imitação de um modelo dado com vistas ao apoio do todo social presente na história das sociedades, é na modernidade que Simmel localizou a moda como produto da divisão de classes, que fecha em um círculo social restrito aqueles que compartilham de um *status* superior. Se estes se igualam, porque estão inseridos no mesmo círculo, com relação aos demais, que estão fora do círculo, se diferenciam. Sendo assim, a moda une e diferencia, revelando sua função de diferenciar os membros de cada classe social⁵⁶.

Trazendo a perspectiva de Simmel sobre a moda para pensar o culto ao corpo na sociedade contemporânea, vale ressaltar como o autor descreve o significado do adorno, novamente evidenciando a ambiguidade entre o altruísmo e o desejo de reconhecimento:

Adornamo-nos para nós mesmos, mas só o podemos fazer enquanto nos adornamos para os outros. Uma das combinações sociológicas mais extraordinárias é que um acto a serviço do relevo e do aumento da importância de quem o realiza alcance este seu objectivo tão-só através do deleite para os olhos que oferece aos outros, exclusivamente como uma forma de gratidão tributada pelos outros.

⁵⁶ Um grupo do todo social participa efetivamente da moda, enquanto os demais aspiram alcançá-la. Contudo, segundo afirma Simmel “Logo que as classes inferiores começam a apropriar-se da moda, ultrapassando assim a fronteira instituída pelas superiores e rompendo, destas, a homogeneidade da co-pertença assim simbolizada, as classes superiores desviam-se desta moda e viram-se para outra, graças à qual de novo se diferenciam das grandes massas, e na qual o jogo mais uma vez se inicia (SIMMEL, 2008, p. 27). Uma vez já apresentado o meu posicionamento a respeito dos critérios de distinção entre as classes sociais a partir de Bourdieu, considero pertinente que esta discussão não seja retomada aqui mais uma vez. Apenas reitero que a moda contemporaneamente pode ser tomada a partir de uma perspectiva diferenciada, frente à complexidade em que se apresenta, não necessariamente desencadeando um processo de imitação do *habitus* das classes superiores.

Pois também a inveja do adorno significa apenas o desejo do invejoso de adquirir para si o mesmo reconhecimento e a mesma admiração [...] (SIMMEL, 2008, p. 59)

Esta “contradição” entre o cuidado de si para si e o cuidado de si para o outro também se coloca quando se pensa no culto ao corpo e à magreza entre as mulheres. Observa-se com frequência o modo como as mulheres entrevistadas posicionam o culto ao corpo em suas experiências, ora em função de um bem-estar pessoal, ora em função da preocupação de como se mostrar para o outro ou para a outra, já que algumas falas insinuam que o empenho das mulheres com os cuidados corporais visam atender às expectativas das outras mulheres.

*Hoje em dia todo mundo **tem que se cuidar**...faz parte dessa nova vida moderna...a gente não tem tempo de nada nessa cidade e se descuidar caí tudo mesmo...principalmente a mulher que o tempo não privilegia como os homens...[...] tem vários problemas de saúde que a gente pode ter quando tem uma vida sedentária...é físico mesmo...mas também tem o lado emocional porque quando a gente faz alguma coisa e se sente bem por isso tudo fica bem...e tem muita mulher deprimida aí porque se sente feia...gorda...e ás vezes é desleixo mesmo...a pessoa não se cuida e não se preocupa com a apresentação...é **descuidada** [...] (STG3)*

*Tipo quando a gente tá se sentindo bem tudo fica melhor né...e se todo mundo diz que você tá bonita fica mais segura e tudo na vida vai dando certo...é importante **se cuidar** pra se sentir bonita e as pessoas te olham e te vêem como uma mulher bonita...segura...poderosa (SGU1)*

*Aqui a gente faz um trabalho com as meninas de estar trabalhando não só a parte física como o emocional....elas querem emagrecer e querem ficar bonitas então a gente tem que estar trabalhando a ansiedade delas com o resultado e isso vai aparecendo...não tem jeito...quando elas seguem o programa certinho e **cuidam** da alimentação...ganham em saúde e se sentem melhor e mais bonita porque as pessoas percebem isso e falam com elas... ‘nossa como você tá magra...o que você fez’ e aí elas voltam pra cá ainda mais animadas pra seguir tudo certinho (P3).*

O imperativo do cuidado que para as mulheres se traduz no imperativo da beleza está presente não apenas nestas falas, mas em praticamente todas as entrevistas realizadas nesta pesquisa. Ao serem perguntadas sobre beleza, sobre saúde, sobre motivações para a escolha de desenvolverem atividades físicas em academias ou sobre as opções alimentares, frequentemente repetiam a frase “a gente tem que se cuidar” ou

“*é importante se cuidar*” ou “*a mulher tem que se cuidar*”, entre outras aparições. O cuidado que se referem tanto é o cuidado com a saúde, a partir do que é ditado pelo discurso médico, como é o cuidado com a aparência. Sua função é satisfazer, ao mesmo tempo, aos anseios pessoais e às expectativas do grupo social, tal como foi observado por Simmel a respeito do uso dos adornos.

Tomando o imperativo dos cuidados corporais como objeto de reflexão, Ortega (2008) retoma os estudos de Foucault sobre as formas clássicas de ascese para pensar as modernas ascetes corporais que denomina como bioascetes. Comparando as práticas ascéticas da Antiguidade, com as modernas bioascetes, Ortega (2008, p. 46) afirma que as primeiras visavam à liberdade da vontade, ao passo que as práticas bioascéticas contemporâneas representam “[...] uma vontade ressentida, serva da ciência, da causalidade, da previsão e da necessidade, que constrange a liberdade de criação e anula a espontaneidade”.

Segundo a análise do filósofo, as práticas bioascéticas estão relacionadas com a ideologia do *healthism*, na qual a saúde deixou de ser apenas uma preocupação para se tornar um valor absoluto. A construção das bioidentidades é mediada por um conjunto de recursos reflexivos associados às práticas bioascéticas, tais como os cuidados corporais, médicos, higiênicos, estéticos, a perseguição de manuais, as terapias e o *fitness*. Assim, Ortega (2008) defende que a reflexividade é um processo de cobrança e peritagem contínua sobre nós mesmos, que atua não apenas sobre o *self*, mas principalmente sobre o corpo. Como exemplos significativos deste processo, Ortega (2008) cita a dieta e o *fitness*, que levam a uma seleção reflexiva refletindo um estilo de vida e um critério de biossociabilidade.

No que se refere à reflexividade e o discurso do risco que imprime sobre o corpo o imperativo do cuidado, Ortega (2008, p. 33) acrescenta que:

Na atualidade, o discurso do risco é o elemento estruturante básico da biossociabilidade [...]. O indivíduo se constitui como autônomo e responsável, interiorizando o discurso do risco. O corpo e o *self* são modelados pelo olhar do outro que leva à introjeção da retórica do risco, resultando na constituição de um indivíduo responsável, que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o afastamento dos riscos.

Da mesma forma que o discurso médico sobre o risco motiva as pessoas para o cuidado de si, com vistas ao prolongamento da vida, manutenção da saúde e ao

reconhecimento pelo grupo social de suas capacidades físicas e mentais, aqueles/as que não buscam uma existência isenta de riscos são representados/as como os/as novos/as desviantes. Como já foi explicitado anteriormente, na cultura do corpo é preciso estar vigilante para todos os sinais que evocam a falta de saúde, de beleza ou de magreza e, mais ainda, a falta de cuidado para com o corpo que representa tanto a responsabilidade sobre si, quanto o compromisso de não onerar os outros.

Prosseguimento em sua análise, Ortega (2008) alinha o discurso médico e o discurso feminista sobre a saúde, afirmando que ambos reproduzem a ênfase no risco estabelecendo “[...] os parâmetros de avaliação moral e de distinção entre a mulher ‘boa’ e a mulher ‘má’” (2008, p. 34). Apesar de o autor não aprofundar sua reflexão no que tange ao discurso feminista, ao que parece, sua crítica refere-se à representação da mulher “boa” que “[...] é responsável e vigilante, não quer ser um fardo para a família e para o sistema de saúde e faz da autonomia a sua bandeira política” (2008, p. 34). Na visão do autor, as bioidentidades são construídas partindo da ideologia do indivíduo autônomo e da aversão à dependência.

Contudo, posso afirmar que há grandes distâncias entre os discursos feministas e médicos no que tange à saúde da mulher e ao exercício de sua autonomia. Como foi demonstrado ao longo deste capítulo, historicamente, o discurso médico tomou o corpo feminino como objeto visando controlar não só o corpo, mas também a vivência da corporeidade feminina. Os discursos feministas, por sua vez, emergem no sentido contrário reivindicando a liberdade feminina sobre o corpo. Além disso, a luta feminista pela autonomia das mulheres não me parece estar relacionada à aversão à dependência característica do individualismo moderno, e sim à independência dos poderes patriarcais e dos discursos de verdade sobre o corpo das mulheres e sobre a feminilidade.

Ainda mais explícito neste debate, é a posição das feministas sobre a submissão das mulheres aos estereótipos de beleza e à compulsão consumista de produtos e serviços que compõem a indústria da saúde e da beleza. Em geral, há um posicionamento consensual no sentido de relacionar as práticas de culto ao corpo com a lógica capitalista, marcada pela produção e consumo massivos. Orbach (1986), por exemplo, observa como as mulheres são estimuladas a buscar um ideal de beleza através do consumo incessante de bens e roupas que são quase instantaneamente ultrapassados pela moda mais recente. Em linha semelhante, Wolf (1992) se refere ao imperativo do consumo e sua relação com o mito da beleza:

Assim que o valor social básico da mulher não pôde mais ser definido pela encarnação da domesticidade virtuosa, o mito da beleza o redefiniu como a realização da beleza virtuosa. Tal redefinição criou um novo imperativo de consumo e uma nova justificativa para a desigualdade econômica no local de trabalho, que substituíram os que já não mais exerciam influência sobre a mulher recém-liberada (WOLF, 1992, p. 23).

Neste ponto, concorda-se com o que é explicitado por Ortega (2008) acerca das práticas bioascéticas, caracterizadas pelo autor como apolíticas e individualistas, traduzindo-se numa certa “atrofia social” no que tange ao interesse pelo mundo. Aproximando as práticas bioascéticas do mito da beleza descrito por Wolf (1992), segundo a autora, este foi configurado na contemporaneidade como uma resposta à saída das mulheres do mundo doméstico. Novamente foram impostos às mulheres os tabus e limitações sobre o corpo, antes colocados pela religião e pelo imperativo da reprodução, mas agora reconstituídos pela ocupação com a beleza. Ao se ocuparem com a beleza, tornam-se mais vulneráveis psicologicamente e têm menos tempo para se dedicarem a questões mais políticas na esfera pública. Esta é uma das faces do culto ao corpo vivido pelas mulheres.

Frente ao exposto, acredito ter fornecido os elementos necessários para a compreensão do fenômeno do culto ao corpo e de sua forma de atuação. Estar com o corpo “em forma” – dentro dos padrões de magreza pré-estabelecidos –, estar na moda, ou seja, tendo acesso ao consumo de variados produtos que estão associados à manutenção da magreza e da “beleza”, como cosméticos, roupas, alimentos *diet e light*, além da submissão às intervenções cirúrgicas, entre outras práticas, se enquadram no que é denominado contemporaneamente como culto ao corpo. O culto ao corpo representa a busca de um ideal estético e erótico, mas também sinaliza como vem sendo construída a corporeidade moderna, o autocontrole e a constituição de novas identidades e estilos de vida.

3.3 Por uma compreensão de beleza e magreza para mulheres

Diante da problemática proposta, faz-se necessário esclarecer alguns elementos acerca da formação do padrão de beleza contemporâneo que está estreitamente relacionado ao fenômeno do culto ao corpo e à magreza que se impõe sobre as

mulheres. Inicialmente, no que concerne à beleza lembramos as observações de Eco (2004, p. 14) quando se refere à definição de padrões de beleza e afirma que esta “[...] jamais foi algo de absoluto e imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país”. Wolf (1992) também afirma que a beleza não é universal e critica a tentativa do mundo ocidental de vincular a origem de um ideal de beleza feminina na “Mulher Ideal Platônica”.

Não é tarefa fácil empreender uma definição do conceito de beleza, que, em uma problematização devidamente aprofundada, necessitaria não apenas de uma genealogia, mas de uma análise profunda das diferentes escolas filosóficas e estéticas que investigaram a constituição do belo em diferentes perspectivas. Este empreendimento por si só já seria uma tese, o que não é objetivo desse trabalho, embora a categoria da beleza esteja intimamente relacionada com o que foi denominado aqui como culto ao corpo. Ao invés disso, mais importante foi pensar que padrões de beleza e fealdade estão em jogo na sociedade contemporânea, a partir das dimensões de culto ao corpo que foram estabelecidas na pesquisa. E sendo a magreza um dos critérios de distinção e beleza impostos aos corpos femininos, é importante compreender, como se deu este processo, e de como as mulheres percebem estes padrões de beleza e magreza.

É necessário lembrar que o estudo da beleza ou dos padrões de beleza, se constituem como caminhos para que se possa compreender a sociedade como um todo. Os critérios que definem o que é bonito ou feio vão muito além dos padrões e práticas corporais, mas dizem respeito a um tipo de ordenação social. Na sociedade contemporânea que tem o corpo como capital (GOLDENBERG, 2006) e mercadoria, a detenção da beleza tornou-se um capital estético que pode ser negociado em diferentes dimensões da vida em sociedade. A boa aparência, como distinção, opera tanto no sentido do bem-estar, como no sentimento de reconhecimento pelo grupo.

Conforme já foi explicitado, os discursos que deram sentido à representação da mulher e da feminilidade ao longo da história ocidental, baseados em concepções dualistas que opuseram natureza e cultura, razão e emoção, entre outras dicotomias, sobrepõem à mulher a condição corporal como essencial a sua existência, em detrimento das faculdades intelectuais e da razão. Neste sentido, à corporeidade feminina foram vinculados os sentidos de beleza e erotismo, que desde os discursos bíblicos sobre a gênese da humanidade representaram a mulher – na figura de Eva –

como exemplo de beleza, futilidade e traição⁵⁷. Desde então, o discurso cristão descreve a beleza e a sedução características das mulheres como uma ameaça.

Ao mesmo tempo em que o discurso cristão viu como ameaça a beleza física das mulheres, exaltou a beleza interior como característica essencial à “boa” mulher. Não que a beleza em geral deixe de ser uma virtude, afinal é também criação divina, mas as mulheres não deveriam exaltar a beleza exterior e sim cultivar a beleza interior. É interessante como este discurso é retomado de forma contraditória atualmente. A concepção de que o que vale é a beleza interior é comumente repetida como uma verdade absoluta, de que não se deve julgar pela aparência, de que é preciso estar bem consigo mesma etc.. Mas o mesmo discurso que celebra a beleza interior como o que há de mais precioso na pessoa, atribuindo-lhe um valor moral, enaltece o culto à beleza exterior quase que como uma condição para a realização da beleza interior.

Em diferentes momentos durante as entrevistas, sobretudo nas primeiras questões em que a problemática da beleza se fazia presente, a “beleza interior” era sublimada pelas entrevistadas frente às motivações puramente estéticas para a atividade física ou o “excesso” de preocupação com o corpo que, segundo as mulheres participantes, “é coisa de mulher”. Ao serem questionadas sobre o que seria a beleza interior, algumas características foram destacadas, tais como otimismo, bom humor, equilíbrio, segurança e inteligência. Apesar de tal enaltecimento, com o desenrolar das entrevistas, deixavam transparecer o “peso” que a aparência exterior tem em suas vidas:

Hoje eu vejo a mulher bonita como uma mulher feliz e bem resolvida...que é segura de si e não importa o corpo se tá gorda ou magra....é uma mulher saudável...porque se você tá saudável pode tentar trabalhar outras coisas pra ficar mais bonita...pode vim numa academia...pode arrumar o cabelo....mulher bonita tem que tá sempre se cuidando e gostar da gente mesmo...ter uma boa auto-estima [....] (SGA3).

É importante pra mulher ser bonita em tudo na sua vida...acho que em tudo mesmo....se você tiver feia....se achando feia...tudo vai andar pra trás na sua vida....e todo mundo vai te achar feia mesmo e você pode até ficar deprimida [...] (SGA3).

⁵⁷ Diversos relatos bíblicos reforçam o estereótipo da mulher bela e sedutora que leva os homens a sucumbirem à tentação da carne. É o caso do adultério entre o Rei Davi e Bate-Seba, casada com Urias. Ou, ainda mais conhecido, o caso de Sansão e Dalila que evidencia ainda com mais vigor o poder da sedução feminina no enfraquecimento do homem.

Percebe-se que na primeira fala a entrevistada afirma que uma mulher bonita, na sua visão, é associada a uma mulher feliz, segura, bem resolvida e saudável. Ao mesmo tempo, complementa demonstrando as opções existentes para que se possa aumentar a beleza, como os exercícios físicos em academia e o cuidado com o cabelo. No final, fecha o raciocínio afirmando a relação entre o cuidado com o corpo e a beleza “exterior” como um imperativo para as mulheres e como condição para elevação de sua auto-estima, o que é reforçado na segunda fala.

Mas nem sempre o discurso sobre a beleza interior se desenvolvia nesta ordem:

Ninguém escolhe a namorada ou o namorado pela beleza interior...vamos combinar né...beleza é beleza...é ser bonito e todo mundo sabe o que é uma mulher bonita....não é que a beleza que a pessoa tem por dentro não seja importante...tem seu valor...é importante...mas só vem em segundo plano...primeiro mesmo o homem quer olhar e ver se a mulher é atraente...é gostosa...e a mulher também não fica atrás...primeiro vê se o cara é gato ou não...é isso que importa pra começar (SNB3)

Várias mulheres, ao serem questionadas sobre o assunto, exaltaram em seus discursos a beleza interior, como se fosse mais ético e aceitável engrandecer o espírito em detrimento do corpo e da beleza exterior. Situação semelhante foi relatada pelas profissionais entrevistadas ao afirmarem que várias alunas buscam associar estética e emagrecimento, mas respondem em suas primeiras avaliações na academia que estão em busca de saúde e qualidade de vida. Embora a beleza interior tenha grande relevância no discurso, na dimensão da prática a beleza exterior é que parece dar o tom.

É possível estabelecer um elo entre essa obrigação de elogio à beleza interior tanto com o discurso cristão, quanto com algumas tendências no mundo da moda no final do século XX – o minimalismo, onde o menos significa mais – e a difusão de terapias alternativas que visam o encontro do “eu” interior. No entanto, o elo do discurso de beleza que mais interessa às pretensões de pesquisa é o que está relacionado com o culto ao corpo e a expansão do capitalismo, que transformou a beleza em um dever para as mulheres. A beleza virou um grande negócio e as mulheres ainda são os principais alvos desta indústria.

Uma vertigem de consumo a acompanha, com o embelezamento se tornando pela primeira vez uma prática tão diversificada como generalizada: a cifra de negócios apenas dos produtos de beleza

quadruplicou de 1965 a 1985, a dos cosméticos em geral duplicou de 1990 a 2000, passando de 6,5 bilhões a 12 bilhões de euros; as vendas dos circuitos de distribuição de vários cosméticos corporais aumentaram de 40 a 50% de 2000 a 2001. O número de salões de beleza sextuplicou de 1971 a 2001, passando de 2,3 mil a 14 mil, e o das operações de cirurgia estética, calculadas em milhares anualmente entre as duas guerras, contam-se hoje em centenas de milhares, sendo a progressão anual da França de 120 mil nos anos 2000 e perto de um milhão nos Estados Unidos, onde apenas as lipoaspirações são, em 2000, dez vezes mais numerosas do que em 1990 (VIGARELLO, 2006, p. 173/174).

A ideologia do corpo perfeito nascente no século XX fez emergir a crença de que a todos/as é possível alcançar o modelo de beleza padrão. Não só é possível, como é uma obrigação das mulheres estarem sempre nesta busca do emagrecimento, da beleza, da juventude, seja através de dietas, de atividades físicas, maquiagem, tinturas que cobrem os cabelos brancos ou cirurgias plásticas que fazem sumir as rugas reveladoras da idade. A indústria da beleza, associada à indústria cultural, sobretudo por intermédio da mídia, passou a difundir padrões e estilos de vida com grande influência sobre as subjetividades, em que as mulheres foram levadas a acreditar que trilhando o percurso do trinômio saúde/beleza/juventude iriam de encontro à felicidade. “É o culto ao corpo na religião do indivíduo em que cada um é simultaneamente adorador e adorado” (DEL PRIORE, 2000, p. 92).

Como é abordado no próximo capítulo, a relação entre o culto ao corpo e a felicidade individual é amplamente divulgada pela academia pesquisada. Entre as profissionais é comum a fala de que não estão lá para cuidar apenas da “parte física”, mas também da “parte emocional”, o que seria, do ponto de vista delas, um dos diferenciais da academia. Também entre as alunas entrevistadas, esta articulação entre beleza e felicidade é predominante. Na mesma lógica em que se insere a busca incessante pela satisfação através do consumo, para ser feliz, na cultura do corpo, não basta ser bonita, é preciso se esforçar constantemente em busca deste objetivo. Há uma idéia de sofrimento e recompensa implícita no desejo de emagrecer.

Quando eu venho pra cá tem dias que to com muita preguiça...nem sempre to animada...o que anima a gente é quando vai pesar ou medir e ver que conseguiu perder...aí é só felicidade...agora quando isso dá errado...quando não perde nada...pior ainda quando ganha...dá um desânimo....por isso que é importante manter a disciplina...a frequência...seguir os conselhos das professoras na alimentação também...fazendo tudo direitinho com um pouco de sacrifício a gente

chega lá...(e eu perguntei onde)...ah...a gente consegue ficar bonita...se sentir bonita e isso deixa a gente feliz...não tem preço (SAS1).

[...] as mulheres bem sucedidas profissionalmente geralmente são bonitas ... e magras... mas também tem muita influência porque quando a mulher se sente bem... feliz e bonita... tudo na vida vai dando certo né (SAS2)

[...] resolvi parar de comer e malhar pra ficar magra e me sentir de bem com a vida...eu queria morrer gorda daquele jeito mas também me entupia de chocolate às vezes...comecei a fazer uma dieta bem ruim e malhar numa academia...[...](SGA3)

Primeira coisa tem que ser magra ((sorri))...é a verdade é isso mesmo...todo mundo fica falando que é isso ou aquilo mas na verdade pra começar tem que ta magra...tem umas gordinhas bonitas mas todo mundo fala ai que pena que é gorda...e é claro que tem as outras coisas...ser feliz alegre um sorriso bonito é tudo de bom...mas só dá pra ser feliz quando a gente ta de bem com o corpo pode ver que toda mulher quando se sente gorda fica chateada e se sente ruim (SLN1)

As quatro falas em destaque abordam a articulação entre a felicidade e a beleza em contextos diferenciados, mas reafirmando a importância desta relação em suas vidas. Na primeira, SAS1 descreve a felicidade frente ao objetivo alcançado e como isso representa uma motivação para o que ela chama de “*sacrifício*”. A felicidade alcançada “*não tem preço*” e por isso ela se empenha em dar continuidade ao ciclo, mesmo que nem sempre tenha vontade para isso. As três falas seguintes ressaltam a importância da magreza como característica de beleza e condição para a felicidade. SAS2 vincula beleza e magreza ao sucesso profissional e SLN1 é enfática ao dizer que só se pode alcançar a felicidade quando se está “*de bem com o corpo*”. Já SGA3 apresentou uma história peculiar que começa com a busca pela magreza e termina com a necessidade de engordar, frente a sua experiência com transtornos alimentares, em uma trama desenvolvida a partir de grandes perdas, de um quadro depressivo e da busca da felicidade através de práticas de culto à magreza.

É importante ressaltar que posicionamentos como os citados acima não se constituem em consenso. Ao serem questionadas a respeito da beleza para mulher, houve quem respondesse que a mulher bonita é aquela que está “*Bem com ela mesma...que se aceita*” (SGU4), ainda que esta referência ao bem-estar fosse diretamente relacionada à satisfação com o corpo, conforme a resposta da entrevistada quando perguntada sobre o que significava pra ela sentir-se “*bem com ela mesma*”:

*“[...] é estar satisfeita com o corpo...se olhar no espelho e se sentir bem **mesmo com uma gordurinha aqui e outra ali**” (SGU4).*

Apesar do sentido de estar bem ou se aceitar poder ser relacionado à ideia de valorização da beleza interior, é interessante observar como na própria resposta fica evidenciado que ter *“uma gordurinha aqui e outra ali”* não é parte do que gera satisfação com o corpo e felicidade. Ao contrário, a presença da “gordurinha” precisa ser aceita e provavelmente superada a partir de certo esforço. Ainda que tentem enfatizar a possibilidade da mulher ser feliz e estar satisfeita com o seu corpo independentemente do peso ou dos padrões de beleza ditados, na prática, a mulher que não se preocupa em perder peso, por exemplo, é sempre vista com curiosidade, inclusive pelas professoras:

*[...] nós temos até aqui **um caso engraçado** aqui...uma aluna obesa que diz que se sente muito bem do jeito que ela é e diz que só vem pra cá porque as taxas de colesterol estão altas...mas ela se acha linda do jeito que ela é...essa pra mim é uma mulher bonita...se ela fosse sair por aí talvez as pessoas não achassem porque o ideal de beleza de hoje não aceita as gordinhas né...gordinha e bonita não dá certo...**mas pra mim se ela for feliz** ((sinaliza positivamente com a cabeça)) (P5)*

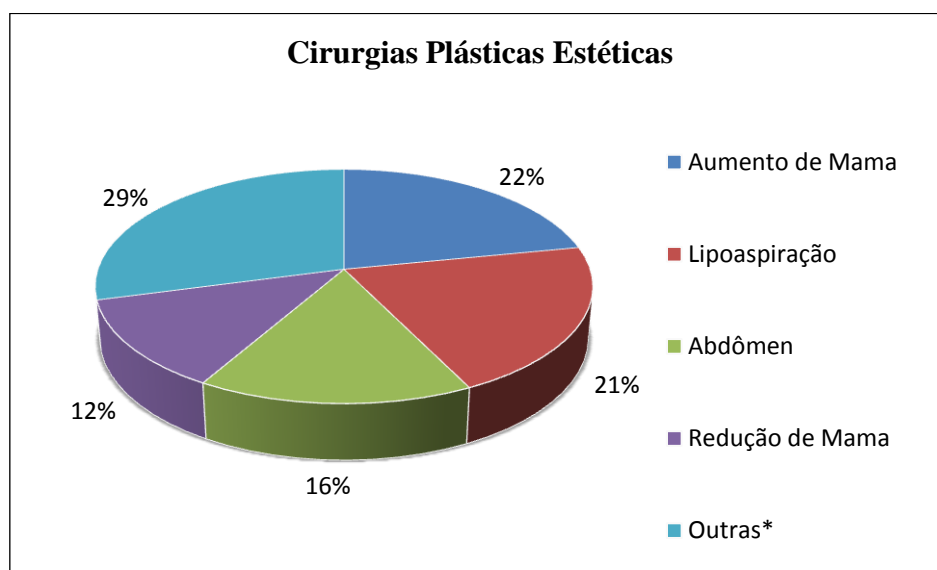
A profissional entrevistada (P5) defende nesta resposta e ao longo da entrevista que as mulheres podem e devem ser felizes como são, que devem se aceitar e *“valorizar o que cada uma de tem melhor”*. No entanto, ao citar o caso da aluna classificada como “obesa”, afirma que se trata de *“um caso engraçado”*, evidenciando sua surpresa de que uma mulher acima do peso “ideal” possa estar tão segura de si e despreocupada com o emagrecimento. Ainda que no discurso esteja presente a possibilidade de estar fora do padrão e satisfeita com a sua condição corporal, é como se algo estivesse fora do lugar, desenquadrado.

No cenário atual em que a imagem corporal ganhou centralidade nos diferentes contextos das relações sociais, presencia-se um esforço no sentido de medir e enquadrar a beleza inclusive por critérios médicos. Diferentemente do que se poderia imaginar, não é apenas a moda ou as indústrias de cosméticos e fármacos que ditam a normatividade do que pode ser compreendido como belo. O discurso biomédico, igualmente e cada vez mais, exerce um papel fundamental neste sentido.

Hoje é possível afirmar que vivemos o que pode ser denominado como “medicalização da beleza”, o que é perceptível, por exemplo, frente ao aumento e à popularização das cirurgias plásticas com fins estéticos. As cirurgias plásticas integram, para os fins desta pesquisa, o conjunto das práticas interventivas. Em pesquisa realizada pelo Instituto Data Folha no ano de 2008, sob iniciativa da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, estimou-se que no Brasil são realizadas aproximadamente 629 mil cirurgias plásticas por ano e destas 73% são intervenções estéticas e apenas 27% são reparadoras. Ainda de acordo com a citada pesquisa, cada profissional habilitado/a teria feito uma média de 178 procedimentos anualmente, o que equivale a 4 cirurgias por semana. Se comparado o período da pesquisa, setembro de 2007 a agosto de 2008, com o mesmo período no ano anterior, a maior parte dos/das profissionais entrevistados/as afirmou que o número de cirurgias plásticas realizadas aumentou.

Gráfico 13

Tipos de Cirurgias Plásticas Estéticas realizadas no Brasil 2007/2008



Fonte: Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica/Instituto Data Folha, São Paulo-SP, janeiro de 2009.

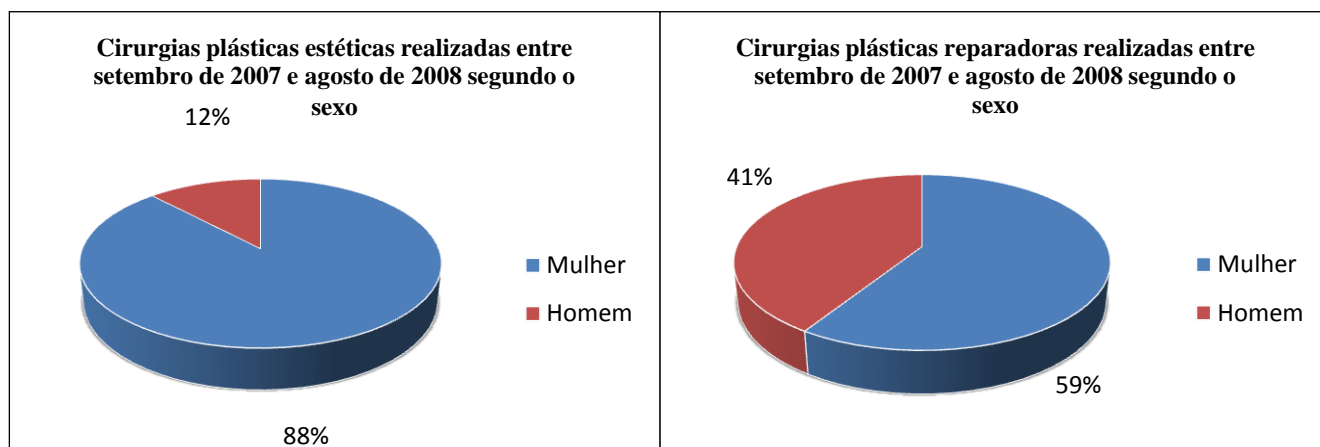
* Entre os outros procedimentos estão incluídas cirurgias de pálpebras, nariz, orelhas, gluteoplastia com prótese, cirurgia de calvície, demolipectomia de braço e suspensão da coxa.

Considerando que o procedimento mais realizado anualmente no Brasil é o aumento de mama, pode-se estimar a significativa representatividade das mulheres como pacientes de cirurgia plástica no Brasil. O que não é diferente em relação às demais especialidades. No total de cirurgias plásticas estéticas realizadas no período da pesquisa, aproximadamente 90% são mulheres. Se comparados os números de cirurgias

plásticas estéticas e reparadoras permanece uma diferença significativa entre pacientes homens e mulheres.

Gráficos 14 e 15

Cirurgias Plásticas Estéticas e Reparadoras realizadas no Brasil 2007/2008 segundo o sexo do/da paciente



Fonte: Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica/Instituto Data Folha, São Paulo, SP, janeiro de 2009.

Quando se trata de cirurgias plásticas reparadoras, ou seja, aquelas destinadas à correção de algum tipo de deformidade congênita ou adquirida⁵⁸, a diferença entre homens e mulheres é reduzida para 18%, enquanto que no total das cirurgias plásticas estéticas, a diferença gira em torno de 76%, evidenciando o quanto é significativa a procura das mulheres por procedimentos cirúrgicos estéticos⁵⁹. Ainda de acordo com os dados levantados pelo Datafolha, que entrevistou 366 profissionais em todo o Brasil, 72% das mulheres que se submeteram a cirurgias plásticas estéticas no período da pesquisa estão na faixa etária entre 19 e 50 anos. Este intervalo de idade coincide com a faixa etária da maior parte das mulheres que participaram desta pesquisa.

A partir dos dados apresentados, é possível identificar como, nas cirurgias plásticas, o imperativo da beleza é um marcador importante para determinar que as

⁵⁸ A conceituação de cirurgia plástica estética e reparadora não é consensual. De modo geral, a primeira refere-se a procedimentos realizados em pessoas “normais” que buscam o aperfeiçoamento da aparência, ao passo que a reparadora inclui retirada de tumores, correção de deformidades congênitas ou adquiridas em acidentes, queimaduras etc..

⁵⁹ Vale lembrar que nem todos os procedimentos estéticos realizados por profissionais desta área são necessariamente cirúrgicos. Entre os procedimentos não cirúrgicos destacam-se o preenchimento, o uso de toxina botulínica, o *peeling*, entre outros.

mulheres busquem estes procedimentos. Tanto é assim, que a diferença entre homens e mulheres no que tange às cirurgias reparadoras, é bem menos significativa, sinalizando que estética é “coisa de mulher”. Para explicar tal relação, pode-se seguir tanto pelo caminho da implicação entre elevação da auto-estima e “melhoramento” da aparência, como no sentido da centralidade do corpo na sociedade contemporânea de um modo geral. As cirurgias plásticas podem ser analisadas sob diferentes pontos de vista, como a partir do que é chamado de medicalização da beleza, das relações de consumo que tem o corpo como objeto ou da influência de tais procedimentos sobre as subjetividades. Sobre este último aspecto, Edmonds (2002, p. 215) cita a fala do cirurgião plástico Ivo Pintagy na Revista Brasileira de Cirurgia Plástica em 1985, ao descrever o objetivo da cirurgia plástica como “[...] a harmonização do corpo com o espírito [...] visando estabelecer um equilíbrio interno que permita ao paciente reencontrar-se, reestruturar-se, para que se sinta em harmonia com a própria imagem e com o universo [...]”.

O campo da cirurgia plástica no Brasil é destaque em todo o mundo, com cirurgiões reconhecidos internacionalmente, como o já citado Ivo Pitangy, que em 1988, esteve entre os dez médicos mais importantes do país, segundo a revista *Médicos*⁶⁰. Os cirurgiões plásticos brasileiros têm grande popularidade internacional, inclusive, atualmente, como personagens de *reality shows*, tal como o Dr. 90210, em que o brasileiro Roberto Miguel Rey Júnior, conhecido como Robert Rey, apresenta o programa expondo parte de sua vida pessoal e profissional, transmitindo cirurgias plásticas pela TV⁶¹.

Ainda de acordo com as informações levantadas na pesquisa do Instituto Data Folha, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica-SBCP contava em 2008 com 3.533 profissionais associados/as, dos quais 82% são homens. Este é um dado interessante, na medida em que o campo das cirurgias, em geral, é privilegiado na área médica. As cirurgias estéticas, por sua vez, foram particularmente estigmatizadas até metade do século XX, pelos cirurgiões plásticos que se dedicavam apenas à reparação. Deste período em diante é que o campo das cirurgias estéticas começaram a ganhar impulso e, atualmente, embora as mulheres venham ganhado representatividade no campo médico,

⁶⁰ Dados retirados da Revista Veja, em edição de 06 de março de 2002, que trouxe uma matéria especial com o título “Corpo à Venda” acerca do grande aumento do número de cirurgias plásticas no país e dos exageros motivados pela busca de um corpo ou rosto perfeito. A Revista trouxe ainda a matéria “O que faz o sucesso da plástica brasileira”, em que Pintagy figurou como protagonista.

⁶¹ O programa é americano, é transmitido pelo canal E! em cerca de 170 países. Recentemente, o programa passou a ser exibido em TV aberta no Brasil, na Rede TV.

sabe-se que determinadas especialidades continuam sendo marcadas pela presença majoritária de homens. No caso das cirurgias estéticas, o número de cirurgiões filiados à SBCP é praticamente proporcional ao número de mulheres que se submetem às intervenções estéticas, ou seja, no campo da medicalização da beleza ainda são homens que “gerem” o modelo de perfeição corporal para as mulheres e detêm o saber sobre a beleza feminina.

É importante lembrar que, embora atualmente estes procedimentos sejam comuns entre as mulheres com poder aquisitivo para tal, as cirurgias plásticas com fins estéticos foram, aos poucos, ganhando espaço no público feminino no decorrer do século passado. Nem sempre as mulheres puderam se submeter a estas intervenções sem correrem o risco de abalar suas reputações. A aceitação pública das cirurgias plásticas estéticas está implicada com a difusão da ideia de que a beleza é um dever individual e está ao alcance de todos/as (SANT’ANNA, 1995; EDMONDS, 2002). Ainda que nas primeiras décadas do século XX já houvesse uma fusão entre práticas de higiene e cuidados com a beleza, esta ainda não era percebida como uma necessidade médica. Aliás, a medicina higienista da época apreciava uma beleza que prezasse pelos princípios de pureza e limpeza, e não baseada na utilização “fútil” dos cosméticos que já estavam no mercado.

A emergência de um campo médico específico para cuidar da beleza é uma realidade e, para tanto, fez-se necessário estabelecer – em geral pela antropometria – um padrão de beleza como um modelo de normalidade a ser alcançado. Poli Neto e Caponi (2007) evidenciam que é possível haver uma normalização da beleza através da “medicina da beleza”, ou seja, as intervenções médico-cirúrgicas com fins estéticos poderiam ditar as normas de beleza. E acrescentam que “[...] a imagem do corpo modificado pela Medicina da Beleza ascende à condição de normal, na medida em que é a que mais habita os meios de comunicação, são os corpos mais freqüentemente vistos e expostos” (2007, p. 576).

Partindo-se de um critério de normalidade, chega-se à denominação de seu oposto, o patológico. Em se tratando de critérios de beleza, uma vez que estes são estabelecidos como um modelo ideal, automaticamente são identificadas as características de fealdade. Tendo definido o modelo ideal, há um direcionamento para o desenvolvimento da prática terapêutica no campo da medicina da beleza que oferece uma abundância de novas técnicas e intervenções para “melhorar” a aparência

indesejada⁶². Através da cirurgia estética, como foi demonstrado, sobretudo mulheres vem, cada vez mais, buscando alcançar o tal modelo de perfeição, e, conseqüentemente, o reconhecimento da coletividade e de si mesma, ao dar nova forma ao corpo.

Entre as entrevistadas, ao serem estimuladas a descrever uma mulher bonita, as referências de beleza foram ora relacionadas às partes do corpo que sinalizam um ideal estético, ora a características de segurança, felicidade, poder e aceitação do corpo, denotando uma relação com um ideal de beleza interior, como já foi explicitado aqui. Em algumas respostas, para se encorajarem a relacionar beleza com ideais físicos e não espirituais ou psicológicos, parte das mulheres atribuiu o modelo descrito como um padrão imposto pela mídia ou pela sociedade, e não necessariamente o que elas acreditavam ser referências de beleza feminina.

Tabela 4

Referenciais de beleza para as alunas entrevistadas

Sócia Entrevistada	Beleza Interior	Beleza Física
SAS1	gostar de si, auto-estima	roupa da moda, magreza, cabelo arrumado
SAS2	---	magreza, pele, cabelo cuidado, corpo proporcional, rosto bonito
SAS3	---	cuidada
SAS4	iluminada, tranquila	juventude
SGA1	felicidade	cuidada, juventude, magreza
SGA2	agradável, comunicativa, bom humor	cuidada, magreza, unha, cabelo arrumado
SGA3	auto-estima, gostar de si	saúde, cuidada, cabelo, magreza, roupa boa
SGU1	---	cuidado, magreza, altura, pele, cabelo, tudo no lugar
SGU2	beleza interior, bem-estar	saúde, beleza física
SGU3	aceitação de si, auto-estima	cuidada
SGU4	aceitação de si, auto-estima, felicidade	---
SLN1	felicidade, aceitação de si	magreza, sorriso, corpo sarado
SLN2	felicidade, aceitação de si, segurança	magreza, cabelo liso

⁶² Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, as cirurgias estéticas têm como finalidade o remodelamento do corpo visando tanto a melhora da aparência como da auto-estima da/do paciente.

SLN3	charme	corpo, sorriso, pele, simetria do rosto, cabelo liso e cuidado
SLN4	felicidade, bom-humor	magreza, elegância, roupa da moda, juventude
SNB1	felicidade	boa forma, cuidada, magreza, arrumada
SNB2	inteligência	corpo sarado, cabelo, cuidada, vaidosa, juventude
SNB3	felicidade	saúde, cuidada, magreza, sarada
SNB4	simpatia	sorriso, corpo sarado, magreza, roupas boas, boa aparência
SRF1	felicidade, aceitação de si, confiança	magreza
SRF2	felicidade, aceitação de si, bom humor	juventude, magreza
SRF3	felicidade, aceitação de si	juventude, boa aparência, cuidada, cabelo, unha
STG1	aceitação de si	tudo no lugar, corpo sarado, magreza, corpo definido
STG2	gostar de si, felicidade, tranquilidade, realização	juventude, magreza, cuidado
STG3	cabeça boa, gostar de si	juventude, cuidado, vaidade, tudo no lugar, nada sobrando, bronze

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Como já explicitado quase metade das sócias entrevistadas se referiram à aceitação ou gosto por si mesma ou uma boa auto-estima como aspectos que ressaltam a beleza feminina. Com o aprofundamento das respostas, seja voluntário ou incentivado pela pesquisadora, grande parte delas vincularam o “gostar de si mesma” com o corpo, indicando que a aceitação ou gosto era relativo ao corpo. Ainda com relação a este grupo, ao se referirem à beleza física, quase todas citaram a magreza como referencial de beleza, eventualmente associada à juventude.

O envelhecimento não foi abordado de forma explícita pelas entrevistadas que falaram mais de juventude e de como manter a aparência jovem é importante. A ideia apresentada pelas entrevistadas, de um modo geral, sinalizam para a necessidade de ocultar os sinais de idade, levando a crer que este seria um sinal de fealdade. Wolf (1992) relaciona de modo muito esclarecedor a relação construída entre o mito da beleza e o pânico pelo envelhecimento vivenciado pelas mulheres. Segundo pesquisas que cita em sua obra *O mito da beleza* (1992), nos EUA mesmo as mulheres realizadas profissionalmente e consideradas atraentes, não vivem sua liberdade plenamente, pois continuam presas ao imperativo da beleza que lhes lembra a todo o momento que não devem perder o controle sobre o corpo.

A juventude e (até recentemente) a virgindade foram 'bonitas' nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é 'feio' porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem ser sempre rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas (WOLF, 1992, p 17).

A questão do envelhecimento é, por si só, uma temática que merece contínuas reflexões nas ciências sociais, para que se possa compreender os novos sentidos que lhe foram atribuídos nas últimas décadas. Obviamente, neste trabalho não é possível tratar do assunto com tamanha profundidade. Contudo, não se pode ignorar a relação entre o envelhecimento e o culto ao corpo, na medida em que a juventude está intimamente implicada com os ideais de beleza e com as práticas de culto ao corpo presentes na sociedade contemporânea, em suas diferentes dimensões. A própria magreza, como referencial de beleza para as mulheres, se relaciona com a juventude, como foi explicitado pelas entrevistadas.

Entre as possíveis análises que podem ser feitas frente aos novos sentidos do envelhecimento na contemporaneidade, coloca-se a relação com o consumo. Segundo Debert (2004), as pesquisas que buscam traçar os perfis de consumidores/as, têm, ao longo das últimas décadas do século XX, incorporando faixas etárias que anteriormente não eram incluídas, como as pessoas com mais de 65 anos. Nas análises da autora acerca das abordagens sobre velhice em revistas femininas, as pessoas velhas ou a velhice são apresentadas como “[...] um período privilegiado para a realização pessoal dos indivíduos [...]” (2004, p. 211), em que são realizados sonhos e projetos adiados durante a juventude. Ao se referir ao envelhecimento das mulheres, especificamente, afirma que passam a se ocupar de “[...] uma série de atividades que envolvem a manutenção corporal, como dança e ginástica, redescobrem seu próprio corpo e sentem-se rejuvenescidas” (2004, p. 211)⁶³.

Também na esfera do consumo, pode-se observar como o culto ao corpo, no que tange ao retardamento das marcas do envelhecimento, possibilitou um grande

⁶³ Alves (2004), ao tratar das sociabilidades entre mulheres em bailes da terceira idade, segue a mesma linha de Debert, ao afirmar que no 'mundo social' da dança de salão “[...] as mulheres mais velhas fundaram uma possibilidade de valorização do próprio corpo e de sua condição feminina na velhice, fundamental para a consecução de um projeto de vida para elas hoje” (2004, p. 115). A autora relaciona o culto ao corpo com a oportunidade para o exercício da sedução possibilitada pela dança e que não estaria presente em outras atividades destinadas à terceira idade.

impulso na indústria de cosméticos anti-envelhecimento. O Brasil ocupa a terceira posição no mercado mundial de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos – atrás apenas dos EUA e do Japão –, sendo também o terceiro maior mercado de produtos cosméticos e o quarto de produtos de pele (ABIHPEC; ABDI; SEBRAE, 2011). Ademais, a Indústria Brasileira de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos vem crescendo vertiginosamente, com um faturamento que passou de R\$ 4,9 bilhões em 1996 para R\$ 27,3 bilhões em 2010. Entre os fatores que contribuíram para tamanho crescimento, além da participação da mulher no mercado de trabalho, a ABHIPEC aponta o aumento da expectativa de vida e a “necessidade de conservar uma impressão de juventude” (2011, p. 2).

O dever de manter a forma, de cuidar do corpo e de retardar o envelhecimento pela disciplina dos corpos seja pela via das atividades físicas, das dietas restritivas ou do consumo de fármacos e cosméticos, vem, na passagem do século, se configurando como um estilo de vida que tem o corpo como fonte de satisfação. A satisfação ou a felicidade que se tem a partir do corpo é, comumente, obtida através da dor, do sofrimento ou da restrição. Mas como foi relatado pelas sócias entrevistadas, é “um sacrifício que compensa” quando se tem resultado, que para grande parte delas significa peso perdido.

[...] foi uma luta difícil porque eu frequento lugares que tem comida muito à vontade...muito gostoso e você quer comer mas você faz aquele sacrifício pra não comer e faz...sabe representa o quê? A conquista de um sacrifício tá entendendo...é uma conquista...quando a gente vem e pesa aí vê que conseguiu é muita felicidade...quanto mais feliz a gente se sente...mais bonita a gente fica...e todo mundo percebe isso (STG1)

A felicidade foi indicada por várias entrevistadas como sinal de beleza interior. Assim como as características de aceitação, gosto por si e auto-estima, a felicidade esteve frequentemente relacionada à magreza, seja quando esta foi citada de forma clara, isto é, quando responderam “a mulher bonita tem que ser magra”, seja quando utilizaram adjetivos outros, tais como “corpo sarado”, “tudo no lugar”, “corpo definido”, “sarada”, “boa forma”, entre outros.

No que se refere às partes do corpo que foram ressaltadas como indicativos de beleza, foram citadas: pele, cabelo, unha, rosto, corpo e sorriso. Quando pele, cabelo e sorriso foram citados, comumente foram acompanhados dos adjetivos “bonito/a” ou “lisinho/a”. Se responderem pele bonita ou cabelo arrumado, as entrevistadas eram

levadas a descreverem como é, por exemplo, um cabelo arrumado, o que foi frequentemente associado à forma do cabelo liso ou escovado.

Já com relação ao corpo e ao rosto, eventualmente foram abordados pelas entrevistadas em uma articulação com simetria e proporcionalidade, como se tivesse uma medida certa para se averiguar beleza nestas partes. Observa-se, ainda, que o rosto foi citado poucas vezes se comparado ao corpo, o que revela certa predileção deste com relação ao primeiro como referencial de beleza. Este posicionamento foi claramente defendido por uma das entrevistadas ao explicitar como seria uma mulher bonita:

*Com tudo no lugar...o corpo...não tá acima do peso entendeu...((faz uma pausa)) o corpo definido é bonito **independente da feição** ter o corpo definido é bonito...uma mulher bonita **em primeiro lugar tem um corpo bonito** (STG1)*

Um referencial que teve presença significativa na fala das mulheres foi a ideia de cuidado, evidenciando o imperativo da beleza que se impõe sobre as mulheres que devem estar sempre atentas à aparência, devem estar sempre se cuidando. O dever de ser bela está intimamente relacionado aos papéis de gênero tradicionalmente atribuídos à mulher e à construção social da corporeidade feminina. Várias entrevistadas responderam – não apenas entre as sócias, mas também entre as profissionais (Quadro 1 - em anexo) – que uma mulher bonita é a que se cuida. É evidente que a abordagem que se faz da beleza, nas respostas em análise, demonstra como esta é algo construído ou que se conquista através do cuidado e do esforço, seja indo ao salão de beleza fazer a unha, o cabelo ou se depilando, seja através dos exercícios físicos, de restrições alimentares ou cirurgias plásticas. Esta foi a explicação das entrevistadas ao serem questionadas sobre o que é uma mulher que se cuida.

*[...]...hoje em dia **tem que se cuidar** pra envelhecer com saúde e ficar bonita também...sarada né...toda durinha...mandar embora as celulites...mulher cheia de celulite não dá...não dá nem pra usar um shorth que já fica marcando...muito feio...[...] o cuidado é esse...é malhar...**cuidar da aparência** mesmo...o sorriso (SLN1)*

*Ai gente...bonita é uma mulher magra alta com pele boa....cabelo bonito...cabelo é tudo né...**tem que ser cuidado**...tem que ter tudo no lugar e se gostar **se cuidar** porque se a gente não se achar bonita ninguém acha né.... [...] **tem que cuidar** ué... hidratar o cabelo...fazer unha...**cuidar da pele**...[...](SGU1)*

*[...] quando é muito gordinha aí influencia negativamente...porque eu acredito que **a mulher tem que tá sempre se cuidando** de uma forma ou de outra..é assim tem que fazer a unha **cuidar do cabelo...mulher tem que se cuidar** isso é muito importante porque a pessoa pode até nem ser tão bonita mas se **se cuida aí já agrada** né é outra coisa....(SGA2)*

No que diz respeito à imagem corporal das mulheres, vale observar que no início do século XX os corpos avultados e de formas arredondadas cedem lugar aos “corpos ampulhetas”, com formas ainda generosas, mas de cinturas finas comumente modeladas pelo uso do espartilho, já difundido na Europa desde o século XIX. Ao mesmo tempo, com a criação do sutiã atual que substituiu o espartilho, os corpos femininos continuaram afinando, apresentando-se cada vez mais magros e mais adaptados às condições impostas pela vida moderna. A dinâmica do cotidiano nos centros urbanos, com o desenvolvimento da indústria e as transformações sociais emergentes neste contexto, imprimiu nos corpos femininos a magreza como valor de identidade e reconhecimento. A imposição do corpo magro como padrão estético evidencia um campo de luta em que a magreza impõe o abandono das formas generosas do passado, no qual a gordura corporal sinalizava riqueza, nobreza e fertilidade.

Se entre os séculos XVIII e XIX a beleza da mulher esteve relacionada à maternidade e à fertilidade, com formas arredondadas, seios fartos e ancas largas, conforme nos aponta Rohden (2001), hoje, de modo geral, as possíveis transformações do corpo desencadeadas pela gravidez são percebidas como um problema⁶⁴. Não é raro encontrar mulheres que, já preocupadas com a perda do peso acumulado durante a gestação, busquem informações sobre a possibilidade de realizar um procedimento estético juntamente com a cirurgia cesariana. Inúmeras vezes, a gestação foi apontada como a grande responsável pelo excesso de peso entre as entrevistadas, que, inclusive, não deixaram de me alertar para que cuidasse de não engordar muito no decorrer da gravidez.

⁶⁴ Em estudo sobre a medicalização da beleza e as diferentes abordagens da aparência em discursos relacionados à cirurgia plástica estética, Poli Neto e Caponi (2007) citam o exemplo de autores que ligam a “ptose mamária” à amamentação ou ao parto, dando sentido patológico ao que vêem como lesão anatômica causadora de aparência externa indesejável. O estudo de Edmonds (2002) também demonstrou que a decisão pela cirurgia plástica estética está comumente relacionada com a gravidez, seja passada ou futura. Em entrevistas realizadas no Rio de Janeiro, revelou que após o parto, algumas mulheres sentiam-se motivadas para se submeterem à cirurgia. A tomada de decisão também era mediada pela possibilidade de gravidez futura, uma vez que permanecia o receio de que uma nova gestação poderia comprometer a cirurgia “[...] fazendo com que seus seios ‘caíssem’ e ficassem novamente flácidos” (2002, p. 196).

[...] tive três filhos muito perto um do outro e o corpo já não era mais o mesmo... e tem mais...minha genética não contribui muito..((sorri))[...] o corpo não era mais o mesmo né...não é fácil viver com isso ((você que tá grávida, tem que se cuidar menina, não vai ficar só fazendo pesquisa de corpo, cuida do seu também – fala sorrindo))... aí pronto a academia foi uma opção para melhorar o astral e o corpo.... [...] (SASI)

Enfim, em um cenário no qual a magreza é proclamada como padrão ideal de beleza, tanto pela moda e publicidade em geral, como pelo discurso biomédico, milhares de pessoas são levadas a viver de forma sedentária, consumir alimentos calóricos e a obesidade é estigmatizada. Como se sabe, mesmo que a obesidade tenha sido considerada doença, as pessoas obesas não são objetos de consideração ou preocupação no que concerne à ocupação dos espaços públicos e nem na esfera do exercício dos direitos mais fundamentais dos cidadãos, como por exemplo, as carteiras e cadeiras de estabelecimentos escolares ou de transportes públicos. Não podem usufruir, confortavelmente, de determinados espaços de lazer como cinemas e teatros. E também não estão representadas, com raras exceções, nos espaços midiáticos como pessoas de sucesso.

Para Sautchuk (2007, p. 195) “[...] a magreza (como qualificação geral do corpo) não é um objetivo das práticas de modulação corporal [...]”, o que, para o antropólogo, poderia ser percebido pelo significativo número de pessoas magras que se exercitam nas academias de ginástica em busca de ganhos em termos de massa muscular, isto é, para aumentar o corpo. Ainda em sua perspectiva, só seria possível pensar em magreza nestes termos, se compreendida como “ausência de gordura”. Contudo, considerando o fato de que no âmbito das academias de ginástica, de modo geral, as/os professoras/es esclarecem as/os alunas/os acerca da necessidade de se exercitarem visando a perda de gordura e não “massa magra” (ossos, músculos, vísceras etc.), acredito que, em se tratando de mulheres especialmente, o objetivo das frequentadoras de academias é, majoritariamente, a magreza aparente, aquela que reduz o índice da balança e que transforma a aparência, possibilitando, por exemplo, o uso de “roupas da moda” e que “não fique nada sobrando”, como foi salientado pelas entrevistadas. Ao que parece, há mais preocupação em emagrecer e parecer mais magra e conseqüentemente bonita, do que na perda de um percentual de massa gorda que não necessariamente reflete na imagem corporal.

Não desprezo o fato de que o “combate à gordura” esteja em pauta em diferentes campos na sociedade ocidental contemporânea. Os males causados pelo excesso de gordura no corpo são rotineiramente anunciados pelo discurso biomédico e associados a um estilo de vida, nos mais variados meios de comunicação e espaços de debate. A publicidade das academias de ginástica explicita a oportunidade de se manter “em forma” e perder peso com os mais modernos aparelhos, profissionais qualificados e em cada vez menos tempo. O avanço das cirurgias estéticas para fins de eliminação instantânea de gorduras localizadas com as mais novas técnicas caminha a passos largos. E não se pode esquecer da abundância de oferta de produtos *diet* e *light* que prometem o consumo mínimo de gorduras e/ou açúcares em nome da “boa forma”.

Ao tratar da cultura da magreza vivida como obsessão na sociedade contemporânea, Baudrillard (2007) argumenta que o culto ao corpo que se manifesta como dever e direito está “indissociável da magreza”. Afirmando que o mundo da moda, como parte essencial da esfera do consumo, é marcado por combinações muitas vezes inversas que trazem o “belo” e o “feio” ou o velho e o novo, mas que não consegue articular o “gordo” e o “magro” ou a “gorda” e a “magra”, que representam quase que pólos extremos referenciados no mundo da moda⁶⁵. A partir daí, lança uma questão: “Será porque, na sociedade do superconsumo [...] a esbelteza se torna em si mesma signo distintivo?” (2007, p. 150).

A resposta que ele mesmo apresenta refere-se à ascese pelas dietas alimentares que refletem a “pulsão agressiva em relação ao corpo” (2007, p. 151) e determinam, ainda mais que a moda, a forma em que se associaram a beleza e a magreza, como um álibi para o exercício disciplinar. E acrescenta:

“[...] o corpo transforma-se em objecto ameaçador que é preciso vigiar, reduzir e mortificar para fins ‘estéticos’, com os olhos fixos nos modelos emagrecidos e descarnados de *Vogue*, onde é possível decifrar toda a agressividade inversa de uma sociedade da abundância em relação ao próprio triunfalismo do corpo e de toda a recusa veemente dos próprios princípios (Baudrillard, 2007, p. 151, grifo do autor).

⁶⁵ Vale ressaltar que bem recentemente o universo das modelos *plus-size* vem ganhando espaço gradualmente no mercado da moda, trazendo, de certa forma, outras possibilidades de beleza, ainda que o interesse maior seja alcançar um mercado não atingido por outros segmentos.

A magreza constituiu-se como signo de beleza, distinção, sobretudo para as mulheres, mas também de saúde. Para as mulheres entrevistadas ser magra é um referencial de beleza significativo, que indica também uma alimentação balanceada, um sinal de equilíbrio e saúde. Não apenas isso. As mulheres magras são percebidas como poderosas, controladas, felizes, como pessoas que conquistaram o sucesso nas diferentes dimensões de sua vida. Como salientado por Baudrillard na citação acima em que se refere aos corpos emagrecidos da *Vogue*, as entrevistadas também fizeram menção a revistas e programas televisivos como o espaço em que são, constantemente, apresentados as suas referências de beleza, magreza e sucesso. É a mídia que, segunda elas, têm um importante papel na introjeção destas referências.

3.2.1 *O corpo na mídia e a mídia sobre o corpo*

Segundo Lauretis (1994) são os diferentes discursos, institucionais, artísticos ou de outra natureza, que atuam no sentido de perpetuar as desigualdades estereotipadas que definem e opõem feminino e masculino. Em sua perspectiva, gênero é uma construção que se apresenta tanto como “[...] o produto quanto o processo de sua representação” (1994, p. 212). Para tornar inteligível sua concepção de gênero enquanto construção apresenta as seguintes proposições: um entendimento de gênero como representação; a representação do gênero como sua construção; a construção do gênero como processo contínuo e ininterrupto; e, a ideia de que a construção do gênero se faz, ainda, mediante a sua desconstrução.

Partindo destas premissas e apoiando-se na concepção de tecnologias sexuais foucaultiana, Lauretis (1994) argumenta que o gênero como representação e auto-representação “[...] é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como o das práticas da vida cotidiana” (1994, p. 208). Nesta perspectiva, os discursos de verdade sobre o corpo associados à mídia como uma tecnologia de gênero transmitem não apenas os papéis tradicionalmente vinculados ao feminino e ao masculino, mas também os referenciais de beleza e modelos corporais, comumente associados à felicidade, magreza e juventude. O alcance do discurso midiático na propagação do culto ao corpo também foi observado por Goldenberg e Ramos (2002, p. 26) os levando a afirmar que “por intermédio do cinema, da televisão, da publicidade e

de reportagens de jornais e revistas, a exigência acaba atingindo os simples mortais, bombardeados cotidianamente por imagens de rostos e corpos perfeitos”.

Analisando a relação entre as imagens midiáticas transmitidas a partir das novas tecnologias digitais, Bordo (2003) descreve como a difusão do padrão de corpo ideal não condiz com o mundo real. Tais imagens iludem as mulheres sobre a facilidade de se alcançar um corpo perfeito, harmonioso, sem qualquer sinal de ruga, “defeito” ou gordura, uma vez que as imagens reproduzidas pela mídia são, frequentemente modificadas por *softwares* cada vez mais avançados.

[...] toda a imagem que você vê – em revistas, vídeos, e, às vezes, mesmo em filmes – foi modificada digitalmente. Praticamente toda imagem. [...] Trata-se de uma pedagogia da percepção. [...] Estas imagens estão nos ensinando como ver. Filtradas, atenuadas, polidas, amolecidas, aguçadas, re-arranjadas. E passando. Criações digitais, cyborgs visuais, ensinando-nos quais expectativas devemos ter em relação à carne e ao sangue. Treinando nossa percepção sobre o que é defeito e o que é normal (BORDO, 2003, s/p).

Não é preciso passar muito tempo em frente à TV para se deparar com programas que abordam diferentes temáticas sobre o corpo: “Você é o que você come”, “Alternativa saúde”, “Os detetives da comida”, “Noivas fora de forma”, “Descontroladas”, “Perdas e ganhos” e “Superbonita”, todos veiculados pelo mesmo canal de TV por assinatura, o GNT, direcionado para o universo feminino. A temática não é restrita aos canais de TV paga. Pelo contrário, é tratado diariamente também na TV aberta, não somente em programas voltados para o assunto, como naqueles que tratam de variedades e entretenimento ou até mesmo nos telejornais.

Da mesma forma, a mídia impressa apresenta-se como um espaço privilegiado de propagação das práticas de culto ao corpo e dos referenciais de beleza que se impõem sobre as mulheres. Conforme observado nos estudos de Castro (2003), a partir da década de 1980 a temática do corpo foi cada vez mais incorporada pela mídia impressa, período em que foram criadas no Brasil as duas maiores revistas femininas direcionadas para o tema: Boa Forma, em 1984, e Corpo a Corpo (1987). Após a criação destas revistas, outras foram surgindo e hoje há no mercado uma variedade de revistas que aborda a temática da corporeidade, como Revista Saúde, Corpo e Plástica, Dieta Já, Sou Mais Eu, Women’s Health, entre outras do gênero.

Obviamente, que nem tudo o que é veiculado pela mídia é absorvido pelo público receptor. As pessoas não são completamente assujeitadas e muito do conteúdo transmitido é ressignificado por aqueles/as que o recebem, eventualmente, produzindo novos sentidos. Há ainda que se considerar as posições contrárias, também na mídia, ao culto à magreza entre as mulheres. Nas proximidades dos grandes eventos de moda, é comum a publicação de matérias que questionam a magreza anoréxica das modelos⁶⁶. Contudo, não se pode comparar com a intensidade das imagens e mensagens veiculadas que trazem os referenciais de beleza e magreza associados à felicidade e o sucesso para mulheres. Conforme explicitado por Featherstone (1994, p. 67), “nenhuma outra sociedade na história, como é frequentemente dito, produziu e disseminou tal volume de imagens do corpo humano através dos jornais, revistas, anúncios e das imagens do corpo em movimento na televisão e nos filmes”.

Diferentemente do que se poderia imaginar, não são apenas as revistas voltadas para o público feminino ou para temas específicos sobre corpo, ginástica e bem-estar que divulgam as mais recentes descobertas médicas sobre a saúde e as receitas de beleza e longevidade. A Revista Veja, que trata de assuntos cotidianos tanto no âmbito da política e da economia, como de arte e cultura, apresentou mais de uma vez, no ano de 2009, em suas capas, matérias relacionadas a emagrecimento, exercícios físicos, cuidados com o corpo e envelhecimento/rejuvenescimento. Este fato não passou despercebido pelas mulheres entrevistadas, que ao serem perguntadas sobre a fonte das informações que detinham sobre alimentos saudáveis, dietética e exercícios físicos, citaram principalmente as revistas Boa Forma e Veja⁶⁷.

⁶⁶ Em 2007, após as repercussões da morte da modelo brasileira Ana Carolina Reston e da uruguaia Luisel Ramos, algumas iniciativas surgiram no sentido de alertar para os exageros da magreza nas passarelas. Na Semana de Moda Outono Inverno de Milão, foram introduzidas regras anti-anorexia, com a proibição de modelos menores de 16 anos ou com IMC inferior a 18,5 (Folha de São Paulo, 16 de fevereiro de 2007).

⁶⁷ Frente a tal constatação, passei a acompanhar as edições de ambas as Revistas para verificar as matérias e dados apresentados que pudessem ser relacionados com a fala das entrevistadas.

Figuras 3, 4 e 5

Capas da Revista Veja no ano de 2009



Fonte: acervo digital Revista Veja. Disponível em < <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

A hipótese de que os meios de comunicação têm um papel preponderante na construção de um modelo ideal de corpo feminino e na definição das práticas adequadas à manutenção da saúde e da estética, não apenas foi confirmada pela etnografia e pelas entrevistas, como passou a ter um “peso” muito maior em todo o processo da pesquisa. Contemporaneamente, os meios de comunicação se constituem, cada vez mais, como um dos principais espaços de circulação das representações do mundo social, difundindo não apenas informações, mas também imagens do cotidiano, revelando-se como uma importante e poderosa fonte de produção simbólica.

Nas revistas representadas acima, o trinômio saúde, beleza e juventude são apresentados de forma explícita. Na edição 2114, publicada em 27 de maio de 2009, a mensagem com maior destaque é a palavra “Emagrecer”, seguida da frase, “pode ser uma delícia”. A matéria de capa que é desenvolvida no interior da revista em 57 páginas, tem início na página 72 com o título “É possível comer sem culpa”, seguido de

um índice de 15 matérias com receitas de como conseguir comer pouco, pratos elaborados por *chefs*, comparações entre geladeira magra e gorda, dietas e segredos das celebridades, uma gama de conceitos do que é ser saudável, o que se deve comer, quando e em que quantidade, entre outros assuntos.

Entre a totalidade de matérias que abordam as dietas e receitas de emagrecimento, uma destoa das demais, ao trazer em letras garrafais o título “Quase 100 quilos e de bem com a vida”. A matéria conta a história da brasileira Andrea Boschim, modelo *plus size* conhecida por ser uma *top* internacional e além de explicitar seu peso e medidas – 98 quilos e manequim 50 – apresenta um quadro com seus índices de glicose, triglicérides e colesterol total. Afora todas as diferenças relatadas pela modelo a respeito das diferenças entre as carreiras das modelos magras e das modelos *plus size*, sobretudo no valor dos contratos em que estas recebem cachês muito inferiores do que as primeiras, logo no início há uma frase muito usada para falar das mulheres “gordinhas”: “Você tem um rosto tão lindo, por que não emagrece?” (p.114).

No grupo das alunas entrevistadas, algumas mulheres da mesma família participaram da pesquisa. Uma delas, aparentemente acima do peso e “excepcionalmente” pouco preocupada com isso, afirmou ter sido matriculada na academia pela mãe e disse ouvir constantemente elogios ao seu rosto e críticas ao seu corpo:

[...] comigo sempre falam... ela tem o rosto tão bonito... é como se não desse pra ser gordinha e bonita... tipo um rosto bonito desperdiçado num corpo gordo...[...] esse papo é direto... sempre alguém vem com essa pra cima...ou comenta com outras pessoas... a gente sabe... a pressão acaba sendo tão grande que mesmo sem se preocupar você acaba ficando grilada com o seu corpo e o seu peso (SAS2).

Em suas análises sobre revistas femininas, Wolf (1992) aponta uma mudança no que tange ao modelo de feminilidade bem-sucedida, na qual a dona-de-casa, feliz com a vida doméstica, foi substituída pela modelo magra e jovem que se tornou um novo referencial de beleza e sucesso. Segundo Wolf (1992) as leitoras destas revistas experimentam sentimentos ambíguos com relação às mensagens e imagens transmitidas, ora motivadas pela possibilidade de alcançar o modelo ideal, ora ansiosas e frustradas pela comparação. Sobre a ilusão produzida pela mídia a respeito do corpo, Malysse afirma que:

[...] é um corpo de mentira, medido, calculado e artificialmente preparado antes de ser traduzido em imagens e de tornar-se uma poderosa mensagem de *corporlatría*. Essas imagens-normas se destinam a todos aqueles que as vêem e, por meio de um diálogo incessante entre o que vêem e o que são, os indivíduos insatisfeitos com sua aparência (particularmente as mulheres) são cordialmente convidados a considerar seu corpo defeituoso (2002, p. 93).

Assim, de acordo com Malysse (2002) a mídia apresenta o corpo como um objeto inacabado que deve ser reconstruído, contribuindo para a implantação de um paradigma do corpo autoplástico, que transita entre o desejo e a possibilidade. Mas as revistas divulgam a ideia de que para se alcançar um corpo perfeito é preciso apenas força de vontade, sem esclarecer, contudo, o capital econômico necessário para que se possa consumir todas as tecnologias de beleza disponíveis que tornam tão fácil o acesso à perfeição. Para Malysse (2002) o corpo magro, moldado sob os estereótipos de beleza é um corpo de classe. E assim como a mídia celebra os exemplos de mulheres que “[...] atingiram o sucesso social ao modelar um novo corpo para si. [...] outras também sonham em mudar seus corpos para mudar de classe” (2002, p. 103).

Apesar de concordar com as reflexões de Malysse no que tange ao sucesso social obtido a partir principalmente da modelação do corpo magro para as mulheres, acredito que a transformação que se dá não é necessariamente uma mudança de classe. Há uma mudança de *status* e de estilo de vida que opera na esfera do reconhecimento da coletividade, que pode estar ou não relacionada à mudança de classe. Faz-se presente, ainda, uma importante mudança no reconhecimento de si, na dimensão das subjetividades. Entre as entrevistadas, há relatos sobre mudanças nas formas de enxergarem a si mesmas e na constituição de novas relações sociais, em que o corpo passa a ser negociado como capital estético.

A mensagem veiculada nas revistas, como já foi dito aqui, une o imperativo da cultura do corpo à conquista da felicidade e do reconhecimento. São alvos de reconhecimento e enobrecimento as mulheres que se mantêm magras durante e após a gestação⁶⁸ ou que envelhecem sem transparecer a idade. É um exemplo a ser seguido não apenas pela aparência, mas porque transparecem deter a “fórmula secreta” de um

⁶⁸ A relação entre o corpo e a maternidade será retomada no último capítulo.

ideal de vida intensamente perpassado pela dimensão do corpo e do culto ao corpo. O emagrecimento é cotidianamente veiculado como o principal agente neste processo.

Figuras 6, 7 e 8

Capas da Revista Boa Forma no ano de 2009



Fonte: site da Revista Boa Forma. Disponível em <<http://boaforma.abril.com.br/>>

Entre as revistas femininas que as entrevistadas se remeteram, a Boa Forma foi a mais citada, tanto por trazer as imagens das mulheres que são consideradas por elas como referência de beleza, como por servirem como fonte de informações sobre dietas, atividades físicas, novas cirurgias plásticas e produtos emagrecedores. A partir das referências das entrevistadas, busquei acompanhar as edições da revista entre os anos de 2008 e 2010. Imediatamente, a primeira impressão que se tem é que o nome da revista Boa Forma refere-se claramente ao emagrecimento. Praticamente todas as edições trazem uma nova dieta para perder 1kg, 5kg, 10kg em tempo recorde.

Acrescente-se a isso, a forma como as imagens das modelos são enquadradas na capa da revista e o uso de trajes de banho que revelam a “boa forma” de cada uma delas. São todas “perfeitas”! Magras, brancas, com cabelos lisos, sem qualquer ruga ou marca que sinalize imperfeição. Para utilizar os adjetivos das próprias entrevistadas, “nada sobrando”, “tudo no lugar”. As matérias do interior da revista descrevem, passo a passo, como cada uma delas se dedica ao corpo, se alimenta e se sacrifica em prol da felicidade trazida pelo corpo magro. Deste modo, as revistas, assim como outros meios de comunicação, difundem a necessidade da magreza e da beleza, além dos caminhos possíveis para se obter o tão desejado corpo perfeito. Mais do que as práticas de culto ao corpo, prescrevem um modelo de vida ideal mediado pelo trinômio beleza/saúde/juventude.

[...] essa coisa da magreza é complicado...muito disso vem da televisão porque tem menina que chega aqui e quer ficar igual a tal atriz ou modelo...do mesmo jeito que a pessoa imita um corte de cabelo quer imitar também o corpo...e como ser magro é bonito...(faz uma pausa e comenta o assunto da pergunta com a colega)...isso é o que elas vêm na televisão...nas revistas...é o tempo todo...direto...(P2)

Olha...tem as pessoas que são naturalmente magras e tem também aquelas que não aceitam o seu biotipo e ficam lutando contra o corpo pra ficar magrela...bom...tem também todas as modelos e atriz de novela...é tudo magra e a gente acaba querendo ser também...mas eu to aqui mesmo é pra me sentir bem...ficar um pouco mais magrinha sim mas pra me sentir bem (SNB2)

Eu vejo essa revista Boa Forma todo mês eu vejo...porque sempre que vou fazer compras no mercado enquanto to na fila tem um monte de revista lá...eu sempre compro essa por causa das dietas...sempre tem uma receitinha nova e a gente fica motivada também pra seguir o que as atrizes fazem pra secar...aí quando a gente começa a ler dá vontade de deixar metade do carrinho de comprar lá ((sorri))...já fica logo culpada pelo que tá comprando e nem comeu ainda [...](SGU1)

As três falas relacionam o padrão de magreza com os modelos apresentados pela mídia, seja na TV ou em revistas especializadas. Na fala da profissional P2, ela se concentra na questão da imitação, ou seja, como as alunas ao se dirigirem à academia querem obter um corpo igual ao de uma celebridade que julgam ser um referencial de beleza. Já na resposta de SNB2, apesar de também ser abordada a imitação, ela trata de forma um pouco mais aprofundada a luta entre o biótipo característico do corpo e

modelo apresentado pela mídia. Porém, ao mesmo tempo em que revela uma visão crítica a respeito do padrão de magreza, afirma o seu desejo de ficar “um pouco mais magrinha, mas pra se sentir bem”.

Com relação à situação descrita por SGU1, pode-se remeter à ambiguidade produzida pelas revistas femininas referidas por Wolf (1992), em que as leitoras se sentiam motivadas e frustradas, assim como a experiência relatada pela entrevistada. Ao fazer compras no mercado ela parece se sentir livre pra consumir aquilo que lhe dá prazer. Mas ao se deparar com as imagens das mulheres nas revistas, ao mesmo tempo em que se motiva para começar uma dieta ou se exercitar, sente-se culpada pelos produtos escolhidos em sua compra. Frente ao dilema que se coloca, se põe a refletir sobre as consequências de suas escolhas.

O discurso midiático homogeneiza tanto as imagens das mulheres apresentadas nos meios de comunicação – inclusive artificialmente pelas correções possibilitadas por *softwares* – como nas mensagens veiculadas que impõe um mesmo padrão de corpo e de normas a serem seguidas por todas as mulheres, sem considerar suas particularidades com relação à idade, raça, classe ou etnia. Todas essas mulheres são “convidadas” a adquirir novos hábitos alimentares e práticas corporais, acreditando que a beleza padrão pode ser alcançada e com isso constitui-se um estilo de vida. A angústia que se coloca para as mulheres é justamente a busca por uma aproximação cada vez mais exata deste padrão.

Se durante o século XIX a doutrina das igrejas cristãs se utilizou também dos novos saberes científicos sobre o corpo e a sexualidade para se posicionarem junto aos discursos materialistas e reducionistas com relação à natureza dada do ser humano (DUARTE, 2004) – causando importantes implicações sobre a corporeidade feminina e o confinamento da mulher à esfera doméstica – , na transição entre o século XX e XXI assiste-se à aliança entre os discursos de saúde e midiáticos, apropriando-se reciprocamente, no sentido de consolidar uma verdade sobre o corpo, ditando as normas do cuidado com o corpo.

Por um lado, os discursos midiáticos utilizam o que é construído nas diferentes esferas do discurso de saúde – psicologia, nutrição, medicina, educação física, psiquiatria – propagando ideais de boa forma, bem estar, longevidade e beleza fundamentando-se em dados “cientificamente” comprovados. Os discursos de saúde, por sua vez, se utilizam também dos instrumentos midiáticos para se difundirem para o

grande público, como pode ser visto, por exemplo, frente ao grande número de programas televisivos que tratam de cirurgias plásticas, dietas alimentares, exercícios físicos etc..

Diante disso, na sociedade contemporânea o culto ao corpo apresenta-se como um estilo de vida, sobretudo entre mulheres, em que o culto à magreza é vivenciado nas diferentes dimensões de suas corporeidades. Embora as mulheres de um modo geral tenham alcançado novas posições sociais estremecendo os papéis tradicionalmente atribuídos à feminilidade, ainda perdura a associação entre a condição feminina e à natureza, representada por seu corpo e por uma “suposta” instabilidade temperamental, tal como foi demonstrado pela literatura feminista de gênero.

Nesta medida, a dimensão corporal continua tendo um grande peso sobre a construção das subjetividades femininas, sendo este um dos elementos que configuram o culto ao corpo e à magreza como estilo de vida entre as mulheres. Seja através da mídia ou da fala das entrevistadas, o cuidado com o corpo é apresentado como se fosse uma condição inata das mulheres e a busca pela magreza parece ser uma de suas principais dimensões.

CAPÍTULO IV

“A indústria cultural ensina às mulheres que cuidar do binômio saúde-beleza é o caminho seguro para a felicidade individual. É o culto ao corpo na religião do indivíduo em que cada um é simultaneamente adorador e adorado. Mas o culto não é para todos. O tal corpo adorado é um corpo de ‘classe’. Ele pertence a quem possui capital para freqüentar determinadas academias, tem personal trainer, investe no body fitness; esse corpo é trabalhado e valorizado até adquirir as condições ideais de competitividade de que lhe garanta assento na lógica capitalista. Quem não o modela, está fora, é excluído”.

4. O “CLUBE DA LULUZINHA”⁶⁹

Como foi explicitado no capítulo anterior, o primeiro contato com o cenário que contextualiza a coleta de dados, o Clube *Curves*, aconteceu quando avistei um *outdoor* na Asa Sul, setor/bairro do Distrito Federal, com a propaganda do espaço exclusivo para mulheres se exercitarem e a logomarca da bonequinha. Ao buscar mais informações na *internet* para entender do que se tratava, além do sítio da *Curves*, encontrei diversas matérias em jornais e portais de notícias abordando a novidade das academias só de mulheres e referindo-se a *Curves* como o “Clube da Luluzinha”.

O fato de se tratar de uma academia só para mulheres foi o que mais chamou a atenção, já que desde o início do doutorado minha pretensão era pesquisar o universo feminino. Com a leitura das reportagens selecionadas, pude entender melhor algumas particularidades da academia. Inicialmente a questão do tempo. Uma das matérias

⁶⁹ A nomenclatura “Clube da Luluzinha” é utilizada para indicar a proibição da entrada de pessoas do sexo masculino e é uma referência à personagem Luluzinha das revistas em quadrinhos e desenhos animados na TV que estrearam em meados da década de 1940 nos EUA. Trata-se de uma expressão de uso cotidiano no Brasil para se referir a espaços só de mulheres.

publicadas no Globo Online em novembro de 2006 tinha como título: “Malhar em meia hora parece fácil, mas não é”⁷⁰. E como já tinha alguma experiência em academias de ginástica e musculação, logo estranhei considerando o tempo muito pequeno para a execução de atividades físicas, o que despertou ainda mais a minha curiosidade.

Na citada reportagem, o método da *Curves* era explicado de forma superficial, enfatizando o uso de aparelhos hidráulicos que causam menos lesões e que viabilizam exercícios para mulheres de todas as idades. Além disso, dizia que “no clube da luluzinha não há espelhos nas paredes e nem imposição a respeito da roupa usada pelas alunas. A única exigência é que seja confortável. Em outras palavras, isso significa que não precisa ir com o pregador combinando com a malha”. A não exigência de roupas específicas não me causou surpresa, já que nas academias conhecidas anteriormente não há também exigência explícita quanto a isso. No entanto, academia sem espelhos era novidade.

A denominação de “Clube da Luluzinha” também estava presente na matéria do Jornal O Dia, do Rio de Janeiro, veiculada em 2007⁷¹, referindo-se não apenas à academia *Curves*, mas a todo o conjunto de espaços emergentes dirigido exclusivamente às mulheres. Afora a *Curves*, eram citados centros de estética, vagões em trens e metrô, além de *sex shops*. Todos os serviços voltados ao público feminino. Contudo, não se tratava apenas de oferecer um serviço especializado para as mulheres. No caso da *Curves*, a matéria em questão informava que seria um tipo de “terapia coletiva”. Deste modo, além do cuidado específico com o corpo, há todo um conjunto de iniciativas dirigidas à elevação da auto-estima das frequentadoras da academia.

Espaços de culto ao corpo, exclusivos para mulheres não são, necessariamente, algo novo. Cite-se, por exemplo, as academias de ballet, salões de beleza ou clínicas de depilação que durante um determinado período permitiam apenas a presença de mulheres⁷². Mesmo em se tratando de academias de ginástica nos moldes atuais, antes da entrada da *Curves* no mercado de *fitness* brasileiro, era possível identificar academias

⁷⁰ Disponível em < <http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mat/2006/11/08/286567359.asp>>, acessado em 13 de novembro de 2006.

⁷¹ Disponível em http://www.curves.com.br/v1/pdf/odia_clube.pdf, acessado em setembro de 2007.

⁷² Em determinadas cidades brasileiras, estes espaços permanecem como de uso exclusivo de mulheres, diferentemente de Brasília, onde é perfeitamente possível encontrar homens e mulheres em salões de beleza ou clínicas de depilação.

só de mulheres. É o caso, por exemplo, de academias que tive oportunidade de conhecer nas cidades de Parnaíba, no Piauí, e Mossoró, no Rio Grande do Norte⁷³.

Ambas as academias eram exclusivamente de mulheres, mas com características muito específicas e diferentes se comparadas a *Curves*. No caso da academia de Parnaíba, tratava-se literalmente de uma academia de fundo de quintal. Funcionava nos fundos da casa da professora, que por ter filhos/as e estar grávida optou em montar o seu próprio negócio. Além dela, havia uma estagiária trabalhando. Apesar de a proprietária ter experiência anterior com academias mistas, em função da dinâmica familiar e do marido passar o dia todo fora de casa, preferiu trabalhar em casa. Por isso, também, a escolha em atender apenas mulheres, já que segundo ela, seria desconfortável e perigoso receber homens no recinto.

A academia situada na cidade de Mossoró se diferenciava da anterior por ser mais estruturada e funcionar em um espaço comercial, mas também atendia apenas mulheres, com o diferencial de também oferecer aulas de natação para crianças. Os primeiros contatos foram através de uma amiga que fazia musculação lá por ser perto de sua residência e ter apenas mulheres. À época ainda não tinha começado a pesquisa de campo nas *Curves* do DF e por isso achei interessante conhecer mais uma academia só de mulheres para que pudesse refletir sobre os aspectos que seriam observados e analisados a partir da coleta de dados.

Apesar das diferenças entre as academias visitadas no que concerne à estrutura e aos serviços oferecidos, alguns aspectos as aproximam em semelhanças. As cidades de Parnaíba e Mossoró situam-se no interior dos estados do Piauí e do Rio Grande do Norte, respectivamente, e não contam com muitas opções de academias⁷⁴. Além disso, as academias que lá existiam anteriormente eram mais direcionadas para a atividade de musculação e, deste modo, tinham homens como principal público, o que dificultava a presença de mulheres. Assim, tanto era difícil para as profissionais trabalharem nestes espaços, como também para mulheres frequentarem tais academias, sobretudo em razão

⁷³ Durante o curso de doutorado, devido a questões pessoais, morei em três cidades diferentes, além de Brasília. Inicialmente passei cerca de um ano em Parnaíba. Em seguida, mudei para Mossoró no ano de 2007 onde moro até hoje. Contudo, alguns meses depois, acompanhei meu marido em seu doutorado sanduíche em Lisboa, Portugal. Passei pouco mais de três meses morando em Lisboa, onde realizei a primeira visita a uma unidade da academia *Curves*. Esta foi uma grande oportunidade para explorar o campo, obter um conhecimento prévio do cenário de coleta de dados e testar o roteiro da entrevista, ainda que estivesse em uma sociedade diferente.

⁷⁴ Cabe observar que atualmente a cidade de Mossoró já conta com diversas opções de academia de ginástica e espaços ao ar livre em que a população pratica caminhada, corrida e outros esportes.

do constrangimento de se exercitarem na frente dos homens e da proibição dos maridos para tal.

Nas conversas que tive com essas profissionais, diziam ser comum que maridos e namorados não permitissem que suas companheiras frequentassem academias tradicionais e que isso acontecia, entre outras coisas, devido à cultura local sexista . Muitas alunas também tinham vergonha de se exercitarem e ficar em posições como de quatro apoios na frente dos alunos. Tais considerações em conjunto com o que foi possível observar nestas academias – as primeiras que visitei como pesquisadora –, foram de grande valor para que pudesse começar a explorar o campo da pesquisa e estabelecer alguns elementos que seriam analisados nas *Curves* do DF.

Inicialmente, não esperava encontrar no DF mulheres que estivessem na *Curves* pelas mesmas motivações que as alunas das academias de Parnaíba e Mossoró, sobretudo com relação à proibição de seus companheiros. De qualquer modo, este primeiro contato me trouxe muitos questionamentos sobre o que realmente gostaria de saber sobre a academia e a relação das alunas com as *Curves*, que apesar de não figurar como objeto central da pesquisa, passou a ter grande relevância para o desenvolvimento do presente estudo. O conhecimento prévio do cotidiano de academias restritas à presença feminina combinado com os dados coletados no *site* da *Curves*, possibilitou uma melhor visualização da problemática a ser desenvolvida, oferecendo subsídios para a elaboração dos roteiros das entrevistas.

4.1 Os Clubes *Curves*

O Clube *Curves* foi criado nos Estados Unidos no ano de 1992 e após dez anos de funcionamento, a rede de franquias já contava com mais de 8 mil unidades em 17 países, sendo a franquia que mais crescia no mundo. O primeiro clube foi fundado em Harligen, no Texas, por Gary Heavin que, após ter abandonado os estudos de medicina e de já ter passado pela falência de um primeiro empreendimento na área de *fitness*, apresentou um novo conceito de atividade física orientado para a perda de peso de mulheres. A proposta de exercícios combina treinamento de força muscular e atividade cardiovascular, realizadas em um ambiente exclusivamente voltado para o público feminino. No ano de 1995 foi inaugurado o primeiro clube franqueado e segundo dados

da revista americana “Entrepreneur”⁷⁵, em 2004, nos EUA existia uma *Curves* para cada dois McDonalds⁷⁶. Atualmente, são mais de 10 mil unidades em 35 países. No Brasil, a primeira unidade *Curves* foi inaugurada em São Paulo em 2003 e hoje são 215 unidades em todo o país. A primeira franquia *Curves* no DF foi criada em 2005 e atualmente, em 2011, há 13 unidades em funcionamento⁷⁷. Até o ano de 2008, o DF aparecia em quarto lugar em números de unidades *Curves*, atrás apenas do Rio de Janeiro e de São Paulo⁷⁸. Hoje já foi superado também pelos estados de Minas Gerais e Paraná, ambos com 18 unidades cada. Já o Brasil está entre os dez países com mais *Curves* em todo o mundo (Quadro 2 - em anexo).

Mas não são apenas os números que merecem atenção. A publicidade da *Curves* marca pelo diferencial do atendimento exclusivo ao público feminino e pela explicitação da perda de peso como objetivo a ser alcançado. Além do treinamento realizado em apenas 30 minutos, com o intuito de atender às demandas das “mulheres modernas” que não têm tempo para se exercitar, faz parte do programa *Curves* disponibilizar um ambiente alegre e motivador às suas sócias⁷⁹. Pelo *design* do *site*, em tons de lilás e rosa, com desenhos florais em formas arredondadas, mulheres de meia idade sorridentes, bonequinhas em desenho e mensagens de motivação –por exemplo, “Com a *Curves* a sua vida vai mudar” –, percebemos como está implícito um modelo de feminilidade associado às construções tradicionais de gênero, vinculando a identidade das mulheres à delicadeza e à fragilidade. Há ainda o discurso da segurança e da comodidade, demonstrado pelo fato de o espaço das academias ser desprovido de espelhos e da presença do olhar masculino.

Além dos aspectos mencionados acima, no *site* há referências, inclusive com imagens, sobre o circuito que as alunas percorrem na academia. À primeira vista, mesmo sem entender bem a dinâmica do circuito, é possível inferir que as alunas percorrem cada aparelho, que estão dispostos em círculo, no período de trinta minutos.

⁷⁵ A expressão “entrepreneur” em inglês pode ser traduzida para o português como “empreendedor” (tradução livre).

⁷⁶ Dados retirados do *site* oficial da *Curves* Brasil: <http://www.curves.com.br>, atualizados até fevereiro de 2010.

⁷⁷ As unidades do Núcleo Bandeirante e do Riacho Fundo que fizeram parte da pesquisa não estão mais em funcionamento.

⁷⁸ Em 2011 há uma retração no número de academias no DF, chegando a 13 unidades franqueadas.

⁷⁹ No decorrer do texto o termo “sócias” é utilizado como sinônimo de alunas, já que é assim que as profissionais se referem às mulheres que frequentam o clube *Curves*.

Mas somente após conhecer a primeira academia *Curves* é que pude entender realmente como o circuito funcionava.

A primeira visita à *Curves* ocorreu na cidade de Lisboa, em dezembro de 2007. Em Portugal, diferentemente do Brasil, as pessoas não costumam se exercitar em academias com a mesma frequência⁸⁰. Os ginásios, como são denominados lá, ainda são frequentados por um grupo restrito composto, sobretudo, por pessoas jovens. Assim como aconteceu posteriormente no Brasil, o primeiro contato foi feito pelo telefone quando marquei um encontro com a gerente do estabelecimento, após explicar que se tratava de uma pesquisa de doutorado.

Não entro em detalhes na descrição da unidade *Curves* que visitei em Lisboa, já que a mesma não fez parte das unidades selecionadas para a pesquisa. Mas ao chegar lá fui recebida pela gerente que se prontificou a me explicar a proposta da *Curves*, destacando a funcionalidade do circuito e da proposta da academia na efetiva perda de peso. Ela se referiu às características da franquia, ao padrão que deve ser seguido, a como a academia foi criada nos EUA e ao modo em que as alunas são recebidas quando buscam a *Curves*. Em seguida, indicou uma funcionária para apresentar as instalações.

Toda a conversa com a gerente aconteceu na recepção, de onde o circuito não podia ser visto. Aliás, minha primeira impressão era de que aquilo não se parecia com uma academia. Ao seguir com a funcionária pelo corredor, entramos por uma porta que dava acesso ao circuito. Havia apenas uma aluna acompanhada por uma professora. A música estava baixa e as duas conversavam enquanto a aluna completava o circuito.

O circuito era composto por 20 estações dispostas em círculo. As estações variam entre os aparelhos hidráulicos e plataformas em que as alunas devem fazer alguma atividade aeróbica à escolha, intercalando com os aparelhos. O tempo em cada plataforma é predeterminado e a contagem é feita por um aparelho de som. A aluna pode começar em qualquer uma das estações enquanto a música toca, até que esta seja silenciada e substituída por uma voz que diz: “mude de estação”. Deste modo, passam pouco menos que um minuto em cada estação até ouvirem o comando para a troca.

⁸⁰ Essa diferença me trouxe algumas reflexões enquanto estava em Portugal. Ao conversar com colegas da Universidade sobre minha tese, comumente estes se referiam ao Brasil como um lugar onde as pessoas teriam uma exagerada preocupação com a estética e que isso não estava presente em Portugal. A própria *Curves* não era conhecida pela maior parte das pessoas com quem tive contato. Segundo a gerente da unidade que visitei em Portugal, as pessoas só procuram cuidar da saúde depois que já estão com algum comprometimento ou doença e por isso as academias ainda não eram tão populares (Diário de campo, janeiro de 2008).

Além disso, a cada sete minutos e meio novamente a música é interrompida pela voz que agora determina a contagem da frequência cardíaca. Cada aluna percorre o circuito duas vezes, seguindo esta dinâmica.

O controle do tempo e a contagem dos exercícios repetidos em série são características de todas as academias de ginástica e musculação. Contudo, nas academias tradicionais as/os frequentadores geralmente têm um leque de outras atividades além das que se baseiam no uso de aparelhos de musculação para se exercitarem. Podem, ainda, com orientação da/do professor/a alternar séries de exercícios a cada dia da semana. Tais possibilidades não existem no modelo de academia analisado, em que as alunas devem sempre seguir o mesmo circuito, guiadas pelo sistema de som e atentas para o controle dos batimentos cardíacos.

O controle do tempo dos indivíduos é algo que integra o cenário da modernidade. Goffman, em sua obra *Manicômios, Prisões e Conventos* (2003), se dedicou à análise do uso e controle do tempo nas instituições totais. Nestas, as atividades diárias tais como a hora de acordar, a alimentação, o banho, todas são organizadas e controladas de modo a disciplinar as pessoas internadas. Especificamente com relação à repetição característica do *fitness*, Ortega (2005) faz uma comparação com as práticas de adestramento corporal evidenciadas por Foucault ao descrever os modos de atuação do poder disciplinar.

Para Foucault (1987), em todas as sociedades os corpos são submetidos a poderes que limitam, proíbem e lhes impõem obrigações. O poder disciplinar que atua sobre os corpos se faz mediante um controle minucioso de todas as operações do corpo, sobre os gestos, os movimentos e sua eficácia, a partir de uma coerção ininterrupta. Ainda que as academias não se enquadrem por completo no modelo de poder disciplinar presente em instituições como as escolas e as prisões, tal como é referido por Foucault, apresentam-se, por sua vez, como espaços em que se desenvolvem práticas de autoformação do sujeito, práticas ascéticas no sentido empregado pelo autor. Nesta direção, é possível observar como as atividades desenvolvidas no circuito da academia são minuciosamente controladas no sentido de disciplinar o modo de execução dos exercícios, não só no que diz respeito à performance corporal, mas também no que tange ao controle da frequência cardíaca, visando a máxima eficácia do movimento. O controle é exercido pelo sistema de som, mas as alunas permanecem sob constante vigilância das professoras.

No Brasil, como era esperado, por se tratar de um sistema de franquias, a dinâmica do circuito é exatamente a mesma. A disposição alternada de aparelhos direcionados para membros inferiores e exteriores, o tempo em cada estação, a voz programada que interrompe a música e a contagem da frequência cardíaca, tudo acontece da mesma forma. A contagem da frequência alinha-se com a proposta de atividades relacionadas às zonas de treinamento, divididas por idade e classificadas de acordo com o objetivo da aluna. Se o objetivo for perder peso, deverá ser mantida em um nível específico de acordo com sua idade. Assim, controla a intensidade dos exercícios a partir desta medição que é conferida com a tabela exposta em um quadro na parede, como pode ser observado na fotografia abaixo:

Figura 9

Tabela de frequência cardíaca

Idade	50%	60%	70%	80%	85%
15	17	21	24	27	29
20	17	20	23	27	28
25	16	19	23	26	28
30	16	19	22	25	27
35	15	19	22	25	26
40	15	18	21	24	26
45	15	18	20	23	25
50	14	17	20	23	24
55	14	17	19	22	23
60	13	16	19	21	23
65	13	16	18	21	22
70	13	15	18	20	21
75	12	15	17	19	21
80	12	14	16	19	20

Fonte: dados da pesquisa. Fotografia da autora. Brasília, 2008/2009.

No que se refere à localização, grande parte das unidades que participaram da pesquisa estão instaladas em áreas comerciais com grande circulação de pessoas. Mas do lado de fora nada do que acontece internamente pode ser visto. As paredes externas ou vidros são cuidadosamente vedados para que se mantenha a maior privacidade possível. Assim como na unidade visitada em Portugal, em todas as unidades

participantes da pesquisa a área do circuito é completamente isolada da recepção, geralmente separado por parede, divisórias ou portas de correr.

Apesar das semelhanças com a primeira unidade visitada ainda em Lisboa na etapa exploratória, a decoração das academias no Brasil é significativamente diferente. Todas as unidades pesquisadas estavam completamente “enfeitadas” de acordo com as datas comemorativas do período, tanto na recepção como nos demais ambientes. Em uma das unidades pesquisadas, ao passar pela porta e olhar o ambiente, mais parecia estar entrando em uma escola infantil do que em uma academia de ginástica. Havia mensagens de feliz páscoa, desenhos de coelhos risonhos colados nas paredes, ovos coloridos e bichos de pelúcia.

Figura 10

Entrada/recepção da academia decorada para o período da páscoa



Fonte: dados da pesquisa. Fotografia da autora. Brasília 2008/2009.

A sensação de estar em um ambiente infantil foi a mesma nas áreas dos circuitos. A primeira fase da pesquisa de campo ocorreu em um período próximo ao Natal e as unidades pelas quais passei estavam todas decoradas com Papai Noel de vários tamanhos, balões, bichos coloridos nas paredes, árvore de Natal, presentes etc.. Na segunda fase os coelhos e ovos de páscoa é que davam o tom da decoração, tudo sempre muito combinado com o lilás, rosa e branco que predominam nas cores da academia. A utilização dessas cores foi tema da entrevista que fiz com um dos

proprietários, o único homem entrevistado. Segundo ele, o ambiente tem que ser *clean*, limpo e organizado e que as cores lilás e rosa refletiriam a identidade feminina, sua delicadeza e fragilidade.

Em outros momentos das entrevistas com as mulheres, a decoração e as cores também apareceram como elementos que indicavam que aquele espaço era exclusivamente feminino. Da mesma forma, as flores, os bichos de pelúcia e outros elementos que compunham o cenário da academia. Tal associação evidencia um estereótipo de gênero muito comum quando se faz a divisão de cores entre crianças, onde para as meninas tudo deve ser cor de rosa e para os meninos em tons de azul. Ao relacionarem a identidade feminina com as cores e às figuras infantis da decoração, revelam outras características que, segundo elas, seriam próprias de mulheres, tais como a limpeza, a higiene, a atenção aos detalhes, que fariam da *Curves* um verdadeiro “Clube da Luluzinha”.

*[...] então...aqui tem essa coisa meio **mulherzinha** mesmo...você vê que é tudo lilás...rosinha e com florzinha e vários **detalhezinhos**....essas coisas são pra mulher porque homem não tá nem aí pra isso não....vai na academia e malha e pronto...quer saber se o aparelho tá ali pronto pra ele pegar e nem quer saber se tá limpo ou sujo...aqui é tudo **limpinho...bonitinho e cheirosinho** [...]* (SAS2).

*Aqui a gente sabe que é especial porque é tudo feito pra gente...cada **coisinha** que é pendurada na parede...cada **bichinho** ou cada mensagem de motivação que elas colocam é tudo pra gente...é feito pra mulher....[...]* (SNB4)

Não apenas as características do espaço físico da academia, mas a forma como as entrevistadas SAS2 e SNB4 a percebem, destacam os estereótipos sobre o que é o feminino, sugerindo a infantilização das mulheres e o funcionamento da academia como uma “escola” direcionada à formação de “modelos”. Da mesma forma, quando aparece, no discurso das entrevistadas, o uso do diminutivo para o tratamento de mulheres adultas e descrição dos aspectos “femininos” da academia, é evidenciado, mais uma vez, a vinculação dessas mulheres a significados da infância e, conseqüentemente, submetidas ou incapazes. Em se tratando de um espaço de culto ao corpo, tal incapacidade pode estar implicada com uma noção de falta de autonomia sobre a corporeidade.

A denominação de “clube” é comumente utilizada entre proprietários/as, profissionais e alunas. Por isso, estas são chamadas de “sócias”. Segundo o proprietário

entrevistado, a ideia de tratar a academia como clube é justamente para promover mais intimidade na relação com aquele espaço, que não seria apenas para “malhar” e ir embora, mas um lugar onde as mulheres têm privacidade, onde podem “*conversar e fazer coisas de mulher sem se sentirem constrangidas... é um clube de mulher*” (Diário de campo, dezembro de 2008). Ao descrever a preparação para que a aluna/sócia inicie as atividades na *Curves*, umas das profissionais aponta a importância da integração entre as sócias e as profissionais.

[...] tem uma análise segura pra conhecer a aluna melhor e em seguida a gente tem uma primeira aula que também é com horário agendado e tem um acompanhamento individualizado e o circuito é passado passo a passo...porque o treinamento da Curves ele não é direcionado ao resultado físico né...mas ao bem estar..à motivação...aqui nós falamos que não são alunas são sócias...então todas nós estamos integradas com um único objetivo...pela melhora da qualidade de vida e da auto-estima que é muito importante né...então nós temos esse trabalho motivacional [...] (P4)

As interessadas em frequentar o “clube” se dirigem à unidade escolhida, matriculam-se, submetem-se a uma avaliação física e recebem uma carteira de sócia do clube *Curves*. Com isso passam a ter acesso não somente às atividades promovidas pelo clube, mas também a outros “benefícios”. Por exemplo, a cada centímetro perdido em medidas a partir do ingresso na academia, as sócias recebem um vale-brinde, seja em forma de desconto ou algum produto próprio. Trata-se de um sistema de recompensa⁸¹ em busca do resultado que é refletido no emagrecimento, seja pela perda de medidas ou de peso, tal como explicou a profissional P4.

[...] nós temos um dinheirinho interno que é o curves cash...esse dinheirinho interno funciona da seguinte maneira...a aluna que vem direitinho e que não falta...que participa das brincadeiras...das festinhas...que nem hoje quem vim de vermelho tá ganhado um curves cash....quem vier de Mamãe Noel ganha três cashs...aí você vai juntando esse cash e em seguida você troca pelo produto da lojinha...[...] a maneira mais rápida de conquistar o curves cash é participando...malhando...e correndo atrás do seu objetivo...se ganha então pela frequência e pelo alcance de metas...cada coisa tem uma pontuação maior ou menor...[...] ...também tem aqui o Top 10...são

⁸¹ Trata-se do *Curves Cash* que pode ser recebido das seguintes formas: com o alcance das metas recebem 1 *Curves Cash* para cada kg perdido ou ganho conforme a meta da aluna e 1 *Cruves Cash* para cada % de gordura perdida; pela frequência mínima de 12 vezes ao mês, 5 *Curves Cash*; com a indicação de amigas que se matriculem na academia, 3 *Curves Cash*; alunas do plano de pagamento mensal sem atraso, 2 *Curves Cash* (Figura 1 - em anexo).

aquelas 10 alunas que conseguiram o melhor resultado dentro do mês...cada posição dessa sobe e desce tem uma pontuação diferente de cash...a classificação aqui é por medida...peso é desempate...então nós temos a avaliação que vai avaliar medidas...peso e percentual de gordura... (P4)

A lógica presente na distribuição de *curves cash*, chamado de “dinheirinho interno” por P4 que explica como as alunas que frequentam “direitinho” são pagas por isso, apresenta-se como um sistema ou estratégia que reflete os princípios mais elementares do capitalismo. Seguindo as novas tendências de consumo e inserida em uma lógica mercadológica, a franquia de academias femininas aparece como serviço e/ou produto personalizado para as mulheres e quanto mais estas se dedicarem, mais receberão “reconhecimento” e *curves cash*. Ao comprarem com o seu “dinheirinho interno” os produtos da própria marca da academia, contribuem também para a sua publicidade. Ou seja, quanto maior a dedicação das alunas em receber *curves cash*, maior o lucro dos/das proprietários/as⁸², como uma espécie de extração de mais-valia. No desenrolar deste processo, forja-se um sentimento de pertencimento às sócias que têm a falsa impressão de participarem dos lucros, revelando a lógica que incide sobre a mercantilização das práticas corporais.

É interessante observar que um dos pontos ressaltados pelas entrevistadas ao compararem os benefícios de uma academia exclusiva para mulheres é justamente a ausência da competição que seria comum nas academias mistas, sobretudo em função dos olhares masculinos, como foi ressaltado pelas profissionais. Mas se a competição pela atenção dos homens não se faz presente na academia, a concorrência e a expectativa em compor os quadros das Top 10 ou das *Curvetes* marca a relação entre as sócias, ainda que isso não seja explícito nos discursos das entrevistadas. A possibilidade de ganhar destaque gera grande expectativa e é constantemente incentivada pelas professoras. Nos quadros aparecem os nomes das sócias e a quantidade de peso e/ou medidas perdidas como símbolo de distinção.

⁸² Entre os/as proprietários/as das unidades entrevistadas que foi possível conhecer durante a coleta de dados, todos/as eram profissionais de áreas diversas da Educação Física.

Figura 11*Quadro das campeãs de perda de peso e medidas⁸³*

Fonte: dados da pesquisa. Fotografia da autora. Brasília-DF, 2008/2009.

A proposta da academia é também promover o bem-estar, como se aquele espaço fosse destinado à ajuda mútua entre as mulheres. Muitas vezes esteve presente no discurso das profissionais e do proprietário entrevistado, essa ideia de que as mulheres precisariam de mais incentivo para se exercitar e manter a frequência às academias do que os homens. Ao serem questionadas sobre tal concepção, as respostas das profissionais e do proprietário entrevistados/as trouxeram, de forma explícita, uma ideia de que as mulheres, de modo geral, são mais cobradas para serem vaidosas, manterem a “forma” e a juventude. Estes seriam elementos integrantes da própria feminilidade, já que as mulheres teriam que se “cuidar” mais do que os homens.

Então, se por um lado há um discurso que traz explicitamente a proposta de uma academia com direcionamento contrário ao da corpolatria⁸⁴, que seria um clube para mulheres se sociabilizarem, buscarem um bem-estar etc., em outra perspectiva, na prática cotidiana, as palavras de incentivo dadas às mulheres quando estão no circuito apelam para a dimensão da estética e da magreza, revelando-se inseridas na lógica de mercantilização do corpo, conforme pude observar em diferentes unidades visitadas:

⁸³ Nesta imagem pode-se identificar, mais uma vez, o modo em que imagens infantilizadas, como a da heroína mulher-maravilha ou de pequenas cenouras que se remetem aos coelhos da páscoa, entre outras, são utilizadas como artifício de infantilização das alunas/sócias.

⁸⁴ Corpolatria é um termo utilizado para se referir ao culto exagerado do corpo. Para Courtine (1995) o fascínio e a corpolatria característicos da sociedade contemporânea não têm precedentes na história.

[...] vamos gente...no ritmo do verão...vamos lá Alice⁸⁵ força nessa perna pra endurecer o bumbum e botar o biquíni na praia em janeiro...pra ficar bonita tem que sofrer...tem que ter sacrifício...tem que se esforçar.... (Diário de campo, dezembro de 2008)

Olha a respiração...tem que segurar o abdômen durinho pra barriguinha ficar saradinha...tá muito lento isso aí tem que tentar ir mais rápido pra ter mais resultado... (Diário de campo, abril de 2009)

Ambos os trechos foram registrados em diário de campo em unidades e períodos diferentes, e o teor do discurso era o mesmo em todas as unidades visitadas. A dor e o sofrimento aparecem como um sacrifício necessário frente ao prazer do envolvimento no grupo constantemente estimulado pelas profissionais e à crença em um resultado final eficiente. As professoras, por sua vez, atuam não apenas como educadoras físicas, mas como animadoras. Circulam no centro do circuito para controlar os exercícios e lembrar às sócias o motivo de estarem ali, o que é associado muito mais à lógica da estética e do corpo perfeito, do que da saúde. Palavras como “durinho” ou “sequinha”, referindo-se à queima de gordura e perda de medidas, referem-se ao resultado esperado que no final se traduza em um corpo magro. Este resultado é amplamente divulgado, chegando até a ser razão de comemoração especial entre as sócias e as professoras. Além do quadro comumente utilizado para expor o destaque das sócias que são TOP 10, em uma unidade específica me chamou a atenção o local em que o *ranking* era exposto: em frente à balança.

A balança está presente em todas as unidades visitadas, assim como nas academias convencionais. Nesta imagem, especificamente, repete-se o padrão de infantilizar as mulheres com o uso de símbolos que se remetem à infância e aos estereótipos de gênero, revelados pela forma de coração, cores, laços etc.. Além de controlar as operações do corpo pela quantificação utilizando a balança para mensurar o peso, estando diante dos corações afixados na parede que informam os nomes das sócias que se destacaram no *ranking* das Top 10, as alunas são levadas à comparação de seus

⁸⁵ O nome da sócia em questão foi modificado.

“resultados” com o das colegas que compõem o citado *ranking*. Além da exaltada preocupação com a estética corporal, o cenário em análise inspira a distinção, o mérito pelo alcance do “resultado” e o reconhecimento dos pares, ainda que para tanto seja necessário viver momentos de sofrimento e sacrifício.

Figura 12
Ranking das Top 10



Fonte: dados da pesquisa. Fotografia da autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Refletindo sobre as formas de ascese contemporânea que denomina como práticas bioascéticas, relacionando-as com a constituição de biodidentidades e processos de subjetivação, Ortega (2008, p. 31) evidencia que na “biossociabilidade criam-se novos critérios de mérito e reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideais de sujeito baseados no desempenho físico”. Isto é o que pode ser percebido na *Curves* quando se observa a constante exaltação da perda de peso e medidas entre as sócias. O melhor desempenho físico é enaltecido como um grande feito, como um exemplo a ser seguido.

As ações individuais passam a ser dirigidas com o objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude, etc. Todo um vocabulário médico-fisicalista baseado em constantes biológicas, taxas de colesterol, tono muscular, desempenho físico, capacidade aeróbica populariza-se e adquire uma conotação ‘quase moral’, fornecendo os critérios de avaliação individual (ORTEGA, 2008, p. 31).

Há ainda o chamado *Clube de Vantagens* formado por empresas parceiras da academia, conforme foi descrito no capítulo anterior. Nos estabelecimentos parceiros as sócias têm descontos para se consultarem ou comprarem produtos e/ou serviços em clínicas de estética, consultórios médicos de endocrinologistas, cirurgiões plásticos, nutricionistas, farmácias de manipulação de medicamentos e fórmulas de cosméticos, entre outros. De acordo com o último levantamento feito para esta pesquisa, em 2011 as unidades *Curves* espalhadas pelo DF mantinham parcerias com 84 (oitenta e quatro) estabelecimentos, divididos nos seguintes setores: alimentício, saúde, medicina e medicina estética, estética, farmacêutico, vestuário, educação, odontologia e diversos (Quadro 3 - em anexo).

Comparando os dados relativos às parcerias do *Clube de Vantagens* em 2007, à época do primeiro levantamento, e as informações de 2011, é possível afirmar que houve grande ampliação nas áreas dos serviços oferecidos. Inicialmente, os serviços eram restritos aos setores alimentício, médico, estético e fármaco. Em geral, havia certa homogeneidade entre os setores que mantinham um direcionamento para a área da saúde e da estética corporal. Mesmo no setor alimentício, por exemplo, predominavam restaurantes naturais. Além dos setores citados, passaram a integrar o rol das parcerias consultórios odontológicos, óticas, *pet shops*, escolas de idiomas, uma grande diversidade de lojas de roupas femininas, entre outros.

Nos primeiros momentos do desenvolvimento da pesquisa, o *Clube de Vantagens* seria um caminho para evidenciar os modos que as mulheres percorrem as dimensões do culto ao corpo e à magreza. Esta foi, inclusive, uma das razões para que esta academia fosse escolhida como cenário de coleta de dados. No entanto, ao longo das entrevistas percebeu-se que poucas sócias utilizavam os serviços. A maioria delas não tinha comprado ou contratado nenhum serviço dos estabelecimentos parceiros da academia, de modo que o *Clube de Vantagens* não se revelou, necessariamente, como um caminho percorrido por elas no desenvolvimento de práticas estéticas, alimentares e/ou interventivas. O que não quer dizer que tais práticas estejam ausentes em seus

discursos e vida cotidiana. Pelo contrário, pela fala e por suas ações, sócias e profissionais deixaram transparecer os modos como as diferentes dimensões do culto ao corpo e à magreza estão presentes em suas vidas, como será demonstrado no próximo capítulo.

4.2 Sociabilidades entre mulheres

Academias de ginástica, independentemente do público a que se destinam, são reconhecidamente espaços de culto ao corpo, mas não apenas na órbita da sua materialidade. Para além da construção ou da regulação do corpo, as sócias entrevistadas afirmam estar em busca de um espaço promotor de interação e de bem-estar onde possam, por exemplo, fazer novas amizades. Nesta perspectiva, o modelo de academia analisado revelou-se também como um ambiente interessante para se pensar a sociabilidade entre as mulheres, mediada pelo culto ao corpo.

A promoção de diferentes modos de sociabilidade e de vivências agradáveis é parte do discurso que evidencia o diferencial desta academia com relação às demais. Conjuntamente aos elementos que compõem o cenário da academia, como foi apontado no tópico anterior, em todas as unidades há murais de fotografias expostos nas paredes com imagens de encontros externos e atividades especiais realizadas, como caminhadas, ginástica na rua, eventos beneficentes, entre outros⁸⁶. Tais situações seriam, sobretudo no discurso das profissionais, raras oportunidades de interação e distração para a maior parte de suas alunas, que já não teriam maiores possibilidades de lazer além da academia.

Observou-se, no entanto, que, diferentemente do que foi colocado pelas profissionais, há duas situações principais de interação entre as sócias: o circuito e o banheiro. É curiosa a relação entre os dois ambientes. Na área do circuito o tempo de permanência é limitado aos 30 minutos e não há espelhos. Já nos banheiros, além de toda a estrutura como chuveiro quente e secador de cabelos, há grandes espelhos. A depender do horário, algumas vezes o tempo que passam no vestiário para se arrumarem e saírem da academia ultrapassa a meia hora da atividade executada. E é justamente neste período em que muitas relações se estabelecem.

⁸⁶Todas as academias que foram visitadas no período próximo às vésperas do Natal estavam coletando brinquedos e/ou roupas para doação. O trabalho de caridade é uma das marcas do grupo.

O banheiro aparece como um espaço privilegiado para a sociabilidade entre as mulheres, tendo sido, inclusive, um dos locais utilizados pela pesquisadora para gravar algumas entrevistas quando o som externo comprometia o áudio. São nos vestiários, tal como é descrito com relação aos santuários dos Nacirema (MINER, 1976), que as mulheres compartilham os seus rituais privados de culto ao corpo, a nudez, a (des)vergonha e o exibicionismo, os desejos e as frustrações com relação às medidas, ao peso, a estética/beleza, à sexualidade, à família e assuntos diversos que compõem as rodas de conversa no banheiro⁸⁷.

É como se a formação circular do circuito fosse transposta para as rodas de bate-papo nos vestiários. Se no circuito determinadas conversas ou assuntos não são tratados abertamente, o espaço dos banheiros é propício para isso pela maior privacidade que se tem. Em frente aos espelhos que integram o cenário – ausentes na área comum, vale lembrar – sentidos ocultos nos discursos são revelados quase que naturalmente no teor dos diálogos e dos rituais, demonstrando como aquelas mulheres vivem as suas corporeidades. Muitas receitas são trocadas, inclusive de dietas que funcionaram e trouxeram resultado para as adeptas. As mulheres reconhecidas como exemplo e por seus méritos alcançados com a prática de atividades no circuito da academia são ouvidas e têm os seus corpos observados atentamente pelas outras.

Os rituais de higiene e de intimidade possuem uma estreita relação com as práticas de culto ao corpo desde a Antiguidade. O processo de transformação do indivíduo civilizado na Grécia Antiga fazia-se, em grande parte, nos ginásios, pela educação física através da adoção de normas de higiene e estética. Ao *pedotribos*, responsável pelo ensino da ginástica, era confiada a tarefa de instruir os/as alunos/as sobre a higiene. Assim é que nos espaços dos ginásios, além das salas de exercícios, havia um local específico para banhos. Os cuidados com o corpo pela prática de atividades físicas e de higiene tinham grande valor para os médicos e filósofos gregos, “ser asseado era um dever natural” (BRAUNSTEIN; PÉPIN, 2001, p. 73).

Interessante é observar, no entanto, que a valorização da higiene era dotada de um caráter lúdico e não moral, mantendo-se uma relação virtuosa com o corpo. Ademais, como apontado por Rodrigues (1999, p. 156) os banhos coletivos que estavam presentes na Antiguidade e na Idade Média se caracterizavam como espaços de

⁸⁷ Mirela Berger (2006), em sua tese de doutorado, observou aspectos relativos aos vestiários femininos de uma grande academia de ginástica convencional, evidenciando que se trata de um local em que as mulheres deixam transparecer como se relacionam com o próprio corpo e a nudez.

exaltação do corpo pelo culto ao prazer, mas também de sociabilidade. Os locais de banho também eram espaços de lazer e diversão em que as pessoas se alimentavam e bebiam.

No que concerne às sociabilidades, é pertinente retomar as reflexões de Simmel, que muito contribuiu para o estudo da interação entre os indivíduos na sociedade moderna. A sociabilidade pensada por Simmel (1983, p. 168) pode ser entendida como uma “forma lúdica de sociação” na qual a interação se faz, simultaneamente, pelo comprometimento e descomprometimento dos indivíduos, como em um jogo em que as relações se movimentam indo e vindo.

Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação à vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre, fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade (SIMMEL, 2006, p. 80).

Desde o início da coleta de dados, prestar atenção nas conversas das mulheres que estavam na academia e registrar em diário de campo foram tarefas constantes, sobretudo durante a espera pelas entrevistas. A conversa como uma via de mão dupla, se apresenta na sociabilidade como “o legítimo propósito de si mesma” e “é a forma mais pura e elevada de reciprocidade” (SIMMEL, 1983, p. 177). Diferentemente do que foi constatado por Berger (2006) afirmando que a academia objeto de sua análise era como uma “ilha de ordem e virtude”, citando Wacquant, na qual assuntos como política e religião não seriam discutidos, no período em que foram observadas, as frequentadoras da *Curves* em suas conversas trataram dos mais diferentes assuntos. Temas relativos a datas comemorativas, acontecimentos de novelas, eventos pessoais como viagens de trabalho e aniversário de filhos/as foram assuntos registrados em diário de campo nas duas fases da coleta de dados.

Porém, são nos vestiários que as conversas se tornam mais íntimas, mesmo que compartilhadas por um grupo, e as práticas corporais ganham ainda mais centralidade. Se comparadas com as conversas presentes nas outras áreas da academia, nos banheiros parecem ter, em alguns momentos, o caráter de segredo. Ao grupo que participa de tal momento de sociabilidade é permitido conhecer os corpos, as marcas de cirurgias plásticas, as partes do corpo que mais incomodam ou despertam satisfação e orgulho. O

segredo, conforme observado por Simmel (2009) pode ser entendido como uma sociabilidade que orienta a sociabilidade. Assim, o segredo define a interação ensejando o sentimento de ser parte de um determinado grupo, considerando que determinados assuntos não seriam bem vistos pelas professoras e por outras frequentadoras da academia, assim como não teriam espaço no contexto familiar, o grupo que se permite compartilhar em segredo tais informações e anseios sobre os corpos desfrutam de uma sociabilidade diferenciada.

Uma das características de toda relação entre duas pessoas ou entre dois grupos é haver segredo ou não e a medida em que o mesmo exista; pois mesmo no caso de uma parte não notar a existência do segredo, este modifica a atitude daquele que o guarda, e, por conseguinte, modifica toda a relação (SIMMEL, 2009, p. 18/19).

Uma das características que distinguem o atual modelo de academia só para mulheres é o seu discurso sobre a capacidade de propiciar benefícios não apenas para o corpo, mas também para a mente, propondo às mulheres a incorporação de um novo estilo de vida. A ideia é que a partir do ingresso na academia poderão mudar as suas vidas, seus estados de espírito, com o apoio mútuo do círculo de mulheres com o qual passam a manter um laço. Neste sentido, as relações recíprocas mediadas pela troca do segredo parecem promover uma espécie de cooperação entre as mulheres em busca de um corpo melhor e conseqüentemente de uma vida melhor, em todas as suas dimensões. Aquelas que aprendem a ser vigilantes para com os sinais de falta de saúde, de beleza, de juventude ou excesso de gordura, são aceitas e admiradas pelo grupo, como uma resposta à condição da mulher tida como desviante (ORTEGA, 2008) que não detém o controle sobre si e vivencia o risco de onerar seus familiares com sua fragilidade corporal e suscetibilidade para se contagiar com alguma doença.

É preciso observar, no entanto, que a maior frequência de alunas nos vestiários se dá em períodos específicos do dia, como, por exemplo, no horário de almoço em que as mulheres que trabalham fora de casa aproveitam a folga para irem à academia, retornando ao trabalho em seguida. Diante da pouca oportunidade e até da inconveniência de estar nos vestiários para acompanhar estes momentos de sociabilidade, não foi possível para a pesquisadora observar tal situação em todas as unidades em que foram feitas as entrevistas. Parte do que foi possível conhecer sobre os diálogos nos vestiários foi dito pelas entrevistadas. Sendo assim, no que concerne à

sociabilidade entre as mulheres que frequentam àquela academia, foi observado e analisado com maior riqueza de detalhes o que se passava na área do circuito.

4.2.1 *Práticas circulares*

Segundo Pennick (2002), o círculo pode ter sido o símbolo mais antigo desenhado pelos humanos por ser uma forma facilmente encontrada na natureza, no céu, nas plantas, nas estruturas geológicas naturais e no próprio corpo. A forma circular, ainda em tempos antigos, foi utilizada em construções de templos e igrejas. O círculo seria uma “forma primária que, acima de todas as outras, é favorecida pela natureza, começando-se pela própria forma do mundo” (ALBERTI citado por PENNICK, 2002, p. 134) e por isso foi amplamente representado nas mais diferentes práticas humanas, como rituais, cerimônias, obras de arte etc..

Em diferentes culturas a representação do círculo é comumente associada ao universo e à totalidade. “O círculo é fonte de toda a geometria e o seu maior mistério. Na geometria sagrada, quadrado representa a matéria, o fenômeno, a estabilidade e a solidez, enquanto o círculo representa o espírito, a essência, a transcendência” (OSTETTO, 2009). A vinculação entre a forma circular e as dimensões do espírito e da transcendência podem ser relacionadas com o arquétipo da “Grande Mãe”, trabalhado pelo psicólogo junguiano Erich Neumann (1999), simbolizado como um grande círculo que habita a totalidade do universo. Analisando o caráter positivo e negativo do arquétipo a partir do estudo da mitologia e aspectos específicos de diferentes culturas, Neumann aponta como teria se desenvolvido a identificação da mulher com a natureza e como tal representação foi inculcada pela simbologia através dos tempos.

Diversas religiões e culturas utilizam a formação em círculo em seus rituais ou danças nas mais diferentes celebrações, tais como casamentos, estação das chuvas, entre outras. Um exemplo atual são as danças circulares sagradas, praticadas, principalmente, por mulheres que se reúnem para celebrar a vida em torno de ideais de integração, autoconhecimento, reconhecimento do/da outro/a, harmonização de energias etc.. Neste sentido é que a formação circular do circuito da academia pesquisada chamou a atenção

da pesquisadora, como se fosse uma espécie de “círculo mágico”⁸⁸, um microcosmo social onde o grupo se destaca do mundo exterior.

Entre os aspectos ressaltados pelas profissionais e que também foi mencionado por um dos proprietários entrevistado é que a ausência de espelho seria motivada pela falta de concentração que o objeto traria para as alunas. A desconcentração seria causada pela obsessão das mulheres pelo espelho, seja para verificarem sua própria aparência, seja para observarem o corpo das outras. De fato, para a maior parte das alunas entrevistadas a ausência de espelhos é vista positivamente, como foi explicitado nas entrevistas, exceto por algumas delas que afirmaram categoricamente a satisfação de se olharem pelo espelho.

[...] aqui não tendo espelho é uma boa pra mim...eu achei estranho logo que eu cheguei mas agora eu gosto acho interessante...porque não tem essa coisa de ficar se olhando e olhando as outras que é pior...a gente fica comparando...(SLN2)

Ah aqui não precisa né...se olhar malhando não é legal...a gente se dobra e tudo aí olha pra outra...melhor deixar pra ver espelho só em casa mesmo (SGU4)

[...] uns dias depois que eu entrei eu fiz essa pergunta..”engraçado...eu reparei que aqui não tem espelho”...aí a professora me respondeu...”justamente pra isso...pra não ficar olhando e falando ah eu tô feia...ah eu tô gorda”...eu preferia que tivesse...ficar se olhando é legal (SNB2)

Em contrapartida à falta de espelhos, a estrutura circular do circuito a ser percorrido traz a ideia de ritual, de outras maneiras de se medir e comparar socialmente e de se construir como corpo e como pessoa. Ao se posicionarem nos aparelhos estão todas em frente às outras e para completarem o circuito devem seguir o tempo correto em função da utilização do aparelho, já que todas devem passar pelos aparelhos na ordem em que estão dispostos. A configuração do circuito aliada às demais práticas de interação entre as participantes fazem com que a academia seja vivida como uma rede de mulheres em torno de um objetivo comum em que as mulheres se vinculam e se ajudam mutuamente, tornando-se, desta forma, um território privilegiado de sociabilidade.

⁸⁸ Nos rituais mágicos wiccanos o círculo mágico é traçado para delimitar uma ligação entre o mundo físico e o mundo dos deuses, sacralizando, deste modo, o local do ritual.

Figura 13

Disposição do circuito em uma das unidades Curves



Fonte: dados da pesquisa. Fotografia da autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Se por um lado a opção pela academia exclusivamente feminina tem como princípio o rompimento com a competição e a comparação entre as mulheres presentes nas academias mistas em função do olhar masculino, por outro essas dimensões são potencializadas pela dinâmica da execução dos exercícios e pelo sistema de recompensas vinculado à assiduidade e à perda de peso e medidas, fazendo com que a competição permaneça, mesmo que subliminar. Inicialmente, se percebe um discurso de liberdade para com o corpo e com as pressões da estética em função da presença restrita de mulheres. Como se naquele espaço não houvesse um compromisso com os ditames da beleza, o que pode ser observado na fala de algumas entrevistadas a respeito da escolha por uma academia feminina:

A privacidade....poder me libertar e não me preocupar com roupa...eu posso vim do jeito que eu quiser né... porque eu preferi mesmo um lugar que só tivesse mulher pra eu ficar mais à vontade e não me preocupar com ninguém olhando meu corpo né...mulher olha mas homem né...sei lá (SNB4)

Aqui a gente pode vim de roupa larga que ninguém vai te achar estranha sabe...eu acho isso bom porque não fico à vontade com aquelas roupas grudadas ou com top...tenho vergonha porque não sou magra e minha barriga fica assim marcando e aparece as celulite...não gosto mesmo e aí acho isso legal daqui porque tem muitas meninas mais velhas que não usam mesmo...aí a gente pode ficar igual que ninguém fica olhando... (SGU3)

No entanto, ao longo das entrevistas e a partir da observação do que acontece no circuito percebe-se que o descompromisso e a liberdade de viver sua corporeidade tal como foi colocada inicialmente, se contrapõe ao compromisso recíproco entre as alunas e a academia. Ainda que prevaleçam as relações de amizade e o companheirismo entre as mulheres solidárias entre si na busca de um objetivo comum, é claramente perceptível para quem observa que a competição entre elas se configura da mesma forma, quando, por exemplo, comparam as repetições ou a velocidade que cada uma delas alcança em determinado aparelho. Esta é uma prática recorrente, na medida em que o posicionamento circular no circuito facilita a visualização entre elas, além do incentivo que recebem da própria academia que reconhece distintamente aquelas que têm êxito no programa de atividades. Todavia, se o uso de roupas largas que não marcam o corpo seria um marcador da liberdade que teriam na academia feminina, ao passo que estão familiarizadas com o ambiente e que, principalmente, conseguem emagrecer e perder medidas passam a se vestir com as mesmas malhas utilizadas nas academias comuns⁸⁹.

Quando elas chegam aqui geralmente é com aquela blusona e calça comprida...tudo bem comportado....porque tem aquele receio das academias mistas que elas não ficam à vontade pra usar uma roupa mais coladinha e tem a questão da idade também...mas mesmo as que já têm mais idade aos poucos vão se liberando e até começam a usar malha ou uma camiseta mais curtinha né...(P9)

[...] você tá vendo como é que eu to aqui...é legal né...antes eu não usava uma roupa dessa de jeito nenhum porque dava vergonha mas agora já não me preocupo tanto porque posso mostrar...não tenho um corpinho violão mas já tá tudo mais ou menos no lugar ((sorri)) aí fico mais tranquila pra usar uma roupa assim...fica bacana (SAS1)

Cabe sublinhar que o aspecto geracional marca expressivamente as experiências de sociabilidade na academia, como pode ser inferido nos trechos citados. Em algumas entrevistas tem-se uma relação entre a idade avançada e a liberdade ou a obrigação para usar roupas que não marcam o corpo. Além disso, é justamente entre as mulheres com idade mais avançada que os laços de solidariedade e as redes de sociabilidade emergem com maior nitidez. Em estudo sobre pessoas idosas Peixoto (2004) elucida como a industrialização e a urbanização promoveram mudanças nas relações e arranjos

⁸⁹ O uso de determinado tipo de roupa tem uma relação significativa com a satisfação com o corpo e com o estado de felicidade segundo as entrevistadas. No próximo capítulo esta associação será explorada.

familiares levando os/as idosos/as a buscarem novas estratégias de sociabilidade e solidariedade, uma vez que foram destituídas de um lugar privilegiado na rede familiar.

Essas transformações podem explicar, em parte, o aumento pela procura por academias entre pessoas com mais de 60 anos. Há um conjunto de elementos que faz com que as pessoas mais velhas sintam a necessidade de buscar não somente novos espaços de sociabilidade, mas alternativas que viabilizem a construção do “eu” a partir de critérios mediados pelo reconhecimento de suas capacidades físicas e mentais. Pelas práticas bioascéticas e motivadas pelo discurso médico sobre o risco, procuram comprovar suas competências para cuidar de si, tal como acontece com as mulheres no climatério (ORTEGA, 2008). O discurso médico ginecológico recomenda a terapia de reposição hormonal (TRH) que pode manter a mulher bela e sexualmente ativa, além de prevenir doenças já que as mulheres no período do climatério são incluídas em uma categoria de risco (HARDING, 1997)⁹⁰.

O público da academia, de acordo com os/as proprietários/as, com as profissionais e até com as imagens utilizadas nas propagandas e no *site*, é majoritariamente formado por mulheres com mais de 30 anos de idade. Mesmo não sendo maioria, há muitas mulheres com idade superior a 60 anos, ainda que o grupo não tenha tido grande representatividade nessa pesquisa ⁹¹. Conforme foi demonstrado no Capítulo 3, entre as entrevistadas a maior parte das mulheres tinha idade superior a 28 anos, era casada e tinha filhos. Diante do exposto, foi possível concluir que há uma forte relação entre o fator geracional e as sociabilidades promovidas pela academia. As entrevistadas mais jovens pareciam ter uma relação menos estreita com a academia e as colegas, ao passo que as mais maduras mantinham mais vínculos com o conjunto de atividades promovidas pela academia e preservavam o círculo de amizade construído naquele espaço.

[...]o círculo do circuito preza por essa interação...a gente tem um grupo aqui que vem às cinco da manhã que elas têm uma amizade tão grande...são umas vinte mulheres...são mais senhoras né...sexta-feira na hora que sair daqui já tem uma confraternização delas marcada...só delas porque elas é que formaram aquele

⁹⁰ A partir do momento em que se constrói uma representação patológica do climatério, as mulheres neste período passam a ser alvo da indústria farmacêutica que as tem como importante público consumidor.

⁹¹ Durante a pesquisa de campo, apesar de não terem sido a maior parte das entrevistadas, muitas mulheres com mais de 60 anos passaram pelo circuito e eu pude observá-las em praticamente todas as unidades.

grupo...ninguém se conhecia antes...todas se conheceram aqui[...] (P3).

[...] a gente tá sempre buscando uma maneira pra que as alunas tenham uma responsabilidade a mais junto com o clube não somente individualizar...porque quem traz amiga...porque a gente sempre enfatiza isso de trazerem as amigas para que elas aumentem o ciclo de amizade aqui dentro...faz o circuito e conversa com a pessoa que tá do seu lado...então é um treinamento diferenciado mesmo...as alunas interagem muito entre elas[...] (P4).

[...] aí chega uma hora que a gente tem tanto compromisso e muita coisa pra fazer em casa com filho e família que não sobra tempo pra nada...não tem um tempo só pra gente pra curtir...aqui a gente vem e consegue as duas coisas...manter a boa forma e se divertir também...se descontrair com as amigas e conversar bater papo...coisa simples que nem sempre dá tempo de fazer [...] (STG3)

O círculo social proposto pela academia se materializa neste grupo de mulheres que inicialmente busca a atividade física em função de expectativas individuais de transformação corporal e saúde, mas em um segundo momento, são movidas pela interação recíproca e pelos laços de solidariedade que parecem as unir muito mais pelo simples desejo de “estar junto”, nos termos propostos por Maffesoli (1998, p. 114) que, inspirado em Simmel, buscou analisar o “‘laço de reciprocidade’ que se tece entre os indivíduos”. Nesta perspectiva, especificamente com relação aos grupos de mulheres que incorporam os laços e vínculos afetivos estimulados na academia, as formas de interação passam a desempenhar um papel mais importante do que o seu conteúdo.

De modo geral, entre as entrevistadas mais jovens e solteiras o objetivo de emagrecimento, ainda que aliado a outros aspectos, foi mais explícito. Para estas a academia seria uma alternativa para um emagrecimento que não foi bem sucedido em outros métodos ou nas academias tradicionais. Tal consideração pode ser observada pela ausência destas mulheres nos eventos paralelos da academia, como nas ações de caridade e na participação das “brincadeiras” e “jogos” propostos pelas professoras no circuito⁹².

[...] você tá vendo que todas as funcionárias tão de mamãe Noel.....é nossa festa de natal hoje e amanhã...onde as alunas trouxeram os presente delas...olha aqueles presentes todos que você tá vendo na árvore são das alunas...antes tinha doação de brinquedo...nós entregamos ontem...conseguimos arrecadar 680 brinquedos aqui na

⁹² Em determinados momentos ou datas comemorativas professoras já fantasiadas convidam as alunas a utilizarem adereços ou executarem algum tipo de dança engraçada enquanto estão no circuito.

campanha...nossas alunas participam muito dessas campanhas...nós fizemos duas campanhas paralelas esse mês...fizemos a campanha do brinquedo aí deu essa tragédia de Santa Catarina e....aqui são 340 alunas....e elas participam muito...na campanha de Santa Catarina também elas trouxeram muita coisa e eu também já levei...as alunas interagem muito entre elas...[...] (P8)

[...] eu venho pra malhar...eu venho pra malhar mesmo e também pra encontrar as meninas né...venho quando tem palestra no sábado....quando tem alguma coisa assim aí eu venho...nas confraternizações participo das campanhas de caridade também (SGA2)

[...]menina eu to aqui direto...venho pro circuito venho pra conversar e me distrair porque aqui a gente fica à vontade pra isso...é diferente...às vezes vem alguém falar aqui..médico...teve um cardiologista...eu participo de tudo...até em orfanato já fui com o nosso grupinho daqui [...] (SRF3)

No que diz respeito às ações de caridade e de filantropia, ainda que não tenham sido colocadas explicitamente pelas entrevistadas como um padrão adotado pelo sistema de franquias da academia feminina, este tipo de atividade foi mencionado em entrevistas com sócias e profissionais de todas as unidades. Ao serem perguntadas se iam à academia apenas para completarem o circuito, a maior parte das mulheres que participavam de outras atividades tinham mais de 40 anos, eram casadas e tinham filhos/as. Entre as principais atividades citadas estão justamente as que são ligadas à caridade, como a entrega de brinquedos no Natal e a arrecadação de alimentos para instituições de caridade⁹³.

O voluntariado e as ações filantrópicas têm uma estreita relação com a divisão sexual do trabalho⁹⁴ e os papéis de gênero que atribuem às mulheres as tarefas relacionadas ao acolhimento, ao cuidado e à preservação da família e da sociedade em geral. Entre as características tidas como “naturalmente” femininas estão a benevolência e a predisposição para o sacrifício que orientam as responsabilidades imputadas às mulheres. A academia em seu formato de “clubes de mulheres”, apesar de trazer no discurso de culto ao corpo a concepção de liberdade e bem-estar para as mulheres,

⁹³ Em uma das unidades visitadas nas proximidades do Natal os brinquedos que seriam doados ficavam organizados e juntos no centro do circuito, entre as alunas, como se estivessem em contemplação. A participação nas campanhas não é obrigatória, mas é incentivada pelas gestoras e professoras, além de também ser vinculada ao sistema de recompensas. Eventualmente, as alunas que participam das campanhas sociais são presenteadas com brindes e/ou descontos.

⁹⁴ “A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc...)” (KERGOAT, 2003, p. 01).

reproduz os papéis de gênero nas práticas cotidianas e nas representações da própria condição feminina.

4.3 Ser mulher na *Curves*

Desde a primeira fase da coleta de dados no *site* da academia, no que foi denominado como “etnografia virtual”, as representações de gênero e a determinação do que seria uma mulher completa e/ou feliz chamavam a atenção. Como foi descrito anteriormente, o *design* do *site* repleto de flores e desenhos delicados, as cores rosa e lilás, as imagens de mulheres sorridentes e o anúncio de uma vida transformada e feliz após o ingresso na academia já evidenciavam o que é ser mulher na *Curves*. O *site* trazia também um dizer em destaque que é amplamente utilizado no *marketing* da academia: “fortalecendo mulheres”.

Uma questão que se colocou foi qual seria o sentido dessa proposta de “fortalecimento” e qual a sua influência sobre a representação da condição feminina na academia. O verbo fortalecer, além do significado de tornar forte, pode se referir ao ato de tornar mais eficaz e mais poderoso. Diante disso, pôde-se concluir que se era preciso fortalecer as mulheres, havia na academia um estereótipo da mulher ligado à fragilidade, à dependência e à vulnerabilidade. O mito da fragilidade feminina é marcante na história das mulheres no esporte, que durante um longo período só tinham permissão para praticarem modalidades que não desafiassem a delicadeza da natureza feminina e sua aptidão para os tradicionais papéis de gênero na família e na esfera doméstica, sobretudo sua capacidade reprodutiva (ADELMAN, 2003)⁹⁵.

O “fortalecimento” de mulheres propagado pela academia se faz tanto na dimensão do fortalecimento do corpo, que com o treinamento físico proposto pode superar sua condição de fragilidade, como também proporcionando o bem-estar e o sentimento de inclusão para mulheres que não se sentem à vontade em academias

⁹⁵ A respeito das restrições às mulheres no que tange às práticas esportivas, Adelman (2003, p. 447) cita o Decreto Lei n. 3.199, vigente no Brasil entre os anos de 1941 e 1975, “que estabelecia as bases da organização dos esportes no Brasil e incluía um artigo que colocava que ‘às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza’”. Entre as modalidades proibidas estavam todos os tipos de luta, o futebol de salão e de praia, além do pólo, pólo aquático, rúgbi, halterofilismo e beisebol (ROSEMBERG citada por ADELMAN, 2003, p. 447).

tradicionais e outras esferas de sociabilidade⁹⁶. Os estereótipos de gênero estão presentes de forma marcante desde a decoração da academia até os discursos das profissionais e das/dos proprietárias/as, quando se referiram, por exemplo, à natureza competitiva das mulheres pela atenção masculina. O cenário físico é marcado por detalhes em cores tidas como femininas e detalhes com motivos infantis. Já na dimensão dos discursos, a mulher é apresentada como uma figura frágil que necessita de atenção especial, tendo características ligadas à vaidade, à limpeza e à higiene.

A proposta de treinamento na qual as alunas executam exercícios repetidas vezes e circulam pelos aparelhos que foram especialmente desenvolvidos para as “necessidades” das mulheres se alinha com a discussão em torno da distinção moderna entre sexo e gênero, quando meninos e meninas têm as suas diferenças biológicas hierarquizadas inclusive no que tange à permissão de determinadas brincadeiras e jogos. Segundo Belotti (1981), os meninos são estimulados a participarem de brincadeiras mais competitivas e que exploram a agressividade e o improviso. Já para as meninas são reservados os jogos rituais de repetição e que preservam a tranquilidade própria da condição feminina, além de repreenderem iniciativas e expressões de atitude. Neste sentido é que a ginástica emerge como uma atividade esportiva marcadamente feminina, reproduzindo um padrão semelhante aos movimentos repetitivos executados principalmente por mulheres no espaço doméstico.

Ainda com relação ao treinamento no circuito, cabe observar que além dos movimentos de repetição, característicos da modalidade de musculação e ginástica, e dos aparelhos especiais, são realizadas brincadeiras e recreação com o objetivo de animar a atividade e estimular as alunas. Estas são convidadas a usarem perucas e acessórios coloridos, fantasias, a executarem danças engraçadas e participarem de brincadeiras infantis. As atividades recreativas aliadas à ornamentação do espaço físico da academia reforçam a infantilização das mulheres e os estereótipos de gênero que as colocam em um lugar de submissão e passividade. Há um consenso de que a mulher tem o dever de se cuidar, se manter bonita e praticar exercícios físicos. Paralelo a isso, a mulher não teria disciplina e persistência suficiente para manter a rotina do treinamento,

⁹⁶ Esta situação é retratada em uma de suas propagandas televisivas em que uma mulher com o perfil do público da *Curves* e aparentemente acima do peso “normal” busca diferentes possibilidades de atividades físicas e não consegue executar os exercícios propostos, o que a faz demonstrar tristeza e insegurança com a sua aparência e falta de habilidade. O quadro é alterado a partir do momento em que ela encontra a *Curves*, suas sócias e professoras e é incluída no Clube. Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/user/CurvesChannel?blend=22&ob=5>, acessado em 17 de maio de 2008.

o que geraria a necessidade de estímulos que trouxessem descontração e animação para tal.

[...] nós temos sempre brincadeiras pra modificar também o circuito porque a maioria da desistência das alunas é porque é uma atividade monótona... então essas brincadeiras servem pra animar o circuito [...](P4).

[...] aqui se forma uma família... a academia é muito especial e todo mundo gosta da academia... quem continua é porque gosta da atividade...das brincadeiras...porque é todo um método diferenciado pra gente se sentir bem (SLN4).

*[...] a gente faz muita recreação... nas academias convencionais você não vê recreação...todo dia tem três brincadeiras diferentes...fazemos sempre as datas comemorativas...por exemplo...**hoje é dia nacional do livro infantil** [...] então esse aspecto da recreação é um ponto positivo porque atende a um público que busca uma atenção maior e também construir uma rede de amigos...com isso a gente vincula afetivamente o aluno à academia...a recreação ela permite à aluna se descontrair...a gente traz alegrias pra elas [...](P9)*

A descontração e o entusiasmo das brincadeiras recreativas que têm como um dos objetivos a criação de laços efetivos entre as mulheres na academia se contrapõem ao esquema de competição proposto. Como já foi abordado anteriormente, profissionais e proprietários/as apontaram a ausência do olhar masculino como elemento que atenuaria a competição das mulheres pela atenção dos homens. Esta concepção foi, muitas vezes, contrariada pelos discursos das alunas entrevistadas que explicitaram a competição entre as mulheres relacionada à expectativa das próprias mulheres com relação à aparência e à beleza. Reproduzindo um modelo falocêntrico e heterossexual, reforçam uma concepção universal da mulher que tem como principal motivação a atenção masculina, excluindo outras possibilidades de vivência da sexualidade.

Apesar da natureza competitiva das mulheres pela atenção masculina ser consensual entre profissionais e proprietários/as, inúmeras vezes as entrevistadas se referiram ao fato de que as mulheres se arrumam e se “cuidam” para as outras mulheres e não necessariamente para os homens. Nesta perspectiva, a opção por um espaço marcado pela ausência masculina poderia ser motivada pelo interesse em estar entre mulheres, conforme observado por Touraine (2007, p. 43) em pesquisa na qual afirma que “[...] as mulheres sentem uma necessidade premente de espaços não mistos, de intercâmbios de palavras com as próprias mulheres [...]”. Vale ressaltar que a

atratividade dos homens é um elemento importante a ser considerado na manutenção da beleza e da juventude, tendo sido citado pelas entrevistadas. A diferença é que tanto com relação à preferência por academias femininas quanto a despeito do padrão de beleza que se impõe atualmente, o olhar feminino e a competição entre as mulheres foi mais marcante do que a expectativa dos homens.

Em estudos comparativos acerca das expectativas e estereótipos afetivo-sexuais entre homens e mulheres, ainda que haja uma recorrência do padrão de beleza esguio, definido e uma significativa exaltação da juventude, no que se refere à relação entre o peso e a atratividade há discordância. De modo geral, as mulheres preferem um peso menor ao que é apresentado pelos homens como um ideal de atratividade feminino, valorizando as mulheres com mais “corpo”, mais “gostosas”, como foi relatado por Goldenberg (2004) em pesquisa que os homens apontaram como ícones de beleza mulheres como Sheila Carvalho e Luma de Oliveira.

As dimensões da sexualidade e da afetividade são marcadores importantes para as entrevistadas optarem pelas práticas corporais de culto ao corpo. E apesar de terem consciência de que a aparência é um elemento decisivo na busca do parceiro e de que para os homens o excesso de magreza não é atrativo, o padrão de peso corporal idealizado pelas mulheres é mais persuasivo na orientação de suas práticas e hábitos corporais. Se antes no Brasil as mulheres eram admiradas por suas formas protuberantes e “encantadoras ancas” como observava Gilberto Freyre (citado por GOLDENBERG, 2002, p. 30), ao longo do tempo se impôs uma representação da gordura como reflexo de falta de cuidado e virtude, o que foi incorporado principalmente pelas mulheres.

Ao que parece, entre as alunas entrevistadas, se impõe um padrão estético de beleza feminina – comum entre as unidades pesquisadas – que atende às expectativas das mulheres que “competem” entre si na busca de um corpo perfeito e dos melhores resultados, o que pode ser analisado também com relação à exclusividade de mulheres no espaço da academia. Ainda que pese a eminente influência dos discursos de verdade sobre o corpo feminino, como a medicina e a mídia, há também, na busca por um espaço só de mulheres, uma tentativa de se libertar dos padrões impostos pelos homens acerca da construção do corpo e da subjetividade feminina. Com a pretensão de viver a corporeidade a partir de signos de distinção vigentes entre as próprias mulheres, se aproximam do que é colocado por Touraine (2007) acerca da assertiva “Eu sou uma mulher” seria uma maneira de “colocar no centro da vida certo relacionamento para

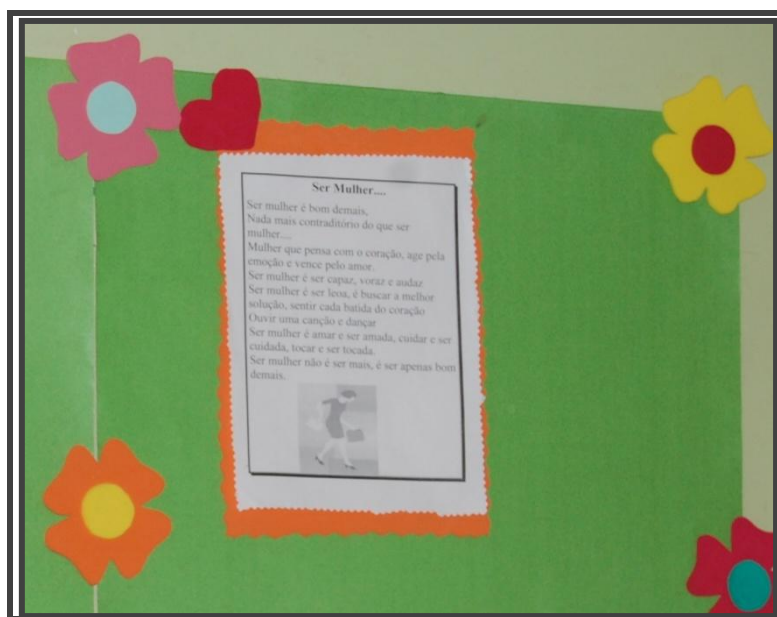
consigo mesma e construir uma imagem de si como mulher” (p. 27) visando, ainda, “transformar-se em mulheres criadas por mulheres e, antes e acima de tudo, por elas mesmas” (p. 41).

A partir do conjunto de elementos analisados no contexto da academia e nos discursos das profissionais, faz-se necessário sublinhar que não é possível consentir que sua filosofia e proposta de treinamento atuem como aliadas da mulher no sentido de promover sua transformação em sujeita. Ao contrário, são reforçados os papéis de gênero construídos pelas representações tradicionais do que é ser mulher, difundidos como verdades e, conseqüentemente, incorporados pela maior parte das mulheres que permanecem como sócias do clube *Curves*, algumas delas, inclusive, tornando-se proprietárias de academias.

Por fim, em busca de resposta sobre o que seria “ser mulher” na *Curves*, já em uma das últimas unidades pesquisadas havia, para minha surpresa, um pequeno cartaz afixado no mural com o título *Ser Mulher*. Apesar de não indicar a autoria do texto, respondia à questão do que é “ser mulher” na *Curves*. A mulher aparece e a pessoa desaparece diante da infantilização que lhe é imposta e de uma espécie de reafirmação do velho adágio popular no qual a mulher está para a emoção assim como o homem está para razão, agravando, desta forma, sua condição de “incapacidade inata”.

Figura 14

Ser Mulher na Curves



Fonte: dados da pesquisa. Fotografia da autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Ser Mulher

Ser mulher é bom demais.

Nada mais contraditório do que ser mulher...

Mulher que pensa com o coração, age pela emoção e vence pelo amor.

Ser mulher é ser capaz, voraz e audaz.

Ser mulher é ser leoa, é buscar a melhor solução, sentir cada batida de coração.

Ouvir uma canção e dançar.

Ser mulher é amar e ser amada, cuidar e ser cuidada, tocar e ser tocada.

Ser mulher não é ser mais, é ser apenas bom demais.

(Reprodução do trecho de cartaz afixado na parede de uma das unidades participantes da pesquisa)

CAPÍTULO V

“é assim, você não gosta de estar bem vestida? Então...o corpo é a roupa do espírito e a gente tem que tá bem vestido...aí é claro que tô falando da aparência mas a aparência a gente só consegue malhando...comendo os alimentos certos...que é uma questão da saúde mesmo e isso é muito importante pra mulher”

SAS3

5. CULTO AO CORPO EM DIMENSÕES

Dando prosseguimento ao que foi proposto, este capítulo apresenta as dimensões do culto ao corpo vivenciadas pelas entrevistadas tal como foram discriminadas para os fins de análise nesta pesquisa. Com este objetivo, a partir dos discursos das mulheres participantes, são abordadas as práticas estéticas, alimentares e interventivas que integram suas experiências cotidianas e os dilemas que vivem em razão do culto à magreza.

Como foi explicitado no capítulo destinado à apresentação metodológica, após a delimitação da magreza como enfoque principal do fenômeno do culto ao corpo e a classificação de suas dimensões, para os fins da análise, em práticas estéticas, alimentares e interventivas, foi escolhido como ponto de partida a academia feminina *Curves* por ser composta por mulheres e criar aberturas para que estas pudessem transitar nas três dimensões discriminadas. Diante das possibilidades de consumo de produtos e serviços oferecidos pelo Clube de Vantagens da academia, se lançou a hipótese de que, uma vez as mulheres associando-se – tornando-se aluna – ao Clube *Curves*, poderiam ser estimuladas a usufruir dos descontos do Clube de Vantagens para a compra de alimentos e produtos direcionados ao emagrecimento, como também ter acesso a consultórios médicos de cirurgiões/ãs plásticos/as, entre outras especialidades relacionadas.

No entanto, no decorrer da realização das entrevistas foi identificado que as mulheres pouco utilizavam os descontos oferecidos pelo Clube de Vantagens, ainda que fossem incentivadas pelas profissionais da academia e que uma parte significativa dos produtos e serviços oferecidos estivesse relacionada com os “objetivos” a serem alcançados pelas mulheres na academia, ou seja, o emagrecimento, tanto associado à saúde como à estética. É verdade que o grupo participante da pesquisa não pode ser considerado como uma amostra representativa das academias. Pode ser que em uma abordagem quantitativa – que não é o caso desta – seja identificada uma maior participação das mulheres no Clube de Vantagens. Mas esta não é uma realidade para as mulheres entrevistadas. Com isso, o Clube de Vantagens deixou de ser um norteador do caminho das mulheres pelas dimensões do culto ao corpo. Por outro lado, as entrevistas mostraram que, independentemente do que é oferecido e estimulado pela academia, as mulheres vivenciam as três dimensões do culto ao corpo em suas experiências cotidianas, como é apresentado a seguir.

5.1 Entre estética e sociabilidade, a saúde

Para iniciar esta reflexão sobre as dimensões do culto ao corpo e as experiências das mulheres que frequentam a academia, a questão da saúde deve ser abordada por estar presente entre as principais motivações das entrevistadas, seja para se exercitarem naqueles espaços, seja para se submeterem a dietas alimentares específicas ou, até mesmo, para buscarem cirurgias plásticas. Tanto a saúde física como a saúde mental foram apresentadas pelas mulheres como justificativa para suas escolhas, de modo que a saúde parece ser uma importante mediadora na busca pelo ideal de magreza.

Tal como é ressaltado pela entrevistada SAS3 na abertura deste capítulo, a aparência desejável só é possível com “malhação” e “alimentação correta”, defendendo que se trata de uma questão de saúde especialmente importante para a mulher. Partindo desta leitura, é possível perceber como as diferentes dimensões do culto ao corpo são marcadas pela saúde. Como elemento representativo do diferencial da academia feminina com relação às outras foi apresentada a sociabilidade vivenciada naquele espaço. Entre as motivações das mulheres para a busca de atividades físicas em academia foi apontada, com maior relevância, a construção estética da aparência.

Sociabilidade e estética, entre as mulheres entrevistadas estão intimamente implicadas com o que elas entendem como saúde.

É preciso destacar, ainda, que a delimitação do culto à magreza como parte privilegiada do culto ao corpo, não se limita à representação da magreza apenas como padrão de beleza, ou seja, à dimensão estética. O objetivo é abordar a magreza tanto como expressão dos discursos sobre o ideal de beleza para as mulheres, mas também como sentido dado pelo discurso médico ao modelo de saúde. A magreza é atualmente tanto associada à beleza como à condição saudável, sinalizando a importância de que a saúde seja problematizada aqui.

Em se tratando da saúde como objeto de estudo em ciências sociais, não se pode afirmar que este seja um campo já consolidado com uma significativa produção de conhecimento na área. Muito mais do que a saúde, sobretudo em antropologia, há importantes estudos sobre a doença. As representações da doença, os modelos terapêuticos, a relação entre a medicina e o sagrado, entre outros temas, são recorrentes em importantes estudos antropológicos⁹⁷. As reflexões que tomam a saúde como ponto de partida parecem estar mais presentes nos estudos desenvolvidos por linhas de pesquisa dos campos imediatamente ligados à saúde, como a enfermagem, a psicologia, a educação física ou a medicina, por profissionais que buscam estabelecer um diálogo interdisciplinar com as ciências sociais.

No que tange à problematização da doença, se o discurso médico vai tomá-la como fenômeno natural, em uma abordagem sociológica que tem a doença como objeto de investigação é privilegiada “a relação dos atores em relação a ela [...] a conduta, o modo de vida, as atitudes e os valores que eles enlaçam na ação que se desenvolve no interior de uma determinada ordem, seja ela social, econômica, política, religiosa, erótica etc.” (HIRANO, 1992, p. 289). Entre as diferentes perspectivas sociológicas possíveis sobre as doenças, não são necessariamente identificados os aspectos fisiológicos e orgânicos da patologia, mas como uma dada disfunção ou incapacidade pode interferir no desempenho de determinados papéis sociais ou influenciar a construção de novos padrões de normalidade/anormalidade, entre outras.

É evidente que ao tratar de doença a questão da saúde também será parte do conjunto em análise, até porque, os conceitos de doença e saúde são constituídos

⁹⁷ No Brasil, podem ser ressaltados os estudos etnográficos desenvolvidos por Fleischer (2007) sobre parto e parteiras na cidade do Melgaço, no Pará, o trabalho de Duarte (1988) no campo da saúde mental, além da produção de Teixeira (2010) sobre políticas públicas e saúde indígena, entre outras contribuições.

culturalmente, não são fixos e variam em cada contexto sóciohistórico. Em determinada sociedade o que é considerado saúde pode ser em outro momento representado enquanto doença e vice-versa, tal como acontece com a loucura e a doença mental.

A doença mental, antes loucura, também não foi sempre reconhecida como doença, por isso, consideramos que tais definições são culturalmente e historicamente construídas. O que representa o saudável em dada sociedade pode ser desvio ou anormalidade em outra, no entanto, mesmo não estando necessariamente relacionado à idéia de doença, pode ser pecado, falta de caráter ou outro tipo de classificação. [...] o alcoolismo, que hoje integra o rol dos transtornos mentais, é considerado doença, mas até bem pouco tempo atrás era percebido como um mau hábito (AMARAL, 2006, p. 78/79).

Tomar a saúde como objeto de reflexão sociológica é um grande desafio por ser um campo tradicionalmente distante das ciências sociais, e, ao mesmo tempo, apresentar-se como uma importante esfera dos processos sociais, na medida em que engloba tanto a experiência subjetiva dos indivíduos nas situações de doença e cura, como suas relações com instâncias políticas, públicas e privadas, além do campo do discurso médico especificamente. Nesta perspectiva, a saúde não deve ser considerada como um dado e nem parece mais ser tomada como um estado, mas sim como um conjunto de práticas voltadas para a manutenção da condição de saúde, ou seja, é algo que necessita ser constantemente desejado e buscado a partir de escolhas que orientem este bem-estar.

Este entendimento se articula com o trinômio da beleza/saúde/juventude que é parte essencial do que é denominado como culto ao corpo. Este ora se apresenta a partir de um discurso estético, baseado na aparência, ora se apoia no discurso médico, que ressalta as práticas desejáveis para a conquista e a manutenção da saúde, explicitando a centralidade das preocupações com o corpo na sociedade contemporânea. Como foi contextualizado no capítulo 3, desde meados do século XX que se tem uma implicação de sentidos entre saúde, beleza e práticas higiênicas, o que foi significado em tempos atuais como uma garantia de bem-estar. Esta relação também foi apresentada pelas entrevistadas ao justificarem suas escolhas.

a maioria vem pra emagrecer...pela estética ou pela saúde....tanto faz....porque é isso que a gente diz mesmo....perder peso em 30 minutos então elas procuram mais por isso...mas não é só isso...só emagrecer....a gente tem todo um cuidado com a saúde também e isso

a gente vê na análise...a parte física e também a psicológica né [...] (P1).

É mais com relação à saúde...que eu fiquei diabética e hipertensa...então eu venho aqui mais por saúde do que a beleza né...não que eu deixe de lado porque tá tudo combinado...não dá pra ter beleza sem saúde ainda mais com a idade...sem saúde a gente não chega há lugar nenhum (SGU4).

[...] eu acho que eu tô bem acima mas eu acho que eu tô bem acima porque tem essa tal dessa história da gordura corporal e o meu tá bem acima...então eu não sei se eu acho por causa disso né...o que tá me incomodando é que eu tô com muita gordura no abdômen e dizem que essa gordura é perigosa pra saúde né...e além do que incomoda né...a gente às vezes até quer vestir uma roupa..[...] (SLN2).

A saúde articulada com as dimensões da estética e especificamente com o emagrecimento está presente na proposta da academia e no discurso das profissionais. O *marketing* de que a academia garante o emagrecimento de mulheres em 30 minutos diários vem acompanhado da ideia de promoção da saúde. Ressaltando a relação entre a atividade física e a manutenção de uma vida saudável, coloca-se o emagrecimento pela estética em segundo plano, privilegiando a dimensão da saúde e o imperativo de que ser magra é salutar.

Na prática, segundo a fala de P1, as mulheres buscam o emagrecimento, que pode ser pela estética ou pela saúde, e que elas, como educadoras físicas, têm o papel de “filtrar o que é passado muito pela mídia” (P1), esclarecendo, durante a análise inicial (entrevista necessária para o início das atividades físicas) que o emagrecimento proposto pela academia deve ser pensado como um cuidado com a saúde física e mental. Embora a saúde seja privilegiada no discurso das profissionais entrevistadas, outras imagens e referências de corpo feminino, assim como a lógica de valorização da perda de peso incentivada pela academia se alinham com a cultura da corpolatria amplamente difundida pelo discurso midiático.

O culto ao corpo se remete a um estilo de vida no qual a preservação da saúde se articula com o imperativo da beleza e tem a prática de atividade física como um meio para obter “sucesso” na construção da aparência e na consecução de um bem-estar geral. Com relação às mulheres, esta articulação apresenta-se de modo evidente, na medida em que, historicamente, no contexto dos esportes as características de força e competitividade foram associadas aos homens, e a àquelas o exercício tinha como objetivo a saúde e a boa forma, de acordo com o que tradicionalmente foi incorporado à

representação de feminilidade (SCHPUN, 1999). Deste modo, desde a difusão da atividade física no Brasil em meados do século XX, se coloca esta relação entre a saúde e a estética para as mulheres.

Esta dimensão é também incorporada pelas alunas/sócias que como SGU4, de 56 anos e que, até então, nunca tinha frequentado outra academia. O fato de ter sido diagnosticada como diabética e hipertensa fez com que buscasse um espaço para se exercitar, já que nem sempre ela consegue sair pra fazer caminhadas. Mas como ela própria ressalta a dimensão da estética também é importante, ainda que venha em segundo plano.

Em uma perspectiva diferente, SLN2, de 25 anos e que tinha frequentado academias mistas anteriormente, ao refletir sobre o seu peso à época da entrevista, inicialmente afirmou que estava acima do normal, mas logo em seguida demonstrou dúvida sobre os limites da norma sobre gordura corporal. Sua insatisfação com o corpo foi especificamente localizada na região abdominal o que seria tanto um incômodo estético, pela dificuldade de usar determinadas roupas, como também um risco para saúde, tendo em vista que o discurso médico destaca a relação entre o acúmulo de gordura nessa área e o risco de doenças do coração.

O que chama a atenção na fala de SLN2 é sua problematização com relação ao limite do que é ser gorda ou magra. Ao mesmo tempo em que o índice do peso é visto como um incômodo, ela questiona sua própria insatisfação com o corpo, ao evidenciar que esta pode decorrer apenas da ênfase dada atualmente aos referenciais aceitáveis de gordura corporal. Embora ela afirme categoricamente que a dificuldade de usar um determinado tipo de roupas seja vivida como um problema e que afeta sua auto-estima.

[...] eu tô cheia de roupa no armário que não cabe mais e isso me baixa a auto-estima não é nem a questão da gordura mesmo...às vezes eu começo a me aceitar com o corpo que eu to mas daí eu olho...cheio de roupa antiga no armário e eu não sei se me livro delas...mas com a falta de grana que eu to agora também pra comprar...num novo tamanho e isso também é difícil pra mim...comprar roupa grande....isso me baixa a auto-estima todo dia (SLN2)

Ainda que SLN2 perceba a importância de aceitar a sua silhueta, disto decorre a necessidade de adquirir roupas em tamanhos maiores. Apesar de indicar a falta de recursos financeiros para a compra de novas peças de vestuário como um obstáculo – SLN2 é casada, cursa nível superior e não tem renda própria –, esta não parece ser a

maior dificuldade e sim o próprio ato de ter que usar roupas em tamanhos maiores, ou seja, se assumir como uma mulher que não tem um biótipo magro. SLN2 vive um dilema e ter que usar roupas adequadas a sua forma corporal afeta a sua saúde mental.

A partir da reflexão de SLN2 sobre o significado de roupas maiores para si, solicitei que falasse um pouco mais sobre esta relação entre roupas grandes e baixa auto-estima.

Eu não vou saber explicar direito porque eu me sinto assim...mas não sou só eu não...acho que toda mulher ou quase toda quer usar tamanho 38 ou 40...42 no máximo mas 44 é demais...primeiro porque se você vai numa loja bacana...de roupa descolada...só tem tamanhos menores...aí tem pouca opção de roupas legais em tamanhos grandes...é só de velha ou grávida....e outra se você experimenta uma que fica um pouco apertada e sobra um pouquinho na cintura...aperta...não sei...é muito ruim...é triste mesmo...eu fico arrasada...já até comprei roupa em tamanho menor prometendo pra mim mesma que ia emagrecer pra usar...aí é um sofrimento....você tem a roupa novinha lá e não pode usar...fica angustiada...deprimida...além de gorda de roupa feia...isso me deixa bem pra baixo...e eu nem sei bem o motivo...((faz pausa))...acho que é porque a gente quer ficar igual a todo mundo e não se aceita...pra umas parece fácil mas pra mim é difícil (SLN2).

Para explicar como sua auto-estima é influenciada pela necessidade de usar ou comprar roupas maiores, SLN2 apontou os sentimentos de tristeza, angústia e depressão. Coloca-se o desejo de se igualar ao padrão de beleza que tem a magreza como um de seus principais signos de distinção e vive-se a ilusão de que é fácil se adaptar, dependendo apenas de um esforço pessoal, baseado na disciplina, na restrição e no sacrifício. Este ideal de beleza que é inatingível para a maior parte das mulheres brasileiras é amplamente difundido pela mídia através de imagens contraditórias que as levam a criar uma representação imperfeita do próprio corpo. “Mesmo gozando de perfeita saúde, seu corpo não é perfeito e deve ser corrigido por numerosos rituais de transformação, sempre seguindo os conselhos das imagens-normas veiculadas pelos meios de comunicação” (MALYSSE, 2002, p. 93).

As mulheres são envolvidas em uma rede de discursos que incentivam a padronização dos corpos e da beleza a partir de critérios “universais” que não consideram as diferenças de gênero, raça, etnia, classe ou geração, e, ao mesmo tempo, proclamam as diferenças quando afirmam que as mulheres devem ser felizes consigo mesmas. As ideias de aceitação de si e felicidade interior foram recorrentes nos

discursos das entrevistadas sobre beleza, apresentando-se como uma repetição deste tipo de mensagem midiática. As mulheres são levadas a viver esta angústia entre a padronização e a valorização das identidades.

Impelidas pela teia dos discursos que combinam a saúde e a estética, ora como complementares, ora opostas uma à outra, as academias de ginástica representam um importante espaço para a busca pelo corpo ideal, seja ele magro e “malhado” ou saudável. Além disso, o fato de estarem matriculadas em uma academia e de se dedicarem a uma atividade física que, teoricamente, garante tais ideais, faz com que se livrem da culpa de não fazer nada pelo corpo e pela saúde ou de terem cometido algum “exagero” alimentar. Deste modo, a frequência em academias tem também a função de diminuir parte da angústia que sentem frente ao imperativo do culto ao corpo e às imposições que se apresentam atualmente com relação às práticas bioascéticas. Entre as alunas/sócias entrevistadas, 80% já tinham se exercitado outras academias anteriormente e apenas três mulheres nunca tinham feito qualquer atividade física.

No pequeno grupo de mulheres que nunca tinham frequentado academias ou participado de qualquer tipo de atividade física ou esportiva é onde se manifesta com mais intensidade a motivação da saúde. É o caso de SGU4, professora aposentada, mãe de quatro filhos/as e que nunca teve tempo e/ou disposição para tal. Os exercícios físicos passaram a fazer parte de sua vida cotidiana apenas depois do diagnóstico de diabetes e hipertensão. Recebeu recomendações médicas para caminhar ao ar livre e optou também por academia de ginástica. Frente à inexperiência neste ambiente e sua timidez, escolheu uma academia feminina como parte da solução de seus problemas de saúde.

[...] eu já era meio sedentária...mas não é por conta de preguiça...tem um pouco também mas é que eu sempre trabalhei o dia todo e tinha os filhos pra cuidar e a casa...tudo isso...era difícil pra mim ter tempo só pra isso...quando parei de trabalhar então fiquei aposentada em casa e precisava fazer alguma coisa diferente...fora da escola...e como teve o problema da pressão e dos diabetes... principalmente as minhas filhas uma nutricionista e outra professora de dança falavam pra eu fazer academia mesmo...e pra mim foi uma coisa muito boa que me ajudou na saúde física e mental...é uma forma de distração também...é divertido...tem as amigas que eu não tinha antes daqui e agora controlo direitinho a alimentação..a pressão tá boa...porque no final das contas tudo vai mudando...a gente vai ficando...vai se sentindo mais bonita e fica mais vaidosa...fica mais feliz (SGU4).

Tabela 4*Motivações para a prática de atividade física em academia por idade*

Sócia Entrevistada	Idade	Motivação
SAS1	49	Incentivo dos/das filhos/as, distração, auto-estima, preocupação com o corpo, o peso, a saúde e o envelhecimento
SAS2	27	Incentivo da mãe, preocupação com o peso e a saúde
SAS3	17	Preocupação com o peso e a saúde
SAS4	54	Preocupação com o peso, a saúde, a sociabilidade
SGA1	34	Incentivo das amigas, distração, preocupação com o corpo e o peso
SGA2	41	Estética, preocupação com o peso e a saúde
SGA3	19	Preocupação com o peso (aumento) e a saúde
SGU1	23	Estética, preocupação com o peso
SGU2	44	Estética, preocupação com o peso
SGU3	27	Incentivo dos pais, estética, preocupação com o peso
SGU4	56	Preocupação com a saúde, distração, incentivo das filhas
SLN1	29	Incentivo da família, estética, preocupação com o corpo, o peso e a saúde
SLN2	25	Incentivo da mãe, sociabilidade, preocupação com o corpo, o peso e a saúde
SLN3	21	Preocupação com a saúde, sedentarismo
SLN4	56	Preocupação com a saúde e o peso
SNB1	39	Preocupação com o peso e a saúde
SNB2	38	Preocupação com o bem-estar e o peso
SNB3	36	Preocupação com o peso e o corpo
SNB4	25	Preocupação com a saúde e o peso
SRF1	21	Preocupação com o peso, o corpo e o bem-estar
SRF2	42	Preocupação com a saúde, o peso e sociabilidade
SRF3	40	Incentivo da amiga, bem-estar

STG1	45	Preocupação com a saúde, necessidade de atividade física
STG2	47	Preocupação com a saúde, o peso e sociabilidade
STG3	42	Preocupação com o peso, o corpo, a saúde e o envelhecimento

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

Observando o modo como as sócias entrevistadas qualificam suas motivações para a busca da atividade física em academia, foram explicitadas acima as expressões que as mesmas utilizaram para tal, na ordem em que foram citadas no decorrer das respostas. Os principais elementos preponderantes sobre a escolha da academia como espaço para a prática de atividades físicas foram: a perda de peso, preocupações com a saúde, com o corpo, incentivo de pessoas próximas, sobretudo familiares, e busca por um espaço de distração ou novas sociabilidades. Salienta-se que, muito do discurso das entrevistadas, o uso de termos específicos, por exemplo, parecem estar associados às opções apresentadas pela própria academia nos formulários apresentados às alunas na entrevista inicial, antes de matricularem.

Grande parte das qualificações apresentadas pelas entrevistadas se articula mantendo-se inter-relacionadas, o que na prática pode ser ou não vivenciado como a mesma motivação. Por exemplo, a mesma entrevistada pode ter referido-se como principal motivação à necessidade de perder peso e esta pode estar relacionada a um problema de saúde, ao bem-estar ou à dimensão estética. Da mesma forma, quando se referiam às preocupações com o corpo ora tratavam dos cuidados com o corpo de modo geral, como necessidade básica e fundamental das mulheres na atualidade, ora às questões decorrentes do processo de envelhecimento etc..

No que tange às motivações ligadas às novas formas de sociabilidade e/ou distração, a academia foi abordada principalmente como espaço para a criação de novos vínculos de amizade, principalmente por ser integrada apenas por mulheres. A sociabilidade, como motivação para a busca pela academia, esteve presente de forma marcante nos discursos das mulheres mais velhas (acima de 40 anos) e, quase sempre, associada a questões relacionadas à saúde, como prevenção, ou à doença, como tratamento.

Se comparada às preocupações direcionadas à perda de peso, a procura por espaços de sociabilidade é menos significativa enquanto motivação. Além disso,

nenhuma das entrevistadas citou esta como a primeira motivação. No entanto, analisando todo o contexto dos discursos das entrevistadas e ultrapassando, nesta medida, as respostas relativas às motivações, as novas formas de sociabilidades constituídas a partir das vivências na academia são importantes também para a permanência, para a continuidade. Mesmo as mulheres que não citaram a sociabilidade como motivação inicial, comumente referiram-se a esta como uma das principais vantagens da academia feminina em relação às mistas, frisando o laço que constroem com as colegas de circuito, as professoras e a academia.

Como a principal motivação citada está a preocupação com o peso, especialmente a perda de peso, com exceção de uma entrevistada, SGA3, que por razões de preservação da saúde precisava ganhar peso e massa muscular. Do total das sócias entrevistadas, 20 mulheres apontaram esta como uma de suas motivações e quase metade delas a considerou como a principal preocupação. Neste grupo, cinco mulheres também se referiram à estética, o que para elas estava diretamente relacionado à aparência e à perda de peso e não necessariamente à saúde. Apenas SGA2 que apresentou a dimensão estética como sua principal motivação, articulou a perda de peso com a saúde.

Com relação à saúde, esta foi apontada enquanto principal motivação em casos que a entrevistada teria sido diagnosticada com alguma doença ou debilidade física: diabetes, hipertensão, problemas no joelho e articulações em geral foram as mais citadas. As preocupações com o corpo oscilaram entre a relação com a estética, a perda de peso e a saúde. Já a questão do envelhecimento, apontada como motivação por SAS1 e STG3, de 49 e 42 anos, respectivamente, foi abordada como problema, como algo para o qual devem ser tomadas medidas preventivas

*[...] aqui tem essa programação especial pra gente perder peso que é o que eu estou tentando...chegar aos 50 anos com **tudo em cima**..com o tempo fica mais difícil e o metabolismo não ajuda...então tem que correr atrás do prejuízo (SAS1).*

*Vou falar a verdade...quero mesmo é ficar magra e com tudo durinho...**tudo em cima** né querida...a gente vai ficando velha e tem que se cuidar...tem que se cuidar a vida toda mas depois dos 30 as coisas só vão caindo...então ou a gente vai cuidando ou quando chegar nos 40 já tá toda caída (STG3).*

Retomando o dimensionamento desenvolvido para a análise do culto ao corpo neste estudo, diante do exposto até aqui, torna-se clara a relação entre as principais motivações das mulheres para as práticas estéticas, que articulam, principalmente, a estética em si – a aparência e a perda de peso – com a saúde e as novas sociabilidades, também denominadas como biossociabilidades por Ortega (2008). Neste sentido, vê-se a relação dupla que a magreza mantém com a dimensão da saúde e da estética. A perda de peso é motivada pelo discurso médico como hábito salutar, e, ao mesmo tempo, representa o padrão de beleza para as mulheres.

A academia apresenta-se como “porta de entrada” na adoção das práticas relativas ao culto ao corpo e à magreza. Ao passarem a integrar aquele espaço, as mulheres afirmam se sentir melhor por tomarem uma iniciativa que as livra do problema/culpa do sedentarismo, além de ser uma ação de reconhecimento público e estabelecimento de um compromisso para com os outros. Ao reproduzirem o discurso biomédico acerca dos cuidados devidos com o corpo e a saúde, as mulheres entrevistadas incorporam o discurso do risco (ORTEGA, 2008), demonstrando como nas sociedades contemporâneas prevalece um “senso do mal”, sobretudo entre os grupos mais favorecidos economicamente, que apresentam “competência médica” para interiorizar o que é transmitido pela medicina científica, seus “conceitos e as explicações sobre a natureza e as causas de seus problemas” (ADAM; HERZLICH, 2001, p. 75).

5.1.1 *Motivadas pela família*

Ainda no que tange à dimensão das práticas estéticas delimitada aqui como a frequência contínua e voluntária em academias de ginástica, um aspecto merece ser ressaltado com relação às motivações das mulheres: parte significativa do grupo entrevistado teve como principal influência para a escolha da academia o incentivo de pessoas próximas, sobretudo familiares e amigos/as. Há mulheres que chegaram à academia por incentivo de amigas, das mães, das filhas e, em alguns casos, dos maridos, que as impediam de se exercitarem em espaços compartilhados com outros homens. A lógica de franquia que norteia seu funcionamento incentiva a formação desta rede, mas não é só isso. Apresenta-se uma espécie de compromisso/cobrança mútuo/a entre as

mulheres que estimulam umas às outras a manterem a atenção e os cuidados para com o corpo, especialmente com o excesso de peso.

Segundo as profissionais entrevistadas, em todas as unidades da academia há gerações de mulheres da mesma família se exercitando. Este também é um aspecto amplamente incentivado pela própria academia, que em sua organização parece buscar uma similaridade com a organização familiar no sentido de manter laços estreitos de cumplicidade entre todas as participantes, sejam alunas ou profissionais. Os modelos contemporâneos de beleza e os padrões de cuidados corporais já estabelecidos se propagaram, sobretudo entre as mulheres urbanas, em diferentes grupos etários. Vê-se, como exemplo, a presença de mulheres de faixas etárias diferenciadas entre as pesquisadas.

A incorporação do hábito referente à prática de atividades físicas é estimulada reciprocamente entre as gerações de mulheres. A construção das representações do feminino que reforça os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres, inclui também a obrigação do cuidado com o corpo e a obrigação de ser “bela” ou “ vaidosa”. Como pôde ser observado na discussão anterior acerca da saúde como motivação, ainda que prevaleça nos discursos, a estética tem um grande peso na decisão das mulheres. Entre as participantes da pesquisa, um grupo significativo de mulheres tem irmãs, mães, filhas ou cunhadas freqüentando a mesma academia.

Tabela 5

Alunas com familiares matriculadas na academia

Sócia Entrevistada	Parentesco
SAS1	Filha (SAS2)
SAS2	Mãe (SAS1)
SAS3	Irmã
SNB3	Irmã, mãe e cunhada
SGU3	Mãe
SRF1	Mãe (SRF2)
SRF2	Filha (SRF1)
SLN2	Mãe
SGA3	Mãe

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

As dinâmicas características das relações familiares são incorporadas tanto no modelo de gestão da academia como nos modos de sociabilidade vividos naquele cenário. Os laços de afetividade e intimidade criados entre as participantes denotam tais similaridades. Nas unidades selecionadas para a pesquisa, há algumas geridas por casais – ainda que o marido tenha pouca visibilidade no espaço físico – ou gerenciadas por familiares, como mães de proprietários/as. A permanência prolongada na academia termina por se condicionar à participação neste “círculo familiar” composto por proprietários/as, gerentes, professoras e alunas, pressupondo um maior envolvimento pessoal destas com a academia, diferentemente do que comumente ocorre em academias comuns. Este aspecto é propositadamente ressaltado na academia, representada como um ambiente familiar e por isso mais adequado às mulheres. Ao mesmo tempo, aquelas que não se adaptam ao modelo ou resistem em estabelecer relações mais estreitas com o grupo acabam também desistindo da academia como espaço de prática atividade física e retornam ao modelo “tradicional”.

Entre as entrevistadas com familiares na mesma academia, duas duplas de mães e filhas participaram da pesquisa, o que possibilitou, entre outras coisas, perceber como mantinham este vínculo de cumplicidade com relação aos cuidados corporais. De modo muito interessante, as relações entre elas frente à academia e o culto ao corpo se desenrolaram de maneira diversa. Enquanto SAS1 foi a grande incentivadora da filha SAS2, que inicialmente não se interessava por atividade física como o irmão que estimulou a mãe a frequentar a academia, SRF1 foi quem chamou a atenção da mãe SRF2 para o espaço exclusivo de mulheres.

Segundo relato de SAS1, ela já freqüentava academia há pelo menos 15 (quinze) anos e sua principal motivação na época foi a necessidade de viver novas sociabilidades e emagrecer diante de um quadro depressivo desencadeado pelo divórcio:

Olha minha filha eu frequento academia desde que me separei há uns 15 anos atrás... por que tem aquela coisa né...quando a gente se separa o marido se agarra logo com uma gatinha toda sarada e gostosa esperando que a gente fique um bagaço...aquele modelo de ex-mulher ((faz careta)) e como eu fiquei muito deprimida...eu ainda acreditava naquela coisa de casamento pra toda a vida e tal...começar a fazer ginástica foi a minha válvula de escape [...] (SAS1)

[...] quando eu comecei a ir em academia era um pouco pra me distrair, conversar e melhorar a auto-estima... fazia terapia também sabe e o psicólogo me aconselhava... eu tinha essa coisa do corpo mesmo [...] minha mãe não é o tipo de sogra que os homens olham e esperam que a filha fique como ela com o passar dos anos... não se cuidou... há anos que vive gordinha... é o que eu vejo na minha filha fico preocupada com ela ((ainda bem que ela não está aqui hoje – fala sorrindo))... o meu marido assim que nos separamos assumiu uma relação com uma moça bem jovem e magra claro... isso é que foi difícil [...] (SAS1)

Pode ser observado na fala de SAS1 o valor incorporado à dimensão da corporalidade nos conflitos vivenciados em seu contexto familiar. Na relação com o marido, a separação desencadeou um sentimento de angústia para com o corpo, o que é estreitamente relacionado por ela com a questão do envelhecimento que lhe traz inquietações. Além da superação da frustração com o fim do casamento que acreditava ser “pra toda a vida”, seu estado depressivo não podia ser refletido no corpo para que não se aproximasse do estereótipo de ex-mulher “trocada” por uma jovem magra e bonita.

Especificamente com relação ao envelhecimento, é interessante perceber como a relação com o corpo se revela nas relações familiares com a mãe de SAS1 e sua filha. Ao refletir sobre sua própria condição corporal, SAS1 espelha-se em sua mãe para dizer que esta não é o tipo de mulher que agrada aos homens especialmente no que se refere à falta de “cuidados” com o corpo e ao excesso de peso. O discurso de SAS1 evidencia como os estereótipos de gênero são incorporados nas dinâmicas familiares ao vincular a corporeidade feminina às expectativas dos homens. A mesma preocupação é direcionada à filha (SAS2) que por estar acima do peso, foi intensamente pressionada pelo irmão e pela mãe para o ingresso na academia.

*[...] ela ((a mãe)) é toda preocupada com essa coisa de corpo e pega no meu pé porque **eu sou a gordinha da família**... meu irmão também fica em cima... ele é da área... aí já viu [...]* (SAS2).

*Dessa vez eu quero mesmo emagrecer... é isso... mas é também por causa da saúde... eu tenho problema de pressão alta e aí preciso perder peso... e tem o lado estético... **CLARO... na minha casa todo mundo tá magro e reclamam do meu peso**.... quando eu tinha tempo caminhava no parque... era bem melhor do que academia* (SAS2).

Minha mãe começou e ela gosta bastante daqui... aí ela me matriculou e chegou em casa me avisando que eu tinha que vir aqui

fazer a entrevista e tirar as medidas... já fazia tempo que eu não praticava nenhuma atividade [...] (SAS2).

A fala de SAS2 revela parte do drama familiar vivido por ela em razão de sua aparente despreocupação com o corpo e o peso. Ao relatar detalhes de sua história na prática de atividades físicas, SAS2 afirmou nunca ter conseguido dar continuidade a nenhum esporte e nem ter passado um longo período na mesma academia. Sua fama de “gordinha da família” é o principal motivo para que a mãe e o irmão a incentivem a entrar na academia. A matrícula de SAS2 foi efetivada pela mãe sem o seu conhecimento. Apesar das fortes críticas ao modo como lida com o corpo e ao excesso de peso, SAS2 diz ter se convencido em razão da hipertensão, mesmo enfatizando a importância da dimensão estética.

Ao se referir sobre a beleza para mulheres, SAS2 transita entre a demonstração de sua própria definição, vinculada a sua aparente despreocupação com o corpo e o peso, e o que é imposto pela mídia. A primeira frase de SAS2 na descrição de uma mulher bonita é “*hoje pra ser bonita tem que ser magra*”, seguida de qualificações de partes do corpo como rosto, cabelo, pele e unha associadas à ideia de cuidado. A relação entre a magreza – como beleza para mulheres – e o reconhecimento é repetidamente salientada por SAS2, tanto quando trata de sua vida familiar, como em outras dimensões do cotidiano, que do seu ponto de vista as mulheres magras são sempre mais bem sucedidas do que às demais. A opinião de SAS2 é muitas vezes baseada no que é dito por sua mãe sobre como ela deveria agir com relação ao seu corpo e que é explicitamente direcionado ao peso.

[...] eu tô muito concentrada em estudar e deixei pra lá esse lado da vaidade...acho que sou meio o oposto da minha mãe que é toda preocupada com isso...não é que eu não queira me cuidar mas enfim...não é a minha prioridade porque preciso trabalhar...mas ao mesmo tempo todo mundo fica dizendo que tenho que mudar...comer melhor...me exercitar e emagrecer [...] ela fica chateada com meu jeito e eu fico chateada por ela ficar repetindo essa coisa de dizer que sou bonita mas tenho que emagrecer...preciso ficar magra mais por causa da saúde mesmo...sou muita nova e tenho pressão alta...mas me sinto pressionada de todos os lados (SAS2).

Durante toda a entrevista de SAS1, quando se referiu à filha SAS2 sua preocupação centrava-se no peso e não nas consequências deste para sua saúde,

refletindo o modo em que se configura a magreza como símbolo de distinção desejada para a filha.

[...] mulher hoje pra ser bonita e valorizada não pode ser gorda nem estar acima do peso... liga a televisão veja se tem alguma gordinha fazendo sucesso? Só se for fazendo comédia... pagando mico...tem alguma gordinha apresentando o Jornal Nacional? Não tem isso não...quando a gente vai ler revista ou só de ver as capas só tem mulher magra....então hoje em dia todo mundo te diz que tem que ser magro... até os médicos dizem por causa do coração não é verdade? (SASI)

A relação entre SRF1 e SRF2 destaca-se da família anterior. Ambas já praticavam atividades físicas juntas, caminhavam e frequentavam uma academia mista. Quando souberam da existência de uma academia feminina decidiram conhecer o novo espaço e o escolheram, principalmente, em razão das características dos aparelhos que provocam menos impacto por serem hidráulicos e pela ausência de homens. Com o tempo – elas já estavam lá há mais de um ano – se adaptaram completamente ao novo modelo, tanto pelas dinâmicas e sociabilidades, como pela eficiência no “resultado”.

[...] aqui como o peso é hidráulico você vai de acordo com a sua necessidade...aí por isso que aqui é melhor [...] além dos aparelho... aqui tem mais amizade...mais brincadeira...aqui é gostoso...lá ((na academia anterior)) eu fazia mais por obrigação...aqui não....aqui é bom aqui é prazer (SRF2).

Eu me sinto mais à vontade...eu me sinto bem melhor de onde que tem homem também...aí é aqui é bem melhor...não gosto de homem olhando não...fico sem graça....ah e os aparelhos aqui são melhores...você vê o resultado mais rápido [...] ((eu pergunto o que é resultado))...aí depende...pra mim é conseguir ficar em forma...((eu pergunto o que é ficar em forma))....bom...eu acho ((sorri)) que é ser magra....com corpo definido né [...] (SRF1)

A primeira entrevistada foi SRF2, a mãe, que respondeu a todas as perguntas prontamente e com muito entusiasmo para falar de suas experiências na academia, relação com as práticas estéticas e a questão da magreza entre mulheres. SRF2 fala com orgulho do fato de ser acompanhada pela filha à academia, valorizando a prática de atividade física como um sinal distintivo, ora relacionado à saúde ora à estética. Quando se referiu à beleza das mulheres, as associou à ideia de felicidade e bom humor, o que do seu ponto de vista está implicado com um estado de felicidade para com o corpo.

Ao tratar do assunto da magreza entre as mulheres, SRF2 explicitou o seu desejo de emagrecer e a preocupação de envelhecer. Do seu ponto de vista, a mulher ao envelhecer não pode ficar magra demais pelo risco de ficar feia. Por isso, afirma que o culto à magreza existe principalmente entre as mulheres jovens e que as mulheres de sua faixa etária estariam mais preocupadas com a saúde, ainda que também desejem emagrecer. Neste ponto ela cita como exemplo o caso de sua filha, SRF1, que teria como principal objetivo manter-se magra.

[...] as meninas da minha idade assim pensam mais é na saúde...as que fazem academia né...querem emagrecer e tudo mas pensam mais na saúde mesmo..agora entre as jovens eu tenho certeza que só pensam em ficar magra...minha filha mesmo deixa de comer quando tem uma festa assim alguma coisa (SRF2)

A relação apresentada por SRF2 frente ao emagrecimento entre as mulheres coloca a “magreza estética” para as mulheres jovens e a “magreza saudável” para as mulheres mais velhas. Para ilustrar, relatou uma situação em que sua filha passou aproximadamente um dia inteiro alimentada apenas com um copo de suco para ter uma aparência magra em uma festa à noite. SRF1 desde o início da entrevista deixou claro que seu principal objetivo era ficar em forma, o que para ela se traduz em “ser magra...com corpo definido”. Ao se referir à beleza, assim como a mãe, SRF1 traz a ideia de felicidade vinculada à satisfação com o corpo. Apresenta, ainda, a concepção de que para a mulher se sentir confiante para se relacionar deve estar e se sentir bonita, o que é diretamente relacionado ao peso.

[...] eu gosto de ser magra...e tem isso que a beleza é ligada com magreza...(a mãe interfere...“ela fica sem comer pra não engordar....ah ela gosta...ficou sem comer lá em Goiânia pra uma festa...ela tomou um copo de suco de manhã e passou o dia inteiro sem comer absolutamente nada só porque de noite ia ver alguém que queria não sei o que”)) ...ah é uma coisa da sociedade mesmo de dizer que tu tem que ser magra e tem que ser bonita...é a sociedade que colocou essa regra (SRF1).

Apesar da instrução inicial de que ambas não deveriam interferir na entrevista uma da outra, durante a entrevista da mãe a filha se afastou, mas em sua entrevista a mãe vez por outra fazia um comentário e insistia para a filha falar a verdade. Seja valorizando a saúde ou a beleza, mãe e filha apresentam as duas dimensões da magreza

como sinal de distinção. O cuidado com o corpo também é uma prática exaltada como “obrigação” da mulher, o que levou SRF2 a afirmar que ensina a filha a cuidar do corpo desde cedo. Aliado aos demais papéis de gênero tradicionalmente aprendidos pelas mulheres através das gerações, a dimensão da aparência e do culto à magreza apresenta-se na relação entre SRF1 e SRF2 como um importante marcador nos estabelecimento de relações com o grupo, mas também entre mãe e filha. Ao contrário da família anterior, ambas afirmaram estar com o peso adequado, o que é conseguido, segundo os seus relatos, em função da continuidade da atividade física e de uma alimentação controlada.

Do total de entrevistadas apenas três mulheres não têm familiares se exercitando. Ainda que não estejam praticando atividade física na mesma academia, grande parte destas têm os/as seus/as filhos/as, companheiros/as, mães, pais, irmãos e irmãs dedicando-se a alguma atividade física, o que corrobora com a hipótese de que o culto ao corpo tornou-se um estilo de vida na sociedade contemporânea. Entre os familiares homens – foram citados pais e maridos – as principais atividades são o futebol, a corrida e a caminhada. Já entre as familiares mulheres – filhas, mães, irmãs e avós – a academia foi a atividade mais frequente, seguida pelas caminhadas ao ar livre.

A preocupação com a saúde e a perda de peso seriam as principais motivações das mulheres para o ingresso na academia e também para a busca de dietas alimentares, como é apresentado nos tópicos seguintes. O papel das famílias e das tensões geradas neste contexto, sobretudo a partir de divórcio, casamento, maternidade e envelhecimento, são elementos que reforçam a centralidade do corpo na constituição das subjetividades. Há uma pressão maior, inclusive no cenário familiar sendo motivada pelas próprias mulheres, para que estas estejam sempre arrumadas e cuidadas, especialmente quando mantêm uma maior exposição visual fora da esfera doméstica, ou seja, para aquelas que circulam mais frequentemente nos espaços públicos a cobrança pela adequação aos parâmetros de beleza aparece de forma mais intensa.

5.2 Corpo, casamento e sexualidade

O século XX foi o cenário em que se consolidaram as representações da mulher moderna – particularmente associada à imagem da profissional, com o ingresso no mercado de trabalho –, articuladas com o papel de dona de casa, responsável pelas tarefas domésticas e de cuidado para com os/as filhos/as. Ao mesmo tempo em que os

meios de comunicação apresentavam as mulheres em novas funções e estereótipos, não deixaram de reforçar a tradição da representação feminina intimamente vinculada à família e à esfera doméstica.

Ainda no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o poder patriarcal se fazia sentir por todos/as aqueles/as que dele dependiam. A vontade do pai era a vontade da família. Frente às mudanças políticas, sociais e econômicas características deste período, com a urbanização e o advento de novos grupos de poder no contexto das cidades, o modelo tradicional de família também foi obrigado a se adaptar. Inspirando-se na burguesia européia, a família moderna passa a nutrir uma nova relação com o Estado, na qual o indivíduo, agora considerado como cidadão é identificado com as novas demandas e características do espaço urbano. Neste contexto, a medicina exerceu um importante papel na “criação” destes cidadãos/ãs e na concorrência com a influência do poder patriarcal. O discurso médico impôs normas regulamentando o comportamento das famílias voltadas para a adequação às exigências urbanas, especialmente pela higiene, de modo que as mulheres e os/as filhos/as passaram a ter um novo valor na célula familiar.

Entre os aspectos que merecem ser salientados, destaco a crescente exteriorização das mulheres que gradativamente puderam circular em outros espaços de sociabilidade, passando a exercer um novo papel nas relações do marido/pai para com os seus pares. Para Freyre (1961), o processo de urbanização contribuiu fortemente para a constituição de novas representações acerca da noção de intimidade, o que também foi incorporado na arquitetura e formas de organização das cidades. No que tange às mudanças infligidas pela modernização ocidental, Heilborn (2004) evidencia o modo como se consolida a noção de pessoa a partir de um culto à interioridade e à subjetivação. Acrescenta, ainda, que este processo teve um importante impacto sobre a construção dos corpos e o controle das emoções, bem como a instituição do “amor romântico”, entre outras transformações pelas quais passou a sociedade brasileira. As mulheres, por sua vez, ainda que permanecessem submetidas aos interesses das autoridades patriarcais, passaram a ser admiradas por suas personalidades dedicadas, sua educação para a recepção de convidados e conhecimento das normas de etiqueta, beleza e outras qualidades individuais.

Com esse tipo semipatriarcal de vida mais mundana para a gente de sobrado, alargou-se a paisagem social de muita iaiá brasileira no sentido de maior variedade de contatos com a vida extradoméstica. Este alargamento se fez por meio do teatro, do romance, da janela, do estudo de dança, de música, de francês (FREYRE, 1961, p. 239).

Sem querer me estender por todas as transformações vividas pela instituição familiar no Brasil ao longo do século XX, o que é importante não perder de vista é que mesmo com o alargamento das possibilidades de circulação das mulheres nos espaços públicos e com a relativa divisão de poder na esfera da família, o controle do corpo permaneceu como um importante marcador na manutenção das desigualdades de gênero. Há uma série de normas a serem seguidas para que as mulheres possam se apresentar publicamente, sobretudo com relação aos modos e à aparência. Ademais, a corporeidade feminina é tradicionalmente erotizada e representada a partir da concepção de que o grande objetivo das mulheres seria sempre a conquista de um parceiro. Para tanto, o imperativo da beleza é imposto às mulheres, não apenas pelos discursos médico e midiático, mas também no meio familiar, como foi observado nesta pesquisa.

No contexto familiar, mães, filhas e irmãs são as principais motivadoras para que as mulheres mantenham o corpo sob controle e aparência desejável. É algo que se ensina às crianças, como relatado por algumas entrevistadas sobre o incentivo de mães e avós para que praticassem esportes durante a adolescência, ou mesmo pela imitação dos padrões de comportamento ligados à vaidade, aos cuidados corporais e com a alimentação, a frequência a salões de beleza, entre outros, tradicionalmente voltados para a construção cotidiana do ser mulher.

A transmissão dos valores relacionados à estética corporal feminina é comumente mediada pela instituição do matrimônio, como se este ainda fosse o principal projeto de vida para a mulher. Tal representação pode ser observada a partir da compreensão das mulheres entrevistadas sobre a diferença de motivação de mulheres baseada na faixa etária. Afirmam que a partir dos 50 anos, aproximadamente, a dimensão estética deixa de ter tanta importância, como acontece com as mulheres mais jovens. Parte deste fato se justificaria por duas razões, principalmente: a liberação do imperativo da beleza conquistado pela idade e o fato de já serem casadas. Ambos os aspectos foram ressaltados em diversas entrevistas para explicar como a mulher conseguiria se desobrigar do dever de se manter “atraente” fisicamente.

Entre as entrevistadas, em diferentes momentos, o cuidado com o corpo foi apresentado como um elemento marcante para a continuidade ou harmonia do casamento. Ao mesmo tempo, o divórcio foi apontado ora como um acontecimento com influência para que as mulheres abandonassem a estética corporal, ora como fator decisivo para que decidissem transformar e direcionar todas as dimensões de suas vidas para o culto ao corpo através da academia, das dietas e das cirurgias plásticas.

Faço academia há muitos anos...antes dos 30 anos comecei a me cuidar bem direitinho...mas tudo começou mesmo quando terminou o meu primeiro casamento...era aquela coisa do sonho...casei jovem e feliz...felicidade no casamento engorda né...e eu acreditava que ia durar pra sempre até que descobri que o meu ex-marido tinha outras mulheres...ele era bem mais velho do que eu...eu não tinha nada...nem pra onde ir direito...só estudava e foi muito difícil enfrentar essa perda...nesse tempo fiquei descontrolada...nervosa e só engordava...comia demais...nossa nem me lembre...quando comecei a sair do fundo do poço foi justamente quando entrei numa academia perto de onde eu morava...aí que eu consegui reconstruir minha auto-estima....comecei a emagrecer e vi que tudo que ele falava de mim não era verdade...retomei minha vida a partir daí...fiquei linda...magra e maravilhosa...aí casei de novo....moro junto né...e depois engravidei e tudo foi pro bebeléu....mas agora tá tudo sob controle (STG3).

Então eu andava meio triste e deprimida por conta do peso...depois das duas gravidez me descontrolei porque foi tudo perto uma da outra e fiquei meio gordinha e eu nem cogitava a possibilidade de fazer nada por mim...só pensava nos filhos sabe...porque foi assim...já sou casada há dez anos e não conseguia ficar grávida de jeito nenhum...aí fiz um tratamento...engravidei e perdi com três meses....passou um tempo fiz de novo e pegou...foi aquela felicidade e como eu não podia engravidar mesmo depois que ela nasceu eu nem me preocupava em ficar grávida aí que veio o susto....tava grávida de novo e logo de cara tive um problema e tinha que ficar de repouso...foi complicado...depois que a minha outra filha nasceu eu tava com duas bebês...era difícil e aí o casamento já não tava indo muito bem...meu marido não me ajudava...a gente tava praticamente separado...ele não me procurava e só me botava pra baixo e eu só com as meninas também não me cuidava e fui engordando engordando e pronto...aí depois de um tempo nessa situação comecei a ficar ruim...triste mesmo e quando eu tive uma melhora com terapia e remédio comecei a fazer regime e o médico também me recomendou atividade física...como eu tava horrível...me sentindo velha e caída..porque eu tava mesmo...aí aqui foi mais acolhedor [...] (SNB1).

Na história de STG3, já no primeiro casamento ela começou a engordar, mesmo antes de descobrir os casos extraconjugais do marido. Em alguma medida, é como se STG3 atribuísse o “descuido” com o peso à separação e ao sofrimento que

passou. Da mesma forma, foi o emagrecimento e o retorno das experiências estéticas com o corpo é que a teria habilitado para o novo casamento, o que teria sido ameaçado pela gestação. Em situação semelhante – aliás, recorrente também entre outras entrevistadas – , SNB1 também apresentou uma história de ganho de peso associada à gestação, ao sofrimento e à falta de apoio do companheiro. Para SNB1 a estética corporal é essencial para o sucesso, o reconhecimento e a valorização da mulher.

Aí é uma coisa interessante...porque se a mulher tiver toda bem arrumada com tudo no lugar a vida é muito mais fácil...ninguém pega no seu pé...as pessoas te respeitam é outra coisa...hoje em dia eu sou tratada de um jeito completamente diferente do que antes quando eu tava gordinha...não é só na rua não...na família mesmo...mulher tem que se cuidar...se ajeitar né querida e se virar em três porque é difícil manter os cabelo direitinho arrumadinho com as crianças pulando em cima de você...levando pro colégio...fazendo compra...correndo atrás de aluno e chegar em casa toda arrumada....e se você não se arruma até em casa tem reclamação minha filha...não tem casamento que sobreviva ao desleixo...eu sempre digo isso...mas é só pra mulher mesmo porque pro homem a gente nem liga muito...é estranho isso (SNB1).

STG3 também reforça este entendimento de que para a mulher ter sua vida facilitada nas diferentes dimensões da experiência, a estética corporal é de grande relevância, inclusive na esfera da sexualidade.

A mulher que não se sente bonita não consegue nada...fica tudo ruim e desorganizado na vida...não consegue nem transar com o marido...porque se olha e se acha feia...o tesão acaba mesmo...quando a gente tá bonita...magrinha...bronzeadada...melhora no trabalho...na vida toda (STG3).

Ao se referirem às tensões relativas ao corpo e à sexualidade no casamento, foi comum que as mulheres se referissem a histórias de constrangimento para com os companheiros em função das “imperfeições” do corpo. Apesar do tempo de casadas e da intimidade entre os cônjuges, nem mesmo todo o processo de erotização do corpo feminino associado ao conjunto de estímulos lançados sobre as práticas afetivas e sexuais das mulheres que buscam o prazer e a maior liberdade em suas relações, são capazes de reverter o sentimento destas mulheres frente às dificuldades de alcançar os modelos de corpo e padrões estéticos difundidos pela mídia, principalmente no que se refere à magreza.

Em alguns casos, a vergonha do corpo e a angústia vivida pela infelicidade no casamento são motivadas pelos próprios companheiros que cobram das mulheres uma apresentação desejável, ainda que não necessariamente relacionado à magreza – exceto nos casos em que há um excesso de peso muito significativo – , mas à vaidade e aos cuidados com a apresentação de uma forma geral. Em outras situações, o ganho de peso com a maternidade é apontado como o início do sentimento de insatisfação com o corpo que trouxe como consequência, a anulação da vida sexual somente retomada após o ingresso na academia e a perda de peso.

A aluna SNB3, de 36 anos, casada, com experiência de uma gestação de trigêmeos e à época da entrevista mãe de quatro filhos/as, descreveu seu primeiro objetivo na academia como “entrar na minha aliança...aliás...minha aliança entrar em mim”. Logo no início da entrevista, SNB3 tornou claro o quanto as questões relativas ao seu casamento estavam intimamente relacionadas com a perda de peso e as práticas estéticas na academia.

[...] quando a gente cuida do corpo acaba cuidando também do resto porque tudo melhora na nossa vida...até a parte sexual...depois que eu comecei a vim aqui e emagreci..melhorei muito minha estima e voltei a me aproximar do meu marido porque gorda eu não tinha nem tesão...e nem ele com certeza né [...]eu tava me sentindo horrorosa tava parecendo uma geladeira...eu não tinha forma...tava imensa de gorda...imensa...e o meu corpo tava me incomodando...depois que eu emagreci o humor mudou...a vontade de fazer outras coisas...até de receber gente em casa [...]eu não tava aguentando mais aquele corpo...meu marido apoiou claro...a parte sexual né...eu não era mulher mais ...eu era um troço...eu me sentia uma massa só...não tinha forma não tinha cintura...a barriga caia pra fora das roupas e até da calcinha...a minha barriga era tão grande que caía em cima da minha calcinha e eu nem podia ver minhas partes...eu diminui 20 cm só de barriga [...] (SNB3).

Após a entrada de SNB3 na academia, outras mulheres de sua família também passaram a se exercitar lá. A mãe e a cunhada de SNB3 revezam a ida à academia com o cuidado com os/as quatro filhos/as de SNB3. A entrada de outras mulheres da família era recente e segundo a sua entrevista, foi motivada pela significativa perda de peso e medidas de SNB3 em tão pouco tempo. Também por isso, SNB3 era constantemente exaltada pelas profissionais de sua unidade como um referencial entre as *Top 10*⁹⁸. Suas

⁹⁸ Conforme descrito por P4 no Capítulo IV, no conjunto das *Top 10* estão as 10 sócias que tiveram o melhor resultado mensal em perda de peso e medidas.

fotografias de antes e depois eram exibidas no mural, próximo à balança. Nas imagens, SNB3 aparece inicialmente segurando um/uma dos/das filhos/as e posando com roupas de ginástica. Nas fotos do “depois”, ela aparece de biquíni novamente com uma de suas crianças e nas outras de camiseta branca e calça jeans larga, repetindo o movimento da bonequinha que estampa a logomarca da academia, puxando o cós da calça para demonstrar o peso e as medidas perdidas, sobretudo na região abdominal⁹⁹.

A aluna SLN1, casada, com 29 anos de idade e um filho, também está entre as que buscaram a academia para perder o peso ganho após a gestação. Ela se intitula como “rata de academia” e afirma ter grande experiência em academias mistas. Em sua família todos/as frequentam academia – exceto o filho ainda pequeno – e ao contar sua história, diz ter perdido o controle durante a gestação e o pós-parto, o que a levou a uma leve depressão e à impossibilidade de amamentar o filho. Para superar estes problemas, voltou à academia, mas optou por um espaço exclusivo de mulheres.

[...] fiquei toda descontrolada e pronto tava uma baleia...daí então quando eu vim pra cá foi para emagrecer rápido...eu precisava muito...tava desesperada...me sentindo horrível...nem parecia uma mulher....não me cuidava nem me arrumava nada...só fazia comer [...] tava toda mole parecia até uma gelatina e bem acima do peso...eu precisava fazer alguma coisa porque eu sempre me cuidei e aí eu tava fora de mim...não era eu..nem me sentia uma mulher sabe só mãe mesmo...quando eu me via no espelho eu não me reconhecia no meu corpo era estranho demais eu toda caída...aí meu marido me incentivou muito porque ele também não tava gostando lógico...toda acabada e deprimida ninguém merece....se eu fosse pra uma academia comum ia me sentir muito mal porque ia encontrar todo aquele pessoal malhadão e eu lá toda largada [...] (SLN1)

A insegurança com o corpo e a preocupação com o ganho de peso associado à gestação foram constantemente evidenciadas durante as entrevistas, inclusive entre as profissionais. Este era inclusive um elemento a ser pensado, do ponto de vista de algumas entrevistadas, quando se vai pensar sobre a possibilidade de engravidar ou não. Uma vez que me encontrava entre o 4º e o 8º mês de gestação durante a coleta de dados, comumente o meu peso passava a ser objeto das conversas não apenas durante as entrevistas, mas durante todo o período em que eu permanecia na academia. Mais do que a preocupação com a saúde da criança ou com a boa evolução da gravidez, a grande

⁹⁹ As imagens da academia em que SNB3 aparece foram preservadas visando manter o anonimato das entrevistadas.

questão era o peso e nesta medida também passei a ser alvo de reflexão para todas aquelas mulheres.

Diante da importância que a questão da maternidade ganhou ao longo da pesquisa de campo a partir das histórias de vida das entrevistadas, ao mencionarem o ganho de peso com a gestação, quando havia abertura para tal, eu perguntava como tinha sido a assistência pré-natal, o parto e o pós-parto. A maior parte das mulheres que apresentavam a relação entre o peso e a maternidade não puderam ter um parto normal e passaram por cirurgias cesarianas, o que na própria leitura que fazem teria contribuído para a dificuldade em retomar o peso anterior à gravidez. As razões para se submeterem a cirurgias cesarianas variaram entre a falta de encaixe do/da bebê, a falta de dilatação e a dificuldade de adequação à agenda do/da médico/a.

No desenvolvimento das teorias feministas, a problemática em torno da maternidade e dos deveres da *maternage* foi objeto de reflexão de diferentes correntes. Conforme apontado por Descarries (2000), com inspiração em Beauvoir e retomando a ideia de hierarquização sexual, as feministas radicais defenderam que uma transformação social significativa só seria possível a partir da liberação das mulheres de suas “funções biológicas” ligados à maternidade e ao cuidado.

Posteriormente, Descarries (2000) aponta o que teria sido uma reconciliação entre o feminismo e a maternidade, quando no início da década de 1980, as mulheres se encorajaram com as conquistas de espaço na esfera pública e revelaram-se preocupadas em restabelecer a harmonia no casamento e na experiência materna. O chamado Feminismo da Femitude propôs uma “reapropriação do território e do imaginário femininos, próprios à experiência do corpo sexuado e da procriação” (DESCARRIES, 2000, p. 22), evidenciando o risco de que a representação da família e dos deveres da *maternage* como forma de opressão levasse ao “esfacelamento da ética feminina”.

Referindo-se ao pensamento de Flax (1987) sobre as teses da corrente feminista da Diferença, Descarries (2000, p. 28) evidencia que teriam uma visão redutora da heterogeneidade característica das experiências das mulheres e da maternidade como idealização, não considerando “as múltiplas tensões, contradições e limitações marcando o vivido materno das mulheres e suas relações com a família, as crianças ou o cônjuge”.

No contexto dos dados levantados nesta pesquisa, a relação entre o corpo, o peso, a sexualidade e a maternidade foram apresentadas pelas mulheres como inseridas

em uma teia de conflitos e tensões não apenas na dimensão de suas subjetividades, mas nas relações familiares e conjugais. A concepção de que devem seguir um padrão corporal esteticamente determinado aproximando-se de um ideal de perfeição propagado pelos discursos de verdade sobre o corpo, potencializa as tensões geradas pela possibilidade ou ato de engravidar. A ilusão de que todas estão aptas a imitar o corpo ideal difundido principalmente pela mídia é, para Bordo (2009), alimentado pelo capitalismo consumístico que atribui às mulheres, principalmente, a responsabilidade pela plasticidade de seus corpos e a crença em uma ideologia da perfeição ilimitada. E é nesta perspectiva que as dimensões da sexualidade e da maternidade historicamente caracterizadas por tensões e contradições nas experiências das mulheres, são, contemporaneamente, influenciadas pelo culto ao corpo.

Vivendo uma experiência diferenciada especificamente com relação à sexualidade, SLN3, de 24 anos e casada com sua namorada (como ela mesma classificou), apresentou uma compreensão em que tentou desvincular a forma da apresentação corporal com suas experiências afetivo-sexuais. Na família de SLN3 todos/as fazem algum tipo de atividade física, exceto sua companheira. Como afirmou ter sido sempre magra, seu objetivo foi mesmo saúde e o fato de a academia ser só de mulher gerou insegurança para sua companheira. Se entre as entrevistadas casadas foi recorrente que as mulheres buscassem esta academia por ser exclusivamente feminina e por isso não gerar desconfiança por parte dos seus companheiros, para SLN3 foi justamente este o fato gerador de tensões.

SLN3 foi uma das poucas mulheres que afirmaram nunca terem feito dieta, apesar de consumir com frequência determinados produtos *light*. Ao descrever uma mulher bonita, SLN3 enfatizou o charme e o sorriso, apontado estas como as características que admira em sua companheira. Para SLN3, o corpo em si teria menor importância, sobretudo com relação ao peso. No que tange ao padrão atual, enfatizou as características do rosto, a simetria, a pele e o cabelo. A respeito da dimensão da sexualidade, o que chama atenção e destaca sua fala das demais é como desassocia a vergonha do corpo de uma experiência bem sucedida e prazerosa.

Na minha relação particularmente não tem isso de vergonha...só entrega mesmo...não rola essa preocupação se tem celulite ou se a barriga tá assim ou assado...nada disso...é muito mais profundo do que isso...minha companheira é gordinha e eu nem ligo pra isso...não tem o menor peso na nossa relação nem pra mim e nem pra ela...nós

somos vaidosas sim...e femininas...mas acho que não tem nada a ver com ser magra ou não...eu sempre fui magra...faz parte da minha genética mesmo...mas sempre tenho uma barriguinha saliente...agora isso não é um problema...não tem interferência na minha vida íntima sabe...gosto de academia porque fico mais disposta e acho divertido estar entre mulheres...em academia normal eu me sentia meio desprotegida com as abordagens dos homens e aqui não...acho tranquilo [...] pra mim o que importa é o prazer...a intimidade...e isso não tem nada a ver se tá magra ou gorda...pelo menos pra mim (SLN3).

Embora SLN3 demonstre que suas preocupações com a saúde e a valorização da atividade física têm origem nas práticas cotidianas de sua família, anterior ao casamento, em que a mãe aparece como uma mulher que pratica Yoga e sempre foi atenta para o cuidado com o corpo, não transparece de forma significativa em suas reflexões qualquer insatisfação com o corpo ou com o peso, nem tão pouco uma relação com a questão da sexualidade em sua vida. Mais do que isso, ela percebe de modo crítico como o culto à magreza persiste entre as mulheres, independentemente da faixa etária.

[...] entre as amigas assim todo mundo fala sobre isso...come alguma coisa que acha que vai engordar e fica falando...ate do exercício mesmo muita gente gostaria de entrar e tem preguiça ou falta de tempo né...aí fica falando com isso na cabeça de querer emagrecer...eu vejo minha mãe com as amigas delas...é a mesma coisa...todo mundo falando que tem que emagrecer...toda a mulherada de tudo quanto é idade quer ficar sequinha claro....aí fica tentando controlar o apetite o que é que vai comer na rua pra não engordar né (SLN3)

No tocante ao que foi delimitado nesta pesquisa como práticas estéticas, as academias de ginástica femininas revelaram-se como um importante espaço de incorporação e exaltação do culto ao corpo e à magreza entre as mulheres. Ao buscarem um aparente equilíbrio entre a corpolatria e a difusão da compreensão da atividade física como prazer e necessidade para a saúde física do corpo, reforçam a potencialidade da academia para tal, além de a caracterizarem como um clube de mulheres, um espaço familiar e propício ao estabelecimento de vínculos de amizade. Ademais, tanto nos modos de organização e gestão da academia, como nas representações das mulheres sobre a valorização do culto ao corpo, estão presentes os estereótipos de gênero que impõem às mulheres o imperativo da estética corporal. Seja pelo viés da saúde ou da beleza, a magreza foi evidenciada como um importante signo de distinção no que se

refere à motivação das mulheres para as práticas estéticas, refletindo em diferentes dimensões de sua vida.

5.3 A alimentação sob controle

Prosseguindo a análise de dados a partir do dimensionamento do culto ao corpo proposto como norteador deste estudo e já tendo passado pelas práticas estéticas, passo agora para a segunda dimensão aqui denominada como práticas alimentares. A alimentação faz parte do conjunto de necessidades vitais da humanidade e, deste modo, devido ao seu caráter “natural”, em determinadas linhas do pensamento social, há certo desconforto em tratar do assunto como questão sociológica. Ainda hoje se vê muito mais trabalhos sociológicos sobre a fome do que sobre a alimentação e sua relação com a cultura.

Entretanto, não se pode deixar de salientar trabalhos clássicos desenvolvidos neste direcionamento, transitando entre as diferentes ciências sociais, como a sociologia, a antropologia e a história, e que abordam a alimentação não apenas sob a dimensão da nutrição em si, mas inserida em uma rede de significados e símbolos fundamentais para a compreensão dos modos de vida e das relações sociais, econômicas e políticas assentes em uma dada sociedade. A análise das relações que marcam as práticas alimentares foi feita por autores clássicos das ciências sociais, como Simmel (2004) que se preocupou em abordar a temática em sua *Sociologia da Refeição*. Nesta, o autor não trata especificamente da alimentação em si, mas da comensalidade enfatizando o período medieval e as interdições sobre as companhias no momento das refeições¹⁰⁰.

Atento à formação multicultural do povo brasileiro e interessado na análise da família colonial, Freyre (2006) dedicou parte de uma de suas mais importantes obras, *Casa Grande & Senzala*, à análise da nutrição e da dieta alimentar brasileira, apontando

¹⁰⁰ “a Guilda de Cambridge impôs, no século XI, uma pesada pena para quem comesse ou bebesse com algum assassino de um irmão da Guilda; do mesmo modo, o Concílio de Viena de 1267, fortemente direcionado contra os judeus, determinou muito obsequiosamente que os cristãos não deveriam colocar-se à mesa com eles; assim também, na Índia, deixar-se contaminar por comer com alguém de casta inferior pode ter eventualmente consequências funestas. Frequentemente, o hindu come sozinho para estar completamente seguro de que não compartilha a mesa com um companheiro proibido (SIMMEL, 2004, p. 2).

a mandioca e sua farinha como a base de nosso sistema alimentar, e que juntamente com o milho eram cultivadas e fabricadas pelos/as indígenas¹⁰¹.

Considerada como um clássico nesta linha, *História da Alimentação no Brasil*, de Cascudo (1983), publicada em 1967, também há um estudo sistemático sobre a formação nacional sob a ótica alimentar a partir de crônicas e relatos de viajantes. Assim como Freyre (2006; 2007), Cascudo (1983) observou aspectos específicos das cozinhas indígena, africana e portuguesa, mas também as contribuições dos imigrantes espanhóis, italianos e alemães, do ponto de vista das técnicas e dos temperos utilizados, revelando como determinados alimentos foram incorporados à cultura brasileira.

Inúmeros aspectos foram levantados acerca da alimentação enquanto elemento cultural, como as superstições alimentares, a diferenciação da alimentação entre homens e mulheres ou crianças, a relação entre o consumo de determinados alimentos e interesses políticos ou econômicos etc.. Contemporaneamente, a alimentação vem sendo tratada como tema privilegiado para a análise de questões relacionadas à preservação do meio ambiente, às políticas de importação e exportação, e outras abordagens igualmente importantes como a questão da saúde e do culto ao corpo que interessa aos objetivos deste estudo.

Nas últimas décadas vê-se um significativo aumento de doenças relacionadas à obesidade que podem ser estudadas a partir da má qualidade de oferta alimentar em abundância, como as *junk foods*, ou em razão dos modos de vida impostos pelo capitalismo. Da mesma forma, estão em evidência os transtornos alimentares que assolam principalmente as mulheres jovens que chegam ao extremo em busca de uma magreza idealizada. Além das doenças mais conhecidas como anorexia e a bulimia, conforme explicitado por Ortega (2008), a busca incessante por um corpo “perfeito” e o conjunto de sacrifícios que se faz em seu nome, vêm acompanhados de uma grande diversidade de patologias como artrites degenerativas, hipertensão e, entre os transtornos mais recentes tais como a ortorexia nervosa, caracterizada pela obsessão por alimentos naturais e considerados saudáveis, consumidos em uma dieta rigidamente controlada.

¹⁰¹ A problemática da alimentação esteve presente em outras obras de Freyre, tal como *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil* (2007), com sua primeira edição em 1939, em que o autor não apenas descreve aspectos da culinária nordestina, como também destaca sua dimensão cultural marcada por influências portuguesas, indígenas e africanas.

Com a pretensão de conhecer os hábitos alimentares das participantes da pesquisa e identificar a relação com o culto ao corpo e à magreza, as entrevistadas foram estimuladas a responder duas questões principais acerca da alimentação. A primeira pergunta foi sobre o consumo alimentar ao dia anterior da entrevista e a segunda se referiu à opção por produtos *light* e *diet*. Frente à flexibilidade do roteiro que guiou as entrevistas, quando houve tempo e abertura para maior aprofundamento do assunto, outras questões foram levantadas sobre o tema, como a opção por alimentos naturais, a relação com a saúde, os hábitos familiares etc..

Como foi apresentado no Gráfico 8, quando foi apresentado o perfil das mulheres que participaram da pesquisa, quase 90% das entrevistadas consumiam produtos *light* e *diet*, mesmo que algumas tenham afirmado não estarem de dieta à época da entrevista. Nota-se, pela tabela abaixo, que apenas duas entrevistadas consomem estes produtos por recomendação médica e têm acompanhamento médico ou nutricional. No grupo ainda há uma entrevistada, SLN4, que mantém uma dieta sob recomendação médica, no entanto seu endocrinologista recomenda que consuma produtos naturais e não *light* ou *diet*.

Tabela 6

Preferências alimentares acerca de produtos light e diet entre as alunas

Sócia Entrevistada	Produtos Light/Diet		Recomendação Médica ou Nutricional
SAS1	<i>Diet</i>	Refrigerante	Não
	<i>Light</i>	Iogurte, queijo, leite, biscoito	
SAS2	<i>Diet</i>	Refrigerante, chocolate	Sim (nutricionista)
	<i>Light</i>	Requeijão, iogurte	
SAS3	<i>Diet</i>	Chocolate, adoçante	Não
	<i>Light</i>	Leite de soja, iogurte, requeijão	
SAS4	<i>Diet</i>	Chocolate, refrigerante	Não
	<i>Light</i>	Barra de cereal, iogurte, leite	
SGA1	<i>Diet</i>	---	---
	<i>Light</i>	---	
SGA2	<i>Diet</i>	---	Não

	<i>Light</i>	Leite	
SGA3	<i>Diet</i>	---	---
	<i>Light</i>	---	
SGU1	<i>Diet</i>	Refrigerante, sorvete, doces	Não
	<i>Light</i>	Iogurte, leite, biscoito, pão	
SGU2	<i>Diet</i>	Refrigerante, adoçante	Não
	<i>Light</i>	---	
SGU3	<i>Diet</i>	Pão	Não
	<i>Light</i>	Iogurte	
SGU4	<i>Diet</i>	Leite, iogurte, queijo, refrigerante, bolo	Sim (endocrinologista)
	<i>Light</i>	---	
SLN1	<i>Diet</i>	Refrigerante, chocolate	Não
	<i>Light</i>	Margarina, requeijão, suco, leite	
SLN2	<i>Diet</i>	Adoçante, iogurte, geléia	Não
	<i>Light</i>	Pão, achocolatado, manteiga	
SLN3	<i>Diet</i>	---	Não
	<i>Light</i>	Requeijão, maionese, leite, leite condensado, creme de leite	
SLN4	<i>Diet</i>	---	Não
	<i>Light</i>	Lacticínios, biscoitos, doces	
SNB1	<i>Diet</i>	Refrigerante, chocolate, doces	Não
	<i>Light</i>	Iogurte, leite, refrigerante, suco, biscoito, queijo, geléia	
SNB2	<i>Diet</i>	---	Não
	<i>Light</i>	Iogurte	
SNB3	<i>Diet</i>	---	Não
	<i>Light</i>	Requeijão, pão, suco	
SNB4	<i>Diet</i>	---	Não
	<i>Light</i>	Leite, requeijão, suco, pão	
SRF1	<i>Diet</i>	---	Não
	<i>Light</i>	Suco	

SRF2	<i>Diet</i>	---	Não
	<i>Light</i>	Suco, leite, requeijão, iogurte	
SRF3	<i>Diet</i>	---	---
	<i>Light</i>	---	
STG1	<i>Diet</i>	Adoçante, refrigerante, suco	Não
	<i>Light</i>	---	
STG2	<i>Diet</i>	---	Não
	<i>Light</i>	Requeijão, iogurte	
STG3	<i>Diet</i>	Doces, chocolate	Não
	<i>Light</i>	Leite, iogurte, requeijão, biscoitos, pão	

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

O mercado *diet* e *light* obteve um crescimento relevante nos últimos anos, seguindo a mesma tendência dos setores de higiene, perfumaria, cosmético e das academias de ginástica. Conforme os dados apresentados pela Associação Brasileira da Indústria de Alimentos para Fins Especiais e Congêneres (ABIAD) a evolução do mercado no Brasil passou de US\$ 160 milhões em 1991, para US\$ 2.200 milhões em 2001. Com relação a estes dados, cabe frisar que o público consumidor dos produtos *diet* e *light* não é necessariamente formado por pessoas que buscam o emagrecimento espontâneo, já que atendem às pessoas com diabetes e outras restrições alimentares. De qualquer forma, o aumento do consumo destes produtos demonstra que os mesmos atingiram também o público em geral.

Em documento apresentado no final de 2010 em que a ABIAD aponta as Tendências do Mercado de Alimento¹⁰² no Brasil, citando dados do Estudo Especial Latin Painel Brasil nos quais 35% dos domicílios são consumidores de algum tipo de produto *light* ou *diet*. Os principais motivos apresentados no documento para a escolha destes alimentos e bebidas são: questão de saúde (61%), controle de peso (48%) e hábito (13%). Diante do faturamento no ano de 2009 de US\$ 8 bilhões, segundo estimativa da ABIAD (2010), com crescimento de 9% no ano de 2010, o estudo revela um crescimento do mercado de 800% nos últimos dez anos.

¹⁰² Tendência do Mercado de Alimento – novembro de 2010, disponível em < <http://www.abiad.com.br/images/conteudo/estudos/TendenciasdoMercadodeAlimentosnov10.pdf>> e < <http://www.abiad.org.br/index.php/estudos-sobre-o-setor>>, acessado em 23 de janeiro de 2011.

Entre os produtos que se destacam no segmento de substituição do açúcar, são listados no mesmo documento da ABIAD (2010): refrigerantes, adoçantes, iogurtes, sobremesas em pó, sucos em pó e sorvetes. Empreendendo uma comparação com as informações apresentadas pelas entrevistadas acerca de suas opções de produtos neste setor, observa-se que entre os produtos mais citados na categoria *diet* foram os refrigerantes, os doces e os adoçantes, seguindo a mesma tendência revelada pelas estimativas da ABIAD (2010). Quanto às motivações, a preocupação com a saúde foi menos freqüente do que o controle de peso. A maior parte das entrevistadas justificou a opção por estes produtos em razão da redução de calorias e/ou ausência de açúcar.

Consumo...os laticínios principalmente e também alguns biscoitos...os doces em geral busco os lights para o resultado não ser muito doloroso..até os diet porque aí a gente malha faz o maior sacrifício e depois se enche de açúcar...não dá certo...perde tudo o que ganhou...aliás...ganha tudo o que perdeu...as calorias... ((pergunta sobre a recomendação médica)) Mais ou menos...ele não manda eu comer light não...nem diet..na minha dieta ele manda eu comer fruta...legumes...alimentos mais naturais (SLN4)

O que eu mais como de diet e light é iogurte...aquele corpus...o iogurte né...que é bom igual aquele outro pro intestino...o activia...sempre passa na televisão...eu gosto muito desses iogurtes...sempre compro e todo dia à noite eu tomo um corpo ((pergunta sobre a recomendação médica)) Não é por recomendação médica ((pergunta se ela toma iogurtes apenas por preferência)) Eu tomo esses iogurtes por causa da barriga...quando o intestino funciona bem a barriga não fica inchada e eu me sinto melhor...mais magra (SNB2)

Sim...consumo vários produtos...iogurte leite refrigerante suco biscoito é tudo light...diet até que não é tanto só alguns mesmo...doce...chocolate...refrigerante é mais diet também...mas todo dia em casa a gente come alguma coisa light até as crianças...tem queijo geléia...assim fica todo mundo dentro do peso ((pergunta sobre a recomendação médica)) Não...é minha iniciativa mesmo (SNB1)

Consumo diet light integral e tudo que possa me deixar longe das gordurinhas....então por exemplo pão integral é todo dia....aí pra passar no pão margarina ou requeijão light...suco só tomo da fruta mas quando compro pronto é light...arroz é integral...refrigerante e chocolate diet...leite só desnatado....em casa a gente já come desse jeito pra evitar problemas pra todo mundo... ((pergunta sobre a recomendação médica)) Não é por recomendação médica mas é pensando em ficar saudável mesmo...não quero meu filho obeso (SLN1)

Entre os produtos *light* mais consumidos estão os laticínios, presentes nas preferências de praticamente todas as mulheres entrevistadas que consomem produtos com redução de açúcares e/ou calorias. O leite desnatado, o iogurte e o requeijão foram os mais citados entre os *light*. É como se a opção por estes produtos as liberassem da culpa pela vontade de comer doces, por exemplo, e dos riscos à saúde impostos pelo ganho de peso ao longo do tempo. Este tipo de perspectiva leva SNB1 e SLN1 a oferecerem alimentos e bebidas *light* até para os/as seus/as filhos/as, socializando o hábito no meio familiar, como uma prevenção aparentemente vinculada à ideia de manter-se saudável, mas claramente relacionada à preocupação com o peso, como na fala de SLN1 “não quero meu filho obeso”.

Com relação à prevalência do consumo de produtos *diet* e *light* nas diferentes RAs do DF, ainda que não se trate de uma amostra representativa da população, destacam-se como maiores consumidoras as alunas das academias que estão na Asa Sul, no Lago Norte e no Guará. Estes produtos têm um preço menos acessível à população com menor aquisitivo, o que pode ser relacionado com o que foi observado na pesquisa sobre o consumo destes alimentos nas demais regiões. Segundo o documento da ABIAD (2010) sobre as tendências de consumo neste mercado, do total de domicílios que consomem *diet* e *light* sempre (diariamente) e frequentemente (mínimo de duas vezes na semana) destacam-se as classes A e B, confirmando a tendência evidenciada nesta pesquisa.

Entre as entrevistadas que não consomem produtos desta natureza, as justificativas para tal escolha foram: a não apreciação do gosto e o alto custo dos produtos. Mesmo entre estas, analisando os hábitos alimentares de uma forma geral observa-se que consomem produtos frescos, naturais e com menos gordura, como o leite desnatado ou as carnes brancas e magras. Ainda que não tenha sido contemplada entre as questões do roteiro de entrevistas, a opção por alimentos naturais foi evidenciada como uma tendência nos hábitos das mulheres. Frequentemente o consumo de alimentos orgânicos, naturais ou integrais foi citado conjuntamente aos *diet* e *light*, como se fossem partes de um grupo alimentar garantidor de uma vida magra e saudável.

A fala de SLN4 é reveladora neste sentido. Ela é uma das mulheres que têm acompanhamento de um médico endocrinologista para o controle de sua dieta alimentar. Segundo afirma, o médico não a orienta para o consumo de *diet* e *light*, mas para o consumo de alimentos saudáveis, nutritivos e preferencialmente naturais. Embora ela

siga a sua recomendação, acrescenta à dieta laticínios, doces e biscoitos *light*, como que para compensar alguma transgressão ao que seria uma alimentação ideal. Seja com a frequência de consumo de produtos *light/diet* ou de alimentos funcionais, é latente entre as mulheres o modo como a gestão da alimentação é incorporada como um estilo de vida contemporâneo.

A gestão da alimentação se alinha com o que é posto pelos discursos científico, médico e midiático – por interesses diversos, inclusive econômicos – a respeito da obrigação de cuidar do corpo e de sua exibição pública adequada a modelo pré-determinado. A exposição do corpo feminino seria como um espetáculo ao olhar da sociedade, na medida em que as “conquistas” relacionadas à beleza, à magreza e à definição muscular são alvos de valoração e distinção. A beleza admirada não é, necessariamente, natural, mas deve ser consequência de um trabalho que perpassa não apenas a gestão reflexiva dos hábitos alimentares, mas também é conseguida pelo *fitness*¹⁰³ – o conjunto de atividades relacionadas à boa forma conseguida principalmente através das academias – que, segundo Ortega (2008), é apresentado às pessoas como um “remédio universal” capaz de protegê-las de uma ordem de males sociais e preveni-las de recorrer à medicina.

Citando Foucault (1994), Ortega (2008, p. 38) destaca que em Conferência proferida no Brasil o filósofo francês teria evidenciado o encontro entre a medicina e a economia com vistas à transformação do corpo e da saúde como objetos de saúde. Para Ortega (2008) operou-se um alargamento da compulsão consumista para os produtos de saúde, *fitness* e beleza, o que pode ser estendido ao impacto do mercado de produtos *light e diet* mais recentemente. Este processo está relacionado com o estilo de vida bioascético e é marcado pelo modo em que “o capitalismo entrou na saúde”, transformando os indivíduos em “consumidores de bens e serviços biomédicos. Os artigos de saúde incorporam elementos do estilo de vida e encorajam a retórica da escolha e a fetichização dos produtos e serviços de saúde” (ORTEGA, 2008, p. 38). Em abordagem semelhante, Featherstone (1995) oferece importantes esclarecimentos para a compreensão das relações entre o discurso que exalta a ideologia da beleza com os hábitos alimentares e a expressão de um estilo de vida.

¹⁰³ “O verbo em inglês *fit in* tem o sentido de ‘adaptar-se’, ‘ajustar-se’, ‘encaixar-se’, o que aponta para a dimensão conformista da atividade de *fit in*” (ORTEGA, 2008, p. 53).

[...] no âmbito da cultura de consumo contemporânea a expressão estilo de vida conota individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada. O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias de uma pessoa etc, são vistos como indicadores do proprietário consumidor. Fazendo uso dessa idéia podemos dizer que o discurso que diz sobre os comportamentos das pessoas, e o que ela deve ter e consumir estabelece relações de hierarquias entre os indivíduos, e os sujeitos terão poder maior ou menor na sociedade e uns sobre os outros de acordo com sua identificação com o discurso majoritário e se a ele se adequar (FEATHERSTONE, 2008, p. 119).

As preferências alimentares estão intimamente implicadas com o que é representado hoje como um estilo de vida saudável, fazendo com que os/as consumidores/as não se detenham apenas aos industrializados, mas também ao que é considerado natural e, por isso, de melhor qualidade. Vê-se, atualmente, uma ressignificação plural do que é considerado alimento natural e para sua compreensão Lifschitz (1997) identifica quatro saberes: as tribos alimentares, que reconhecem o modo artesanal da fabricação do alimento, associado à natureza; os profissionais de saúde, que significam o natural a partir do discurso científico e das propriedades físico-químicas dos alimentos; a indústria alimentar, para a qual o natural é identificado a partir da ausência de aditivos químicos; e, por último, a publicidade, que propaga e vende o natural como signo distintivo de saúde, apropriando-se, de certa forma, dos saberes anteriores.

O discurso midiático exerce uma importante influência sobre os hábitos alimentares das mulheres entrevistadas, a partir de diferentes instrumentos de propagação, como foi explicitado nos dados coletados. Ao descrever suas preferências por iogurtes *light*, SNB2 o faz lembrando que as duas marcas citadas são as que passam sempre na televisão e que atuam sobre o funcionamento do intestino, fazendo com que sintam menos inchada. STG1, consumidora de adoçante, refrigerante e suco *diet*, relatou que passou a substituir o açúcar na *diet* quando começou a ver as propagandas na televisão com atores e atrizes das novelas tomando suco e café com adoçante.

[...] eu sempre compro coisa diet e light...se eu tiver dinheiro eu compro mesmo...igual eu não uso açúcar só adoçante porque sei que não é bom exagerar no açúcar...ai eu tento diminuir para poder comer um outro doce que eu gosto sem me preocupar ((eu pergunto quando começou a fazer essa substituição)) Ah já tem tempo...eu vi foi na televisão com atores das novelas botando no suco e no café...todo

mundo bem magro...eu sei que não é só isso...mas eu faço a minha parte e lá em casa não uso mais açúcar pra isso não (STG1).

5.3.1 A busca por dietas milagrosas

A restrição alimentar e a submissão à dieta alimentar tanto pode ser uma opção anterior à prática de atividades físicas, como posterior, ou ainda ser iniciada ao mesmo tempo em que se ingressa na academia. No caso desta pesquisa, todas as entrevistadas relataram já terem feito dietas, independentemente do ingresso na academia. Por outro lado, grande parte delas afirmou estar seguindo algum tipo de dieta com restrições alimentares após a entrada na academia, como auxiliar na busca do resultado. Tal iniciativa é amplamente estimulada pelas profissionais que reforçam a ideia de “que a academia não faz milagres”.

No período em que os dados foram coletados, a academia estava lançando o Portal Mais Curves¹⁰⁴ destinado a oferecer pela internet um serviço de acompanhamento nutricional às alunas. O material de divulgação, assim como os demais relacionadas à academia, tem como figura central na logomarca do Portal uma fita métrica, que na segunda imagem circula a cintura de uma mulher de blusa rosa, insinuando a tão difundida pela academia perda de medidas na região abdominal.

Figura 15

Imagem do Portal Mais Curves



Disponível no endereço eletrônico da academia <http://www.curves.com.br>.

Durante as entrevistas, embora as alunas apresentassem um significativo interesse em dietas alimentares, demonstrando isso tanto na descrição das refeições

¹⁰⁴ O Portal Mais Curves pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.maiscurves.com.br/v1/>>.

diárias, quanto pela iniciativa de buscar em revistas e na *internet* informações sobre o assunto, elas não chegaram a aparentar interesse na novidade apresentada pela academia com a utilização do Portal. Contudo, acompanhando a sua evolução desde então e só pelo fato de permanecer disponível na *internet*, pode-se concluir que o Portal ganhou adeptas ao longo dos anos. Apesar de a navegação ser restrita a alunas matriculadas, em sua página principal são listada, entre outras, as ferramentas de controle alimentar, com planos diversos para uma dieta balanceada, diário de calorias que calcula a quantidade diária consumida, tabelas interativas sobre a quantidade de calorias queimada a cada minuto gasto com atividade física, calculadoras. Estas apontam se a presença de gordura em determinada parte do corpo pode ser considerada fator de risco para a saúde, entre outros instrumentos de controle do corpo e da alimentação.

[...] foi lançada há menos de um mês um site Mais Curves...é um site voltado muito para a área de nutrição...então atende muito elas nessa parte que eu acho que é o conjunto né...a nutrição com a educação física...então a gente abriu esse leque maior que elas procuram...sempre procuram nutricionista pra indicar...então é um site como se fosse um atendimento 24 horas...isso foi lançado agora...pelo site ela pode entrar e botar tudo o que ela gosta de comer e fazer uma dieta específica pra ela...acompanhamento também...as medidas pra ver como que tá o índice de massa corpórea dela e o índice de gordura corporal...também tem dicas de beleza e saúde...tudo...alimentação tudo lá (P4).

A *internet* foi citada muitas vezes como uma das principais fontes de busca de informação sobre dietas. Navegando pela rede mundial as mulheres têm acesso a uma infinidade de informações sobre alimentos e dietas, além de descobrirem os hábitos alimentares de celebridades consideradas referenciais de beleza. Em geral as dietas citadas neste contexto são pouco equilibradas e visam apenas o emagrecimento rápido. Com uma experiência mais “profunda” na prática de utilizar *sites* especializados em oferecer serviços de acompanhamento nutricional e dietético, SGU3 descreveu sua experiência no *Dieta Certa*, um portal pago em que as pessoas se cadastram e recebem orientação nutricional, mas também sobre atividades físicas, perda de peso, culinária saudável, estética etc..

Já fiz várias dietas...já procurei médico...nutricionista...já fiz dieta de revista...dessas que ficam em prateleira de supermercado...já comprei livro sobre o assunto....e uma vez eu até comprei um serviço de dieta

no site Dieta Certa...isso foi muito engraçado porque eu ficava falando com a nutricionista pela internet e pensando...será que essa mulher é nutricionista mesmo...sei lá né...a distância assim a gente não sabe...mas eu confiava...lá dizia que eu ia perder uns 10 quilos em menos de três semanas...não foi bem assim...mas até que deu certo...consegui perder uns quilinhos...o problema é que ficava meio viciada vendo as coisas no site e muitas vezes eu não tinha dinheiro pra comprar tudo o que eles mandavam no cardápio né...mas foi bom [...] (SGU3)

A proposta do *site Dieta Certa* é bem semelhante com o que é oferecido pelo Portal da Academia *Curves*, porém destaca-se por ser mais comercial. Como principal serviço oferecido, afirmam que o seu plano alimentar garante a perda de 12 kg em 12 semanas e disponibilizam “gratuitamente” uma avaliação preliminar que aponta, de forma personalizada, o seu IMC e calcula o seu peso ideal. No caso do Portal *Dieta Certa*, as dietas já estão prontas e são disponibilizadas no período do contrato para que a/o cliente possa seguir.

Em outras situações, o que é disponibilizado nas mídias não é necessariamente seguido à risca pelas entrevistadas. Confiantes em suas habilidades de “competência médica” (ADAM; HERZLICH, 2001), filtram o que é recomendado em programas televisivos, em revistas e *sites* especializados, somam ao que conhecem a partir de experiências pessoais com médicos/as especialistas e/ou nutricionistas, e desenvolvem suas próprias metas e dietas. SRF3 contou sua experiência com a dieta da proteína:

Há um tempo atrás tava bem na moda a dieta da proteína...eu fiz e consegui emagrecer...eu vi primeiro na televisão...acho que deu no Fantástico ou no Jornal Nacional...nem lembro mais...só sei que era um sucesso nos Estados Unidos...aí eu comprei o livro e fui tentando fazer...vendo outras informações em outros lugares...fui fazendo a dieta da minha cabeça mesmo e até passei pra umas amigas minhas porque dava certo...mas com o tempo tinha umas coisas ruins...imagina acordar e não poder um pão...fora o mau hálito...era muita carne...aí eu desisti porque já tava mais magra...depois engordei de novo e to aqui [...] (SRF3).

Os saberes que orientam as práticas alimentares das mulheres advêm de diferentes fontes, como as profissionais da academia e outros/as especialistas na área da saúde, as revistas femininas, a televisão e a *internet*. Os discursos médico-científicos têm um grande peso na decisão sobre o que comer fundamentando-se na representação do que é o saudável e influente sobre a beleza e a magreza. No entanto, o contato com

tais informações não se faz necessariamente com uma consulta pessoal ao/à endocrinologista ou nutricionista, mas principalmente pela via do que é difundido pela mídia e pela experiência positiva de pessoas próximas.

Apesar de a *internet* ser citada com frequência, assim como as revistas especializadas, a televisão é o principal espaço de circulação e transmissão de “verdades” sobre hábitos alimentares ideais. Além do programa Fantástico e do Jornal Nacional, exibidos pela Rede Globo, foram citados o Globo Repórter – com destaque para os episódios que apresentam estudos recentes sobre determinado alimento ou estilo de vida – e o programa matinal Mais Você, da mesma emissora, além do também matinal Hoje em Dia, da Rede Record, e de programas de TV paga (Você é o que Você Come, Detetives da Comida e Alternativa Saúde).

Nestes programas, assim como nas revistas e na *internet*, circulam múltiplos discursos sobre o culto ao corpo, em suas diferentes dimensões, fundamentados em pesquisas científicas e saberes de especialistas. Mas nem sempre tudo o que é transmitido é incorporado ou encarado como uma verdade absoluta. Entre as entrevistadas, percebe-se, em determinados momentos, uma postura crítica e reflexiva principalmente com relação às incertezas do que é o saudável ou não.

[...] falar que eu faço eu não faço dieta né..eu manéro...agora eu to aqui eu manéro um pouco mas não faço...aquela coisa de seis refeições diárias de 3 em 3 horas...é o que a gente ouve falar que é o certo...falam na TV...os médicos falam isso né...que não pode ficar muitas horas sem comer...antes eu pensava que a gente fazia era engordar comendo toda hora...mas também nem tudo é o certo...porque cada hora dizem uma coisa...que nem o ovo....antes era ruim pra saúde e agora é bom...é difícil saber mesmo o quê que é o certo [...] (STG2)

Nesta perspectiva, percebe-se que não é necessariamente pelo fato de determinada conduta alimentar ser divulgada na mídia, que as mulheres sigam fielmente o que está posto, irrefletidamente. Parte das informações é filtrada e selecionada de acordo com aquilo que elas têm interesse ou afinidade. Há, ainda, uma relação com o capital cultural de cada entrevistada. Entre as que têm nível superior e pós-graduação há uma preferência explícita pelo que é ditado pelo discurso médico e legitimado em pesquisas recentes. Por outro lado, as mulheres com nível médio já citaram mais os

programas populares de TV, referindo-se, ainda, aos hábitos alimentares de artistas tomadas como referência.

Como foi evidenciando na caracterização das participantes da pesquisa, mais de 60% das mulheres entrevistadas já tinham feito alguma dieta e destas a maior parte estava de dieta na ocasião da coleta de dados. Como também pode ser inferido do quadro relativo ao consumo de alimentos *diet e light*, entre as entrevistadas uma minoria absoluta recebe acompanhamento profissional para a determinação de suas condutas alimentares. A maioria delas se baseia em fontes alternativas, sobretudo oriundas da mídia.

Assim como a televisão se destaca como fonte principal de informações sobre hábitos alimentares saudáveis, as revistas são as mais citadas como fonte das dietas propriamente. As revistas femininas especializadas são ressaltadas pelas entrevistadas, principalmente por já apresentarem cardápios prontos, receitas e as quantidades calóricas dos alimentos ou do plano alimentar. A principal característica buscada nas dietas é o emagrecimento rápido, a visualização do resultado baseada em uma lógica de eficiência. A Revista Boa Forma foi a mais citada entre as entrevistadas e entre as dietas, foram mencionadas: dieta da linhaça, dieta da proteína, dieta da bíblia, dieta dos pontos, dieta da sopa e dieta da lua.

A linhaça é uma semente que vem ganhando popularidade como alimentos funcional, por seus “poderes” de aumentar a saciedade e por ser rica em Ômega 3. Geralmente, os cardápios a incluem em bebidas, como vitaminas e sucos. A dieta da proteína, desenvolvida pelo Dr. Atkins, exclui todo o carboidrato em seus cardápios. Baseada na alimentação do Antigo e Novo Testamento, a dieta da bíblia garante a perda de 5 quilos em menos de 15 dias guiando-se por alguns mandamentos alimentares que restringem o consumo de determinados alimentos. A dieta da lua, citada por STG2, além de um cardápio específico, a cada mudança da lua a pessoa deve ingerir apenas líquidos por 24 horas.

Destacando-se por ser a única dieta completamente retirada de um programa televisivo, a dieta da sopa apresentada no Programa Mais Você, foi mencionada por SAS3 e SGU3. Trata-se de uma dieta desintoxicante, baseada no consumo de uma sopa de legumes associada a um determinado tipo de alimento por dia. A dieta só deve ser feita por uma semana pelo baixo número de calorias e pelo risco de enfraquecimento. Ambas as alunas seguiram o programa e emagreceram 3kg e 2kg, respectivamente.

Uma vez eu fiz uma dieta da sopa que vi na televisão...no programa da Ana Maria Braga e um monte de gente fez a dieta...a gente ia vendo todo dia como era...tipo eu me animei porque era só uma semana...pedi pra moça que trabalha lá em casa fazer porque eu não sei cozinhar...aí comecei e no final perdi 3quilos...fiquei com tipo uns 47kg...o meu ideal...mas não foi fácil...tipo teve um dia que eu quase desmaiei na escola de fome (SAS3).

Quanto à dieta dos pontos – também conhecida como dieta das notas –, apesar de ter sido mencionada por mais de uma aluna, nenhuma delas afirmou ter seguido o plano alimentar proposto. A dieta dos pontos foi citada principalmente para se referir às artistas que a seguem e são admiradas pelo corpo magro e pelo sucesso na perda de peso eficiente. Com maior destaque nas entrevistas relacionadas, a atriz Carolina Dieckman foi frequentemente apresentada como referência no que se refere à dieta dos pontos, sobretudo pelo peso perdido após a gestação, cerca de 30kg.

Figuras 16 e 17

Carolina Dieckman – referência de magreza e sucesso em dietas



Fonte: *sites da Revista Shape*, disponível em <<http://www.revistashape.com.br/>> e da *Revista Boa Forma*, disponível em <<http://boaforma.abril.com.br/>>.

Na capa da primeira Revista, a chamada relacionada à atriz diz: “31 segredos da Carolina Dieckman para você ficar + bonita + saudável + feliz”. Associa-se explicitamente a beleza com a saúde e a felicidade, como última consequência, além de ter ao lado da imagem da atriz a palavra “Emagreça” em grande destaque. Já a Revista Boa Forma apresenta a tão comentada “Dieta das Notas” e como a atriz de 30 anos

perdeu os seus 30 kg. O seu emagrecimento pós-parto foi contado e re-contado por várias entrevistadas.

[...] tem aquela dieta dos pontos...da Carol Dieckman sabe...eu nunca achei assim a tabela dos pontos e das notas...deve ser difícil contar...mas também não comprei o livro...agora ela emagreceu 30kg...já pensou menina...ela tava uma baranga grávida...um bucho só...e de repente apareceu magra e linda com esse negócio de pontos...e o pior...ainda diz na televisão que não deixou de comer chocolate todo dia...é um sonho né...só mesmo sendo atriz da Globo (SGU2).

Partindo de um ponto de vista mais reflexivo, SLN2 também destaca a beleza da atriz e a perda de peso pelas dietas, ao mesmo tempo, questiona-se sobre suas próprias motivações para admirá-la.

Bom eu to em crise com isso ultimamente né...por exemplo...eu abri a revista estilo esse último mês né...a revista style...e eu achei...eu acho a Carolina Dieckman linda mas depois eu pensei por que que ela tá linda? Ela tá magérrima...ela tá puro osso...ela tá muito mais magra do que ela era...ela não tem curva nenhuma agora...e ela engordou 30 kilos na gestação..com essa tal dieta dos pontos agora ela tá muito mais magra do que ela era antes...ela não tem quase bochecha assim mas ela tá bonita e aí eu falei gente por que que ela tá bonita? De onde que eu tirei isso...que eu tenho que achar ela bonita? E por quê que eu não consigo achar uma mulher mais gordinha bonita?[...] (SLN2).

A entrevista de SLN2 é repleta de momentos como esse em que, apesar de se sentir impelida a emagrecer e não se sentir à vontade a comprar roupas maiores – como afirmou em outro trecho – , constantemente se questiona sobre esses valores, essas representações de beleza e como isto é imposto às mulheres. Quando se refere à beleza da atriz e a sua própria admiração à magreza, compara o seu corpo ao de seu marido, que segunda afirma, é gordo e não se preocupa com o fato de estar acima do peso. Além disso, relata uma situação em que compartilha com o marido o seu incômodo em estar sempre de dietas e em busca do emagrecimento.

[...] às vezes eu fico chateada...me canso...eu fico lá fazendo mil e uma coisas pra emagrecer...um monte de comida estranha e meu marido não tá nem aí...é gordo e nem se preocupa...no outro dia conversando com ele aí ele disse 'eu acho que essa visão contemporânea de mulher'...é uma visão riquíssima que ele trouxe

pra mim...“hoje em dia a mulher ela tá muito independente e o homem perdeu tudo o que ele tinha de domínio né na casa e tudo...então essa é uma forma de a indústria confundir as mulheres enlouquecendo elas dessa maneira...então você nunca vai tá satisfeita e o padrão tá cada vez mais osso...pra desesperar as mulheres...uma forma de tirar elas do ambiente seguro”...eu acho que isso mesmo...ficar o tempo todo...deixando elas inconscientemente piradas com essa coisa de ter que ser magra pra ser bonita... Aí eu descrevo essa mulher bonita...bom eu acho que...agora eu acho que é a mulher do jeito que ela achar que tá bem é bonita...eu acho que todas as mulheres que estão seguras...que estão com o sorriso no rosto...sabe...que estão com a cabeça erguida são bonitas...mas existe um padrão terrível e eu me recuso a gostar dele entendeu...agora eu tô contra...completamente contra (SLN2).

Interessante observar como SLN2, ao longo da entrevista, vai mudando de opinião e deixando transparecer sua insatisfação com a cultura da magreza em relação às mulheres. De modo muito simples e coerente, ela demonstrar como se trata de uma questão de gênero, que traz angústia às mulheres e não aos homens. É importante observar a relação entre a alimentação ou a comida e as representações de gênero, tal como é destacado por Zaluar (1982) ao afirmar que no âmbito familiar, a responsabilidade do homem é de “colocar a comida na mesa”, cabendo à mulher economizar para que a comida nunca falte. Contemporaneamente, é possível observar que as mulheres também passaram a ter a obrigação de gerir racionalmente o tipo de alimento que será consumido pela família, como foi possível inferir a partir do discurso das entrevistadas. A elas é atribuído o cuidado para com a alimentação dos/das filhos/as, que deve ser saudável, menos gordurosa, com menos açúcar e com uma variedade de vegetais que contribuam para a boa saúde¹⁰⁵. Afora tudo isso, deve ser capaz de se manter magra e, caso contrário, é duplamente culpada por não seguir o padrão atual e por não ter o controle dos hábitos alimentares.

¹⁰⁵ Isto pode ser observado tanto nas rotinas familiares, como também no discurso midiático, como em programas televisivos que abordam a temática da alimentação sempre se dirigindo ao público feminino. Como exemplo, além dos programas de culinária exibidos em canais de TV aberta no Brasil, cite-se o programa “Você é o que você come” – frase inclusive citada várias vezes pelas entrevistadas, não necessariamente para se referir ao programa -, em que uma nutricionista avalia os hábitos alimentares de uma família em que as pessoas estão acima do peso considerado saudável. Além de preparar uma reeducação alimentar acompanhada de atividades físicas, umas das estratégias utilizadas pela nutricionista/apresentadora são, antes das alterações da dieta da família, exibir sobre a mesa da residência todos os alimentos consumidos pela família no período de uma semana, inclusive em quantidade. Ao fazer isso, geralmente, responsabiliza a mãe pela má qualidade alimentar das crianças.

5.3.2 Quando o objetivo é engordar

Como já foi mencionado anteriormente, frente à quase totalidade de entrevistadas que tinha como objetivo o emagrecimento, seja pela saúde e/ou pela estética, uma história destoava das demais por ter como principal objetivo o ganho de peso e massa muscular. A jovem SGA3, de 19 anos, sofre de anorexia nervosa e havia voltado à academia há pouco mais de um mês. Um ano antes já tinha passado por lá e em razão do excesso de restrições alimentares e dos períodos em que ficava de jejum, foi na própria academia, enquanto se exercitava que SGA3 desmaiou e foi levada às pressas para o hospital.

SGA3 tinha todos os sintomas de anorexia, mas a família não percebia e achava que a sua vontade de emagrecer era normal. Além de comer pouco e passar dias à base de água ou apenas uma fruta, um ano antes sofria também com compulsões alimentares que a levaram à bulimia. Apesar de ainda estar abaixo do peso ideal, SGA3 diz nunca ter alcançado o seu objetivo de pesar 45kg, o que atribui à falta de controle e à fraqueza sentida por ter exagerado na dieta e nos exercícios físicos. Após um ano sem frequentar academia e com uma alimentação acompanhada pela família e por uma equipe de profissionais, SGA3 voltou à academia, mas agora é acompanhada pela mãe.

[...] tenho que fazer uma dieta muito rígida pra ganhar peso e massa muscular...eu sofro de anorexia e bulimia...fiquei internada e tudo...então tenho que controlar a comida pra ganhar peso e massa muscular...por isso que minha mãe também só quer que eu malhe aqui...ela tem medo de eu exagerar nas outras como antes [...]a minha dieta hoje é por recomendação médica...cheia de calorias extra...mas antes eu fazia por minha conta mesmo...só uma vez que fui no endocrinologista e ele me passou um remédio...a sibutramina...pra tirar o apetite...minhas dietas eram assim...eu pegava aquelas revistas onde tinham as modelos mais magras na capa...as mais bonitas né...aí eu via a dieta que tava lá e fazia tudo na metade...se era um copo de leite eu tomava meio...se era meia fruta eu comia nada...era assim...foi assim que consegui emagrecer...mas não cheguei no peso que eu queria...((eu perguntei quanto ela queria pesar))...ah eu queria 45 kg...bem sequinha mesmo (SGA3).

A anorexia nervosa, que figura entre os transtornos psiquiátricos com maior taxa de mortalidade, atinge principalmente mulheres jovens e adolescentes que, em busca de uma perfeição corporal associada à magreza, sofrem distorções da própria

imagem. Isto faz com que as pessoas com anorexia sintam-se sempre acima do peso, porque, na verdade, é assim que elas se enxergam. SGA3, mesmo já estando com o peso bem abaixo do “normal”, continuava insistindo em sua dieta radical, sem perceber os sintomas dos transtornos. “[...] eu me olhava no espelho e via uma baleia...sinceramente...parece coisa de doido...e sempre que eu emagrecia mais 100 gramas...mais 200 gramas...meio quilo...eu queria mais [...]” (SGA3).

Analisando o culto ao corpo na cultura brasileira sob a ótica de gênero, Goldenberg (2005) evidencia que a construção do padrão de beleza feminino tem sido construído a partir das imagens corporais de supermodelos como Cindy Crawford, Linda Evangelista e a brasileira Gisele Bündchen. Este padrão, que não teria uma relação necessária com os ideais de beleza feminina para os homens, seria uma das razões de a anorexia e a bulimia terem se tornado uma epidemia entre jovens mulheres.

Há alguns anos surgiu na *internet* o movimento Pró-anorexia, em que principalmente mulheres passaram a defender a anorexia como estilo de vida. Muitas comunidades virtuais foram criadas, como *blogs*, *fotologs* e comunidades na rede de relacionamentos *Orkut*, para a divulgação de tal concepção e compartilhamento dos desejos de controle alimentar e do corpo, além da divulgação de práticas específicas para a perda de peso e estratégias para que as famílias não identificassem o transtorno. O espaço virtual se tornou um lugar onde ser Ana, a identidade das Pró- Ana, se tornou possível.

Uma vez que anorexia é reconhecida como desordem alimentar, como doença pelo discurso médico, o espaço virtual torna-se um ambiente no qual é possível compartilhar suas “ideologias” de magreza como corpo ideal, sendo, ao mesmo tempo, um espaço público, que permite a explicitação dos seus sentimentos e a interação com outras pessoas sem se identificar, e um espaço privado, na medida em que é possível se esconder da família e das pessoas conhecidas que poderiam repreendê-las. Por isso, essas jovens mulheres não aproveitam sua identidade do “mundo real”, o *cyberespaço* possibilita a criação de novas identidades, que neste caso foi denominada Ana (AMARAL, 2008, p. 5).

SGA3 se referiu às comunidades Pró-Ana onde afirma ter ido para buscar informações de dietas e técnicas para provocar o vômito. No entanto, não concorda com a concepção de anorexia como estilo de vida. Seu objetivo era apenas se sentir verdadeiramente magra e se livrar da culpa de comer demais, principalmente pães e guloseimas. “Quando eu comecei a emagrecer todo mundo me elogiava e eu me sentia

bem com tudo isso...por isso queria mais e ficava deprimida por comer besteira...massa” (SGA3). Como salientado por Damico, “[...] muitas mulheres jovens se culpam pelo apetite, que funciona como um marcador social potente na medida em que pesa sobre a mulher gorda a ameaça de ela estar fora dos padrões da sociedade de consumo e o constrangimento sexual por estar fora do espectro do olhar social (DAMICO, 2007, p114-115).

A depressão foi um dos elementos que desencadeou os transtornos alimentares em SGA3, que desde a adolescência já sofria por ser considerada “gordinha” na escola e na família. Com a perda do pai, aos 16 anos, passou a ganhar mais peso e comer compulsivamente. Decidiu parar de comer e em momentos de crise perdia o controle e se alimentava de forma compulsiva. Quando chegou pela primeira vez à academia já tinha perdido 20 kg e estava com o peso comparável ao das supermodelos, mas ela já não se enxergava mais e continua se sentindo gorda.

SGA3 passou cerca de um mês internada para que fosse reintroduzida a alimentação, para que o seu corpo voltasse a aceitar a comida. Neste período, além de deixar a academia, saiu do curso pré-vestibular, deixou de sair com as amigas e voltou a se sentir deprimida. Sentia-se sozinha e não entendia porque as pessoas achavam que ela queria morrer. *“Todo mundo vinha falar comigo...eles achavam que eu não queria viver sabe e por isso não comia...e eu dizia que estava só de regime...só queria ficar magra...mas ninguém entendia” (SGA3).* O retorno à academia foi liberado após um ano da internação e, mesmo com tudo o que passou, SGA3 confidenciou durante a entrevista como o medo de engordar ainda permanece no seu íntimo.

Eu gosto de ser magra...não quero ficar gorda...morro de medo..nunca mais eu quero ser gorda na minha vida ((fala incisivamente))...acho que nem todo mundo é assim mas eu não quero ficar gorda não...ninguém acha uma gordinha bonita...isso é a verdade...não precisa ser magricela como as modelos...mesmo as roupas ficando melhor nas magras ((sorri))...eu vou engordar aqui mas não quero muito não...

5.4 O desejo pela intervenção e pela “eficiência”

Dando continuidade à análise de como as dimensões do culto ao corpo e à magreza integram as experiências de corporeidade das mulheres entrevistadas, faz-se necessário tratar, ainda, das práticas interventivas, aqui caracterizadas como submissão

a cirurgias plástica e/ou outras intervenções médico-cirúrgicas. Como pode ser inferido a partir de toda a contextualização teórica e histórica no que concerne à corporeidade feminina, o corpo das mulheres sempre esteve muito mais propenso a intervenções, o que foi reforçado, no último século, com o avanço da medicina estética e o modo como imperativo da beleza se impôs.

No Capítulo 3 foram apresentadas informações significativas sobre o mercado das cirurgias plásticas e sua incidência sobre as mulheres. Como também já foi evidenciado, a medicalização do Ocidente enquadrou o corpo como objeto de intervenção passível de ser moldado diante do conhecimento científico e das novas possibilidades de “melhoramento”. Nesta perspectiva, são desenvolvidas inúmeras intervenções com a pretensão de driblar a morte, o envelhecimento, o peso, sinais e características indesejáveis, que vão desde remédios e cosméticos, até procedimentos mais invasivos em que são inseridos no corpo tubos aspiradores de gordura, entre outros.

No discurso científico contemporâneo, o corpo é pensado como uma matéria indiferente, simples suporte da pessoa. Ontologicamente distinto do sujeito, torna-se um objeto à disposição sobre o qual agir a fim de melhorá-lo, uma matéria-prima na qual se dilui a identidade pessoal, e não mais uma raiz de identidade do homem (LE BRETON, 2003, p. 15).

O tema das cirurgias plásticas e outros procedimentos estéticos foram mencionados com frequência pelas entrevistadas, tanto para explicitar o desejo de transformar o corpo, como para apontar práticas possíveis em busca da perfeição. Como foi explicitado no Gráfico 9, apenas 20% das mulheres já tinham se submetido a cirurgias plásticas, no entanto, o desejo de mudar o corpo pela via da intervenção foi revelado por quase a totalidade das entrevistadas. Afora as cirurgias plásticas, outras intervenções foram citadas, como é demonstrado na tabela a seguir.

Tabela 7

Desejo de mudar o corpo e submissão a cirurgias plásticas/intervenções estéticas

Sócia Entrevistada	Desejo de mudar o corpo	Cirurgia plástica e intervenções médico-cirúrgicas	Outras intervenções estéticas
SAS1	Sim	Reparadora de seios, silicone nos seios	Lifting
SAS2	Sim	Não	Peeling
SAS3	Sim	Não	Depilação, fazer a unha
SAS4	Sim	Não	Não
SGA1	Não	Não	Não
SGA2	Sim	Não	Drenagem linfática
SGA3	Sim	Não	Não
SGU1	Sim	Não	Depilação, modelação abdominal com gesso
SGU2	Sim	Lipoaspiração na barriga e duas cirurgias nos seios ¹⁰⁶	Botox, preenchimento
SGU3	Sim	Não	Não
SGU4	Sim	Não	Depilação, tratamento para manchas do rosto
SLN1	Sim	Lipoescultura, correção do nariz	Drenagem linfática, limpeza de pele, depilação
SLN2	Sim	Não	Ultrassom abdominal, drenagem linfática
SLN3	Sim	Não	Drenagem linfática
SLN4	Sim	Lipoaspiração na barriga e no quadril, correção das pálpebras	Limpeza de pele, drenagem linfática, intradermoterapia
SNB1	Sim	Não	Depilação a laser
SNB2	Sim	Não	Não
SNB3	Sim	Não ¹⁰⁷	Fazer a unha
SNB4	Sim	Não	Depilação
SRF1	Sim	Não	Não
SRF2	Sim	Não	Não
SRF3	Sim	Não	Não
STG1	Sim	Não	Não
STG2	Sim	Mini-abdômen	Bioplastia
STG3	Sim	Reparadora de seios, silicone nos seios, lipoaspiração na barriga	Botox

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora. Brasília-DF, 2008/2009.

¹⁰⁶ SGU2 tinha uma nova cirurgia marcada, uma abdominoplastia, que segunda afirma trata-se de um complemento da anterior.

¹⁰⁷ SNB3 já estava com duas cirurgias marcadas, nos seios e na barriga.

No roteiro que guiou as entrevistas (em anexo), era perguntado inicialmente se a aluna tinha vontade de mudar o corpo. Algumas responderam considerando as transformações possíveis com dieta e exercício físico, mas a maior parte referiu-se à possibilidade ou não de uma cirurgia plástica. Em caso de resposta vaga, em seguida perguntou-se se já tinham feito alguma cirurgia plástica e, via de regra, elas já explicavam por que procedimentos já tinham passado.

Por fim, ainda que o foco do questionamento fossem os procedimentos interventivos e, portanto, mais invasivos, e voltados para o emagrecimento, também foi questionado se elas já tinham feito algum outro tipo de procedimento estético. As respostas foram bem diversas, algumas consideraram a ida ao salão de beleza para fazer a unha ou as depilações quinzenais, outras citaram o uso de botox, a drenagem linfática, entre outras intervenções que podem ser observadas no quadro acima.

De todas as entrevistadas, apenas SGA1 afirmou categoricamente que não gostaria de se submeter a qualquer procedimento, cirúrgico ou não. Apesar de admitir que precisa perder peso, é enfática ao afirmar que não faria cirurgia e acrescenta “[...] *Deus me livre ir me operar para tirar alguma coisa ou botar sei lá...hoje em dia todo mundo tá fazendo...até homem né ((sorri))...eu que não quero....prefiro minhas gordurinhas aqui do jeito que eu sou mesmo*” (SGA1).

O desejo de se submeter a uma cirurgia plástica está diretamente relacionado com a insatisfação com o corpo – comumente com o peso, especificamente – e com a dificuldade de transformação por outras vias. As cirurgias plásticas não foram uma opção imediata para as participantes da pesquisa. Inicialmente tentaram dietas e diferentes atividades físicas. Quando estas não são eficientes, buscam as intervenções cirúrgicas para que possam ter o resultado desejado. Tal posicionamento é recorrente inclusive entre as mulheres que não fizeram cirurgias plásticas e afirmam que só fariam se conseguissem emagrecer ou fazer uma reeducação alimentar.

[...] eu já fiz três cirurgias plásticas e tenho mais uma em agosto...eu fiz uma lipoaspiração e fiz duas cirurgias de mama e vou fazer uma abdominoplastia...tem lugar no corpo que não adianta exercício...essa vai ser um complemento da lipo que eu fiz porque eu engordei três quilos...foi o que eu perdi na cirurgia e ganhei [...]...é por isso que eu tenho que malhar e vê se eu consigo voltar pra fazer minha próxima cirurgia...porque eu não quero que meu médico me veja mais gorda do que eu saí de lá (SGU2).

Lá em casa minha irmã e minha mãe já fizeram...eu to esperando emagrecer pra tirar a barriga... isso que eu queria mudar...ficar sem barriga bem lisinha (SAS2).

Conforme salientado por SAS2, quando alguém da família se submete a uma cirurgia estética, outras são encorajadas para fazer o mesmo. No caso de SGU2, que tem duas filhas jovens, uma colocou silicone nos seios e a outra fez uma lipos aspiração no abdômen. A filha de SAS1 fez uma intervenção para correção do nariz. A mãe de SLN1 já fez duas lipoaspirações e passou por algumas dificuldades no pós-operatório. Ainda assim, ela diz que, se o marido permitisse, gostaria muito de fazer novas intervenções.

A opção por intervenções cirúrgicas é justificada não apenas pela mudança na aparência, mas pelo aumento da auto-estima e para a criação de um novo sentido ou significado para o corpo, o que pode ser relacionado com a constituição de identidades. A construção do corpo é também a construção de si e, nesta perspectiva, a partir da transformação radical do corpo é como se as mulheres pudessem encontrar a si mesmas, a se libertar de algo que as oprime, muitas vezes sem perceber como estão enredadas pelo “mito da beleza”. Também com relação às práticas interventivas foi mencionada a relação com a sexualidade, como informado por SLN4 a respeito de sua relação com a nudez.

SLN4, que tem 56 anos e é viúva, passou anos de sua vida sem se relacionar sexualmente após a morte do seu companheiro, negando sua corporeidade, inclusive em outras dimensões da sua vida. Como ela afirma “[...] foram anos pensando em trabalho e cuidado com os/as filhos...eu mal me olhava no espelho [...]” (SLN4). Com terapia e o início de atividades físicas, foi estimulada para uma mudança radical que a levou à lipoaspiração na barriga e no quadril, além da bleforoplastia – correção das pálpebras. Após a cirurgia e a transformação do corpo, teve coragem de voltar a se relacionar sexualmente e, recentemente, incentivou o namorado a passar pelos mesmos procedimentos.

A vontade está na preocupação de modificar o olhar sobre si e o olhar dos outros a fim de sentir-se existir plenamente. Ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade. A cirurgia estética não é a metamorfose banal de uma característica física no rosto ou no corpo; ela opera, em primeiro lugar, no imaginário e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo [...] A cirurgia estética oferece um exemplo impressionante da consideração social do corpo como artefato da

presença e vetor de uma identidade ostentada (LE BRETON, 2003, p.29/30).

A expectativa com relação ao resultado das cirurgias e às transformações subjetivas emergentes ganham destaque, inclusive suprimindo as preocupações com os riscos das intervenções. Exceto na entrevista de SLN1 que a temática do risco foi abordada em função do acontecido com sua mãe, em nenhum dos casos foi alvo de preocupação, nem os riscos, nem as dores ou prováveis dificuldades no pós-operatório. O foco de atenção é a cirurgia e os resultados almejados que devem alcançar aquilo que não se consegue transformar por outras práticas. As expectativas maiores estavam centradas no tamanho dos seios ou no aspecto liso (ou não) da barriga, ou seja, na eficiência do procedimento.

A medicina estética pode ser representada como uma das mais recentes formas de controle da corporeidade feminina, na medida em que grande parte das práticas envolvidas no culto ao corpo e à magreza, nas suas diferentes dimensões, são extremamente disciplinadoras. A respeito da normatização do corpo feminino, Bordo (1997) as caracteriza como opressões de gênero exercidas pelas próprias mulheres, sendo, ainda, reconhecidas como estratégias poderosas de controle social. Este e outros aspectos já problematizados nessa pesquisa evidenciam o importante papel da corporeidade nas significações e reprodução das desigualdades de gênero.

No campo das práticas interventivas, vale ressaltar, ainda, que além das cirurgias e procedimentos, vive-se hoje uma ampla difusão de fármacos que também atuam como intervenções corporais. A indústria farmacêutica tem um grande filão no mercado da indústria da beleza e o Brasil se destaca pelo alto consumo de medicamentos controlados, tais como inibidores de apetites e psicotrópicos anorexígenos. Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas – ONU, divulgado em 2006, o Brasil liderava o consumo de anorexígenos, chegando a 9,1 doses diárias por mil habitantes entre 2002 e 2004 – um aumento de cerca de 20% com relação ao período entre 1992 e 1994¹⁰⁸.

Entre as informantes da pesquisa, parte significativa das entrevistadas – cerca de 60% – afirmou ter utilizado algum tipo de medicamento para emagrecer, entre produtos manipulados, naturais, anorexígenos, diuréticos, laxantes. Os medicamentos

¹⁰⁸ Matéria da BBC Brasil, publicada na Folha.com, **Brasil 'lidera consumo de remédios para emagrecer'**, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u51348.shtml>> , acessado em 01 de março de 2006.

mais citados foram: sibutramina e anfepramona. De acordo com o Relatório 2009¹⁰⁹, do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária da ANVISA, o DF está em segundo lugar entre os estados que mais consomem produtos industrializados à base de cloridrato de sibutramina. Já com relação ao consumo de produtos à base de anfepramona, o DF aparece em quarto lugar no país, tanto com relação aos manipulados como os industrializados.

A lógica perseguida para o consumo de medicamentos pelas mulheres entrevistadas é muito semelhante à lógica que as faz procurarem as cirurgias plásticas e se baseia no resultado rápido e eficiente. Ao invés de uma reeducação alimentar orientada por profissionais, optam pela medicação que traz efeitos imediatos. Os riscos do consumo de tais produtos, não é alvo de preocupação, assim como os riscos das cirurgias plásticas. No entanto, reconhecem que se o uso da medicação não for associado a outras práticas, voltam a ganhar a peso, o que geralmente acontece de forma ainda mais intensa. Como não podem tomar remédio eternamente e para a compra destes produtos é necessária uma receita médica, acabam desistindo do uso da medicação¹¹⁰.

5.4.1 O protagonismo da barriga

Retomando o tema da insatisfação corporal e a relação com as práticas interventivas, foi quase que consensual a insatisfação das mulheres com a barriga. É a parte do corpo que praticamente todas as informantes gostariam de mudar. Como em tempos anteriores, a barriga ainda pode ser considerada um sinal de distinção, no entanto, com um sentido diferente. Atualmente, a barriga saliente se aproxima do estigma que recai também sobre a obesidade, ao contrário das épocas em que significava fartura e *status*.

De acordo com a conceituação apresentada por Goffman (1988), o estigma pode ser entendido como uma característica negativa, um atributo social associado à ideia de desvio e que é incorporado à identidade da pessoa. O sujeito estigmatizado deixa de ser reconhecido pela sua identidade, aparecendo apenas como pertencente a um

¹⁰⁹ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Relatório 2009**. 2010. Disponível em http://www.anvisa.gov.br/hotsite/sngpc/relatorio_2009.pdf, acessado em 23 de outubro de 2010.

¹¹⁰ SGA3 relatou um episódio em que comprou um medicamento controlado pela *internet* e passou dois dias com dúvidas se deveria tomar ou não por não confiar na fórmula.

grupo desviante. A obesidade, atualmente, é identificada a um tipo de estigma, como uma “aberração” produzida pelo próprio indivíduo, conforme salientado por Ortega (2008, p. 46): “Os estereótipos atuais contra os gordos, idosos e outras figuras que fogem ao padrão do corpo ideal têm o mesmo efeito estigmatizador e excludente”.

Recentemente, em um concurso público para professor no estado de São Paulo, os/as professores/as considerados/as obesos/as foram reprovados no teste de aptidão física pelo Departamento de Perícia da Secretaria Estadual de Gestão Pública de São Paulo. Apesar da nomeação no Diário Oficial da União, todos/as foram reprovados/as e impedidos/as de tomar posse no cargo e exercer as funções em que estavam qualificados/as mediante o próprio concurso público. Segundo a matéria intitulada *Governo do Bullying* (2011)¹¹¹, a decisão da Secretaria foi tomada de forma arbitrária e sem qualquer respaldo de especialistas em obesidade. Entre as candidatas reprovadas, Fabiana de Azevedo ilustra o sentimento de frustração e estigmatização pelo qual passou: “Como a gente não se encaixa naquela forma que acham que é perfeita, acaba descartada” (p. 29).

A barriga que não se enquadra nos adjetivos, tais como: “sequinha”, “sarada”, “lisinha”, “plana”, “marcada”, “tanquinho”, entre outros, é frequentemente percebida como o símbolo da obesidade e da imperfeição, sendo um grande motivador para a busca de uma intervenção médico-cirúrgica. A relação com a obesidade e a conseqüente necessidade de emagrecimento foi apresentada por grande parte das informantes, mesmo aquelas que apresentavam peso satisfatório, de acordo com o IMC. Além do estigma da obesidade, a barriga saliente também é relacionada com o envelhecimento e a falta de cuidado, atravessando a dimensão da culpabilidade.

[...] Gostaria...((pausa mais longa – ela fica pensando)) eu queria muito tirar a barriga...fazer uma lipo daquelas e tirar uns dez litros porque mesmo malhando e com a dieta tem sempre um buxinho que fica ou um pneuzinho..mas não tenho dinheiro pra isso por enquanto...é muito chato ter barriga porque a gente não pode usar as roupas...nem as calcinhas...porque não é qualquer calcinha...se apertar e ficar mostrando a banha caíndo...é muito feio e a pessoa...a mulher né...principalmente a mulher tem que ter bom senso (SNB1).

Pela fala de SNB1, é evidente o desejo de se submeter a uma cirurgia com vistas à retirada do excesso de gordura na região abdominal, que não é feita

¹¹¹ Revista do Brasil. *Governo do Bullying*. N. 57, março/2011, p. 28-30.

imediatamente por razões financeiras. Vale ressaltar, ainda, como a permissão para a barriga saliente ainda é dada aos homens, já que na sua perspectiva, a mulher tem que ter bom senso e disfarçar qualquer sinal que demonstre uma barriga fora dos padrões ideais. A barriga que para as mulheres em geral também está ligada às concepções de fertilidade e maternidade, contemporaneamente é ressignificada para evidenciar o descuido, a decadência, a perda de atividade e autonomia, para aquelas que a deixam “crescer”.

É justamente o crescimento da barriga advindo das gestações, o grande objeto de preocupação das mulheres. Assim como são admiradas as celebridades que conseguem emagrecer e exibir suas barrigas “lisas” nas capas das revistas poucos meses depois de parirem seus/suas filhos/as, entre as mulheres “reais” o desejo de retomar o corpo anterior à gestação é latente. Uma demora neste sentido pode significar que a mulher é desleixada e descuidada, sem ao menos haver algum tipo de preocupação com o período pós-parto, a amamentação ou a saúde da criança. O que está em jogo é a barriga.

[...] no final do ano passado fiz uma lipo na barriga porque minha filha acabou comigo...fiquei com uma barriga enorme...tu não tem noção...quando saí do hospital com aquela barriga mole...e tinha os pontos da cesárea né...foi terrível...eu tinha muito medo de ficar gorda depois de ter filho...nunca mais voltou ao que era antes... já to querendo fazer outra (STG3).

Grande parte desta representação que estigmatiza a barriga se construiu pelo modo como a mídia explora a região abdominal das mulheres. Os diferentes meios de divulgação e comunicação, televisão, *internet*, *outdoors* e revistas especializadas, retratam tal área do corpo com destaque. Como foi destacado em tópicos anteriores, o próprio material de divulgação da academia pesquisada apresenta de forma evidente a perda de medidas na região da cintura como símbolo da eficiência de seus métodos (figuras 1 e 14).

O discurso científico, por sua vez, vem alertando para o risco de problemas de saúde decorrentes do acúmulo de gordura nesta região, agravando o “protagonismo da barriga” como marcador de desvio ou distinção. Por fim, frente ao exposto, pode-se entender porque entre os procedimentos cirúrgicos mais populares no Brasil está a lipoaspiração abdominal, superada apenas pelo aumento do seio, e que, “coincidentalmente”, também foi o procedimento mais citado entre as mulheres entrevistadas, tanto entre os realizados, como os desejados.

5.4.2 O corpo como “cartão de visitas”

Em uma das primeiras entrevistas realizadas, sem que houvesse uma questão explícita sobre o significado do corpo, SAS1 usou uma metáfora para descrever o sentido do corpo:

[...] o corpo é a sua apresentação...é o seu cartão de visitas...porque se você se apresenta toda desarrumada...até sua postura influencia né...se você chega com uma aparência estranha as pessoas vão fazer uma leitura de você como uma pessoa insegura ou que não se pode confiar...a mulher principalmente...porque o homem tem mais liberdade pra ser bagunçado...ninguém liga muito...até que tá mudando mas no geral é assim...mas pra gente é diferente...é preciso a gente ter uma boa apresentação e isso inclui vários cuidados com a pele...cabelo...rosto...tudo...o corpo mesmo (SAS1).

A reflexão de SAS1 sobre o significado do corpo na contemporaneidade soou como uma revelação do que seria recorrente em várias outras entrevistas ao longo de todo o período da coleta de dados. Ainda que aspectos da beleza interior, felicidade, segurança de si e outros tenham sido ressaltados como signo de distinção, a relação entre corpo e aparência foi, muitas vezes, traduzida como reveladora da essência da pessoa. Como se através do corpo, ou seja, do seu “cartão de visitas”, fosse possível conhecer sua personalidade, habilidades, algo como um prenúncio da pessoa.

No texto clássico de Mauss (2003), *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”*, é evidenciada a concepção de que cada sociedade impõe aos indivíduos uma forma de lidar e usar o próprio corpo, o que estaria intimamente relacionado à sobreposição de identidades que recaem sobre estes mesmos indivíduos, demonstrando como a noção de pessoa é socialmente construída e sua relação com as técnicas corporais¹¹². “De uma simples mascarada à máscara; de um personagem a uma pessoa, a um nome” e Mauss (2003, p. 397) prossegue em suas conclusões questionando o caráter sagrado da pessoa humana: “Quem pode mesmo dizer que essa ‘categoria’, que todos aqui acreditamos estabelecida, será sempre reconhecida como tal? Ela só se formou para nós, entre nós”.

¹¹² Em um texto muito pertinente acerca da noção de pessoa Seeger *et al* (1979) ressalta a importância da noção de pessoa, que especificamente no estudo das comunidades indígenas brasileiras se constrói a partir de uma relação estreita com a corporeidade, reforçando, desta forma, o quanto a categoria pessoa se remete a construções culturalmente variáveis.

Na sociedade contemporânea vive-se o ápice da cultura da aparência, que tem o culto ao corpo e à magreza como sua manifestação latente. Construída historicamente, trata-se de um processo desencadeado desde o século XIX, como demonstra Vigarello (2006) que ao empreender uma história da beleza através dos tempos, aponta este período como marcante para a maior exposição dos corpos, a concessão de maior liberdade aos desejos e que passam a ter, nos espaços públicos, novas possibilidades de sociabilidades e expectativas estéticas.

Conforme salientado anteriormente, é neste contexto em que se evidenciam os primeiros sinais da transformação da beleza em obrigação para as mulheres. No olhar de Vigarello (2006, p. 105), o século XIX inaugura um apelo “democrático” para a transformação de si no qual o estado de liberdade teria criado para as mulheres “uma responsabilidade por sua beleza; não há mais desculpa” (Journal pour Tous, citado por VIGARELLO, 2006, p. 105). O modelo ideal passou a ser representado como uma conquista, algo que pode ser criado. A visibilidade nos espaços públicos de sociabilidade e a atração pelo olhar do outro na contemporaneidade, é alvo de reflexão de Le Breton (2003, p. 78/79):

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc., quer dizer, a maneira cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias [...] A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o olhar fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral [...] Roupas, cosméticos, práticas esportivas, etc., formam uma constelação de produtos desejados destinados a fornecer a ‘morada’ na qual o ator social toma conta do que demonstra dele mesmo como se fosse um cartão de visitas vivo.

Compreende-se, portanto, a íntima relação entre a aparência e a construção das subjetividades contemporâneas, na medida em que o corpo passou a ter um papel central no âmbito das sociabilidades emergentes. Sem desconsiderar os preconceitos de gênero que recaem sobre o imperativo da beleza, o que pode parecer mera futilidade ou capricho quando se trata das práticas de culto ao corpo são, também, modos de identificação entre pares que se reconhecem a partir das práticas que giram em torno da

construção da aparência, como pôde ser observado a partir dos discursos das entrevistadas.

Além de se caracterizar como um lugar onde se inscrevem marcas sociais, o corpo é também um espaço de comunicação que atua, simultaneamente, pela gestualidade e pela forma “[...] culturalmente codificada para operar como um indicador de poder social e prestígio” (FEATHERSTONE, 1994, p. 55). Implicadas tanto com a gestualidade como nas formas de apresentação, as práticas de culto ao corpo, nas diferentes dimensões explicitadas, como expressões comunicativas do corpo representam signos de distinção social no sentido bourdieusiano.

Ainda que não tivessem tal nível de reflexividade sobre os sentidos e os modos de construção da aparência, as entrevistadas demonstraram como estão imersas nestas redes de significados que têm nas práticas corporais um caminho para a construção e o reconhecimento de si frente ao grupo social. Em algumas entrevistas, inclusive, conscientes de como tais práticas se impõem às mulheres de forma diferenciada, refletindo na criação de estereótipos de gênero que incidem, por exemplo, nas sociabilidades presentes nas relações de trabalho.

[...] se você tá largada...um exemplo...vai pra uma entrevista de emprego e chega lá toda relaxada o cara vai achar que você tá...“ah essa menina não...não vai né”...ai se você for mais arrumadinha mais assim...com certeza [...] já é um ponto a mais na entrevista né ((eu pergunto sobre a beleza interior que ela se referiu anteriormente)) Aí é a aparência mesmo...a aparência...é a primeira impressão é a que fica né...e isso é muito importante pra mulher...então você tem que juntar os dois né...ter uma auto-estima boa...tá bem consigo mesma pra poder se mostrar (SAS4).

[...] pra você arrumar um emprego....sempre vão dar emprego pras meninas mais bonitas...seria minha hipocrisia se eu dissesse que não...influencia sim sempre influenciou eu acho...a aparência influencia muito o cuidado...se você cuida do cabelo se você faz a unha eu acho que isso tudo...faz um diferencial...porque imagina você ir numa consulta que a médica tá toda feia e descabelada....é a mesma coisa de ir numa nutricionista gorda...já pensou? Não dá credibilidade (SRF3).

Partindo das reflexões de SAS4 e SRF3, é possível perceber como opera, em suas representações, a linguagem corporal nas relações de trabalho. Inicialmente, SAS4 apresenta uma preocupação semelhante à apresentada no início deste tópico, que é o quê comunicar na primeira impressão, ou seja, quando se inaugura uma nova relação,

revelando uma representação do corpo como “cartão de visitas” e revelador da essência da pessoa. SRF3 é enfática ao afirmar que as mulheres bonitas – referindo-se à aparência – têm preferência na conquista de um emprego. Mais do que isso, para ilustrar tal relação, cita o exemplo de profissionais que pela aparência gorda ou feia, não transmitiriam confiança e legitimidade nos serviços oferecidos. Em ambas as falas é possível empreender uma análise a partir da perspectiva de gênero, na medida em que se nas mesmas situações apresentadas ao invés de mulheres, fossem homens, provavelmente a valorização da aparência apareceria de forma diferenciada.

A preferência por mulheres magras em entrevistas de trabalho foi citada por outras alunas, apresentando-se, ainda, como uma inquietação constante por parte das profissionais educadoras físicas. Assim como na visão de SRF3 uma nutricionista não pode ser gorda – o que em nenhum momento foi relacionado com a competência profissional – para as professoras entrevistadas a pressão por um corpo magro também se faz presente, seguindo a mesma lógica de legitimação do saber pela linguagem corporal (forma). Mais do que isso, dificilmente encontra-se em qualquer academia de ginástica, seja feminina ou não, educadoras físicas acima dos 40 anos. Entre as profissionais entrevistadas, apenas tinha mais do que 30 anos de idade e estava acima do peso. As demais, ainda que revelassem insatisfação com a aparência ou o peso, estavam na faixa etária entre 20-29 anos e dentro do IMC considerado normal.

Tô acima do peso...64,5kg...não olha só...com muitos problemas e muito stress que eu passei dos quatro anos pra cá...divórcio e tal...eu acabei e engordei 10kg...mas pra mim meu peso não é esse...mas eu não sou daquele tipo de pessoa que...se eu fosse ver peso e altura e tudo eu teria que ter uns quarenta e poucos quilos...mas pra mim não é meu peso ideal...só que é um problema também pra arrumar emprego...a idade e o peso...pelo menos o peso eu tô trabalhando aqui...sempre chego mais cedo pra fazer o circuito (P7).

Como foi explicitado nos Gráficos 10 e 12 sobre a satisfação com o peso corporal, 84% das alunas e 56% das profissionais revelaram-se insatisfeitas. A satisfação com o corpo e mais especificamente com a aparência magra foi constantemente associada ao estado de felicidade. Constitui-se uma contradição da qual nem todas podem perceber, mas que ao afirmarem que “a mulher bonita é feliz consigo mesma” (SRF3), “é preciso estar bonita pra poder se mostrar” (SGU3), “pra vida sexual é importante se sentir bonita” (SLN4), parece haver um entendimento comum de

que um mesmo padrão de beleza específico é possível para todas e que não há felicidade possível fora da beleza. Mais do que isso, reproduzem os discursos de verdade sobre o corpo que reforçam a culpa daquelas que optam em não participar de práticas de culto ao corpo.

No conjunto dos relatos e histórias de vida das entrevistadas, há mulheres que adiaram o casamento ou a maternidade porque deveriam emagrecer antes. Outras que deixaram de fazer uma viagem ou de se relacionar afetivamente por vergonha de expor o corpo em público. Há as que se recusam a comprar roupas no tamanho adequado ao seu corpo, que se submeteram a procedimentos cirúrgicos significativamente invasivos ou levaram o corpo ao limite com dietas extremas. Estas e outras histórias que não puderam, por uma razão ou outra, ser exploradas neste trabalho, demonstram como em nome de uma “felicidade maior” associada à beleza e à magreza, as mulheres abrem mão de outras felicidades do seu dia-a-dia.

Analisando a cultura do consumo estabelecida na contemporaneidade, Baudrillard (2007) evidencia como a indústria capitalista associa o consumo à felicidade, fazendo despertar nas pessoas o desejo pela posse de bens imersos em um ideal de realização amplamente divulgado pelos instrumentos midiáticos. O corpo, como objeto de consumo, também é alvo da indústria que, tal como observado por Del Priore (2000, p. 92) “[...] ensina às mulheres que cuidar do binômio saúde-beleza é o caminho seguro para a felicidade individual”. A felicidade é associada à beleza que, por sua vez, é construída a partir de referenciais de magreza, tornando-se este o objetivo maior.

O filósofo Lipovetsky (2000) posiciona-se criticamente frente a teóricas feministas que defendem a concepção de que o culto ao corpo ou o mito da beleza seria uma forma contemporânea de dominação masculina. Do seu ponto de vista, a beleza teria ingressado em uma era democrática, se descaracterizando como um privilégio de classe e alcançando também os homens. Sabe-se, no entanto, que, embora contemporaneamente o mercado da beleza tenha se diversificado e busque atingir o público masculino, trata-se de uma lógica completamente diferente, na medida em que a corporeidade feminina sempre esteve mais vulnerável às formas de controle e que a beleza para as mulheres se constituiu na dimensão da identidade. A forma como as mulheres são alcançadas pelo imperativo da beleza, lhe trazem um conjunto de consequências que atingem o corpo, mas também as subjetividades.

Longe de viverem uma “era democrática” em relação aos seus corpos e ainda que o culto ao corpo se configure como um estilo de vida cada vez mais extensivo aos gêneros, as mulheres não estão libertas em sua corporeidade. Ao contrário, estão envolvidas em uma teia de relações que as faz acreditar que retirar uma costela para afinar a cintura ou deixar de comer um alimento que goste poderá levá-las à felicidade verdadeira. São essas mesmas mulheres que fazem exercícios físicos sem olhar no espelho para evitar encontrar-se consigo mesmas e que persistem na busca do corpo magro, jovem e saudável cotidianamente apresentado pelos discursos médico e midiático como padrão de saúde, beleza e felicidade.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

“Existe...é uma futilidade porque tem gente que é gordo e tem saúde...então tem que ser saudável...e tem gente que é magra e tem colesterol alto...tem diabete e tem um monte de coisa...essa imposição de ser magro vem mesmo é da televisão...a mulher modelo...principalmente Big Brother Brasil...a mulher tem que ficar gostosa pra entrar lá então é isso...eu nunca vi uma gorda na playboy...nunca vi...é triste mas é isso mesmo...mas também se tivesse alguma gorda ninguém ia comprar...a magra não precisa ter vergonha pra ficar pelada mas a gorda se ficar pelada todo mundo fala logo que não tem nem vergonha de mostrar as banhas”

SNB4

Eco (2007), na conclusão de seu livro, *Como se faz uma tese em ciências humanas*, ressalta o caráter desafiador que permeia o desenvolvimento de uma tese, salientando que esta pode ser vivida como um interjogo ou uma caça ao tesouro. “Há uma satisfação desportista em andar a caça de um texto que não se encontra, há uma satisfação de charadista em encontrar, depois de se ter refletido muito, a solução de um problema que parecia insolúvel” (ECO, 2007, p. 233). O espaço da “conclusão” talvez seja o momento em que se recebe parte especial do tesouro que corresponde às inquietações iniciais que nortearam o estudo. No entanto, não posso dizer que cheguei aqui com apenas uma conclusão ou uma solução para o problema inicialmente levantado.

O próprio caráter polissêmico das práticas corporais que caracterizam o fenômeno do culto ao corpo ou o corpo por si só, revelaram durante a pesquisa os seus múltiplos sentidos, respondendo algumas, mas também fazendo emergir novas perguntas, de modo que não acredito ser capaz de concluir o assunto como se não houvesse mais o que falar e sim tecer minhas últimas considerações, deixando aberto o caminho para novos questionamentos.

As práticas de culto ao corpo são cada vez mais impostas como verdades sobre a construção dos sujeitos, seja fundamentando-se no discurso médico que argumenta sobre os benefícios de uma vida saudável e as estratégias possíveis para a maior longevidade, no discurso estético – comumente mesclado com o anterior – que preza pela valorização das formas e da aparência, imprimindo um padrão de beleza a ser perseguido pelas mulheres. Como um aglutinador das verdades sobre o corpo, o discurso midiático é o grande divulgador das “certezas” sobre como gerir as corporeidades com vistas à saúde, à beleza, ao bem-estar e à felicidade, preservando, como ponto comum, a magreza. Através de imagens e discursos verbais e não verbais, a exaltada preocupação com o corpo, como uma obrigação para as mulheres, se tornou também um estilo de vida contemporâneo.

Nesta tese, após o longo caminho percorrido até aqui em busca da compreensão do culto ao corpo, posso afirmar que foram encontrados significados múltiplos para o corpo e também para as práticas das mulheres, em relação aos seus corpos. Frente a tal assertiva, o pensamento social feminista e a perspectiva de gênero se mostraram extremamente adequados para pensar o fenômeno do culto ao corpo e as práticas corporais cotidianas das mulheres. Os sentidos do culto ao corpo estão profundamente implicados com as representações e papéis de gênero, além de outras variáveis que dão o tom de estilo de vida às práticas corporais, fazendo com que, muitas vezes, o corpo seja a representação da própria pessoa em essência. E nesta perspectiva, é comum que as individualidades sejam “atropeladas” pela suposta homogeneidade do padrão de beleza imposto às mulheres, como acontece na academia que foi cenário das entrevistas.

O fenômeno do culto ao corpo se faz presente em uma grande diversidade de experiências subjetivas contemporâneas, como foi explicitado ao longo deste trabalho. Com relação às mulheres, pode-se afirmar que, embora novos sentidos de feminilidade e do próprio significado de ser mulher sejam incorporados aos discursos que orientam suas corporeidades, ao mesmo tempo, cristalizam-se, ainda que através de uma nova roupagem, as representações tradicionais formadoras dos estereótipos de gênero. Vê-se, por exemplo, como se processa a erotização do corpo feminino nos espaços midiáticos, em que se defende uma maior liberdade sexual e prazer para as mulheres, no entanto, o imperativo da beleza e as normas estéticas que lhe são impostas as aprisionam e as impedem de viver a sexualidade em sua plenitude.

O corpo esteve particularmente presente em diferentes linhas de estudos feministas justamente em razão dos questionamentos acerca de uma biologização das mulheres, que as definem a partir de seus corpos e de uma suposta aproximação com a “natureza”. Em uma perspectiva dualista e persistente, não apenas no campo acadêmico, as mulheres foram associadas ao que é material e corpóreo, enquanto os homens ao racional e incorpóreo. Esta é uma das vias de interpretação cabível sobre a forma diferenciada em que as dimensões do culto ao corpo tornam-se muito mais latentes nas experiências das mulheres.

Ao longo da história, a corporeidade feminina esteve submetida a diferentes formas de controle. Os mecanismos de poder que atuam sobre os corpos, foram alvos de reflexão de Perrot (2005), que salientou o lugar central do corpo nestas relações, sobretudo o corpo feminino como “objetos de perpétua suspeita” (PERROT, 2005, p. 447). Foucault (1989), ao analisar a emergência dos discursos de verdade a partir da modernidade, demonstrou a forma em que o corpo foi transformado em objeto dos novos saberes, como a constituição da medicina social que, além de pretender instituir uma nova moral social, incutiu sobre a corporeidade feminina o caminho para a compreensão e normatização da sexualidade.

Ainda no século XIX, pode-se observar que, além do entendimento comum entre os pensadores da época acerca das habilidades naturais da mulher para o mundo doméstico, os discursos científicos que inauguram a modernidade trataram de dessexualizar os homens, contribuindo significativamente para a estruturação do sistema sexo-gênero que sexualizou e supervalorizou os cuidados corporais e a beleza como atributos próprios à condição feminina. Nesta proposta de instituição de uma nova moral alinhada à modernização e à urbanização das cidades, bem como respondendo aos interesses do sistema capitalista, o Movimento Ginástico Europeu participou, apoiando-se em saberes técnicos e científicos, do processo de ordenação e disciplinamento dos corpos.

Com relação à disseminação da prática de atividades físicas para as mulheres no Brasil, Del Priore (2000) demonstrou que os posicionamentos divergiam. Temia-se que os exercícios físicos influenciassem negativamente o papel “natural” da mulher como mãe e esposa. Por outro lado, médicos e higienistas arriscavam-se a associar à histeria feminina à falta de atividades físicas. É importante ressaltar que mesmo para aqueles que se posicionavam a favor, não agiam em nome da emancipação feminina,

mas no sentido de reforçar as vantagens que as atividades físicas trariam às mulheres, tanto em suas funções domésticas e de reprodução, como também na dimensão da estética. Percebe-se, neste ponto, como se articula a saúde e a beleza com vistas à construção da aparência feminina.

A preocupação em não masculinizar as mulheres através dos esportes foi decisiva, já no início do século XX, para a seleção dos esportes permitidos às mulheres, como foi apontado por Adelman (2003). A natação, o tênis e a ginástica foram considerados como práticas femininas, de conotação menos esportiva e mais estética, evidenciando a diferença de gênero que se estabelece com a consolidação das práticas de culto ao corpo. Já neste período pode-se observar a erotização do corpo feminino, na medida em que as práticas corporais permitidas às mulheres tinham como principal objetivo a construção da aparência e da mulher como objeto de desejo.

A visibilidade dos corpos femininos através dos esportes, conjuntamente às imagens reproduzidas pela moda, cinema e publicidade, contribuíram para o crescimento da indústria da beleza. É neste contexto que a beleza deixa de ser um “dom natural” passando a ser dotada de caráter imperativo para as mulheres. A beleza física é tomada como um sinal distintivo superior à beleza interior e às características de fealdades devem ser tratadas pelos cosméticos da época, denominado como remédios. Além destes, difunde-se o uso da maquiagem, de cremes e uma diversidade de outros produtos, como salientado por Sant’Anna (1995) que cita os remédios branqueadores da pele e que afinam a cintura, existentes na década de 1930. Já nesta época era preciso tratar as imperfeições articulando beleza, saúde e higiene.

A maior visibilidade das mulheres e a imagem de atrizes estrangeiras retratadas nos filmes como modelos a serem imitados, contribui para a alteração nas “formas” da mulher brasileira, antes valorizadas pela corpulência, mas que ainda na primeira metade do século XX passaram a perseguir um ideal mais magro e esguio. É neste contexto que surgem as primeiras academias de ginástica no Rio de Janeiro que, associadas aos produtos e serviços oferecidos pela indústria da beleza, marcam a consolidação das relações de consumo em torno das práticas de culto ao corpo, que ao longo do último século foram cada vez mais estendidas às mulheres.

A definição de culto ao corpo, assim como todos os conceitos que passam a ser utilizados pela linguagem comum e muitas vezes chegam a se perder em sentidos diversos, não é tarefa das mais fáceis. Para orientar este estudo, no entanto, o culto ao

corpo não se limitou a tratar da dimensão estética, comumente tratada como campo de futilidades. Buscou-se evidenciar todo um conjunto de práticas e representações que têm a cultura do corpo como guia, ou seja, as relações de consumo, a indústria da beleza e de alimentos, práticas que buscam a construção do saudável e intervenções sobre o corpo.

Diante da amplitude do fenômeno em questão e da necessidade de se delimitar um objeto viável para a pesquisa, uma vez que já existia a pretensão de pensar a problemática a partir do universo feminino, optei pelas práticas de culto ao corpo associadas à magreza. Além do padrão de magreza ser imposto às mulheres como signo de beleza, é destacado também como sinal de saúde, o que torna a questão ainda mais relevante quando se trata de refletir sobre o culto ao corpo em geral. Porém, tal delimitação ainda não era suficiente para que fosse operacionalizada a análise, de modo que partiu-se para um dimensionamento das práticas de culto ao corpo e à magreza.

Tendo a busca pela magreza como critério norteador, a delimitação das dimensões do culto ao corpo foi feita da seguinte forma: práticas estéticas, práticas alimentares e práticas interventivas, tal como foi descrito no capítulo metodológico. Uma vez definidas as práticas estéticas a serem investigadas como a frequência contínua em academias de ginástica, foi também delineado aquele que seria o cenário de coleta de dados. Deste modo, a pesquisa fundamentou-se em uma extensão revisão bibliográfica sobre a temática, de consulta a fontes documentais como revistas femininas especializadas, observação nas academias e entrevistas aplicadas às mulheres.

As academias de ginástica entendidas como fenômeno moderno e urbano mostraram-se como um espaço de extrema relevância para se observar e pensar sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. No que tange às academias de ginástica exclusivas para mulheres, nota-se um mistura de espaço de educação moral, tal qual a posição defendida pelos higienistas no século XX acerca da importância dos exercícios físicos para a “formação” das mulheres, e, ao mesmo tempo, de construção da imagem corporal alinhada às relações de consumo e de culto ao corpo. Nesta perspectiva, as academias femininas, muito mais do que um espaço de busca da beleza – sem querer subestimar esta dimensão – mas como um *locus* privilegiado para se encontrar respostas sobre os sentidos das experiências estéticas de mulheres, suas interações, identidades e modos de sociabilidade.

A escolha por um cenário de análise é sempre permeada por sentidos pré-concebidos, simbólicos e nem sempre “conscientes”, mas objetivamente baseados na própria experiência do/da pesquisador/ar com seus objetos que poderão vir a ser surpreendidos por novos sentidos atribuídos pelos/as próprios/as sujeitos/as participantes. De certa maneira, foi o que se sucedeu. As mulheres que participaram da pesquisa mostraram perspectivas diversas sobre o sentido da academia em suas vidas, denominado como “clube”, “família”, “espaço de exclusividade” ou “de novas amizades” a partir de suas próprias experiências, o que abre espaço para um grande “leque” de possibilidades para uma análise sociológica.

Assim como os salões de beleza, objetos de estudos de Paula Black (2004), as academias de ginástica feminina permitem, de modo extremamente produtivo, pensar teoria social a partir do cotidiano das mulheres. Como foi visto até aqui, nos espaços da academia analisada, não apenas as práticas estéticas podem ser observadas. Aspectos diversos relativos às esferas do consumo, dos lazeres, das subjetividades, das relações familiares, da sexualidade, entre outros, foram analisados a partir das experiências destas mulheres na academia de ginástica.

Em se tratando do culto ao corpo orientado para a busca da magreza, as práticas estéticas apareceram quase sempre como o ponto de partida das mulheres, confirmando o modo em que se desenrolou esta pesquisa. De modo geral, é somente a partir da entrada nas academias de ginástica que as mulheres buscam percorrer as outras dimensões do culto ao corpo, ou seja, dietas e intervenções. Quando não acontece desta forma, comumente o controle alimentar é iniciado juntamente com a prática de atividades físicas. Já com relação às práticas interventivas, a maior parte das entrevistadas a percebem como um último recurso ou algo que deve ser feito quando as práticas anteriores não são eficientes na obtenção de um “resultado” rapidamente.

As atividades físicas, de modo geral, e sobretudo a ginástica em academia, foram incorporadas ao estilo de vida contemporânea como dispositivos de autocontrole dos indivíduos, atuando muito além dos corpos. As práticas estéticas, assim como as práticas alimentares e interventivas analisadas aqui evidenciam o estilo de vida bioascético, nos termos propostos por Ortega (2008), em que o processo de construção das identidades se engendra a partir do autocontrole e da autovigilância que submetem as mulheres a uma “autoperitagem” permanente. Nesta medida é que as mulheres se impõem limitações quanto às relações afetivas e sexuais, à escolha da data de seu

casamento, o tipo de alimento que se vai consumir ou intervenção estética que se vai fazer, a partir da construção de um corpo magro que lhes imprime uma “expressão privilegiada da pessoa” (VIGARELLO, 2006, p. 181). Controlar o corpo é um estilo de vida construído como um importante sinal de distinção nos campos da estética e da saúde, o que parece ser buscado por todas as mulheres que participaram da pesquisa.

A magreza, como sinônimo de beleza e saúde, é amplamente difundida pelos discursos médico e midiático. A medicina e outros discursos da saúde apontam, não raro utilizando-se os espaços midiáticos, para os riscos do acúmulo de gordura e da falta de atividades físicas, mas também oferecem uma grande diversidade de procedimentos interventivos urgentes – consumidos principalmente por mulheres – para que se possa “corrigir” as imperfeições do corpo, entre as quais, as relacionadas com o excesso de peso.

Já na mídia, o fundamento médico e científico é a estratégia de legitimação para a propagação de “verdades” sobre o corpo, associadas às imagens de mulheres magras e felizes que repetidamente, assim como as mensagens, reforçam a ideia de que bem-estar, felicidade e saúde estão condicionadas à beleza corporal. Ao mesmo tempo em que erotizam o corpo feminino, criam estereótipos de beleza não apenas sobre a magreza, mas valorizando características da mulher branca, de cabelo liso, de traços “finos”, impondo uma homogeneização que agride as heterogeneidades de cada mulher, principalmente considerando a formação multicultural das brasileiras.

Mais recentemente, é possível identificar um movimento de extensão do ideal de magreza também aos homens. Ainda que de forma menos significativa, jovens homens também participavam das comunidades pró-anorexia objetos de estudo que realizei em 2008, defendendo os mesmos ideais das meninas sobre a anorexia como estilo de vida e da magreza excessiva como padrão de beleza (AMARAL, 2008). Nos últimos cinco anos surgiram, também, revistas masculinas especializadas com um direcionamento semelhante ao apresentado em revistas femininas que já estão no mercado há longa data. A Revista *Men's Health* é um exemplo de publicação que repete alguns padrões neste sentido, tanto pelas mensagens como pelas imagens veiculadas, com matérias sobre dietas, guias de atividades físicas e sexo. Apesar de a magreza ser exaltada, não se perde o foco central na importância dos músculos como modelo de beleza masculina. A título de exemplo, destaco a edição de fevereiro de 2011 que tem na capa com letras em destaque a seguinte frase: “Coma e Fique Magro”, seguida de “O

guia para ter controle e prazer” (Figura 8 em anexo). Como um desdobramento para outros estudos, este seria um campo interessantes para novas análises acerca do culto ao corpo e à magreza entre os homens, que não pôde ser abordado aqui, no sentido de tornar ainda mais evidente as formas diferenciadas que o fenômeno atua sobre homens e mulheres.

Para ilustrar as estratégias de re-construção do controle da corporeidade feminina, vale ressaltar como a publicidade de alguns produtos cosméticos e de higiene “vende” a ideia de que valorizam a diferença entre as mulheres, apresentando modelos com mais idade ou com o corpo mais próximo do que é a experiências das mulheres comuns, como se fossem contra o padrão de magreza e juventude imposto às mulheres. Aproveitando-se de momentos em que a magreza excessiva foi objeto de crítica – como no campo da moda, por exemplo – colocam-se como empresas e produtos “politicamente corretos” como uma tentativa de apresentar um uma visão diferenciada, mas que na prática não deixa de tratar determinadas características corporais como merecedoras de cuidados especiais. Isto é, valorizam a mulher “madura” que usa cremes antirrugas ou a mulher “gordinha” que usa a roupa “certa” para esconder a barriga etc., reforçando, na verdade, as mesmas ideias, apenas percorrendo um caminho diferente.

No artigo *Mulheres atletas: ressignificações da corporalidade feminina?*, Adelman (2003) destaca o questionamento feito por Lupton (1995) sobre o *Women's Fitness Movement*, que defende a re-construção da imagem do corpo feminino livre e dotado de força física e seria, de certa maneira, uma forma de resistência aos estereótipos de gênero que relacionam a corporeidade feminina às concepções de fraqueza e submissão. Para Lupton (1995, citada por Adelman, 2003, p. 449) este também poderia ser considerado como “mais um exemplo da forma como os corpos das mulheres são sujeitos aos discursos dominantes comprometendo-se com a tirania narcisista da magreza”. Ao mesmo tempo em que o citado movimento parece reivindicar a maior participação das mulheres no esporte e comprometer-se com a derrubada do mito da fragilidade feminina, ao submetê-las à cultura do esporte extremamente masculinizada não necessariamente poderia re-significar a corporalidade feminina, a partir do momento em que se submete a uma normatividade que requer o seu controle.

As academias de ginástica feminina revelaram-se também como um espaço repleto de ambiguidades e propiciador de mudanças na vida das mulheres, de

transformações que apontam para um recomeço e uma chance para se encontrarem em si e nos/as outros/as. É como se a partir do momento que passam a integrar aquele grupo e principalmente que o corpo passa a “falar” por si – ou seja, quando se tem o esperado “resultado” e o corpo comunica tal mensagem –, as mulheres se transpusessem para um novo patamar em suas relações sociais. Esta mudança não é operada pura e simplesmente pelo emagrecimento ou pela alteração das características física, mas se faz, primeiramente “[...] no imaginário e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo” (LE BRETON, 2003, p. 30).

As primeiras incursões nas academias de ginástica feminina, mesmo aquelas que não faziam parte da amostra para as entrevistas, forneceram muitas pistas para pensar o objeto da pesquisa, as possibilidades de abordagem e o desenvolvimento do roteiro das perguntas que seriam feitas às mulheres. Contudo, já durante a coleta de dados, me mantive atenta para não deixar de ouvir o campo naquilo que não estava necessariamente previsto e talvez nestas aberturas em que novas perguntas foram feitas e novas situações e histórias puderam surgir é que estejam representadas as maiores “riquezas” desta pesquisa. Este foi um trabalho que abordou questões frequentemente tomadas como menos importantes por centrarem-se em situações ordinárias, do cotidiano de mulheres comuns. Fazer disso um trabalho sociológico, com toda certeza, foi o maior desafio. Acredito tê-lo cumprido. E mais ainda, ao demonstrar o modo como o fenômeno do culto ao corpo opera sobre as mulheres, impondo-lhes a magreza como ideal de saúde, beleza e felicidade, espero poder contribuir, também, para despertar inquietação e reflexividade acerca das contradições entre liberdade e aprisionamento que ainda hoje permeiam as corporeidades femininas.

REFERÊNCIAS

ADAM, Philippe; HERZLICH, Claudine. **Sociologia da doença e da medicina**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(2): 445-465, julho-dezembro, 2003.

_____. **A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

ALEXANDER, F. G; SELESNICK, S. T. **História da psiquiatria: uma avaliação do pensamento e da prática psiquiátrica desde os tempos primitivos até o presente**. 2 ed. São Paulo: IBRASA, 1980.

ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavaleiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMARAL, Ana Luisa; MACEDO, Ana Gabriel (Org.). **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Afrontamento, 2005.

AMARAL, Marcela C. M. Narrativas de cidadania e reforma psiquiátrica no Distrito Federal. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

_____. Sexualidades pensadas: reflexões sobre a loucura e os estereótipos de gênero. Comunicação oral apresentada no **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia: Desigualdade, diferença e reconhecimento**. 2007.

_____. O fenômeno do culto ao corpo moderno e magreza como símbolo de beleza: estudo sobre o Movimento Pró-Ana no Brasil. Comunicação oral apresentada no **VI Congresso Português de Sociologia**. 2008. Disponível em <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/242.pdf>>.

ARISTÓTELES. **Política**. Lisboa: Vega, 1998.

BAHKTIN, Mikhail M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BANDEIRA, Lourdes. A construção da cidadania social das mulheres no Brasil. **Série Sociológica**, n. 35. Brasília, 1996.

_____. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos feministas**, Florianópolis, 16 (1): 288, janeiro-abril, 2008, p. 207-228.

_____. Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 2, maio/ago 2009, p. 401-438.

_____. Impactos da violência na saúde da mulher. **Tecendo a rede de atendimento às mulheres em situação de violência – Seminário Prefeitura de Natal**, 2011, *mimeo*.

_____. A contribuição do pensamento feminista às Ciências Sociais e a assimilação dos estudos de gênero ao campo disciplinar no Brasil. In: RIBEIRO, Gustavo L.; FERNANDES, Ana Maria; MARTINS, Carlos Benedito; TRAJANO FILHO, Wilson. (orgs.). **As Ciências Sociais no Mundo Contemporâneo**. Brasília: Letras Livres, 2011, p. 89-110.

BANDEIRA, Lourdes M.; MELO, Hildete P. Será que nosso corpo nos pertence? O conflito entre a reprodução e o desejo. (Artigo apresentado na Mesa Redonda Gênero, Identidade e Sexualidades). **62ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)**, Natal, 2010a.

_____. **Tempos e memórias: o Movimento Feminista no Brasil**. Brasília: Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, 2010b.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

BERGER, Mirela. **Corpo e identidade feminina**. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social. In: FORACCHI, Maria Alice. **Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2004, p. 163-167.

BERGER, Peter; LUCKMANN, T.. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BLACK, Paula. **The beauty industry: gender, culture, pleasure**. New York: Routledge, 2004.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

_____. No império das imagens: prefácio para o décimo aniversário da edição de Este Peso Insuperável. **Labrys, estudos feministas**. n. 4, Brasília, ago/dez 2003, Disponível em <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/susan1.htm>, acessado em 05 de fevereiro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa, Portugal: Fim de Século, 2003.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva: 2004.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean-François. **O lugar do corpo na cultura ocidental.** Lisboa: Intituto Piaget, 2001.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 151-168.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CANESQUI, Ana Maria. Mudanças e permanências da prática alimentar cotidiana de famílias de trabalhadores. In: _____; GARCIA, Rosa Wand D. (orgs). **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p. 167-2010.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo.** São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003.

CASTRO, Mary G. O conceito de gênero e as análises sobre mulher e trabalho: notas sobre impasses teóricos. **Cad. SRH**, Salvador, (17), 1992, p. 80-105.

CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. **Cadernos Pagu.** (15), 2000, p. 39-75.

COSTA, Jurandir F. O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral? **Tempo Social**, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 7 (1-2): 121-138, outubro de 1995.

_____. **A Face e o Verso: estudos sobre o homoerostimo II.** São Paulo: Escuta, 1995.

_____. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** 4 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres: do Renascimento à Idade Moderna.** Vol. 3. Porto: Edições Afrontamento, 1994, p. 369-408.

CRESPO, Jorge. **A história do corpo.** Lisboa: Difel, 1990.

CUNHA, Maria João. **A imagem corporal: uma abordagem sociológica à importância do corpo e da magreza para as adolescentes.** Azeitão: Autonomia 27, 2004.

DAMICO, José Geraldo Soares (2007). O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados. *Movimento*, 13 (1). Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/esef/>

DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora USP: FAPESP, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000.

DESCARRIES, Francine. Teorias Feministas: liberação e solidariedade no plural. In: SWAIN, Tânia Navarro (org.). **Feminismos: Teorias e Perspectivas. Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB**, Brasília: UnB, 2000, vol. 8, n. 1/2.

DOMINGUES, José Maurício. Modernidade, tradição e reflexividade no Brasil contemporâneo. **Tempo Social; Revista Sociol. USP**, São Paulo, 10 (2), outubro 1998, p. 209-234.

_____. Reflexividade, individualismo e modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, 2002, p. 55-70.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUARTE, Luiz Fernando D. **Da vida nervosa na classe trabalhadora**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 189-262.

FAIRCLOUGH, Norma. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FARGANIS, Sondra. O feminismo e a reconstrução da ciência social. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: DEBERT, Guita G. (org.) **Antropologia e velhice**. Coleção Textos Didáticos 13, UNICAMP-IFCH, 1994, p. 49-71.

_____. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FLEISCHER, Soraya R. **Parteiras, buchudas e aperreios: uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial na cidade do Melgaço, Pará**. 2007. Tese

(Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do Poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **Ordem do discurso**. 8 ed. São Paulo: Loyola. 2002

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **Sobrados e Mucambos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1961.

_____. **Casa Grande & Senzala**. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. **Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil**. 5 ed. São Paulo: Global, 2007.

GASKELL, Martin. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da Renascença às Luzes**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo: 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estima: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GOLDEBERG, Mirian. GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004

_____. **De perto ninguém é normal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v 17, n. 2, 2005, p. 65-80.

_____. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ**, vol. 2, n. 2, jul/dez 2006, Disponível em http://b200.nce.ufrj.br/~revista/artigos/v2n2/artigo09_v2n2.pdf, acesso em 22 de julho de 2007.

_____. O corpo como capital: gênero, casamento e envelhecimento na cultura brasileira. **REDIGE**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, oct. 2010. Disponível em: <<http://www.cetiqt.senai.br/dcb/ead/redige/index.php/redige/article/view/42/123>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2011

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

GRIECO, Sara F. M. O corpo, a aparência e a sexualidade. In: Duby, Georges; Perrot, Michelle (dir.). **História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna**. Vol. 3. Porto, Portugal: Edições Afrontamentos, 1994, p. 71-120.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**. (14), 2000, p. 45-86.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. , p. 14-27, 1995.

HARDING, Jennifer. Bodies at risk – sex, surveillance and hormone replacement therapy. In: PETERSEN, A.; BUTTON, R. (Orgs). **Foucault: health and medicine**. London: Routledge, 1997.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.) **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: UOC, 2004

HIRANO, S. Sociologia e doença mental. In: D'INCAO, M. A. (org.). **Doença mental e sociedade: uma discussão interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Tradução de Miriam Nobre (2003). In: HIRATA, Helena (et al) **Dictionnaire critique du féminism**. Paris: Presses Universitaire de France: 2000. Disponível em <http://www.santosbancarios.com.br/mulheres/adivisaosexualdotrabalho.pdf>, acessado em 21 de outubro de 2010.

KRIEKEN, Robert Van. A organização da alma: Elias e Foucault sobre a disciplina e o eu. **Plural**. Sociologia, USP, São Paulo, 1996, p. 153-180.

KRISTEVA, Julia; CLÉMENT, Catherine. **O feminino e o sagrado**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. **Anthropologie du corps et modernité**. 5 ed. Paris: Puf, 2008

LOPES, Maria Margaret. 'Aventureiras' nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**. (10). 1998, p. 345-168.

LOPES, Maria Margaret; SOUSA, Lia G. P.; SOMBRIO, Mariana M. de O. A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). **Gênero**. Niterói, v. 5, n. 1, 2004, p. 97-109.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, Lia Zanota. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos e Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____. Gênero, um novo paradigma. **Cadernos Pagu**. (11), 1998, p. 107-125.

MADEIRA, Maria Angélica. Formas de sociabilidade e a cultura da festa na juventude brasiliense dos anos 1990. In: NUNES, Brasilmar F. (org.) **Brasília: a construção do cotidiano**. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 253-270.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 79-138.

MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. **Cadernos AEL**, n. 3/4, 1995/1996, p. 45-67.

MARAND-FOUQUET, Catherine. **A mulher no tempo da revolução**. Portugal: Inquérito, 1993.

MARTINS, Ana Paula V. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MINER, Horace. **Os ritos corporais entre os Sonacirema**. Mimeo.
Traduzido de: Body ritual among the Nacirema. In *American Anthropologist*, 58 (3), p. 503-507.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2006, vol.11, n.2, p. 515-526.

MONTENEGRO, Maria Aparecida de P. Linguagem e conhecimento no Crátulo de Platão. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 116, dez/2007, p. 367-377.

- MORAES, Maria Lygia Q. de. Vinte anos de feminismo. **Tese de livre docência.** (Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.
- MORÃO, Artur. Apresentação. In: SIMMEL, Georg. **A mulher e a moda.** Disponível em <http://www.lusofonia.net>, acessado em 15 de outubro de 2007.
- NETTO, Eduardo; NOVAES, Jefferson. **Ginástica de academia: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- NEUMANN, Erich. **A grande mãe.: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.** São Paulo: Cultrix, 1999.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Trad. Luiz Felipe Guimarães Soares. **Revista Estudos Feministas.** Vol. 8 (2), 2000.
- NUNES, Brasilmar F. Fragmentos para um discurso sociológico sobre Brasília. In: _____ (org.). **Brasília: a construção do cotidiano.** Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 13-36.
- ORBACH, Susie. **Gordura é uma questão feminista.** 1986.
- ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Editora Best Seller, 1991.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e envelhecimento.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- PENNICK, Nigel. **Geometria sagrada: simbolismo e intenção nas estruturas religiosas.** São Paulo: Pensamento, 1980.
- PERES, Marta. **Corpo em obras: um olhar sobre as práticas corporais em Brasília.** 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- _____. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.
- PINHEIRO, Luana. **Vozes femininas na política: uma análise sobre mulheres parlamentares no pós-Constituinte.** Brasília: Secretaria Especial de Política
- PINTO, Céli. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

- PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: COSTA, Claudia de L.; SCHMIDT, Simone (orgs). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.
- POLI NETO, P. ; CAPONI, S. . A medicalização da beleza. **Interface. Comunicação, Saúde e Educação**, v. 11, p. 569-584, 2007.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: Burke, P.(org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 291-326.
- RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**, n. ¾, 1995/1996, p. 45-67.
- _____. Os feminismos no Brasil: dos anos de chumbo à era global. **Labrys, estudos feministas**. 2006.
- _____. Foucault e as artes de viver o anarco-feminismo. In: _____; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 165-175.
- RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX**. Brasília: Editora UnB, 2002.
- RODRIGUES, Almira. **Práticas Sociais, Modelos de Sociedade e Questões Éticas: Perspectivas Feministas**. CFEMEA: 2001. Disponível em, http://www.cfemea.org.br/publicacoes/artigos_detalhes.asp?IDArtigo=3, acesso em 17 de agosto de 2005.
- RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.
- _____. **Tabu do corpo**. 7 ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
- ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.
- SABINO, César. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 139-188.
- SANT'ANNA, Denise. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In:_____. **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**. (14), 2000, p. 235-249.
- _____. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 99-110.

SARTI, Cynthia. O feminismo brasileiro desde os anos 1979: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 2, Florianópolis, maio-agosto 2004, p.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. A medida da gordura. O interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de janeiro de 2008.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface_ Comunicação, Saúde, Educação**. vol. 5, n. 8, p. 47-60, 2001a.

_____. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, 2001b, n.16, p.137-150

_____. **Dar e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais**. São Paulo: Unesp, 2004. **Pagu**. (16) 2001, p. 137-150.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCHPUN, Mônica R. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

_____. Entrevista com Johan Scott. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 114-124, 1998.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; CASTRO, Eduardo B. V. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: **Boletim do Museu Nacional**, vol. 32, Rio de Janeiro, Série Antropologia, 1979.

SETTON, Maria da Graça J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, maio/ago., p. 60-69, 2002.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

_____. A metrópole a vida mental. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005, 2ª ed.

_____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.

_____. Sociologia do segredo e das sociedades secretas. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. **Revista de Ciências Humanas**. N. 43, abril-2009, p. 219-242.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 20, n. 52, 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v20n52/a08v2052.pdf>>, acessado em 03 de março de 2011.

STEELE, Valerie. **Fetichismo: moda, sexo & poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SUASSUNA, Dulce. A relação corpo-natureza na modernidade. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 20, n. 1, jan/abr, 2005, Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922005000100003&script=sci_arttext#1, acessado em 26 de agosto de 2006.

TEIXEIRA, Carla C. Autonomia em Saúde Indígena: sobre o que estamos falando? **Anuário Antropológico**, v. 1, p. 99-128, 2010.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VANDENBERGHE, Frédéric. **Globalisation and individualization in late modernity: a theoretical introduction to the sociology of youth**. Brasília: s.e., 2004, 42 páginas.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O corpo trabalhado – ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira: 2001.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF. Editora da UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de SP, 2004, v. 1 e 2.

WILSHIRE, Donna. Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

YALOM, Marilyn. **História do seio**. Lisboa, Portugal: Editorial Teorema, 1998.

Documentos Consultados

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Relatório 2009**. 2010. Disponível em http://www.anvisa.gov.br/hotsite/sngpc/relatorio_2009.pdf, acessado em 23 de outubro de 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS. **II Caderno de Tendências**, Ano 2, nº 2. Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2010/2011. Disponível em < http://www.abihpec.org.br/conteudo/caderno_tendencias.pdf>, acessado em 12 de fevereiro de 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INDÚSTRIA DE ALIMENTOS PARA FINS ESPECIAIS E CONGÊNERES. **Em busca de mais equilíbrio! O papel da indústria de alimentos nesta revolução!** Outubro de 2010.

CODEPLAN/SEPLAN. **I Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio – PDAD**. Brasília, 2004.

INSTITUTO DATA FOLHA DE PESQUISAS. **Cirurgia Plástica no Brasil**. Janeiro, 2009. Disponível em <http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php?option=com_jforms&view=form&id=1&Itemid=212>, acessado em 14 de julho de 2009.

Jornais e Revistas

FOLHA DE SÃO PAULO. **Brasil lidera consumo de remédios para emagrecer** (BBC-Brasil). 01 de março de 2006, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u51348.shtml>>, acessado em 01 de março de 2006.

_____. **Desfile contra a anorexia abre a Semana de Moda de Milão** (BBC-Brasil). 16 de fevereiro de 2007, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u61000.shtml>>, acessado em 17 de fevereiro de 2007.

JORNAL O DIA. **Clube da Luluzinha**. 2007. Disponível em <http://www.curves.com.br/v1/pdf/odia_clube.pdf>, acessado em setembro de 2007.

O GLOBO. **Malhar em meia hora parece fácil, mas não é** (O Globo Online). 08 de novembro de 2006. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mat/2006/11/08/286567359.asp>>, acessado em 13 de novembro de 2006.

REVISTA BOA FORMA. Abril de 2010. Disponível em
<<http://boaforma.abril.com.br/>>

_____. Agosto de 2009. Disponível em <<http://boaforma.abril.com.br/>>

_____. Outubro de 2008. Disponível em <<http://boaforma.abril.com.br/>>

_____. Dezembro de 2008. Disponível em <<http://boaforma.abril.com.br/>>

REVISTA SHAPE. Julho de 2008. Disponível em <http://www.revistashape.com.br/>.

REVISTA VEJA. **Corpo à venda**, 06 de março de 2002. Disponível em
<<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

_____. **Emagrecer pode ser uma delícia**, 27 de maio de 2009. Disponível em
<<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

_____. **A geração sem idade**, 15 de julho de 2009. Disponível em
<<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

_____. **Corpo, o novo manual de uso**, 18 de novembro de 2009. Disponível em
<<<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

ANEXOS



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
 DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA – SOL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa ou desistência você não será penalizada de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, pelos telefones: 61-33072389 / 61-33072738.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: *Culto ao corpo e estilo de vida na modernidade*

Pesquisadora Responsável: *Marcela C. Martins Amaral* – Bacharel em Direito, Mestra em Sociologia e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. Telefones para contato: 34437511-33387370.

- ◆ O objetivo dessa pesquisa é analisar o fenômeno do culto ao corpo na modernidade, com enfoque nas práticas de cultura da magreza adotadas por mulheres freqüentadoras de academias de ginástica exclusivamente femininas. Para tanto, além da parte teórica, buscaremos informações a partir de entrevistas dirigidas às alunas de diferentes unidades da Academia *Curves* no Distrito Federal, bem como das profissionais que atuam nestes espaços.
- ◆ Não há nenhum risco envolvido na pesquisa, bem como nenhuma despesa.
- ◆ A pesquisa vem sendo desenvolvida desde 2006 e deve ser concluída em 2010. É garantido o sigilo absoluto sobre os nomes das participantes que também não serão citados em qualquer documento oriundo da pesquisa. Às participantes, é reservado o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo, durante a execução da pesquisa, sem qualquer prejuízo, assim como recusar-se a responder às perguntas que ocasionem constrangimentos de alguma natureza.
- ◆ Ao final da pesquisa, todas as participantes poderão acessar os resultados, bem como solicitar esclarecimentos sobre eles.
- ◆ Marcela C. Martins Amaral (RG /CPF) _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____, RG/ CPF/ n.º _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo *Culto ao Corpo e Estilo de Vida na Modernidade* em Brasília, como sujeito. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora Marcela Amaral sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como a inexistência de riscos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento durante a execução da pesquisa, sem que isto leve à qualquer penalidade ou prejuízo.

Local e data _____

Nome e Assinatura: _____.

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite da participante. Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA SÓCIAS/ALUNAS

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu estado civil?
3. Qual o seu nível de escolaridade?
4. Você trabalha fora de casa? Qual a sua profissão? Quantas horas de trabalho por semana?
5. Você tem filhos?
6. Em que setor/bairro você mora?
7. Você utiliza algum meio de transporte para vir à Academia?
8. Há quanto tempo frequenta a *Curves*?
9. Já frequentou outras academias? Era mistas ou exclusivamente femininas?
10. As pessoas do seu convívio frequentam academias? Fazem algum tipo de atividade física?
11. Quais os seus principais objetivos com a prática de exercícios físicos na Academia? Estética, sociabilidade, qualidade de vida, saúde, outros? Você pratica outras atividades físicas?
12. O que a motivou a escolher se exercitar em uma academia só para mulheres?
13. Quais as principais vantagens deste tipo de academia? Há desvantagens?
14. Quantos dias por semana você vem à Academia? Vem apenas para malhar ou em outras situações?
15. Como você descreve uma mulher bonita?
16. Como a beleza pode influenciar a vida cotidiana de uma mulher?
17. Quantas refeições você fez ontem? Lembra o que comeu especificamente?
18. Você faz ou já fez dietas? Se fez, foi uma iniciativa individual ou por recomendação médica?
19. Você consome produtos *diet e light*? Se consome, é por recomendação médica? Com que frequência?
20. Você gostaria de mudar alguma coisa no seu corpo? Faria ou já fez algum tipo de cirurgia plástica?
21. Você já utilizou os descontos e facilidades ofertadas pela *Curves*, o “clube de vantagens”? Que produtos comprou ou que serviços contratou?
22. Qual a sua altura?
23. Qual o seu peso? Você classifica o seu peso como ideal?
24. Você acha que existe atualmente o que pode ser chamado de “culto à magreza”?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PROFISSIONAIS

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu estado civil?
3. Qual o seu nível de escolaridade?
4. Qual a sua função nesta unidade *Curves*?
5. Há quanto tempo trabalha nesta unidade *Curves*? Já trabalhou em outras?
6. Já trabalhou em academias mistas?
7. Sabe dizer por que a *Curves* foi criada?
8. Enquanto ambiente profissional, qual a diferença da *Curves* com relação às academias mistas?
9. E do ponto de vista das sócias/alunas, o que a *Curves* oferece como diferencial?
10. Há apenas mulheres trabalhando/gerenciando as *Curves*? Por quê?
11. Quanto é a mensalidade? O valor é o mesmo em todas as unidades?
12. Quais as expectativas das alunas com relação à *Curves*?
13. Considerando o cuidado com o corpo, o que as alunas esperam ao ingressar na *Curves*?
14. A partir do momento da matrícula, que procedimentos são realizados para que a aluna possa praticar as atividades oferecidas pela *Curves*?
15. Além das atividades físicas são oferecidos outros serviços às alunas?
16. Como são estabelecidas as parcerias da *Curves* com as empresas participantes do “clube de vantagens”?
17. Pela sua experiência, qual a principal motivação das mulheres ao optarem pela *Curves*?
18. Como você descreve uma mulher bonita?
19. Qual a sua altura?
20. Qual o seu peso? Você classifica o seu peso como ideal?
21. Você acha que existe atualmente o que pode ser chamado de “culto à magreza”?

Materiais de Divulgação da *Curves*

**Melhor que
perder peso
é ganhar
auto-estima**

- Curves é uma academia projetada especialmente para mulheres.
- Acompanhamento profissional personalizado.
- Circuito de 30 minutos: o melhor resultado no menor tempo.
- Presente em 30 países com mais de 4 milhões de associadas.
- Curves é rápida, segura e divertida. Surpreenda-se!



Curves
SHIN CA 05 - Bloco H - Loja 125
3468-3828 Lago Norte

Promoção Dia das Mães.

Mãe e filha que se inscreverem
juntas na Curves da 712 norte
ganham muitas vantagens.

Matrícula Grátis + um lindo brinde
Curves para a mãe e 80% de desconto
na matrícula para a filha.*

Curves

Curves
Academia para mulheres



Materiais de Divulgação da Curves



Mais Curves
PORTAL DAS SÓCIAS

Mais motivação
Mais saúde
Mais emagrecimento
Mais vantagens
Mais resultados

WWW.MAISCURVES.COM.BR

Clube de Vantagens


Centenas de empresas, espalhadas pelo País, que oferecem descontos e condições muito especiais para as alunas Curves. O resultado disto é que você pode fazer grande economia em suas despesas mensais – deixando, assim, sua mensalidade na Curves bem pequena.

Um moderno sistema de consulta possibilita que se encontre os parceiros de forma muito simples e rápida. *Aproveite mais esta vantagem Curves.*

Veja como é fácil acessar! Siga o passo-a-passo:

- 1** Acesse www.maiscurves.com.br. No alto a direita, clique no link "Ainda não é usuária. Cadastre-se".
- 2** Indique o Estado e a cidade da sua unidade Curves e clique em OK.
- 3** Insira os dados solicitados. Em código de autorização, insira a chave de acesso fornecida pelo clube. Selecione a sua unidade e clique em "Verificar código de autorização".
- 4** Com seu código aceito, finalize o cadastro, indicando um nome e uma senha para acessar o MaisCurves.

CÓDIGO:
UNIDADE:



www.maiscurves.com.br

Materiais de Divulgação da Curves

Clube de Vantagens

Centenas de empresas, espalhadas pelo País, que oferecem descontos e condições muito especiais para as alunas Curves. O resultado disto é que você pode fazer grande economia em suas despesas mensais – deixando, assim, sua mensalidade na Curves bem pequena.

Um moderno sistema de consulta possibilita que se encontre os parceiros de forma muito simples e rápida. **Aproveite mais esta vantagem Curves.**

Veja como é fácil acessar! Siga o passo-a-passo:

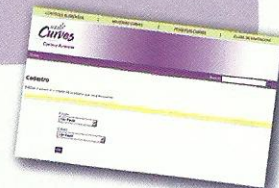
1

Acesse www.maiscurves.com.br.
No alto a direita, clique no link
"Ainda não é usuária. Cadastre-se".



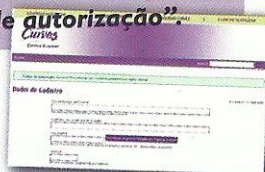
2

Indique o Estado e a cidade da sua
unidade Curves e clique em OK.



3

Insira os dados solicitados.
Em código de autorização, insira a
chave de acesso fornecida pelo clube.
Selecione a sua unidade e clique em
"Verificar código de autorização".



4

Com seu código aceito, finalize o
cadastro, indicando um nome e uma
senha para acessar o MaisCurves.



CÓDIGO:

UNIDADE:

Mais
Curves

www.maiscurves.com.br

Materiais de Divulgação da *Curves*

Quadro 1*Referenciais de Beleza Feminina para as Profissionais Entrevistadas*

Profissional Entrevistada	Beleza Interior	Beleza Física
P1	se sentir bem, aceitação do corpo, felicidade	proporcional
P2	inteligente, simples	cabelo penteado, pele boa, unha feita, cuidada
P3	felicidade, auto-estima	sarada, bundão, pernã, barriguinha travada
P4	gostar de si	cuidado, magra saudável
P5	se sentir bem, autonomia, felicidade	postura
P6	felicidade, gostar de si	preocupação com o corpo, cuidado, saudável
P7	auto-estima, felicidade	proporcional, saudável, cuidada
P8	beleza interior	cuidada
P9	segura, confiante	sabe se vestir, cuidada

Fonte: dados da pesquisa. Elaborado pela autora, Brasília-DF, 2008/2009.

Quadro 2

Presença da Academia Curves no Mundo

País	Número de Unidades
África do Sul	25 unidades
Alemanha	08 unidades
Argentina	24 unidades
Austrália	356 unidades
Bahamas	01 unidade
Barbados	01 unidade
Bermuda	01 unidade
Bolívia	02 unidades
Brazil	192 unidades
Canadá	966 unidades
Chile	15 unidades
Colômbia	17 unidades
Coréia do Sul	09 unidades
Costa Rica	12 unidades
Cyprus	11 unidades
Dinamarca	01 unidade
Egito	4 unidades
El Salvador	5 unidades
Equador	18 unidades
Escócia	41 unidades
Espanha	134 unidades
Estados Unidos	6.856 unidades
França	66 unidades
Grécia	21 unidades
Guatemala	06 unidades

País	Número de Unidades
Holanda	31 unidades
Honduras	02 unidades
Hong Kong	02 unidades
Hungria	05 unidades
Iceland	03 unidades
Ilhas Cayman	02 unidades
Inglaterra	128 unidades
Ireland	93 unidades
Israel	09 unidades
Itália	14 unidades
Jamaica	01 unidade
Japão	596 unidades
Kuwait	02 unidades
Líbano	03 unidades
México	118 unidades
Namibia	01 unidade
Nicarágua	02 unidades
Northern Ireland	29 unidades
Noruega	01 unidade
Nova Zelândia	48 unidades
País de Gales	26 unidades
Panamá	09 unidades
Peru	05 unidades
Portugal	14 unidades
República Dominicana	2 unidades
Saint Lucia	01 unidades
Singapura	01 unidade

País	Número de Unidades
Suécia	03 unidades
Suíça	01 unidade
Turquia	03 unidades
Venezuela	06 unidades
Total	9.923 unidades

Fonte: dados relativos ao ano de 2009 e disponíveis no site da *Curves* internacional. <http://www.curves.com/>

Quadro 3*Estabelecimentos Parceiros da Curves no DF – Clube de Vantagens*

	Setor	Empresa/Estabelecimento
CURVES <i>Distrito Federal</i>	Alimentício	Seleto - Restaurante
		Pizza César Forneria
		Primo Piato – Restaurante Italiano
		Morello Congelados Gourmet
		Festim Restaurante
		Bardana – Restaurante Natural
		Buongustaio – Restaurante Italiano
		Trio Alimentos
	Saúde/Medicina/Medicina Estética	Exame Medicina Laboratorial
		Clínica Biozen - Acupuntura
		Clínica de Fisioterapia Cuidar
		AMEG – Clínica Médica
		Amplitude Fisioterapia
		Angius – Clínica de Angiologia
	Odontologia	Ortolake - Odontologia
		Nova Odonto
Clínica Luciano Franco - Odontologia		
Dente e Vida		

Setor	Empresa/Estabelecimento
Estético	Studium W – Salão de Beleza
	Studim SF – Clínica de Estética
	Studio Mix – Salão de Beleza
	Studio Marcela Leoni – São de Beleza
	Perfil - Depilação
	Rose Hair – Salão de Beleza
	Na Belle - Estética
	Instituto de Beleza Plena
	It's Hair & Make Up
	Lígia Almeida de Souza – Salão de Beleza
	Luiza Estética
	Marys Studio – Salão de Beleza
	Feminina Estética
	IMAE – Clínica de Estética
	Depilitá - Estética
	Edson Freitas – Salão de Beleza
	Eliene – Coiffer – Salão de Beleza
	Clínica AME - Estética
	Clínica da Pele - Estética
	Clínica de Estética
Clínica Face - Estética	
Arte Corpo - Estética	

Setor	Empresa/Estabelecimento
Farmacêutico	Mult Med – Produtos Médicos e Hospitalares
	Fithus – Farmácia de Manipulação
	Drogaria Líder
	Drogasil
	Sintonia – Moda Feminina
	San Kellen – Moda Feminina e Acessórios
	Ray Blu Rio Fashion – Moda Feminina
	Mundo Posto – Moda Praia
	N. B. Fashion Fitness – Moda Feminina
	Nazar – Moda Festa
	Lavínia – Moda Feminina
	Episode – Moda Feminina
	Garota Malhada – Moda Fitness
	Ego – Moda Feminina
	Elza Maria – Moda Feminina
	Belita Ribeiro – Moda e Acessórios
	Bendita – Moda Feminina
	Alunai - Bijuterias
Amie – Moda Íntima	

Setor	Empresa/Estabelecimento
Educação/Escolas de Idiomas	Wizard – Curso de Idiomas
	Skill – Curso de Idiomas
	Nelson Mandela – Ensino Fundamental
	Links Cursos de Idiomas
	Espaço Sonoro – Escola de Música
	Fisk Curso de Idiomas
	ALPS – Curso de Idiomas
Diversos	Visual Ótica
	Tecnótica - Ótica
	O Boticário - Perfumaria
	Ótica Ômega
	Pérola Express – Ótica
	Racco - Cosméticos
	Mestre Cuca - Presentes
	Mr. Dog & Dog – Pet Shop
	Lacqua di Fiori
	Livraria e Papelaria Flórida
	Luiza Prado - Calçados
	Flores Alvorada - Floricultura
	Colorado Motors - Mecânica
	Agittos Calçados

Fonte: dados disponíveis no site da Curves, <<http://www.curves.com.br>>. Junho, 2011.

Quadro 4

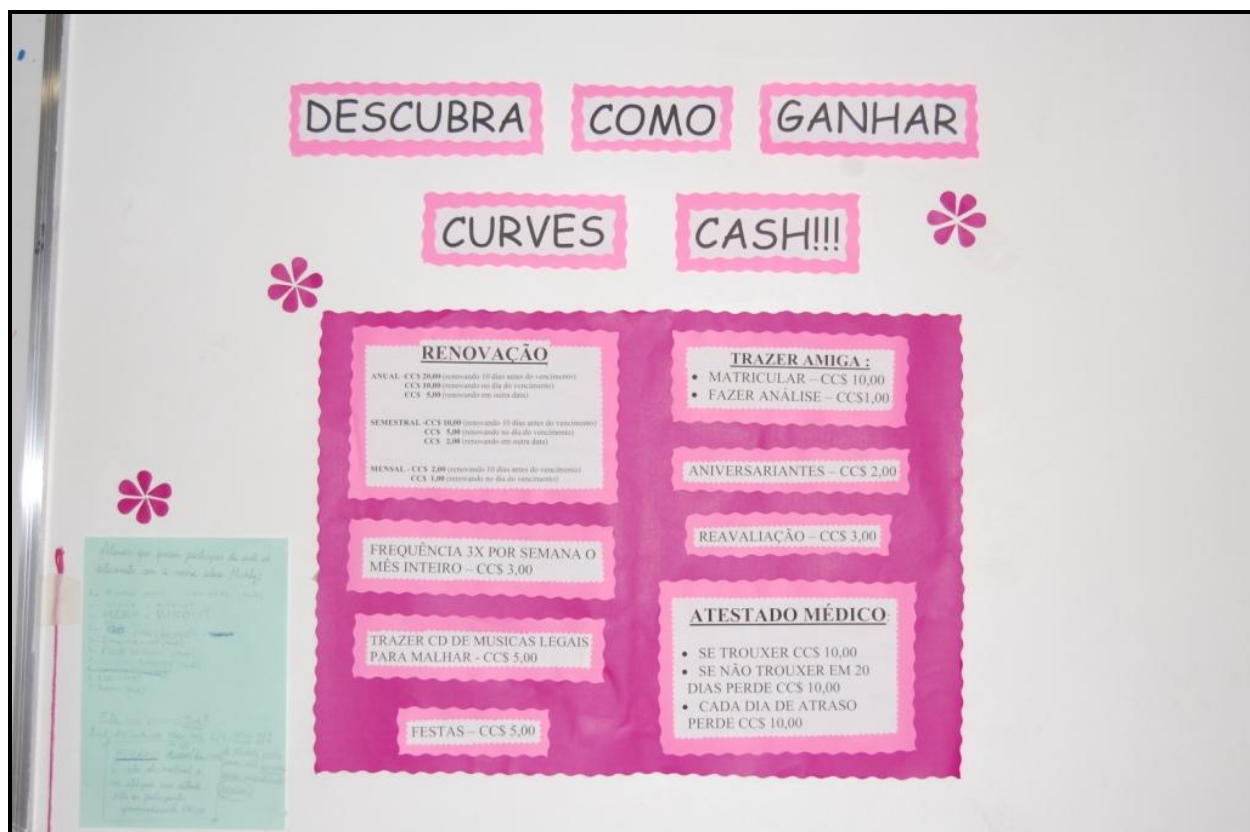
Presença da Academia Curves no Brasil por Regiões e Estados

Região	Estado da Federação	Número de Unidades
CENTRO-OESTE	Distrito Federal	13unidades
	Goiás	05 unidades
	Mato Grosso	01 unidade
	Mato Grosso do Sul	01 unidades
NORTE	Pará	02 unidade
NORDESTE	Alagoas	02 unidade
	Bahia	03 unidades
	Ceará	07 unidades
	Maranhão	01unidades
	Paraíba	01 unidade
	Pernambuco	03 unidades
	Rio Grande do Norte	03 unidades
	Sergipe	01 unidade
SUDESTE	Minas Gerais	18 unidades
	Rio de Janeiro	46 unidades
	São Paulo	77 unidades
SUL	Paraná	18 unidades
	Rio Grande do Sul	05unidades
	Santa Catarina	08 unidades
TOTAL		215 unidades

Fonte: Fonte: dados disponíveis no site da Curves, <<http://www.curves.com.br>>. Junho, 2011.

Figura 1

Formas de acumulação de Curves Cash



Fonte: dados da pesquisa. Fotografia da autora, Brasília-DF, 2008/2009.

Figura 2

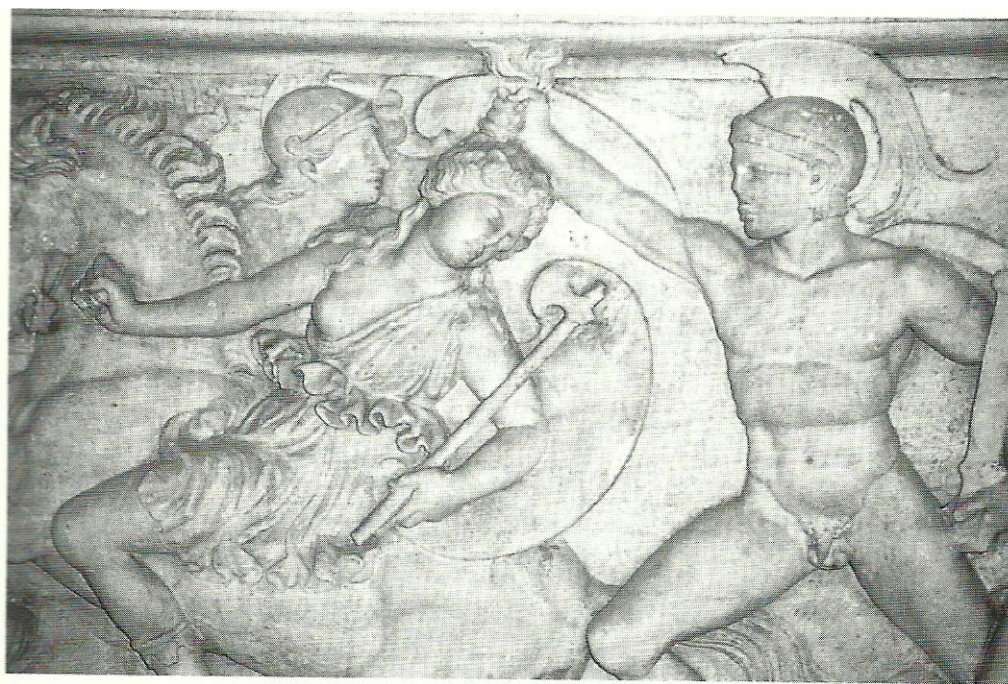
A morte de Pentésiléia, a Rainha Amazonas, de Johan H. W. Tischbein (1751-1829)



Disponível em <http://sub.maxima.xl.pt/1203/sociedade/200.shtml>>, acessado em 20 de maio de 2011.

Figura 3

Sarcófago de Amazonas, Combate entre os Gregos e as Amazonas. Helenístico (Salónica). Séc. II D. C.



“As Amazonas eram sempre representadas na arte grega com o ‘seio bom’ exposto e o mutilado coberto pela roupa” (YALOM, 1998, p. 37)

Figura 4

Fresco de igreja. Tavant, França. Princípio do séc. XII



“Uma mulher representando a Luxúria agoniza devido aos ferimentos de uma longa lança que lhe trespassa o seio esquerdo, enquanto duas serpentes se elevam do chão para lhe morder os seios” (YALOM, 1998, p. 49).

Figura 5

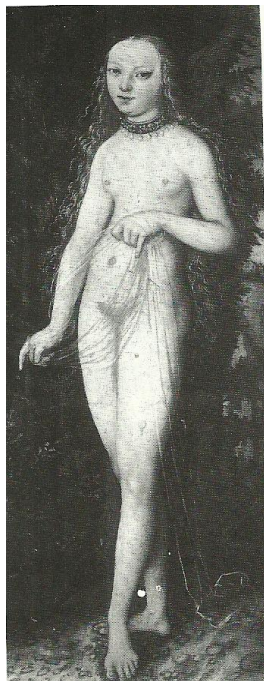
Martírio de Santa Ágata, séc. XV



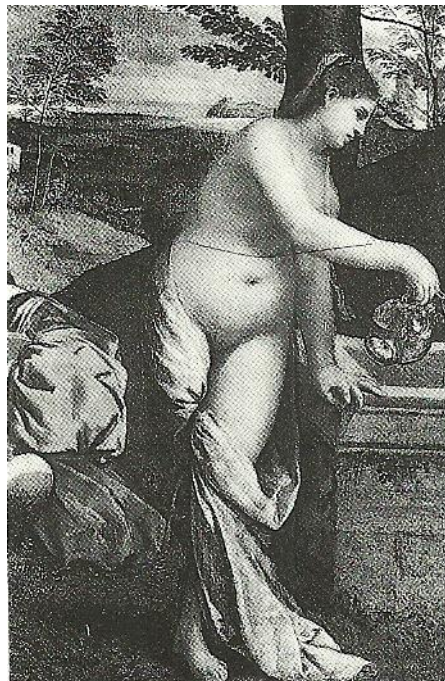
“Santa Ágata foi uma mártir dos primórdios do Cristianismo cujos seios foram mutilados por soldados romanos” (YALOM, 1998, p. 51)

Figuras 6 e 7

Representações do corpo feminino na Idade Média e no final do século XV



Vênus, Lucas Cranach (1472-1553), Paris, Museu do Louvre. A Vênus nua representando os ideais de beleza feminina da Idade Média (GRIECO, 1994, p. 78)



Concerto Campestre, Giorgione. Paris, Museu do Louvre. Representação do corpo feminino a partir de um novo ideal de beleza (GRIECO, 1994, p. 79).

Figura 8

Revista Men's Healthy – Fevereiro de 2011-07-01

Barba, cabelo... Visual top pra subir na carreira

Abri

VIVER MELHOR É FÁCIL

HÚMERO 58 • FEVEREIRO 2011

Men's Health

EDIÇÃO ESPECIAL NUTRIÇÃO

COMA BEM & FIQUE MAGRO!

O GUIA PRA TER CONTROLE E PRAZER

ESTILO
A CALÇA LEVE QUE É A SUA CARA

CORPO DE ATLETA EM 1 MÊS
+ músculo + agilidade
+ fôlego {pôster grátis}

SEXO JÁ! 6
Sinais de que ela quer...

EXCLUSIVO!
O ÚLTIMO CONCEITO EM MALHAÇÃO
Sarado a jato!

EXEMPLAR DE ASSINANTE
R\$ 12,00
www.menshealth.com.br

FAÇA UMA FAXINA GERAL NO SEU ORGANISMO p. 92

Fonte: Site da Revista. Disponível em <http://menshealth.abril.com.br/>, acessado em 12 de março de 2011.